

www.betaconcursos.com

História Geral

Beta Concursos

A primeira coisa que você deve estar se perguntando, agora que começa a estudar História Geral, é: para que estudamos História?

Estudamos História para saber como a humanidade viveu desde que apareceu na Terra. É como se você quisesse saber tudo o que aconteceu com você desde o dia em que nasceu – como era a casa em que você morou, que tipo de comida você comia e assim por diante.

Poderíamos dizer, também, que estudamos História para saber como os homens e as mulheres do passado viveram. Ou seja, tudo aquilo que construíram, escreveram, cantaram e pintaram, desde que começaram a ser diferentes dos outros animais. Desde o dia em que ficaram em pé e começaram a usar as mãos para garantir a sobrevivência, para arranjar o que comer, e escolher onde viver, para se proteger das agressões da natureza e dos outros animais.

Estudar História é, portanto, entrar numa máquina do tempo e viajar até o dia em que nascemos. E até o dia em que nossos pais e nossos avós nasceram. Até a época em que não existia luz elétrica nem televisão, e muito menos carros ou aviões. E daí continuar a viagem até a época em que o homem andava a pé ou a cavalo, porque nem sequer tinha inventado a roda. Se continuarmos viajando nessa máquina do tempo, chegaremos até a época em que homens e mulheres moravam em cavernas, porque ainda não tinham descoberto outra forma de se abrigar. E também não sabiam escrever e nem como se comunicar com os outros homens.

O estudo da História desvenda e ilumina os vários caminhos pelos quais transitou a humanidade através dos tempos. A História é a disciplina que nos informa sobre a vasta aventura da experiência humana.

Por essa razão é que procuramos oferecer uma visão geral da história das civilizações, desde a pré-História até os dias de hoje. Afinal, o conhecimento da História é fundamental para nos auxiliar a conhecer melhor o presente.

Apresentação

As civilizações que abordaremos nas aulas do curso de História Geral deixaram heranças culturais variadíssimas. Dos gregos aos fenícios, dos hebreus aos árabes, dos romanos aos luso-afro-brasileiros, as experiências históricas nos ensinam a compreender o nosso presente. E a refletir sobre o sentido da vida do homem em sociedade nas diversas épocas, o sentido de seus valores, de suas práticas políticas, religiosas, econômicas etc.

E a construir o futuro, valorizando formas democráticas de convivência, existentes desde a Antiguidade.

Assim, o presente, que foi nosso ponto de partida, é também nosso ponto de chegada. Um presente também histórico, pois o legado das civilizações desde a Antiguidade até os dias de hoje nos pertence.

Adaptação autorizada, pela Editoria Ática, São Paulo, de História e Civilização, 1995, volume 1 “O Mundo Antigo e Medieval” e o volume 2 “O Mundo Moderno e Contemporâneo”, de Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez.

Texto final - Francisco Alambert.

1

Nesta aula, começaremos uma longa viagem

pelo tempo, que nos levará ao momento em que surgiram os primeiros homens e as primeiras mulheres na face de nosso planeta. Chegaremos à última etapa da História da Terra, que ainda estamos atravessando. Os continentes que conhecemos hoje sofreram alguns pequenos “retoques” por causa das glaciações, que cobriram quase toda a superfície da Terra com montanhas de gelo e neve, e deixaram muitos lagos. As glaciações ocorreram várias vezes. Antes da última dessas glaciações, há mais de três milhões e meio de anos, apareceu o homem. É por isso que essa era geológica é chamada de era quaternária ou antropozóica, que quer dizer: era em que surge a vida humana.

O surgimento da humanidade

Os primeiros homens e as primeiras mulheres que apareceram no nosso planeta não se pareciam muito conosco. Eram mais peludos. O formato de sua cabeça era diferente e eles andavam quase agachados, como os macacos. Mas o que fez com que eles e elas se tornassem diferentes dos outros animais? Foi que eles começaram a produzir ferramentas com as mãos para viver melhor. Quando esses animais passaram a conversar, ou seja, a se comunicar com outros homens e outras mulheres, e a “escrever”, é que eles realmente ficaram diferentes dos outros animais.

A pré-História

A pré-História é o estudo do passado da humanidade antes da descoberta da escrita. Também é o período no qual a humanidade criou uma série de técnicas para aproveitar a natureza e para sobreviver com menos esforço. Sabemos disso graças aos arqueólogos – pessoas que estudam as coisas feitas por homens e mulheres desde que surgiram na Terra, como uma vasilha de cerâmica ou um enorme templo. Esses estudiosos nos mostram que a pré-História pode ser dividida em três momentos diferentes.

Nesses diferentes momentos, o homem desenvolveu técnicas mais complexas, que o ajudaram a dominar a natureza e a dominar os outros homens que ainda não haviam descoberto como fazer esses objetos. Por exemplo, é simples

Cerâmica:

artefato de barro cozido.

A longa viagem pelo tempo

Arte pré-histórica:
figura esculpida em pedra.

1

imaginar que um homem que criou um objeto cortante, como alguma espécie de AULA faca feita de pedra lascada, era mais forte do que o homem que ainda não tinha descoberto como fazer sua própria faca.

O Paleolítico ou a antiga Idade da Pedra

Os homens e as mulheres do Paleolítico andavam nus, e a principal preocupação que tinham era encontrar alguma coisa para comer todos os dias. Eles caçavam, pescavam e precisavam se defender dos grandes animais que habitavam a Terra naquela época. Graças à sua inteligência, o homem pôde contar com dois aliados muito importantes que o ajudaram a dominar a natureza: a pedra e o fogo.

Você deve estar lembrado de que o homem apareceu na Terra no final da última glaciação. Muito tempo depois, quando o gelo voltou aos pólos e o clima de certas regiões da Terra ficou mais quente e agradável, o homem deixou as cavernas e se fixou nas planícies, onde havia imensas manadas de renas. Assim, ele garantia o seu alimento e podia se proteger do frio, com as peles desses animais. Isso ocorreu há mais ou menos 12 mil anos.

A sobrevivência dos homens e das mulheres ficou mais fácil. Foi então que eles começaram a lascar a pedra para fazer facas, anzóis, agulhas e flechas que, por sua vez, eram usados para caçar outros animais. São dessa época, também, os primeiros desenhos que o homem deixou nas cavernas, e que representavam os animais que ele costumava caçar: búfalos, renas e javalis. Durante essa época, o homem era nômade. Andava sempre à procura do lugar que tivesse mais animais para caçar e mais frutos para coletar, pois o ser humano ainda não sabia como plantar e colher aquilo de que precisava para viver.

Nômade:

pessoa que não mora num lugar fixo.

1

AULA Descobrimos a agricultura: a revolução do Neolítico ou a nova Idade da Pedra

O homem só aprendeu a plantar e a colher no Neolítico, ou nova Idade da Pedra. A descoberta do ciclo das colheitas fez com que a vida do homem mudasse bastante.

▮ A descoberta da agricultura fez com que ele abandonasse a vida nômade e se tornasse sedentário.

▮ Domesticou animais e começou a criar rebanhos de cabras, carneiros, bois e cavalos. Por causa disso, já não dependia tanto da caça, da pesca e da coleta de frutos.

Outra coisa muito importante diferencia esses homens: eles começaram a viver em grupos. Foi assim que surgiram as primeiras tribos. Podemos ver, então, que o homem do Neolítico, além de se tornar sedentário, começou a viver em sociedade, junto com outros homens.

As técnicas conquistadas pelo homem do Neolítico, se comparadas com as que o homem moderno alcançou, podem não parecer muito significativas. Mesmo assim, é bom lembrar que sem essas descobertas realizadas há mais de 10 mil anos dificilmente viveríamos como vivemos hoje.

No continente americano, essas descobertas ocorreram há aproximadamente 3.500 anos.

Uma das grandes descobertas do Neolítico foi que o homem aprendeu a usar a roda para fazer muitas coisas. Também começou a polir a pedra e os ossos dos animais que caçava para produzir facas, anzóis e machados melhores. Além disso, percebeu

que, cozinhando a terra, conseguia fabricar vasos e vasilhas para guardar água e armazenar o que sobrava daquilo que ele colhia. Foi assim que nasceu a cerâmica.

A “moda” do Neolítico também sofreu algumas modificações. O homem começou a tecer a lã dos animais e algumas fibras vegetais, produzindo os primeiros tecidos.

Os arqueólogos que encontraram os esqueletos e os objetos dos homens do Neolítico, perceberam que eles, além de polir a pedra, fazer cerâmica e tecer, também enterravam os mortos em cemitérios. O culto aos mortos é outra das características do Neolítico.

A Idade dos Metais

Partindo dessas descobertas, o homem do Neolítico inventou, provavelmente sem querer, um jeito de derreter alguns metais. Todos os objetos e ferramentas que eram feitos com as pedras e os ossos, passaram a ser produzidos em metal.

O primeiro metal que o homem começou a utilizar foi o cobre.

Logo depois, ele misturou o cobre com o estanho e conseguiu o bronze, que é mais duro do que o cobre. O bronze surgiu no Oriente Médio há 7 mil anos. O machado de bronze teve importante papel na derrubada de florestas para o aproveitamento de terras cultiváveis.

Pinturas rupestres,
ou seja, pinturas
feitas nas rochas
das cavernas
habitadas no
Neolítico.

1

É bom lembrar, entretanto, que as inovações do Neolítico não aconteceram A U L A ao mesmo tempo em todos os lugares do mundo. Os habitantes da América demoraram muito tempo para desenvolver as técnicas do Neolítico. No território que é hoje o Brasil, a maioria dos habitantes não conhecia a agricultura até a chegada dos conquistadores europeus, no século XVI.

Existem grupos de pessoas em alguns lugares do mundo que, ainda hoje, vivem como se estivessem na pré-História.

Atualmente, algumas tribos de índios brasileiros, por exemplo, vivem de maneira bastante parecida com a dos homens do Paleolítico e do Neolítico.

O amanhecer da História

O homem conseguiu se comunicar com os outros homens e desenvolveu, ou criou, uma linguagem. Muito tempo depois, essa linguagem transformou-se em escrita. A escrita é formada por símbolos ou desenhos que todas as pessoas que vivem juntas numa sociedade ou num povo entendem.

É como hoje em dia no Brasil. Todos nós falamos e escrevemos o português.

O desenvolvimento da escrita acompanhou o surgimento de sociedades mais complexas do que as tribos e os clãs. O chefe ou o rei de um grande Estado ou de um Império tinha de saber quantas vasilhas de cerâmica de cereais sobraram da colheita do ano anterior. Ou quantas ovelhas havia numa determinada região governada por ele. Posteriormente, a religião e a ciência utilizaram a escrita para transmitir conhecimentos para as futuras

gerações.

Mesmo assim, é muito difícil dizer exatamente quando a História começou. Também é difícil dizer quando o homem, que antes era um nômade solitário, começou a viver em pequenos grupos. Ou quando esses pequenos grupos foram crescendo até formarem clãs e sociedades, cujo modo de viver e de fazer as coisas era diferente daquele de outras sociedades.

▫ O modo de vida das sociedades – ou seja, o que comiam, como construíam suas casas, quais deuses adoravam e assim por diante – forma o que chamamos de cultura.

▫ Quando uma cultura dura muito tempo, e seus valores permanecem vivos durante muitos anos, ela é chamada de civilização.

Com a descoberta do ciclo das colheitas, as pessoas perceberam que não era preciso que todo o grupo trabalhasse na terra.

Aos poucos, cada membro do grupo começou a se especializar naquilo que fazia melhor. Uns produziam cerâmica para armazenar o que sobrava das colheitas, outros teciam, alguns caçavam e pescavam, e outros, ainda, começaram a construir casas, já que a essa altura eles tinham descoberto como fazer tijolos. Isto é o que chamaremos de divisão de trabalho. O mais hábil e forte era o chefe, é claro.

1

A U L A As eras históricas

Quando você nasceu, sua idade começou a ser contada a partir daquele momento. Na História ocorre a mesma coisa. No Brasil, por exemplo, nós contamos o tempo histórico a partir de um acontecimento que os portugueses que colonizaram o Brasil achavam muito importante: o nascimento de Cristo.

É por isso que quando você lê um livro de História, vê que a pessoa que escreveu esse livro fala em fatos que aconteceram antes do nascimento de Cristo (a.C.), ou depois do nascimento de Cristo (d.C.). A civilização fluvial do Egito surgiu há cerca de 4 mil anos antes do nascimento de Cristo, ou 4000 a.C. (ou -4000). O “descobrimento” do Brasil se deu 1.500 anos depois do nascimento de Cristo, ou 1500 d.C. (ou 1500).

Mas nem todas as pessoas contam o tempo a partir do mesmo acontecimento.

▫ Os judeus contam o tempo a partir do momento em que o deus deles anunciou que tinham de ir para a Terra Prometida.

▫ Os muçulmanos contam o tempo a partir do momento em que Maomé, o profeta deles (assim como Cristo foi o profeta dos cristãos), teve de fugir de Meca, a cidade sagrada dos muçulmanos.

▫ Os chineses contam o tempo a partir de outro acontecimento que é importante para eles.

Exercício 1

Quais eram as características dos homens e das mulheres do Neolítico?

Exercício 2

Explique, com base no texto que você leu, como surgiram e o que significam estas palavras: sociedade, linguagem e escrita, cultura, civilização e divisão de trabalho.

Exercícios

2

AULA

Nesta aula entraremos em contato com algumas

das civilizações que surgiram no Extremo Oriente. Suas tradições, assim como muitas de suas criações, fazem parte de nosso dia-a-dia e regem a vida de muitas pessoas que habitam os lugares nos quais surgiram essas culturas milenares.

Os chineses utilizam até hoje a medicina desenvolvida na Antiguidade, a acupuntura e a cura com o uso de plantas medicinais. Muitas das suas criações – como a imprensa, o papel e a tinta, a pólvora, a bússola, a seda e a porcelana – fazem parte do nosso cotidiano.

A Índia nos legou os números que utilizamos e o jogo de xadrez. Foi o berço das ciências e da filosofia, preservando, até os dias de hoje, muitos costumes ligados a crenças espirituais e religiosas.

Além disso, as famosas especiarias indianas, tais como a pimenta, a canela e o cravo, foram responsáveis, até certo ponto, pela revolução geográfica impulsionada pela expansão marítima europeia no final do século XV.

O “descobrimento” do Brasil pelos portugueses foi fruto dessa expansão.

Conhecer a história desses povos é conhecer a história de uma grande parcela da humanidade, que vive – e mantém vivas – culturas muito antigas.

A China

Há mais ou menos 600 anos, um menino italiano da cidade de Veneza partiu com o pai para uma longa viagem por terra em direção ao Oriente, para lugares nos quais, provavelmente, nenhum outro menino europeu estivera.

Essa viagem maravilhosa durou mais de 25 anos. Quando o menino voltou, já era um homem e tinha visto lugares e coisas que estavam muito além do mundo europeu. O menino chamava-se Marco Polo, e o país maravilhoso que ele descreveu no diário de sua viagem era a China.

Localização

A China se localiza no extremo sul do continente asiático, muito longe do mundo onde Marco Polo fora criado. O país é cortado por grandes rios: o rio Amarelo e o rio Azul, que, com outros rios, como o rio Branco e o Vermelho, formam vales longos que fertilizam os campos do coração da China.

2

AULA

As civilizações do Extremo Oriente: China e Japão

Confúcio

2

AULA Essa terra muito fértil fez com que muita gente se fixasse nas margens dos rios, que até hoje abrigam a maior concentração de pessoas do planeta. Para se ter uma idéia do tamanho dessa população, lembre-se de que no Brasil vivem

cerca de 140 milhões de pessoas. Mas na China, cujo território é menor que o nosso, vivem oito ou nove vezes mais pessoas que aqui.

As grandes cidades chinesas cresceram nas desembocaduras dos rios: é o caso de Pequim (no rio Branco), Nanquim (rio Azul), Cantão (rio Vermelho).

O clima é muito variado. Nas terras do norte, faz muito frio no inverno e muito calor no verão. Esse clima é ideal para o cultivo de cereais – como o trigo e o centeio.

Já nas terras do sul, a temperatura se mantém agradável durante todo o ano. Essa região é mais fértil: tem muitos rios e vales nos quais são cultivados arroz e chá, produtos muito importantes para os chineses. Também foi nessa parte da China que surgiu a famosa indústria da seda.

O Império do Centro

Foi na desembocadura do rio Amarelo que a civilização chinesa começou a se estabelecer e a se organizar politicamente. Isso se deu mais claramente quando os chineses sentiram a necessidade de nomear um chefe para ajudar a organizar a sociedade à medida que ela crescia.

O chefe, no princípio das civilizações, era escolhido entre os mais fortes do grupo. Com o passar do tempo, começou-se a aceitar como chefe o filho ou algum parente próximo daquele que já havia sido chefe. Daí surgiram os reis, que eram vistos como “filhos do céu”, isto é, como pessoas sagradas.

A civilização chinesa ia se expandindo e muitos reinos foram sendo formados.

Os reis eram, então, os chefes de territórios relativamente pequenos. Não existia um poder central, um governo ao qual os reis também estivessem ligados. Por volta do ano 2000 a.C., os chineses formaram seu primeiro império, ou seja, nomearam um imperador, autoridade máxima à qual até mesmo os reis deviam obediência. O primeiro imperador da China foi Yu, que criou a primeira família, ou dinastia, de imperadores.

Guerras civis

Tudo ia bem até que surgiram imperadores “folgados”, que só pensavam em se divertir e não em governar. Além disso, à medida que o império ia crescendo, o imperador não conseguia governar tudo sozinho. Por isso o poder dos imperadores foi diminuindo, ao mesmo tempo em que o poder dos governantes locais foi aumentando.

A China foi dividida em províncias – mais ou menos como os Estados brasileiros de hoje em dia – que eram administradas por um governador nomeado pelo imperador. Com o fortalecimento desses governadores, que se tornaram nobres, o império se dividiu em mais de 1.500 principados.

Esse momento da história da China é conhecido como a época das guerras civis. Uma guerra civil é uma guerra entre pessoas do mesmo país, ou do mesmo império.

Os principados lutaram uns contra os outros durante muitos anos, até que, em 220 a.C., um príncipe conseguiu vencer e tornar-se imperador. Ele se

2

chamava Chin-Huang-ti e inaugurou a dinastia A U L A Chin. É daí que vem o nome da China.

Depois de derrotar os príncipes, o imperador acabou com os principados e dividiu seu império em 55 províncias. Esse foi o início de uma era de grande desenvolvimento para o império, a chamada Idade do Ouro, que durou cerca de 400 anos.

Nessa época foi construída a famosa muralha da China, ou Grande Muralha, uma poderosa barreira com mais de 2.500 quilômetros de extensão e quatro metros de largura. Ela servia para dificultar a invasão dos inimigos, especialmente dos temidos tártaros, habitantes do norte do país.

Decadência

Mas nem essa grande muralha foi capaz de deter o avanço dos hunos, povo que acabou conseguindo invadir o norte do império e estabeleceu sua capital na cidade de Nanquim. Ali começou a decadência do império chinês, que viveu séculos de guerras entre o norte e o sul.

O império só se unificou novamente por volta de 1200, quando os mongóis – outro povo que veio do centro da Ásia, liderado pelo príncipe Gêngis Khan – conseguiram dominar a China.

Sociedade e cultura

Mas, entre tantas lutas e conquistas, como viviam os chineses dessa época?

A família chinesa era organizada da seguinte forma: o pai mandava dentro de casa e a mulher e os filhos tinham de obedecê-lo – caso contrário, ele podia até vendê-los como escravos.

Assim como os pais de família, o imperador era considerado o “pai” de todos os chineses.

Você pode perceber que não era muito fácil ser mulher ou filho na China imperial!

O imperador governava com a ajuda de um grupo de ajudantes chamados mandarins. Eles podiam governar como se fossem o próprio imperador e eram considerados nobres, pois pertenciam a famílias muito antigas.

Havia também o grupo dos chamados letrados, pessoas que dominavam a leitura e a escrita – coisa que muito pouca gente sabia fazer naquela época.

A maioria das pessoas morava no campo e quem cultivava a terra eram os lavradores. Os artesãos faziam móveis, cerâmicas e muitas outras coisas. Moravam nas cidades e, juntamente com os comerciantes, que compravam e vendiam mercadorias, formavam a plebe.

Todas essas ocupações eram hereditárias, ou seja, passavam de pai para filho. Assim, se o pai fosse agricultor, o filho também seria agricultor.

Esse era o chamado regime (ou sociedade) de castas. Nele, a condição de nascimento determinava o que o indivíduo seria pelo resto de sua vida. É por isso que podemos dizer que a sociedade chinesa era uma sociedade estática, que quase não sofria mudanças.

2

A U L A A religião

Os chineses eram muito religiosos, mas não tinham “uma” religião: eles acreditavam num conjunto de regras, ou seja, num código de comportamento, que todos respeitavam.

Uma dessas regras, o respeito aos antepassados, foi formulada por Confúcio, que viveu entre 551 e 479 a.C. Ele acreditava que o homem podia ser perfeito se fosse correto com as demais pessoas.

Os chineses também acreditavam na filosofia de Lao-tsé, o taoísmo, que cultuava o respeito à natureza e a tranquilidade do espírito.

As ciências e as artes

As ciências que os chineses criaram foram as mais avançadas da Antiguidade. Muitas práticas são empregadas até hoje: a acupuntura e a utilização de ervas medicinais, por exemplo. Eles inventaram a imprensa para

publicar livros, o papel e a tinta; descobriram a pólvora (usada em fogos de artifício) e inventaram a bússola. Aliás, a astronomia chinesa era muito desenvolvida para a época: eles sabiam o que provocava os eclipses do Sol e da Lua; além disso, dividiram o ano em doze meses iguais, e o dia em doze horas.

Nas artes, os chineses ergueram grandes palácios para os imperadores. Sua engenharia e sua arquitetura construíram, além da Grande Muralha, o Canal Imperial, com mais de 1.500 quilômetros de comprimento, que liga os rios Azul, Amarelo e Branco, cortando desertos e montanhas.

Além disso, os chineses se especializaram na fabricação de tecidos de seda e da porcelana, produtos tão perfeitos que nenhum outro país os podia igualar.

O Japão

Ainda no Oriente, uma outra civilização se constituiu na Antiguidade e se tornou fundamental para o desenvolvimento do mundo: o Japão. Geograficamente, o que conhecemos como Japão é na verdade um arquipélago composto de 4 mil ilhas, das quais 600 são habitadas.

Apenas cinco dessas ilhas são grandes. Isso condicionou os japoneses à vida da pesca e da marinhagem.

Os povos que formaram o Japão vieram da Coreia e da região sul da Ásia, chegando ao arquipélago japonês e expulsando os nativos. O fundador mítico do império japonês é Amaterasu, “neto da deusa do Sol”, que recebeu o título de Tennes (rei celeste). Por volta de 660 a.C., Jimmu Tenno foi sagrado primeiro imperador.

Culturalmente, a China dominava o arquipélago japonês.

Durante os séculos VII e XII, o Japão assimilou essas importações e criou as suas tradições, consolidadas nos séculos XII e XIII.

Em 1543, comerciantes portugueses atingiram o Japão. Os jesuítas tentaram estabelecer lá a cultura religiosa ocidental, sendo expulsos apenas em 1640.

Os japoneses só voltaram a manter contatos com o Ocidente na segunda metade do século XIX, na era Meiji.

Imagem de deusa chinesa.

Guerreiros japoneses.

Muralha da China

2

A vida política A U L A

Por volta do século V, havia no Japão vários clãs de origem nobre. Yamato, o chefe de um deles, se sobrepôs aos outros chefes. Formou um império de inspiração divina, e nos dois séculos seguintes a essas tradições político-religiosas juntou-se outra: as idéias chinesas de Confúcio, que foram introduzidas no século VI. A hierarquização da sociedades se deu como na China, e fixou-se uma capital para os dirigentes, até então nômades, em Nara.

O poder era dividido entre o teno, ou “imperador que é a encarnação da divindade”, e o regente, uma espécie de primeiro-ministro, porta-voz de uma aristocracia do tipo da chinesa.

Uma série de guerras civis eclodiu do século XIII ao século XVI. O teno permanecia fora do jogo político, mas o regente tornou-se o chefe da guerra, o shogun. Os aristocratas criam uma estrutura feudal, sob a suserania do shogun, com os daimio – os samurais, ou guerreiros, vassalos a serviço do senhor.

No século XVII (1603), uma nova dinastia de shoguns, os Tokugawa,

se instalou e governou o país até 1668, criando uma barreira militar fechada ao mundo externo. Durante esse período, o Japão não manteve contato com o restante do mundo.

A vida religiosa

Os japoneses eram animistas, isto é, acreditavam na presença dos espíritos em toda parte. Esse corpo de crenças recebe o nome de xintó, o “caminho dos espíritos”.

Ao lado do xintoísmo, o budismo – originário da Índia, mas introduzido no Japão por influência da China – tornou-se também uma religião japonesa, pois se modificou e assumiu novas características no arquipélago.

A cultura japonesa

Como aconteceu com a religião, a cultura japonesa foi bastante influenciada pela chinesa. Mas essa cultura possui aspectos muito particulares.

Na literatura e no teatro criou-se o Nô, um tipo de drama de inspiração religiosa. Outro tipo de espetáculo é o Kabuqui, menos formal e mais movimentado que o Nô.

Ressaltem-se também a extraordinária originalidade da arquitetura e o trabalho inovador com a madeira; as delicadas pinturas sobre seda, chamadas Kakemono; ou, ainda, os jardins admiráveis.

Exercício 1

Quais eram os principais produtos da China?

Exercício 2

Explique o que é uma sociedade de castas.

Exercício 3

Qual foi a maior influência cultural na formação do Japão?

Exercícios

3

A U L A

3

A U L A

Com certeza, você já ouviu falar das múmias

enfaixadas e das gigantescas pirâmides do Egito. E também já ouviu falar de Cleópatra, rainha do Egito que seduziu vários generais romanos e morreu picada por uma cobra, a “serpente do Nilo”.

É exatamente aí, no rio Nilo, que começa a nossa história. A história de um rio muito longo e de um vale muito fértil, dos homens e das mulheres que adoravam o rio e trabalhavam ao seu redor.

O Egito antigo: uma dádiva do Nilo

O Egito é um imenso oásis que fica no nordeste do continente africano.

O Nilo, que muitos acreditam ser o rio mais comprido do mundo (existem cientistas que afirmam ser o Amazonas o maior dos rios), forma um vale que fica entre o deserto do Saara e a Arábia.

Esse oásis tem aproximadamente 40 quilômetros de largura e mil quilômetros de comprimento.

O Nilo nasce no coração da África.

Depois de banhar toda a área

que fica perto da linha do Equador,
ele entra no vale do Egito. Aí, corre
no meio de duas cadeias de montanhas.

Essa região é chamada de
Alto Egito.

Se olharmos o mapa ao lado,
veremos que há um momento em
que o rio se divide em muitos pequenos
rios, que formam o seu
delta. A região do delta do Nilo
é chamada de Baixo Egito.

Além de ser uma região muito
fértil, o baixo Egito tem clima quente
e úmido. Depois de percorrer
mais de 6.500 quilômetros, o Nilo
deságua no mar Mediterrâneo.

O Egito antigo

3

No verão, o rio transborda. Quando o verão termina, o rio volta para seu A U L A leito, deixando uma camada de terra muito fértil. Isso permite aos egípcios colherem até duas vezes num mesmo ano.

Os egípcios tinham até uma lenda para explicar toda essa abundância: a história de Osíris, o mais famoso rei-Sol. Essa antiga lenda conta que Osíris, um sábio rei do Egito, foi assassinado por seu irmão, Seth, o rei da escuridão.

Ísis, mulher e irmã de Osíris, chorou sua morte durante a noite toda e pediu que o filho, Hórus, vingasse a morte do pai.

Depois de uma luta muito dura, Seth foi derrotado e Osíris ressuscitou.

Era assim que os egípcios explicavam os dias e as noites, e também explicavam as enchentes do Nilo. Osíris era o Sol, que é derrotado pela noite (Seth). O choro de Ísis se transforma nas enchentes do Nilo, enquanto o amanhecer (Hórus) traz o sol de volta.

O Egito dos faraós

O vale do Egito foi habitado pelo homem desde os tempos da pré-História.

Os primeiros grupos se fixaram lá por volta do ano 6000 a.C.

Os primeiros habitantes do Egito eram pastores camitas de pele morena.

Posteriormente chegaram outros grupos de camitas de pele negra. Esses primeiros habitantes eram grupos nômades que se juntaram e formaram clãs, ou seja, grupos de pessoas que descendiam do mesmo antepassado.

Com o passar do tempo, uma vez que se tornaram sedentários e começaram a aproveitar as boas colheitas da região, os clãs se tornaram grupos cada vez maiores chamados nomos. Depois de algum tempo, era como se cada nomo fosse um principado, no qual o príncipe era o nomarca.

Você deve estar se perguntando por que os clãs formaram os nomos. A resposta é bem simples. Para aproveitar melhor as enchentes do Nilo, os homens e mulheres que moravam lá tinham de construir barragens e canais para represar e dirigir a água.

Essa era uma tarefa que só podia ser realizada com o trabalho de muitas pessoas.

À medida que as colheitas foram se tornando cada vez mais abundantes, os nomos se juntaram e formaram dois reinos: o reino do Alto Egito e o reino do Baixo Egito. Finalmente, os dois reinos formaram um reino unificado e governado por um rei, o faraó.

O Antigo Reino (3500 a.C.-2180 a.C.)

Para melhor estudar a história do Egito antigo, costumamos dividi-la em vários períodos.

O primeiro período da história do Egito é o do Antigo Reino. Por volta do ano 3500 a.C., um chefe militar chamado Menes se proclamou faraó e conseguiu unificar os dois reinos do Egito. Foi assim que começou a primeira dinastia, ou seja, a primeira família de reis ou faraós.

Por volta do ano 3000 a.C., o império egípcio se expandiu. Durante esse período foram construídas as famosas pirâmides, que eram os túmulos de três faraós da quarta dinastia.

Inscrições e
desenho egípcios.

3

A U L A No final desse período, o Egito foi invadido pelos líbios.

Além disso, os militares começaram a lutar uns contra os outros. Esse período, entre aproximadamente 2200 a.C. e 2000 a.C., é chamado de Primeira Era Intermediária.

O Médio Reino (2040 a.C.-1780 a.C.)

Por volta do ano 2100 a.C., os príncipes da cidade de Tebas conseguiram unificar o reino novamente, e o governo centralizado dos faraós foi restabelecido. Nesse período, o Egito foi invadido pelos hicsos, um povo semita que veio da Arábia com cavalos e armas de ferro.

O Império (1550 a.C.-1300 a.C.)

Em 1500 a.C., os tebanos conseguiram expulsar os hicsos. Nesse momento se iniciou o Império. Os egípcios viveram em paz durante quatro séculos, expandindo as fronteiras do império até a Síria.

O Egito submeteu ou transformou em aliados do Império todos os povos do Oriente Médio até o leste da África.

O Baixo Império (1300 a.C.-525 a.C.)

O último período da história do Egito que veremos aqui é o do Baixo Império, que marca a decadência do poder dos egípcios. O império foi invadido várias vezes até que foi conquistado pelos persas, em 525 a.C. Logo depois, o Egito foi conquistado por Alexandre Magno e pelos romanos, que o transformaram na província mais rica de seu império.

Vejamos agora como os egípcios, que adoravam o rio que lhes dava a vida, viviam.

Uma sociedade de castas

A monarquia dos egípcios era bastante diferente daquilo que sempre imaginamos, na qual o rei é rei, porque é o filho de outro rei.

O faraó era, para os egípcios, um deus vivo, herdeiro do rei-Sol. Como chefe do culto, ele garantia a harmonia entre os homens e os deuses. Era juiz supremo

As pirâmides
e a esfinge.

Representação das
atividades agrícolas
dos egípcios.

3

e responsável pela defesa do país. Sua função era garantir a prosperidade e velar A U L A pela boa administração.

Assim, os egípcios adoravam o rio Nilo, o Sol e o faraó, que era como se fosse o Sol fantasiado de gente. O poder do faraó era absoluto.

Apesar disso, ele não governava sozinho. Uma grande casta de sacerdotes o ajudava a governar e lhe dava conselhos. Além dos sacerdotes, o faraó contava com muitos funcionários do governo, que controlavam as colheitas, a armazenagem dos cereais que sobravam e a construção de obras públicas.

As leis dos egípcios eram aplicadas por tribunais. Os egípcios chegaram a formar um tribunal supremo, composto por sacerdotes-chefes das comunidades religiosas das cidades de Mênfis e Tebas.

Os nobres ocupavam um lugar privilegiado na sociedade egípcia, pois eram os parentes do faraó.

Os sacerdotes, que aconselhavam o faraó, guardavam os segredos das ciências e tomavam conta das riquezas dos templos. Chegaram a governar o país em alguns momentos.

Os militares defendiam o império contra os ataques e tinham os mesmos privilégios que os nobres.

Os escribas eram funcionários que conheciam os segredos da escrita, como os letrados chineses que vimos na Aula 2. Eles cobravam os impostos e supervisionavam as construções e as obras públicas. Os egípcios não utilizavam dinheiro: os impostos devidos ao faraó eram pagos em espécie, ou seja, em cereais ou frutos.

A maior parte da população era formada por artesãos, mercadores, lavradores e pastores. Os artesãos foram responsáveis pelas esculturas, pinturas, jóias e tecidos fabricados no reino.

Os lavradores eram requisitados para construir as obras públicas e cultivar as terras do faraó, proprietário de toda a terra no Egito. A riqueza do Egito repousava no trabalho dos lavradores.

Quem não conseguisse pagar os impostos ao faraó se tornava um escravo.

Pelo jeito, isso acontecia muito: os escravos formavam um terço da população do Egito. Além das pessoas endividadas, os estrangeiros e os prisioneiros de guerra também eram escravizados.

Três mil anos de cultura

Os egípcios criaram uma cultura original. Alguns costumes, como por exemplo a crença na vida depois da morte, foram incorporados por outros povos que mantiveram contato com eles. Certos hábitos, como a maquiagem, permanecem muito populares até hoje.

Os egípcios cultuavam os gatos, que eram considerados animais sagrados.

Na família egípcia, a mulher tinha direitos iguais aos do homem: podia exigir o divórcio, reaver seu dote, administrar seus bens e educar os filhos. O casamento entre irmãos era permitido pelos deuses.

O tempo dos egípcios era marcado pelo rio, por suas enchentes, pela época de plantar e de colher os cereais. Eles também criaram um calendário lunar ligado aos ritos religiosos.

Detalhe da esfinge.

3

A U L A A alimentação da maior parte da população consistia de pão de centeio e cerveja (outra boa invenção egípcia), além de frutas e hortaliças.

A religião do rei-Sol

A religião tinha um papel muito importante: dominava a vida política, social

e econômica dos egípcios.

Quando os primeiros egípcios chegaram ao vale do Nilo, eles eram monoteístas, isto é, acreditavam num único deus, o rio Nilo. Quando os clãs viraram nomos, adoravam as plantas e os animais. Cada nomo adorava uma planta, símbolo daquele nomo.

Com o passar do tempo, os egípcios se tornaram politeístas, ou seja, começaram a adorar muitas coisas que eles achavam que fossem deuses. Adoravam até as hortaliças: é por isso que existiam o deus-cenoura, o deus-besouro, e assim por diante.

As classes privilegiadas sempre adoraram o Sol. Antes da formação do Império, cada cidade conhecia o Sol por um nome diferente.

Para as pessoas comuns, cada Sol era um deus diferente, que de vez em quando brigava com os outros sóis. Os egípcios também imaginavam que o deus-sol tinha uma mulher e um filho.

Os egípcios acreditavam que a alma não morria junto com o corpo. É por isso que o corpo das pessoas que morriam tinha de ser conservado. Foi assim que eles começaram a embalsamar os corpos. Milhares de múmias venceram o tempo, conservando-se até hoje.

Quando uma pessoa morria, sua alma se apresentava a um tribunal para ser julgada. O Livro dos Mortos era uma espécie de guia para garantir a salvação futura da alma. Por acreditar que a alma só poderia descansar em paz se o corpo dela estivesse na sepultura é que os egípcios davam tanta importância aos túmulos.

As ciências e as artes

Os sacerdotes e os escribas foram responsáveis pelo desenvolvimento das ciências no Egito antigo. Como já vimos, a religião teve um peso muito grande em tudo o que os egípcios fizeram.

A medicina para o tratamento de doentes era muito avançada: os egípcios contavam com oculistas, dentistas, cirurgiões e farmacêuticos que receitavam ervas. Eles sabiam realizar operações no cérebro e, segundo os gregos, eram “os mais sãos de todos os homens”.

A matemática foi utilizada para calcular a construção das imensas pirâmides, estátuas e templos que podem ser vistos até hoje. A geometria auxiliava na medição das terras, cuja extensão variava com as inundações do rio Nilo. Os egípcios sabiam precisar a área e superfície da esfera, do hexágono, do triângulo e do retângulo.

O estudo da astronomia também foi muito importante: os egípcios dividiram o ano em doze meses

3

iguais e deixaram cinco dias livres. Estudaram e deram nome às estrelas e aos A U L A planetas que conseguiam enxergar.

A física os ajudou muito na construção das obras de canalização e regulação das águas do Nilo. A química lhes deu esmaltes e cores que podemos ver ainda hoje, além das substâncias que usavam para mumificar os mortos.

Os egípcios se dedicaram com sucesso à construção de templos, palácios, túmulos e grandes esculturas: um exemplo é a Esfinge, que tem cabeça de homem e corpo de animal. A pintura era usada na decoração dos templos e dos túmulos.

Os egípcios também criaram uma escrita que, em vez de usar letras, usava símbolos que representavam aquilo que era descrito. Essa escrita é chamada de hieroglífica. Eles usavam essa escrita nos templos e nos monumentos, para contar a história de seus faraós e tudo aquilo que eles achavam importante. Podemos dizer que os egípcios foram os inventores do papel. Eles utilizavam o papiro, um tipo de papel feito com uma planta que cresce nas margens do Nilo, sobre o qual escreviam com tinta.

Os escribas foram responsáveis pelo desenvolvimento da literatura. Seus contos e cantos de amor parecem ter sido divulgados entre outros povos da Antiguidade, pois guardam semelhança com outras aventuras, tais como Sinbad, o marujo, e a Odisséia, de Homero.

Exercício 1

Discussão em sala de aula ou redação: em que medida os governantes do Brasil atual são diferentes ou semelhantes aos faraós do Egito antigo?

Exercício 2

Localize o Egito num mapa do mundo.

Exercício 3

Qual era a importância do escriba na sociedade egípcia?

Exercícios

4

A U L A

4

A U L A

Você já leu algum horóscopo, desses que são

publicados em jornais e revistas? Esse costume de consultar os astros é muito antigo e surgiu na Mesopotâmia – a chamada “terra entre dois rios” do Oriente Médio, uma das regiões mais férteis do mundo conhecido na Antiguidade.

Muitos povos dominaram a terra que fica entre os rios Tigre e Eufrates.

Para estudar a história da Mesopotâmia, podemos imaginar um painel no qual as luzes acendem e apagam. Essas luzes são intermináveis guerras e conflitos entre povos com línguas e costumes diferentes.

Apesar disso, a Mesopotâmia produziu uma das culturas mais antigas do mundo. Lá também surgiram os primeiros impérios do mundo antigo.

Na Mesopotâmia: nossas raízes

4

Localização e clima A U L A

A Mesopotâmia fica no extremo oeste da Ásia. Essa região é conhecida como o Oriente Médio, que é diferente do Extremo Oriente, onde ficam a China e o Japão.

Os rios Tigre e Eufrates nascem nas altas montanhas da Armênia, percorrem a Mesopotâmia e desembocam, juntos, no golfo da Pérsia. Hoje, essa região é coberta de pântanos e deserto. Antigamente, as enchentes dos rios formavam

uma grande rede de canais e fertilizavam a área, tornando-a ideal para o cultivo de cereais e frutas, e para a criação de gado.

Na Antiguidade, a Mesopotâmia estava cercada de países pobres e desérticos: a Arábia ao sul, o Irã a leste, a Armênia ao norte e, ao oeste, o deserto da Síria. É por isso que todos os povos da Antiguidade quiseram ser donos daquela terra rica. É por isso, também, que a Mesopotâmia foi, durante muitos séculos, o campo de batalha entre os povos semitas e os ários.

Semitas versus ários

Os primeiros habitantes da Mesopotâmia foram tribos elamitas. Não sabemos muito sobre os elamitas. Mas sabemos que, por volta do ano 3500 a.C., eles foram dominados pelos sumérios.

Os sumérios

Os sumérios criaram o modo de vida que foi adotado pelos outros povos que conquistaram sucessivamente a Mesopotâmia. Eles eram nômades da região do Cáucaso e se fixaram no sul da Mesopotâmia.

Com o passar do tempo, os sumérios construíram muitas cidades-estados, com seu próprio governo. É como se cada uma dessas cidades fosse um pequeno país. As cidades sumérias eram governadas por um rei-sacerdote chamado de patesi. O patesi era o representante dos deuses entre os homens, assim como o papa é o representante do deus dos católicos na terra.

Quando os sumérios chegaram ao sul da Mesopotâmia, começaram a drenar os pântanos e construíram diques e canais para aproveitar a água dos rios Tigre e Eufrates. Além disso, levaram a agricultura para a Mesopotâmia.

Por causa disso, a região logo se transformou no “celeiro do mundo”.

Como não havia pedras na região, os sumérios começaram a usar tijolos de barro cozido pelo sol para fazer suas casas. Foi assim que os tijolos foram inventados.

Em pouco tempo, o crescimento das cidades e o aumento da produção de cereais trouxeram a escrita. Para poder armazenar o que sobrava, os governantes precisavam saber aquilo que cada cidade plantava e colhia. E precisavam contar quantas cabras havia no pasto. Os sumérios inventaram um tipo de escrita que é chamado de cuneiforme. Como eles não tinham matéria-prima para fazer papel, nem papiros, escreviam sobre tábuas feitas de barro. A “caneta” era um pedaço de madeira que tinha o formato de uma cunha. É por isso que a escrita deles é chamada de cuneiforme.

A alegria dos sumérios durou pouco mais de mil anos. Por volta do ano 2300 a.C., bandos de nômades semitas, que fugiam do deserto da Arábia, foram atraídos pela prosperidade das cidade sumérias.

Atividades
agropastoris.

4

A U L A Os semitas: acádios e amorreus

Os semitas se fixaram na parte média da Mesopotâmia. Antes disso, porém, dividiram-se em dois grupos: os acádios e os amorreus. Os amorreus construíram a cidade de Babilônia, à margem do rio Eufrates.

Quando esses dois grupos semitas se fixaram na Mesopotâmia, adotaram a cultura dos sumérios. Aprenderam tudo aquilo que os sumérios sabiam e, finalmente, os dominaram. Depois de algum tempo, os sumérios desapareceram, embora sua cultura fosse adotada por todos os povos que dominaram a Mesopotâmia.

Os semitas viveram em paz durante dois séculos. Depois, começou a disputa

entre os dois grupos para ver qual deles dominava o outro. Finalmente, os amorreus de Babilônia dominaram os acádios e conseguiram unificar a Mesopotâmia. O rei dos amorreus era um guerreiro chamado Hamurabi.

O Código de Hamurabi

Por volta do ano 1700 a.C., Hamurabi conseguiu unificar as cidades da Mesopotâmia e iniciou a construção de uma imensa muralha em volta da cidade de Babilônia. Além disso, ele escreveu um código, ou seja, um conjunto de leis que diziam o que as pessoas e os reis podiam e não podiam fazer.

O famoso Código de Hamurabi foi o primeiro código social e político da Antiguidade. O código se baseava no princípio do “olho por olho, dente por dente”. Isto é: se uma pessoa matava a mãe de outra pessoa, esta pessoa tinha o direito de matar a mãe daquela pessoa.

Isso pode parecer um pouco complicado à primeira vista – mas era assim que eles faziam justiça.

A invasão dos ários: os cassitas

Por volta de 1900 a.C., a região dos semitas foi invadida por tribos de ários que vinham do Cáucaso. O primeiro grupo de ários que acabou com a paz dos semitas foi o dos hititas. Como eram mais numerosos que os semitas, os hititas logo dominaram toda a região e arrasaram a cidade de Babilônia.

Mas os hititas não se fixaram na Mesopotâmia. Eles seguiram viagem e acabaram se estabelecendo na Ásia Menor.

Logo depois chegaram os mitânios, que se fixaram no norte e, em seguida, os cassitas, que conseguiram dominar toda a Mesopotâmia durante mais de seis séculos.

As invasões trouxeram o ferro e o cavalo para a Mesopotâmia. Foi com a ajuda do ferro e do cavalo que os ários conseguiram conquistar a região. Além de introduzir essas inovações, eles assimilaram a cultura dos povos conquistados e a desenvolveram, juntando-a aos seus próprios conhecimentos.

Assim, o cavalo substituiu o boi no trabalho agrícola, e o ferro substituiu o bronze. As armas de ferro eram mais resistentes do que as armas de bronze.

A reconquista semita: assírios e caldeus

Os semitas não ficaram assistindo à dominação dos povos ários sem fazer nada. Eles começaram a aprender as novas técnicas para lutar com as mesmas armas usadas por aqueles que os dominaram.

Figura que representa homem com colheita.

4

Os assírios, uma mistura de semitas, mitânios e curdos, que A U L A viviam no norte da Mesopotâmia, foram os primeiros a reagir contra a dominação dos cassitas. Aos poucos, contando com um bom exército, conseguiram dominar todas as cidades da Mesopotâmia.

A crueldade dos assírios ficou gravada nas memórias deixadas pelos seus reis, escritas nos muros e nas colunas de seus palácios. Eles conquistaram um grande império que ocupou desde o golfo da Pérsia até o mar Cáspio, e desde o mar Mediterrâneo até o planalto do Irã, inclusive o Egito.

Os caldeus eram outro povo semita que habitava a cidade de Babilônia. Eles foram os primeiros a se rebelar contra a crueldade dos assírios. Fizeram uma aliança com os medos, um povo ário que vivia no planalto do Irã, e se sublevaram contra os

dominadores.

Depois que os caldeus dominaram os assírios, eles também começaram conquistar outras regiões. O rei Nabucodonosor expandiu o império até o Egito. Os prisioneiros das guerras de conquista eram levados para Babilônia como escravos. Dentro da cidade, foram forçados a construir as muralhas e os magníficos Jardins Suspensos, que ficaram conhecidos como uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Os sucessores de Nabucodonosor acharam que ninguém conseguiria entrar na cidade de Babilônia e começaram a relaxar a segurança. Conclusão: os persas, outro povo ário do planalto do Irã que tinha dominado os medos, sob o comando do rei Ciro, capturaram a cidade de Babilônia. A Mesopotâmia tornou-se, então, mais uma província do vasto império persa.

A sociedade e a cultura

Todos os povos que em algum momento dominaram a Mesopotâmia adotaram o modo de vida dos sumérios: aprenderam a plantar e colher, faziam obras para controlar e aproveitar as enchentes e começaram a usar a escrita cuneiforme. Na forma de governo isso também aconteceu. Cada cidade tinha o seu deus, e o rei era o representante do deus na Terra: seu poder era absoluto. Quando a Mesopotâmia tornou-se um império, o rei governava com a ajuda de nobres pertencentes às famílias mais antigas desses povos.

Os territórios que formavam o império podiam ser de dois tipos: existiam as províncias submetidas, ocupadas pelos conquistadores, e as províncias vassalas, isto é, províncias que mantinham seu próprio governo, mas tinham de pagar impostos em troca dessa liberdade vigiada. Além de pagar impostos em ouro e em soldados, as províncias vassalas podiam manter seus costumes; não eram obrigadas a falar a língua do dominador nem rezar pelos seus deuses.

Havia sempre uma classe privilegiada que dizia o que o resto das pessoas tinha de fazer. Na sociedade dos sumérios, os juízes eram os privilegiados. Na sociedade dos assírios, os militares ditavam as leis. Os caldeus obedeciam àquilo que os sacerdotes lhes impunham.

Além da classe privilegiada, a sociedade dos povos da Mesopotâmia contava com uma corte de nobres, formada pelos descendentes das famílias mais antigas. A grande maioria de homens livres era composta de soldados e lavradores que eram obrigados a construir os canais e os diques quando não havia escravos disponíveis. Os escravos eram, quase sempre, prisioneiros de guerra.

Homem esculpido
em pedra.

4

A U L A Não podemos esquecer que os povos da Mesopotâmia foram as primeiras sociedades que adotaram um código de justiça: o Código de Hamurabi. Isso pôs fim à arbitrariedade dos juízes, pois os próprios juízes tinham de respeitar o código.

O código também fixou as categorias sociais, ou seja, dizia se um homem pertencia à nobreza ou se era um escravo; também organizava a família e a riqueza.

A religião

Os povos da Mesopotâmia eram politeístas, acreditavam em muitos deuses. Cada cidade tinha o seu deus protetor, que se comunicava com os homens por meio dos astros e das estrelas, do vento, da chuva, dos raios e das tempestades.

Além desses deuses, os povos da Mesopotâmia acreditavam em espíritos do bem e do mal que lutavam para dominar o homem. Os magos e os feiticeiros

eram os encarregados de agradar os deuses por meio de ritos.

Os assírios e os caldeus acreditavam nas mensagens dos astros. Eles foram responsáveis pelo desenvolvimento da astrologia, que ainda hoje é muito popular.

As ciências e as artes

Os povos da Mesopotâmia desenvolveram principalmente a astronomia e a matemática. Cada templo dos assírios e dos caldeus era, também, um observatório astronômico. Os sumérios dividiram o dia em horas, minutos e segundos. Além disso, eles se destacaram na construção de muralhas, palácios e templos. Para isso, usaram tijolos de barro cozido.

Os assírios decoravam suas construções com baixos-relevos, já que não sabiam como fazer tintas para pintar. Também deixaram suas lendas e seus mitos escritos nos muros de seus templos.

Exercício 1

Discussão em sala de aula ou redação: quais foram as contribuições dos sumérios às civilizações da Mesopotâmia antiga?

Exercício 2

Como era a religião dos povos que habitaram a Mesopotâmia antiga?

Essa religião ainda existe atualmente?

Exercícios

5

AULA

5

AULA

Enquanto os povos semitas e ários brigavam

pelo domínio da Mesopotâmia, o mar Mediterrâneo era posse indiscutível de um povo de comerciantes que vivia numa estreita faixa de terra: os fenícios.

Esse povo levou adiante a façanha de fazer com que as diversas culturas do Oriente Médio se conhecessem umas às outras.

Os fenícios foram os grandes navegadores da Antiguidade, chegando até o Mediterrâneo ocidental e o Atlântico. Além disso, dizemos que eles ensinaram o mundo a ler, já que inventaram o alfabeto que usamos hoje.

Localização e clima

A Fenícia era uma estreita faixa de terra entre os montes Líbano e o mar Mediterrâneo. É por essa costa que o Oriente Médio se comunica com o mar Mediterrâneo.

O clima da região é variado. Nos vales faz calor e nas montanhas faz frio.

A região é muito fértil por causa dos rios que a atravessam. Além disso, suas montanhas eram cobertas por florestas de cedros, cuja madeira era usada para construir barcos.

Um povo de comerciantes e marinheiros

Os fenícios eram um povo semita que se estabeleceu na Síria por volta de 3000 a.C. Logo depois, fixaram-se na região dos montes Líbano e na costa do mar Mediterrâneo. Os gregos os chamaram de púnicos ou penícios, que quer dizer

homens vermelhos, porque eles usavam roupas tingidas de vermelho.

Os fenícios foram o único povo que se dedicou exclusivamente ao comércio, fazendo a ligação entre povos e culturas distantes e desconhecidas. Foram os maiores navegantes e descobridores da Antiguidade.

Leão alado, que significava o poder.

As civilizações da Palestina: fenícios e hebreus

5

U L A Os fenícios nunca tiveram um país unificado. Sempre foram um grupo de cidades confederadas, que se ajudavam umas às outras, mas eram independentes. A cidade mais forte liderava as demais, embora as cidades mais fracas mantivessem muita autonomia.

Várias cidades se sucederam nessa liderança. As principais foram:

• Biblos (2500 a.C.-1600 a.C.), cidade que comercializava papiros do Egito.

Os gregos chamavam esses papiros de “biblos”, o que deu origem à palavra “livro”;

• Sidon (1600 a.C.-1300 a.C.) e Tiro (1200 a.C.-900 a.C.), de onde saíam os grandes comerciantes, por mar e por terra.

Os fenícios foram o primeiro povo do Oriente Médio a fundar povoados e mercados no norte da África e na Europa. Exemplos disso são Cartago, no norte da África; Malta, no mar Mediterrâneo; Marselha, na França; e Sevilha, na Espanha.

A decadência (701 a.C.-333 a.C.)

Quando os impérios da Mesopotâmia se consolidaram, os fenícios começaram a participar de alianças militares. Nesse momento começou a decadência.

Tiro foi saqueada em 701 a.C. pelos assírios e em 574 a.C. pelos caldeus, que a destruíram totalmente. As demais cidades se tornaram dependentes do império persa até que foram dominadas pelo exército de Alexandre Magno, em 333 a.C.

A sociedade e a cultura

Assim como a história dos fenícios se confunde com a história dos demais povos do Oriente Médio, a cultura dos fenícios assimilou os avanços técnicos que outros povos desenvolveram e os exportou para as regiões com as quais eles mantinham relações comerciais.

O governo dos fenícios não era igual em todas as cidades. Em alguns casos, era exercido por um rei, hereditário ou eleito. Em outros, era exercido por um conselho supremo. Apesar da existência do rei ou do conselho, quem governava de fato era uma assembléia que reunia os comerciantes mais importantes da cidade. Ao contrário dos demais povos do Oriente Médio, os sacerdotes e os militares não tinham papel muito importante na sociedade fenícia.

A sociedade fenícia tinha também uma camada de homens livres, que eram pescadores, artesãos e agricultores. Tinham também escravos.

Os fenícios foram o primeiro povo a produzir mercadorias em grande quantidade. Eles organizaram as primeiras “manufaturas”, por assim dizer, nas quais aplicavam os avanços que tinham aprendido com outros povos.

A religião

Os fenícios acreditavam em muitos deuses: eram politeístas. Adoravam os astros e as forças da natureza. Cada cidade tinha seus deuses particulares, mas todas adoravam o Sol e a Lua.

5

As ciências e as artes A U L A

Os fenícios não criaram nenhuma arte própria, pois imitavam tudo aquilo que os demais povos faziam. Mas eles aperfeiçoaram muitas das descobertas de outros povos.

Os fenícios aperfeiçoaram a técnica da produção de vidro, inventada pelos egípcios, e aprenderam a tingir tecidos com os caldeus. Foram também grandes armadores de barcos. Sua frota foi a mais poderosa do mundo antigo. Além disso, especializaram-se na produção de armas de ferro e de bronze. As jóias e os perfumes feitos pelos fenícios eram muito conhecidos.

Os fenícios também desenvolveram a geografia e a astronomia, que facilitavam a navegação e o reconhecimento das terras distantes. Eles chegaram até o oceano Atlântico. Desenvolveram, também, a geometria e o desenho, que aplicavam à construção de barcos.

A principal conquista dos fenícios foi o alfabeto. Eles adotaram os hieróglifos egípcios, mas logo os simplificaram: o comércio exigia uma forma mais eficiente de anotar as coisas. Partindo daí, criaram 22 desenhos que tinham sons diferentes.

Foi assim que nasceu o alfabeto que usamos hoje.

A Palestina dos hebreus

Outro povo muito importante para a formação do mundo cristão ocidental foram os hebreus, que viveram na Palestina. O território da Palestina formava um estreito corredor que unia os impérios da Mesopotâmia e do Egito. Foi lá que nasceu Jesus Cristo. Atualmente, o território da antiga Palestina é ocupado por Israel.

A Palestina é a “terra prometida” dos hebreus, um povo semita que se estabeleceu lá. A moral e a ética dos hebreus foram o seu principal legado. Elas serviram de base para o judaísmo e o cristianismo, duas das principais religiões do mundo.

Veremos agora como foi a história desse povo que acreditava num só deus e que escreveu tudo aquilo que lhe aconteceu nos livros que depois foram incorporados à Bíblia, como Antigo Testamento.

Localização e clima

A Palestina ficava entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo. Apesar de ser um território pouco extenso, a Palestina era formada por três regiões geográficas:

- a região norte, a Galiléia, era formada por colinas cobertas de vegetação;
- a região central, Samaria, era menos fértil do que a Galiléia, apesar de entrecortada por muitos vales;
- o sul, a Judéia, era uma região árida e montanhosa.

O rio Jordão é o único que atravessa toda a Palestina. Ele nasce nos montes da Fenícia, percorre 220 quilômetros e desemboca no mar Morto, que é tão salgado que nada pode viver nele.

A Palestina é hoje uma região semidesértica. Mas, antigamente, ela recebia mais chuvas e era um lugar muito próspero, com vales e bosques. Era essa a “terra prometida” que o povo hebreu tanto procurou.

5

AULA A luta pela Palestina

Por volta de 3000 a.C., a tribo dos cananeus, de origem semita, chegou ao rio Jordão. É por isso que a região é conhecida como “terras de Canaã”. Por volta de 1500 a.C., a região foi invadida pelos filisteus, tribos de ários que vieram da ilha de Creta. Os filisteus deram o nome à região, que passou a se chamar Filistina (Palestina).

Em 1400 a.C., a tribo semita dos hebreus conquistou os cananeus e os filisteus e lá estabeleceu um reino. O Antigo Testamento da Bíblia, o livro sagrado dos hebreus, conta toda a história dos hebreus com detalhes. A seguir, veremos qual é essa história.

O povo de Deus (1800 a.C.-1700 a.C.)

Por volta de 1800 a.C., os semitas saídos da Arábia subiram o rio Eufrates e se fixaram ao norte da Assíria. Naquela época, os hebreus eram pastores nômades e adoravam muitos deuses e ídolos. Os juízes e sacerdotes ditavam as regras do clã.

A Bíblia conta que Deus escolheu Abraão para ser o pai de um povo, por meio do qual viria a salvação do mundo. Mas para que isso acontecesse Abraão deveria abandonar os outros deuses e ídolos, e acreditar num único deus. Além disso, Abraão deveria ir ao lugar que um dia seria de seus filhos e netos.

Abraão acreditou
na palavra de Deus,
queimou os ídolos e
partiu com a mulher e
um sobrinho em dire
ção a Canaã. Deus
apareceu novamente,
para propor a mesma
coisa ao filho e ao neto
de Abraão.

Jacó, o neto de
Abraão, teve doze filhos
que formaram doze fam
ílias. José, o penúltimo
filho de Jacó, foi vendido
por seus irmãos invejosos
a um comerciante

egípcio. Apesar disso, Deus protegeu José e o tornou um assessor do faraó. José perdoou seus irmãos e os levou para o Egito, por volta de 1700 a.C.

O cativo no Egito (1700 a.C.-1280 a.C.)

Quando o Egito foi invadido pelos hicsos, que também eram semitas, os hebreus se tornaram seus protegidos. Mas quando os egípcios se livraram dos hicsos, escravizaram os hebreus.

Em 1280 a.C., os egípcios mataram todos os filhos dos hebreus para evitar que eles se tornassem mais numerosos. Moisés se encarregou de salvar o povo. Ele os guiou numa fuga que a Bíblia chama de êxodo.

5

Moisés e os dez mandamentos AULA

No caminho de volta à “terra prometida”, quando os hebreus atravessavam o deserto do Sinai, fez-se um novo pacto. Conforme esse pacto, Deus protegeria

o povo hebreu se este o obedecesse. Foi nessa ocasião que Moisés recebeu os dez mandamentos.

Os hebreus não acreditaram na palavra de Deus, e, por terem desconfiado, ficaram vagando no deserto durante quarenta anos. Finalmente, Moisés os levou à terra prometida e, ao chegar, morreu.

Josué, o sucessor de Moisés, liderou os hebreus que conquistaram a Palestina, dividindo-a em doze tribos. A partir desse momento, os hebreus se tornaram sedentários e começaram a cultivar o solo.

A monarquia (1044 a.C.-721 a.C.)

A luta contra os filisteus e os cananeus unificou as doze tribos dos hebreus.

Os juízes patriarcas sagraram o primeiro rei de Israel, Saul, em 1044 a.C.

Seu filho, Davi, assumiu o trono de Israel em 995 a.C. Davi matara o temível gigante filisteu Golias. Ele unificou o país e fixou a capital do reino de Israel na cidade de Jerusalém.

Salomão, filho de Davi, reinou de 966 a.C. a 933 a.C. Nesse reinado, os hebreus viveram um período de paz e prosperidade. Salomão organizou o governo e fez uma aliança com a Fenícia, o que deu impulso ao desenvolvimento do comércio. Além disso, construiu o Templo de Jerusalém, uma das sete maravilhas da Antiguidade.

A decadência (721 a.C.-63 a.C.)

O sucessor de Salomão começou a cobrar muitos impostos. O resultado disso foi que o reino dos hebreus se dividiu em duas partes: Israel e Judéia.

Os israelitas se misturaram com os cananeus e voltaram a adorar ídolos.

Finalmente, quando estiveram sob domínio assírio, os israelitas formaram uma aliança com o Egito, numa tentativa de pagar menos impostos. Em 721 a.C., foram derrotados e levados prisioneiros para a cidade de Nínive.

No reino da Judéia, por volta do século VI a.C., os judeus tentaram se rebelar contra os caldeus, com a ajuda do Egito, mas não conseguiram.

Em 587 a.C., Nabucodonosor, o rei da Caldéia, destruiu a cidade e o Templo de Jerusalém, e levou os judeus para serem escravos em Babilônia.

Os judeus acharam que Deus os tinha abandonado porque eles não respeitaram o pacto. Apesar disso, a Bíblia conta que Deus fez um novo pacto com os judeus. Esse novo pacto dizia que um salvador, ou messias, daria início ao “novo reino de Deus”, que se construiria sobre a virtude e a bondade, e não sobre o medo.

Após cinquenta anos de cativeiro, os persas derrotaram os caldeus, e os judeus puderam voltar à Palestina. A liberdade relativa dos judeus terminou quando Alexandre Magno, rei da Macedônia, os incorporou ao seu império em 330 a.C.

Em 63 a.C., o general romano Pompeu anexou a Palestina ao já extenso Império Romano.

Mas nem todos os hebreus ficaram na “terra prometida”. Muitos se fixaram nas costas do mar Mediterrâneo, sobretudo na Europa. A dispersão dos hebreus pelo Mediterrâneo é conhecida como diáspora.

5

A U L A A sociedade e a cultura

A sociedade dos hebreus era de tipo patriarcal. O homem tomava todas as decisões, e a mulher e os filhos obedeciam. Enquanto foram nômades, as decisões de governo eram tomadas pelos chefes de família. Quando se tornaram sedentários, o governo era conduzido por um conselho de anciãos.

A monarquia dos hebreus também teve duas fases. Na primeira delas, com o rei Davi, a monarquia se apoiava nos guerreiros. O rei Salomão, por sua vez, governava com poder absoluto.

A religião

Por acreditar num só deus, os hebreus foram diferentes dos demais povos da Antiguidade. Esse deus lhes dava tudo de que precisavam e, por meio de revelações, fazia-os saber o que queria deles.

A Bíblia, que em grego quer dizer “os livros”, conta toda a história do povo hebreu. Também contém um código de leis, o Torá, que regulamenta a família, as riquezas, os contratos e as obrigações. A Bíblia foi também o legado sobre o qual os cristãos construíram uma nova religião a partir da chegada de Jesus Cristo.

As ciências e as artes

As artes não tiveram muito destaque na vida dos hebreus. A razão disso é que sua religião não permitia que eles fizessem estátuas. O Templo de Jerusalém foi construído pelos fenícios, por encomenda. No campo da literatura, entretanto, nos legaram o Antigo Testamento, com seus 45 livros.

Exercício 1

Em que os fenícios eram diferentes dos povos que habitavam o Egito e a Mesopotâmia?

Exercício 2

Explique o que eram as cidades confederadas dos fenícios.

Exercício 3

Em que a religião dos hebreus era diferente das religiões dos demais povos do Oriente Médio antigo?

Exercício 4

Como era a sociedade dos hebreus?

Exercícios

6

A U L A

6

A U L A

Você já imaginou, alguma vez, um corintiano

que não fosse um torcedor do time de futebol de São Paulo?

Se entrarmos na nossa máquina do tempo e viajarmos até a Grécia antiga, veremos que os corintianos eram habitantes de uma cidade chamada Corinto.

Além disso, conheceremos os habitantes das cidades gregas, que criaram muitas coisas que, com certeza, fazem parte do nosso dia-a-dia. Eles inventaram, por exemplo, o teatro, cujo primo-irmão são as telenovelas que milhões de brasileiros acompanham todos os dias.

Os gregos também inventaram os Jogos Olímpicos, realizados a cada quatro anos. Naquela época, ou seja, por volta de 800 a.C., eles reuniam os atletas de todas as cidades gregas e disputavam competições esportivas.

Os gregos também classificaram as notas que formam a escala musical; criaram muitas lendas, heróis e mitos que são conhecidos até hoje; adotaram uma forma de governo que chamaram de democracia.

A democracia da Grécia antiga era muito diferente da que conhecemos atualmente. Nela, somente os cidadãos votavam. As mulheres, os trabalhadores, os escravos e os estrangeiros não participavam das decisões políticas: não eram considerados cidadãos. Os cidadãos gregos eram os homens proprietários que

haviam prestado o serviço militar. Vejamos como se formou essa civilização.

O mundo grego: de Creta à Grécia heróica

6

AULA Creta e a civilização minóica

Enquanto as civilizações do Oriente Médio se desenvolviam às margens dos rios Nilo, Tigre e Eufrates, num canto do Mediterrâneo oriental, entre a Ásia e a Europa, um povo de navegantes prosperava e criava uma cultura própria: eram os pelasgos, ou homens do mar, que moravam na ilha de Creta. Creta era a maior e mais rica do mar Egeu. Os cretenses criaram uma civilização centrada no comércio marítimo.

Localização e clima

O mar Egeu tem muitas ilhas rochosas que formam dois grandes arquipélagos, ou seja, dois grandes conjuntos de ilhas. Os principais produtos dessas ilhas são o azeite de oliva, o vinho, o trigo e as frutas cítricas, como as laranjas e os limões. Além disso, as ilhas têm muito mármore e pequenas quantidades de chumbo, cobre e ouro.

O clima das ilhas é muito agradável. O verão é suavizado pela brisa do mar e do vento zefir, que traz as chuvas. O inverno não é muito frio.

A proximidade das ilhas favorece a navegação, que fez dos egeus marinheiros e comerciantes conhecidos pelos outros povos da Antiguidade.

Os marinheiros do Mediterrâneo

O centro político dos pelasgos, ou egeus, ficava na ilha de Creta. As cidades mais importantes eram Cnossos, Festos e Hagia Tria. Graças aos objetos cretenses encontrados em vários locais do Mediterrâneo, podemos reconstituir de forma aproximada sua civilização. As pinturas deixadas nas paredes dos palácios retratam cenas de cotidiano; os objetos encontrados nas costas do Mediterrâneo oriental indicam a extensão do império comercial cretense.

A civilização minóica desenvolveu-se a partir de 3000 a.C.

Eles criaram um grande império comercial e marítimo que se estendeu pelas costas e ilhas do mar Egeu.

Por volta de 1200 a.C., o império egeu desapareceu. Uma das explicações do desaparecimento dos egeus é o avanço das tribos árias.

A sociedade e a cultura

Os cretenses eram governados por um rei, o minos, que decidia, junto com um conselho, o que deveria ser feito. Devemos supor que havia artesãos, lavradores, comerciantes e marinheiros.

A posição social das pessoas dependia daquilo que elas possuíam, ou seja, aquela não era uma sociedade na qual a pessoa já nascia dentro de uma determinada casta, como no Oriente. Os cretenses possuíam escravos, embora em número reduzido.

A principal atividade econômica dos egeus estava ligada ao comércio

marítimo. O desenvolvimento da produção de cerâmica e produtos metalúrgicos em grande escala supria esse comércio.

6

Os habitantes da ilha de Creta eram pacíficos. As cidades cretenses cresciam A U L A ao redor do palácio central, que contava com muitas salas que se comunicavam entre si por meio de corredores e escadarias. A sala principal do palácio era, ao mesmo tempo, santuário e sala do trono.

As paredes dos palácios-templos cretenses eram cobertas de pinturas nas quais se nota a ausência de guerras ou batalhas. As habitações encontradas nos fazem supor que não havia grandes desigualdades sociais.

Os cretenses gostavam muito de esportes, como o atletismo. A música e a dança tinham um papel muito importante na vida social. Eles inventaram a flauta e a cítara para animar as reuniões que faziam.

Ao contrário da maioria dos povos que estudamos até agora, as mulheres ocupavam um papel de relevo e gozavam de liberdade sem igual no mundo antigo. Participavam das atividades políticas e esportivas. As principais divindades cretenses eram femininas. As sacerdotisas desempenhavam o papel principal nas cerimônias religiosas dos cretenses.

A religião

Os cretenses cultuavam duas divindades de origem asiática: a Grande Mãe e seu filho Minotauro, um monstro que tinha cabeça de touro e corpo de homem. A lenda do Minotauro se tornou muito popular na Grécia antiga.

O avanço dos ários

Como já vimos em aulas anteriores, os ários, que estavam na região do Cáucaso, começaram a se movimentar em várias direções por volta do ano 2000 a.C. Depois de muitos séculos, eles se dividiram novamente e continuaram avançando em três direções:

- o grupo dos povos germânicos foi para o norte e o centro da Europa;
- os itálicos penetraram na península Itálica;
- o outro grupo, que foi para o sul e avançou sobre os domínios dos cretenses por volta de 1200 a.C., eram os helenos, que depois foram chamados de gregos.

Grécia Micênica ou Aquéia

O mistério do desaparecimento da civilização cretense ficou esclarecido quando se descobriram os restos da cidade de Tróia, onde hoje é a Turquia, e de Micenas e Tirinto, no sul da Grécia. Essas cidades eram fortalezas habitadas por uma tribo de ários: os aqueus, que conquistaram os cretenses e herdaram sua cultura.

Localização e clima

A região que foi habitada pelas tribos helenas é formada por duas penínsulas de clima agradável: ao norte fica Hélade, e, ao sul, o Peloponeso.

Guerreiro

dominando um leão.

6

A U L A Os montes Pindo atravessam a península da Hélade e a dividem em pequenas regiões naturais, que ficam isoladas umas das outras. Lá se encontram os montes Olimpo e Parnaso.

O Peloponeso é formado pelo grande planalto central da Arcádia, do qual partem várias cadeias de montanhas que correm em direção ao mar e encerram

vales muito férteis.

Os primeiros helenos: eólios, jônios, aqueus e dórios

Os helenos eram um povo ário que se dizia descendente de um mesmo antepassado comum, Helen. Apesar disso, eles estavam divididos em quatro grupos que se estabeleceram em regiões diferentes:

- os eólios se fixaram na Etólia, no norte da Hélade;
- os jônios se fixaram no centro, na península de Ática;
- os aqueus se fixaram no Peloponeso;
- os dórios se fixaram no norte da Grécia, na Macedônia e, mais tarde, no Peloponeso.

Atraídos pela prosperidade dos cretenses, os helenos foram se infiltrando em todo o território até dominá-los completamente, conquistando o mar Egeu. Mas isso não significou o fim da civilização cretense. Os helenos preservaram a civilização que encontraram e assimilaram coisas que eles mesmos tinham criado, como a língua grega.

Os aqueus logo se impuseram aos demais grupos. Por volta de 1400 a.C., as cidades de Micenas e Tirinto tornaram-se os focos irradiadores da nova cultura cretomicênica, uma combinação da velha cultura dos cretenses com a cultura dos helenos.

A Guerra de Tróia

O rei de Micenas liderava os demais reis helenos nas campanhas de conquista. Eles penetraram na Ásia Menor e lá estabeleceram alguns povoamentos. Mas tiveram de enfrentar um inimigo poderoso: a cidade de Tróia, um centro comercial popular, que se beneficiara da queda do poderio naval de Creta atacando toda a costa grega.

Por volta de 1100 a.C., Agamenon, rei de Micenas, querendo pôr fim à situação, liderou uma coalizão de helenos contra Tróia. A guerra, a primeira entre a Ásia e a Europa, durou dez anos. Os gregos penetraram na cidade escondidos dentro de um enorme cavalo de madeira com o

Ruínas de palácio da época.

6

qual presentearam os troianos. Daí vem a expressão presente de grego. No final, A U L A Tróia foi totalmente destruída.

Os reis de Micenas teriam continuado a expandir o seu território se não tivesse acontecido algo inesperado.

A invasão dórica

Enquanto os aqueus lutavam contra os troianos, os dórios começaram a se infiltrar. Os dórios tinham uma coisa que os outros não tinham: armas de ferro. Por volta de 900 a.C., começaram a avançar em direção ao Peloponeso. As tribos helenas estavam divididas e debilitadas por causa da longa guerra contra Tróia e não conseguiram resistir. As que tentaram, como Micenas

e Tirinto, foram arrasadas. Os aqueus foram reduzidos a escravos dos dórios. Em Creta, a destruição foi tão grande que não ficou uma única lembrança de seu esplendor.

A cultura creto-micênica: uma sociedade de guerreiros comerciantes

Os aqueus eram governados por uma monarquia absoluta. Devemos supor que a maioria da população vivia sob a dependência dos guerreiros, pois as fortalezas de Micenas e Tirinto abrigavam uma população reduzida e privilegiada. Os aqueus construíam estradas e portos para facilitar o comércio. Usavam bronze, jóias, pedras gravadas e cerâmica. As cidades aqueias eram fortificadas, e os temas de guerra estavam presentes na decoração dos palácios. As gigantescas construções eram chamadas de ciclópeas, pois lendas diziam que elas tinham sido construídas por ciclopes, super-homens que tinham um só olho, no meio da testa.

A Grécia heróica

Com a chegada dos dórios, começou uma etapa muito importante na vida dos gregos. Esse momento é chamado de heróico ou homérico. Foi nessa época que surgiram os mitos, as lendas, os deuses e os heróis helenos.

Com a invasão dos dórios, muitas famílias helenas fugiram e se refugiaram nas ilhas do mar Egeu e na Ásia Menor. Mais tarde, os dórios se estabeleceram no sul da Ásia Menor.

A partir desse momento, o mar Egeu ficou totalmente rodeado de colônias gregas. Além disso, entre os séculos VIII e VII a.C., as cidades gregas da Ásia Menor transformaram o Mediterrâneo num mar grego.

Ao norte, nas costas do mar Negro, os gregos fundaram várias cidades – entre elas, Bizâncio, que seria, no futuro, a capital do mundo romano oriental. Os gregos também fundaram colônias no Egito, no norte da África, no sul da Itália (a Magna Grécia) e nas costas da Espanha e da Gália, que é hoje a França.

As novas cidades eram autônomas, ou seja, independentes. Apesar disso, os colonizadores mantinham os mesmos costumes e ideais que eram cultivados na Grécia. Assim, a Grécia continental se transformou no centro de uma associação de cidades independentes espalhadas pelo Mediterrâneo.

6

AULA A cultura e a religião

Para os gregos o ser humano era a obra mais importante da criação. Seus deuses eram pessoas perfeitas, belas e jovens, mas tinham todas as qualidades e os defeitos dos seres humanos.

Os deuses gregos formavam uma comunidade privilegiada que morava no monte Olimpo, um lugar sagrado. Eles eram presididos por Zeus, pai de todos os deuses, e sua mulher, Hera. Os deuses da Terra também moravam no Olimpo, como Posêidon, o deus dos mares, e Dioniso, o deus da alegria e do vinho.

Cada cidade grega tinha o seu deus predileto. Apesar disso, os gregos adoravam todos os outros deuses também. Cada casa tinha um fogo sagrado que ardia em memória dos antepassados.

Os deuses gregos comunicavam seus desejos aos homens por meio de presságios. Os oráculos, os templos onde os deuses gostavam de revelar suas mensagens, foram muito populares na Grécia.

As lendas

O gregos criaram lendas sem fundamento histórico, ou seja, que ninguém podia provar se realmente tinham acontecido.

Mesmo assim, essas lendas foram aproveitadas por poetas e artistas.

As lendas gregas diziam que o homem havia sido criado por Prometeu, que lhe deu o fogo que conseguira roubar do Olimpo. Quando Zeus soube disso, amarrou Prometeu com correntes num monte do Cáucaso. Lá, uma águia vinha todas as manhãs para lhe devorar as vísceras, que renasciam a cada dia. Para castigar o Homem, Zeus fez com que ele casasse com Pandora, que lhe deu de presente uma caixa que continha todos os males: a maldade, a inveja e assim por diante.

Os heróis

Os gregos também contavam histórias sobre personagens lendários, os semideuses. Os mais famosos foram:

• Hércules, o herói nacional grego por causa de sua força física e bondade;

• Teseu, que conseguiu acabar com o poder dos cretenses quando matou o Minotauro;

• Perseu, que matou a Medusa, um monstro cujos cabelos eram serpentes e que convertia os homens em pedra com o olhar;

• Édipo, o anti-herói que assassinou o pai, Laio, rei de Tebas, e casou com a mãe, Jocasta. Uma vez revelado o crime, Édipo fugiu e foi engolido pela terra.

A literatura

Antes que os gregos conhecessem a escrita, trovadores e poetas percorriam as cidades cantando e contando suas lendas. A *Ilíada* e a *Odisséia*, os poemas

Decoração em ânfora grega.

6

escritos por Homero, são uma reunião de todas essas lendas e mitos que A U L A circularam de boca em boca durante séculos.

A *Ilíada* conta a história da guerra e da tomada de Tróia, cujos principais protagonistas foram os deuses e os reis da Grécia heróica.

A *Odisséia* conta as aventuras de Ulisses, rei de Ítaca, ao voltar da Guerra de Tróia. Penélope, sua mulher, esperava-o; acreditava que ele estava vivo, ao contrário do que diziam todos aqueles que tinham inveja de Ulisses.

Exercício 1

Qual o papel da mulher na sociedade cretense? Em que medida era diferente das demais sociedades da Antiguidade?

Exercício 2

Quais as principais diferenças entre cretenses e aqueus?

Exercício 3

O que aconteceu na Guerra de Tróia?

Exercício 4

Quais as características das colônias gregas fundadas no Mediterrâneo após as invasões dóricas?

Exercício 5

O que são a *Ilíada* e a *Odisséia*?

Exercícios

7

A U L A

7

AULA

Durante aqueles séculos em que os gregos

criaram todas as suas lendas, seus deuses e seus mitos, eles formaram as principais características do modo de vida que adotaram. Como já pudemos perceber, os gregos formaram cidades-estados. Ou seja, cada cidade se tornou um pequeno país.

Veremos agora como eram as cidades-estados gregas, como os gregos viviam, e que forma de governo eles adotaram.

A vida social

As casas dos gregos, em geral, eram pequenas. Eles gostavam mesmo era de se reunir nos parques e nas praças das cidades, onde conversavam e trocavam idéias.

A roupa que usavam parecia um pequeno lençol preso no ombro.

A vestimenta das mulheres era, muitas vezes, bordada.

Os estrangeiros tinham de pagar impostos e, em caso de guerra, deviam prestar alguns serviços à cidade na qual moravam.

A vida nas cidades

Os gregos moravam em cidades independentes que chamavam de pólis.

Os poemas homéricos descrevem os reis gregos como homens que aravam a terra, faziam trabalhos manuais. A agricultura era a principal riqueza. Por isso, a propriedade da terra era símbolo de prestígio.

As cidades-estados gregas

Vejamos, agora, como é que as cidades-estados se desenvolveram, e que tipo de governo elas adotaram. Veremos o exemplo das cidades que se tornaram as mais poderosas da Grécia: Esparta e Atenas.

Esparta

Esparta foi fundada pelos dórios. Como eram pouco numerosos, eles estabeleceram uma disciplina militar muito rígida para manter os privilégios que

O mundo grego: Grécia antiga, clássica e helenística

Decoração de
vaso grego.

7

tinham conquistado. Esparta era uma verdadeira cidade-quartel. Tudo era AULA submetido ao Estado, cuja principal função era fazer com que os cidadãos espartanos fossem bons soldados

A terra, propriedade dos cidadãos, era cultivada por escravos que pertenciam ao Estado. O principal objetivo da vida dos espartanos era o engrandecimento do Estado. Ao nascer, uma criança que tivesse algum defeito físico era jogada de uma colina. Se fosse perfeita, ficava com a mãe até os 7 anos de idade. Depois, permanecia sob o cuidado do Estado até chegar aos 60 anos.

Até os 18 anos, os meninos espartanos aprendiam a ler e a escrever. Eles tinham de fazer muitos exercícios físicos, além de sofrer muitos castigos, para se tornarem bons soldados. Dos 18 aos 30 anos, dedicavam-se exclusivamente ao exército. Depois entravam na Assembléia, onde participavam das decisões de governo. Só depois dos 60 anos é que podiam virar magistrados e ocupar cargos no governo.

As meninas eram educadas em casa, quase da mesma forma que os meninos. Aprendiam a ler e a escrever e faziam muitos exercícios físicos para se tornarem mães de soldados perfeitos. A mulher espartana gozava de muito prestígio e de liberdade nas suas relações sociais, o que não acontecia nas demais cidades gregas. O exército tinha um papel muito importante na vida dos espartanos. Foi por meio de seu exército que Esparta conseguiu se impor aos demais povos do Peloponeso.

Depois de dominar esses povos, os espartanos formaram a Liga do Peloponeso. Esparta tornou-se a cidade-estado mais forte da Grécia.

Atenas

Atenas foi fundada em homenagem à deusa da sabedoria. Os jônios construíram a Acrópole, que abrigava os edifícios públicos e o templo, numa colina. Na costa, eles construíram o porto do Pireu. Aos poucos, Atenas foi se tornando o principal centro dos jônios. Os atenienses experimentaram várias formas de governo até chegar a uma forma que eles chamaram de democracia.

No início, os atenienses foram governados por um rei, cujo poder era limitado pelos eupátridas, os “bemnascidos”.

Nesse momento, os atenienses foram governados por uma monarquia baseada numa aristocracia, ou seja, pelos eupátridas, que se revezavam no governo uma vez por ano.

Revoltas dos habitantes que não podiam participar do governo forçaram os governantes a escrever as leis, que só eram conhecidas pelos eupátridas. Drácon, um eupátrida, fez isso em 620 a.C. Ele redigiu leis que eram muito rígidas e que puniam todos os crimes com a morte. Os habitantes de Atenas não se conformaram: fizeram outra revolta e chamaram Sólon, outro eupátrida, para reformar as leis.

Sólon libertou todos aqueles que eram prisioneiros por dívidas, repartiu as terras que antes pertenciam apenas aos nobres, suavizou as leis de Drácon e incentivou a educação para todos os cidadãos.

Ruínas da Acrópole.

7

A U L A Para suprimir os privilégios dos nobres, ele dividiu a sociedade em quatro classes, de acordo com as riquezas que as pessoas tinham. Os que possuíam mais dinheiro, e pagavam mais impostos, tinham mais direitos políticos.

O sistema não agradou à maioria das pessoas, e Sólon perdeu prestígio.

Em 560 a.C., Pisístrato conseguiu tomar o poder. Começou assim o período de governo conhecido como tirania, assim chamado porque era um governo que não tinha origem legal.

Pisístrato governou durante cinquenta anos, respeitando as leis de Sólon e adotando várias medidas para proteger os atenienses pobres. Ele melhorou

a agricultura, incentivou a colonização e protegeu as ciências e as artes. Atenas se tornou uma cidade muito bela.

Em 508 a.C., o governo passou para as mãos de Clístenes. Ele dividiu a cidade em cem distritos que foram chamados de demos, habitados por todo tipo de gente – ricos e pobres, nobres e plebeus. Todos os atenienses livres pertenciam a um demos e tinham o direito de escolher os chefes. Os atenienses chamaram esse sistema de governo de democracia.

A reforma de Clístenes criou os princípios da República. Esses princípios eram os seguintes:

- as leis nascem da vontade dos cidadãos;
- todos os cidadãos são iguais perante as leis;
- todos os cargos públicos são acessíveis aos cidadãos que respeitam as leis.

Os atenienses contavam com várias instituições, por meio das quais a República se sustentava. Por exemplo:

o Senado estudava as leis que seriam propostas aos cidadãos e cuidava das relações com as outras regiões. Os membros do Senado eram escolhidos pelos demos;

a Igreja, assembleia popular, era a instituição mais importante, da qual todos os cidadãos participavam. Ela se reunia uma vez por semana em praça pública. Lá, os cidadãos examinavam e votavam as leis propostas pelo Senado, escolhiam os magistrados e discutiam as questões públicas, ou seja, as que diziam respeito a todos os habitantes da cidade. As decisões da Igreja não podiam ser contestadas por ninguém.

Os cidadãos eram aqueles que nasciam na cidade e cujos pais eram atenienses.

As mulheres, as crianças, os estrangeiros e os escravos, que formavam a maioria da população de Atenas, não participavam da democracia ateniense.

Os estrangeiros tinham de pagar impostos e, em caso de guerra, eram obrigados servir no exército.

Em certos momentos, os escravos formaram mais da metade da população da cidade. Eles cultivavam a terra dos cidadãos e trabalhavam nas oficinas dos artesãos.

Ao contrário do que ocorria em Esparta, as escolas atenienses eram particulares:

as escolas públicas não existiam. Aos 7 anos, os meninos cujos pais podiam pagar uma escola começavam a freqüentar o ginásio, acompanhados de um escravo chamado pedagogo. Ao completar os 18 anos, registravam-se no demos e prestavam o serviço militar obrigatório. Aos 20 anos, tornavam-se cidadãos.

As mulheres ficavam em casa, tecendo, e não recebiam nenhum tipo de educação. Eram totalmente excluídas da vida política da cidade e não participavam das reuniões sociais e dos entretenimentos públicos, reservados exclusivamente para os homens.

7

Por volta do século V a.C., tanto Atenas como Esparta tinham se tornado A U L A muito poderosas. Era inevitável que seus interesses se chocassem. Antes disso, porém, um acontecimento muito importante fez com que toda a Grécia se unisse: foi a ameaça dos persas, que tentavam expandir seu império para além da Ásia Menor.

A Grécia clássica

A guerra entre gregos e persas foi, na realidade, o primeiro enfrentamento de dois modos de vida e duas culturas totalmente diferentes. De um lado, estavam as cidades gregas e suas formas democráticas. Do outro, o império persa, com seus imperadores absolutistas.

Depois das guerras, a cultura grega, em especial a de Atenas, viveu seu

melhor momento. É por isso que os historiadores chamam esse período da história da Grécia de clássico.

As guerras entre gregos e persas

A guerra começou quando a cidade de Mileto quis se rebelar contra os impostos cobrados pelos persas. No ano 500 a.C., Mileto, com a ajuda de Atenas, improvisou um exército e atacou a cidade de Sardes, o centro de uma província persa.

Mas o poderoso exército persa logo os derrotou. Depois desse episódio, todas as colônias gregas da Ásia Menor foram dominadas e severamente castigadas pelos persas.

Dario, o imperador da Pérsia, exigiu a rendição das cidades gregas.

Quase todas as cidades se renderam, menos Atenas e Esparta. Foi assim que começou a primeira guerra médica, assim chamada porque os gregos achavam que os persas eram os medos, um dos povos ários que vimos antes.

A primeira guerra médica (490 a.C.)

Os atenienses, que esperavam reforços de Esparta, enfrentaram os persas sozinhos. Apesar da desvantagem, pois não tinham tantos soldados assim, conseguiram vencê-los. Os persas se retiraram. Logo depois, Atenas iniciou a construção de uma frota de 400 navios e se transformou na potência marítima do Mediterrâneo.

A segunda guerra médica (479 a.C.)

Quando Dario, rei dos persas, morreu, em 485 a.C., foi sucedido pelo filho Xerxes, que preparou um exército imenso e uma frota de mais de 4 mil navios.

Guerreiros representados em alto relevo.

7

A U L A Atenas e Esparta se uniram, mais uma vez, para enfrentar o inimigo comum. Eles decidiram esperar os persas no desfiladeiro das Termópilas.

Dessa vez, a sorte jogou contra os gregos. Por causa dos Jogos Olímpicos, o exército espartano estava desfalcado e enfraquecido. Os espartanos, liderados pelo rei Leônidas, foram derrotados nas Termópilas.

Os persas chegaram a Atenas, incendiando e destruindo boa parte da cidade. Apesar disso, os atenienses ainda tinham sua frota de navios e conseguiram derrotar os persas no estreito de Salamina.

Animados pela vitória em Salamina, os espartanos conseguiram derrotar os persas na batalha de Platéia, no mesmo ano de 479 a.C.

A terceira guerra médica (450 a.C.)

Depois das vitórias da segunda guerra médica, as cidades gregas decidiram formar uma confederação para derrotar os persas definitivamente. Eles escolheram o santuário de Apolo, na ilha de Delos, como sede.

Depois disso, as cidades gregas transferiram a sede para Atenas. Quando as guerras médicas terminaram, depois de os gregos reconquistarem as ilhas do mar Egeu, Atenas tinha, de fato, se convertido no centro de um império.

A vez de Atenas: o governo de Péricles

Nesse momento, surgiu em Atenas um personagem: Péricles, que governou durante mais de trinta anos. Ele foi o responsável pela reconstrução da cidade. Rodeado de sábios e artistas e auxiliado pela mulher, Aspásia, sua época ficou conhecida como “o século de Péricles”.

O imperialismo ateniense

Os cidadãos atenienses gostavam muito da democracia que criaram. Apesar disso, não usavam esses princípios quando se relacionavam com as outras cidades gregas.

Péricles criou colônias atenienses em lugares estratégicos da Grécia. Mandava os cidadãos mais pobres de Atenas para as colônias, a fim de manter o domínio de Atenas sobre as demais cidades. A moeda de Atenas se impôs em todo o Mediterrâneo oriental.

Com o passar do tempo, as cidades confederadas começaram a achar que o peso dos impostos que Atenas lhes cobrava estava se tornando insuportável. Em 447 a.C., a cidade de Tebas, apoiada por Esparta, se desligou da Liga, proclamou sua independência e derrotou as tropas que tinham sido enviadas por Atenas para sufocar a rebelião.

A guerra civil: a decadência do mundo grego

A luta entre os gregos durou trinta anos e culminou com a decadência das cidades gregas. Atenas perdeu seu império. Esparta controlou a situação durante um breve período, até que foi derrotada por Tebas.

7

A Guerra do Peloponeso (431 a.C.-404 a.C.) A U L A

Como já vimos, bastou um pequeno pretexto para que a luta entre Atenas e Esparta começasse. Sitiada por mar e por terra, debilitada pela fome e pelas lutas internas, Atenas se rendeu em 404 a.C. Foi obrigada a entrar na Liga do Peloponeso e a reconhecer o domínio de Esparta. O poder militar ateniense tinha acabado para sempre.

O domínio de Esparta

Esparta foi o centro do mundo grego durante algum tempo. Para manter essa posição, porém, Esparta teve de usar a força militar, criando uma tirania muito pior que a de Atenas. As cidades tinham de pagar impostos e manter uma guarnição de soldados espartanos para garantir a ordem.

A liberdade das cidades não existia.

O domínio de Tebas

A tirania de Esparta foi se tornando insuportável. Depois de algum tempo, Atenas, Corinto e Tebas se uniram contra Esparta.

Os tebanos enfrentaram e derrotaram o exército espartano nas batalhas de Leuctra, em 376 a.C., e Mantinea, em 362 a.C. Tebas passou a ser a cidade mais importante da Grécia. Ela formou uma nova confederação da qual participaram todas as cidades gregas, agora debilitadas pelos longos anos de guerra civil. Não demorou muito para que elas caíssem nas mãos de novos donos: os macedônios.

O século de ouro da cultura grega

As artes

Grande parte daquilo que os gregos criaram não era original. Eles herdaram muitos elementos das culturas dos cretenses e do Oriente Médio.

Apesar disso, os gregos conseguiram expressar na arte uma especial preocupação

ção com o ser humano acima de todas as outras criações da natureza.

Comparada com as criações das civilizações do Oriente Médio, a arte grega era relativamente simples. Essa simplicidade foi a base da chamada arte clássica.

As letras

O mundo deve aos gregos a criação de quase todos os gêneros literários, ou seja, de diferentes formas de expressão por meio da escrita. Além dos poemas homéricos, o século de ouro assistiu ao surgimento da poesia lírica.

O teatro surgiu nas festas que se realizavam todos os anos para homenagear Dioniso, o deus do vinho. Nessas festas, os gregos organizavam cortejos nos quais as pessoas apareciam fantasiadas com peles de cabra chamadas de tragedis.

7

A U L A Elas davam voltas ao redor do templo e dialogavam com o público. Foi assim que nasceu a tragédia grega.

A comédia apresentava situações engraçadas. Contribuiu para a educação popular, pois satirizava e ridicularizava os defeitos da vida pública.

Os gregos foram, também, o primeiro povo a se preocupar com a História.

Eles deram ao mundo, por assim dizer, o primeiro historiador. Heródoto foi chamado de “pai da História”. Graças a ele, temos relatos de como era a vida grega durante o século V a.C.

As ciências

Os gregos se dedicaram ao estudo das causas da saúde e das doenças. Eles desenvolveram a medicina. Hipócrates foi considerado o “pai da medicina”.

Podemos dizer que a filosofia nasceu na Grécia. Foi lá que surgiram os pensadores que se preocupavam em saber a origem e o destino da existência humana. Os maiores filósofos – os “amigos do conhecimento” – gregos foram Sócrates, um ateniense que afirmava que a fonte da sabedoria está no próprio homem, Platão, que foi discípulo de Sócrates, e Aristóteles, criador da lógica, um macedônio que foi professor de Alexandre Magno.

A Grécia helenística

Depois das guerras civis, as cidades gregas entraram em um período de decadência. O luxo excessivo e a desunião entre as cidades agravou a situação. Nesse momento, apareceu um homem cujo ideal transformou a Grécia clássica: Filipe da Macedônia. Esse homem unificou as cidades gregas e atacou o império persa. Seu filho, Alexandre Magno, realizou a conquista da Pérsia e difundiu a cultura grega no Oriente.

A Macedônia e Filipe II

Em 360 a.C., Filipe II, um jovem de 23 anos, subiu ao trono da Macedônia.

Oito anos antes disso, tinha sido mantido refém em Tebas, onde recebeu uma educação grega. Lá, Filipe percebeu a fragilidade das cidades gregas e traçou um plano para transformar a Macedônia no principal Estado grego.

Ele chamou muitos sábios e professores gregos para difundir a cultura grega e, assim, “helenizar” os macedônios. Ao mesmo tempo, criou um poderoso exército, nos moldes do exército tebano.

Filipe reuniu representantes de todas as cidades gregas, menos Esparta, no Congresso Geral de Corinto. Nesse congresso, as cidades gregas decidiram formar uma nova liga, chefiada por Filipe, para atacar os persas.

Filipe tinha conseguido o que nenhum outro grego jamais conseguira.

Mas, às vésperas da invasão da Pérsia, ele foi assassinado.

Seu projeto, entretanto, seria realizado por seu filho e sucessor, Alexandre. Alexandre Magno

Alexandre Magno foi um personagem histórico que deu origem a muitas lendas e mitos. Ele foi chamado de “o grande” pelas incríveis façanhas que

realizou. Alexandre foi aluno de Aristóteles, grande filósofo, e adquiriu uma vasta

7

cultura. Além disso, era um excelente orador e tinha verdadeira paixão pelos A U L A esportes. Os homens e as mulheres da Antiguidade o consideravam um semideus.

Na primavera de 334 a.C., Alexandre Magno desembarcou perto de Tróia com um exército de 35 mil homens. Ele teria de enfrentar o exército persa, que contava com um milhão de soldados. Alexandre conquistou a Ásia Menor e libertou as cidades gregas que ficavam no litoral.

Depois desse triunfo, Alexandre derrotou os persas e capturou a família do imperador. Em pouco tempo, toda a Palestina havia se transformado numa província grega.

Seu próximo passo foi invadir o Egito, onde foi consagrado faraó. Alexandre fundou a cidade de Alexandria na desembocadura do rio Nilo, em homenagem a suas vitórias. Em 331 a.C., toda a Mesopotâmia se rendeu perante o exército de Alexandre.

As conquistas mudaram o caráter de Alexandre. Ele foi se tornando muito vaidoso, cometendo injustiças e até crimes contra seus amigos. Mesmo assim, ainda conseguiu conquistar a Índia.

Após uma festa, Alexandre caiu vítima de uma febre violenta. Ele morreu doze dias depois, em 323 a.C., aos 33 anos. Quando Alexandre morreu, os generais que o haviam acompanhado em suas conquistas iniciaram uma luta feroz para repartir o império, que acabou sendo dividido em três grandes partes: o Egito, a Síria e a Macedônia.

As cidades gregas viveram uma fase decadente, de lutas e rivalidades, até que foram conquistadas pelos romanos.

A civilização helenística

A maior obra de Alexandre Magno foi a difusão da cultura grega em todos os lugares que conquistou. Atrás das tropas, chegavam os sábios, os artistas e os pesquisadores gregos. Aos poucos, os povos conquistados foram adotando os costumes gregos.

A civilização helenística foi, portanto, a difusão da cultura grega no Oriente e a assimilação de cultos e filosofias orientais no Mediterrâneo. Ao entrar em contato com as culturas do Oriente, a arte grega deixou de ser grega para ser universal.

Alexandria foi a capital do novo império e o centro do saber durante esse período.

Exercício 1

Destaque as principais diferenças entre Atenas e Esparta.

Exercício 2

Quais foram as principais reformas introduzidas por Sólon em Atenas?

Exercício 3

Qual foi a consequência da Guerra do Peloponeso?

Exercício 4

Qual a principal característica da cultura helenística?

Exercício 5

Quem foi Alexandre Magno?

Exercícios

8

A U L A

8

AULA

Os romanos deixaram marcas culturais

e políticas que ajudaram a moldar o mundo contemporâneo. Muitos traços da história romana estão presentes em nossa vida cotidiana.

Em primeiro lugar, na língua. O português é derivado direto do latim, a língua dos romanos. Também do latim derivam o espanhol, o francês, o italiano e o romeno.

Na política, igualmente, a ideia de república (que quer dizer *res publica*, a “coisa pública”) se aprimorou, com os partidos políticos, o Senado e as assembleias, com a representação popular (plebéia) e aristocrática (patrícia). Houve também – é verdade que em poucos momentos – uma separação entre a propriedade pública (do Estado) e a particular.

A justiça passou a ser mais bem distribuída no período republicano.

Até mesmo a questão da reforma agrária foi discutida.

Na construção das cidades, com suas funções bem planejadas, já despontava nossa civilização do Ocidente. Na arquitetura, na rede de estradas que ligava o extenso mundo abrangido pelos romanos, nas artes em geral, pode-se notar a força de uma cultura que soube se apropriar das anteriores – da grega em especial – e criar sua própria identidade.

Na filosofia, no direito civil (de *civitas*, “cidadania”; o direito do cidadão), na literatura, os romanos deixaram traços fortes, que o tempo não apagou.

Roma monárquica

Você já deve ter ouvido falar da lenda de Rômulo e Remo, os gêmeos jogados no rio Tibre ainda bebês, que foram alimentados por uma loba. Pois bem, essa lenda conta a história dos irmãos que fundaram a cidade de Roma, na parte central da península Itálica. Lá, famílias de pastores latinos criaram várias aldeias confederadas sob a liderança de Alba Longa.

A partir dessa pequena aldeia, os romanos construíram um império sem igual no mundo antigo. Espalharam sua língua e criaram um tipo de vida muito particular: uma sociedade essencialmente agrícola, que utilizava mão-de-obra escrava e cujo espaço político e cultural foi a cidade.

O mundo romano: da monarquia à república

8

A fundação de Roma (753 a. C.) AULA

A região do Lácio era baixa e pantanosa. Portanto, não era um lugar muito saudável para viver. Apesar disso, os latinos decidiram ficar por lá mesmo, e construíram suas aldeias sobre as colinas da região para fugir das inundações do rio Tibre.

Na época em que chegaram ao Lácio, os latinos encontraram os gregos ocupando o sul da península, a Magna Grécia; e os etruscos, que ocupavam o centro e o norte da península.

Pensando em aproveitar o rio Tibre para se defender dos etruscos, várias famílias de Alba Longa se fixaram no monte Palatino, que tinha uma boa visão em caso de algum ataque. No ano de 753 a.C., eles fundaram a aldeia de Palatina. Algum tempo depois disso, outras famílias latinas se fixaram nas seis colinas da região e formaram a Liga dos Sete Montes. A aldeia de Alba Longa comandava a Liga, pois era a aldeia mais importante.

Apesar de terem se fixado num lugar estratégico, os latinos não conseguiram conter o avanço dos etruscos, que dominaram o Lácio e o transformaram no centro da luta contra os gregos. Eles juntaram as aldeias que formavam a Liga e criaram a cidade de Roma, na região das sete colinas. Depois disso, deixaram a cidade sob o governo de um rei absoluto, como os reis do Oriente Médio que já estudamos.

Os etruscos transformaram Roma numa cidade muito próspera. Durante esse período, a cidade foi governada por três reis:

• Tarquínio, o Antigo, embelezou a cidade, construiu um circo e a praça pública, que eles chamavam de foro, construiu o esgoto principal, que existe até hoje.

• Sêrvio Túlio, levantou a primeira muralha da cidade e proclamou as primeiras leis sociais.

• Tarquínio, o Soberbo, tentou conquistar as colônias gregas do sul da península, mas foi derrotado. Essa derrota, em 520 a.C., marcou o fim do domínio etrusco.

Os latinos aproveitaram a derrota dos etruscos e os expulsaram do Lácio, em 509 a.C. Depois disso, só restaram as ruínas de seus monumentos e sua cultura, que foi assimilada pelos latinos.

Rômulo e Remo
amamentados pela
loba - representação
da lenda.

8

A U L A

A lenda de Rômulo e Remo

A lenda que narra a fundação da cidade de Roma é conhecida no mundo inteiro. O escritor Virgílio, autor da Eneida, conta que Enéias, um príncipe troiano, fugiu para a península Itálica depois que os gregos destruíram a cidade de Tróia. No Lácio, fundou a cidade de Alba Longa. A lenda conta que Enéias foi sucedido por doze reis, até que houve uma briga entre dois irmãos que queriam ser os reis de Alba Longa.

A disputa pelo trono

O irmão que venceu, mandou matar os filhos e os netos do outro irmão. Os gêmeos, Rômulo e Remo, foram jogados pelo tio-avô no rio Tibre. Os deuses protegeram os meninos, que foram amamentados por uma loba e criados por uma família de pastores.

Uma vez adultos, Rômulo e Remo voltaram para Alba Longa, mataram o tio-avô e devolveram o trono da cidade ao legítimo sucessor, o avô deles. O avô permitiu que eles fundassem uma cidade. Assim, Rômulo fundou a cidade de Roma, sobre sete colinas, junto com alguns seguidores.

O governo dos romanos

A lenda narrada por Virgílio também revela que depois de Rômulo, a cidade de Roma teve sete reis. Rômulo matou seu irmão, Remo, e foi o primeiro rei de Roma. Ele organizou o Senado, uma das principais instituições de governo em Roma, e dividiu a sociedade romana em dois

grupos: os patrícios e os plebeus. Rômulo foi sucedido por outros três reis romanos. Depois disso, Roma foi governada por três reis etruscos, conforme já vimos.

A sociedade romana

Vejamos, agora, como era a sociedade romana durante a monarquia.

O povo romano era formado pelos descendentes das famílias que teriam participado da fundação de Roma. Eles eram os patrícios, descendentes dos pais da cidade. Só eles podiam ocupar os cargos públicos e governar. Além disso, tinham se apossado das melhores terras da região e formavam uma aristocracia de várias famílias ligadas por laços de parentesco. Cada família formava uma gens. Os chefes das gens integravam o Senado romano.

Os patrícios romanos se reuniam numa assembleia chamada comício, para propor e votar as leis da cidade. Os patrícios eram classificados em trinta grupos de famílias chamados de cúrias. O comício curiados escolhiam os reis e os demais funcionários do governo.

O outro grupo da sociedade romana era constituído pelos plebeus. A plebe era formada pelos estrangeiros e pelos romanos que não tinham um antepassado que houvesse participado da fundação da cidade. Os plebeus viviam livremente em Roma, embora não tivessem direitos e não participassem do governo.

Para melhorar a situação de vida, muitos plebeus se tornavam protegidos,

8

ou clientes, de alguma família patrícia. Em troca, tinham de prestar favores A U L A a esses patrícios.

Roma também contava com um grande número de escravos. Os escravos eram tratados como se fossem coisas. Eles nem existiam na legislação romana. Os plebeus que não pudessem pagar suas dívidas e os prisioneiros de guerra eram escravizados.

A família romana

A família teve um papel muito importante dentro da sociedade romana.

Toda a organização da sociedade girava em torno dos laços de parentesco, e estes laços, por sua vez, estavam ligados à religião.

A família romana era formada por todos aqueles que prestavam homenagem a um antepassado. Isso incluía o pai, a mãe, os filhos, os clientes e até os escravos.

A autoridade do pai era absoluta dentro de casa. Ele tinha poder de vida e morte sobre a mulher e os filhos. A figura da mãe era muito respeitada e gozava de muito prestígio. Apesar disso, a mulher não participava da vida pública nem tinha independência dentro de casa: lá era subordinada ao pai, ao marido ou ao filho mais velho.

A religião

Os romanos eram muito religiosos. Mas eram tão supersticiosos que achavam que tinham de adotar os deuses dos povos com os quais entravam em contato para facilitar a convivência entre ambos. Graças a isso, a religião romana assimilou as crenças de vários povos.

Os latinos praticavam o culto doméstico, veneravam os espíritos dos antepassados e os lares, os gênios protetores da casa. O pai da família desempenhava o papel de sacerdote.

Cada cidade tinha seu altar com fogo sagrado no templo de Vesta, a deusa protetora do Estado. Lá, as vestais, virgens de famílias importantes, alimentavam o fogo sagrado.

Sob o domínio dos etruscos, os latinos adotaram os deuses deles, seus rituais de adivinhação e presságios. A partir desse momento, tais rituais marcaram

profundamente a vida pública romana. Nessa época, os latinos assimilaram também os rituais sanguinários – as lutas entre gladiadores.

Dos gregos, os romanos assimilaram os deuses do Olimpo, embora lhes tenham trocado os nomes.

Roma republicana (509 a.C.-27 a.C.)

O estabelecimento da república coincide com a expulsão dos etruscos e o início da expansão territorial de Roma. Inicialmente, os patrícios mantiveram os privilégios que tinham sob a monarquia. Com o passar do tempo, foram obrigados a partilhar o poder: os plebeus lutaram para conquistar o direito de participação no governo. Nessa época surgiu entre os romanos um forte ideal militar. Em breve, dominariam todo o Mediterrâneo ocidental e oriental.

8

A U L A As autoridades republicanas

A queda da monarquia romana não significou uma mudança no governo da cidade. A aristocracia patrícia continuou governando, apesar das pressões dos plebeus. A república era governada pela classe dos patrícios. As únicas novidades que a república trouxe, em termos de governo, foram as seguintes.

• O rei foi substituído por dois cônsules – uma vez por ano, cada cônsul era eleito pelas cúrias patrícias; eles tinham os mesmos poderes que os reis.

• Em casos excepcionais, ou seja, em caso de guerra ou de algum acidente muito grave, os cônsules eram substituídos por um ditador, que governava durante seis meses; não precisava consultar ninguém para governar, e tinha até direito de vida e morte sobre os cidadãos romanos.

• O Senado, formado por trezentos membros vitalícios, ou seja, que só eram substituídos quando morriam, assumiu papéis cada vez mais importantes, tais como o controle sobre fundos públicos e o poder de veto sobre os atos da Assembléia, formada por patrícios romanos escolhidos pelas gens.

As lutas sociais entre patrícios e plebeus

A desigualdade social imposta pelos patrícios sobre o resto dos romanos foi contestada pelos plebeus, que lutaram durante duzentos anos para conquistar os mesmos direitos dos patrícios. No final desses duzentos anos, os plebeus conquistaram muitos desses direitos sociais. A diferença que existia entre patrícios e plebeus praticamente desapareceu.

Essas conquistas foram possíveis porque os plebeus formavam a maioria das tropas romanas. Se eles lutavam nas guerras, era justo que eles também participassem do governo da cidade. Com o passar do tempo, os patrícios não tiveram outra saída senão ceder às pressões dos plebeus.

Os magistrados plebeus

Uma das primeiras conquistas dos plebeus foi a possibilidade de terem representantes, magistrados, no governo romano: eram os tribunos da plebe, que defendiam os interesses dos plebeus. Os edis, inspetores plebeus, ajudavam o trabalho dos tribunos, vigiavam a limpeza da cidade, controlavam os preços dos mercados e exerciam certas funções policiais.

Para equilibrar essas conquistas, os patrícios criaram os censores, que também eram patrícios. Eles eram encarregados de fazer as listas de todos os candidatos a cargos públicos e os julgavam, para ver se eram dignos de ocupá-los. Muitas vezes, os censores não permitiam que os candidatos que defendiam os interesses dos plebeus chegassem ao governo.

As leis escritas

Outra conquista dos plebeus foi o acesso às leis romanas. Só os patrícios podiam julgar as disputas que surgiam entre as pessoas, pois só eles conheciam

as leis. Os plebeus não tinham como se defender.

Em 454 a.C., formou-se uma comissão de dez juizes que se encarregaram de escrever as leis. A publicação da Lei das Doze Tábuas, assim chamada porque estava escrita em doze pranchas de bronze, facilitou a defesa dos plebeus, e foi o ponto de partida do direito romano.

8

As assembléias populares A U L A

Com o passar do tempo, os plebeus conseguiram o direito de participar dos comícios. As leis começaram a ser discutidas nas assembléias dos integrantes das centúrias. Cada centúria constituía um batalhão do exército. Essas assembléias eram chamadas de comícios centuriados. Como todos os romanos faziam parte do exército, todos participavam desses comícios. Apesar disso, os patrícios ainda tinham mais poder: o exército era formado levando em conta a riqueza dos cidadãos.

Em 470 a.C., a cidade foi dividida em bairros chamados tribos. Cada bairro formava uma assembléia que tinha direito a voto. Nesses comícios por tribos, que também eram chamados de plebiscitos, os plebeus sempre eram a maioria. No início, os patrícios não aceitaram as decisões tomadas pelos plebiscitos. Mas, com o passar do tempo, tiveram de se submeter a essa conquista da plebe.

▮ As leis licínias, promulgadas em 367 a.C., obrigavam um dos dois cônsules a ser plebeu.

▮ As leis canuléias, promulgadas em 345 a.C., permitiam que os plebeus se casassem com patrícios.

Depois das conquistas obtidas pelos plebeus, todo cidadão romano podia candidatar-se a qualquer cargo público e exercê-lo, fosse ele plebeu ou mesmo patrício.

A expansão romana na península Itálica

Quando as lutas sociais se apaziguaram, Roma pôde dispor de seu poderoso exército para conquistar a península Itálica, avançando em direção ao sul e vencendo os samnitas e os gregos. Após dominar a região da Magna Grécia, em 265 a.C., Roma era dona absoluta da península Itálica. Suas aspirações, agora, incluíam terras de além-mar.

8

A U L A

Exercícios

As guerras púnicas (264 a. C.-146 a. C.)

Depois da conquista da península Itálica, Roma se tornou uma das cidades mais poderosas do Mediterrâneo. Era inevitável, portanto, que seus interesses se chocassem com os de um vizinho muito poderoso: Cartago.

No norte da África, a cidade de Cartago era o centro de um próspero império comercial de origem fenícia. O duelo entre romanos e cartagineses durou 120 anos e se desenvolveu em três etapas.

Foram as chamadas guerras púnicas ("púnico", vem do latim poemi, quer dizer fenício).

▮ Na primeira guerra púnica (264 a. C.-240 a. C.), Roma conseguiu tomar a ilha da

Sicília.

Na segunda guerra púnica (220 a. C.-202 a. C.), Roma lutou contra o grande general cartaginês Aníbal, que conseguiu várias vitórias mas não foi capaz de impedir os romanos de reafirmar seu poder sobre a península.

Cinquenta anos após a derrota, Cartago tinha renascido, graças ao comércio. Roma não se conformou e atacou novamente: foi a terceira guerra púnica (150 a. C.-146 a. C.). Em 146 a.C., Cartago foi totalmente arrasada, e seus habitantes, degolados. O Senado romano ordenou que se passasse um arado sobre as ruínas da cidade, salgou a terra e declarou o território amaldiçoado.

A partir desse momento, o norte da África transformou-se em mais uma província romana. Senhora absoluta do Mediterrâneo, Roma empreendeu a conquista do Oriente, tomando territórios da Grécia e da Síria.

Exercício 1

Como estava organizada a sociedade romana no período monárquico?

Exercício 2

Por que ocorreram lutas sociais entre patrícios e plebeus, e o que resultou dessas lutas?

Exercício 3

Qual das conquistas dos plebeus que lhes permitiu obter a maioria dos votos?

Via Ápia: uma das principais estradas romanas.

9

AULA

A conquista de novos territórios acabou enriquecendo

um pequeno grupo de famílias que se encarregaram de governar e administrar as riquezas. Ser governador de uma província era o mesmo que ter ganho um atestado de riqueza. Foi assim que um pequeno grupo, ligado ao Senado, tornou-se praticamente dono da república.

As causas das lutas sociais

Após as guerras, as terras conquistadas eram repartidas entre soldados e colonos romanos. Na realidade, essas terras foram entregues a minorias privilegiadas, ligadas ao Senado. Formaram-se, assim, grandes propriedades, chamadas latifúndios, cultivadas por milhares de escravos, que chegavam como prisioneiros de guerra.

Com a mão-de-obra gratuita dos escravos, os produtos dos latifúndios chegavam a Roma com preços muito baixos, arruinando os pequenos produtores. Para saldar suas dívidas, os colonos tiveram de vender suas terras aos próprios ricos, e acabaram por se juntar ao imenso batalhão de desempregados e mendigos que viviam em Roma.

Não demorou para que se formassem dois partidos, cujos interesses eram radicalmente opostos.

De um lado, o Partido Senatorial, formado pela minoria, queria que as

coisas ficassem como estavam.

Do outro lado, o Partido Popular, mais numeroso, mas carente de líderes que o organizassem, lutava para diminuir os poderes do Senado.

A luta entre os partidos foi áspera e violenta, e terminou numa sangrenta guerra civil.

Os reformistas

Nesse clima de disputa, surgiram personagens que se dedicaram a promover reformas para melhorar a situação social da maioria dos cidadãos.

9

A U L A

Da crise da república ao fim do império romano

9

A U L A O líder do Partido Popular não demorou a surgir. Em 133 a. C., Tibério Graco foi eleito tribuno. Apesar de ser de uma família patrícia, Tibério simpatizava com as causas populares. Ele propôs a lei da Reforma Agrária, em que o Estado deveria dividir as terras em benefício das famílias pobres.

Os ricos, ligados ao Partido Senatorial, assassinaram Tibério e o seu projeto foi esquecido. Dez anos depois, seu irmão mais novo, Caio Graco, aprovou leis que beneficiaram os pobres, distribuindo comida e combatendo o desemprego. Também propôs medidas simpáticas ao Partido Senatorial. Quando tentou conceder a cidadania romana aos demais habitantes da península Itálica, enfrentou a oposição de ricos e pobres, morrendo assassinado pelo Partido Senatorial, em 121 a.C.

Pouco tempo depois do assassinato de Caio Graco, o partido Popular elegeu Caio Mário, militar filho de camponeses. Os sucessos militares de Mário fortaleceram sua posição no partido. A partir desse momento, o exército romano deixou de ser nacional para tornar-se uma força fiel ao chefe. Mário foi eleito cônsul durante seis anos seguidos. Apesar disso, as tão desejadas reformas não se concretizaram.

A primeira guerra civil

Enquanto os dois partidos se desafiavam, aconteceu uma rebelião na Ásia Menor. O Senado declarou a guerra contra Mitridates, rei do Ponto, e nomeou Sila, líder do Partido Senatorial, que já havia sufocado uma revolta de italianos contra o poder romano, como comandante do exército. O Partido Popular não aceitou a nomeação de Sila. Foi o início da guerra civil.

Os dois partidos lutaram nas ruas até que Sila venceu. O Partido Popular foi esmagado e o Partido Senatorial revogou todas as leis que concediam benefícios aos pobres.

Quando terminou a guerra contra Mitridates, Sila teve de voltar para Roma às pressas. Mário havia retornado e iniciado a perseguição aos senatoriais. Sila tornou a entrar com suas tropas em Roma, disposto a derrotar Mário definitivamente.

Mário morreu no meio do conflito; e os populares, mal-organizados, não conseguiram enfrentar as tropas de Sila. Após uma terrível matança, Sila dominou a cidade.

O Senado o nomeou ditador perpétuo. Sila decretou a pena de morte para os membros do Partido Popular. Milhares de pessoas foram vítimas de torturas e assassinatos. Sila também aproveitou para reformar as leis, conforme os interesses de seu partido.

O Senado se transformou na autoridade máxima da república.

Os tribunos e os comícios populares perderam todo o poder.

Em contrapartida, Sila incentivou a construção de obras públicas e distribuiu terras entre os soldados, para diminuir o desemprego.

Em 79 a.C., Sila devolveu seus poderes ao Senado e retirou-se.

A luta pelo poder

Depois da retirada de Sila, a liderança do Partido Senatorial ficou por conta dos novos cônsules, os generais Pompeu e Crasso. Eles revogaram as leis

9

repressivas, restabeleceram o poder dos tribunos e diminuíram o poder A U L A do Senado. Dessa maneira, a situação política ficou mais equilibrada.

Apesar disso, Roma teve de lidar com várias revoltas, como a de Espártaco, em 72 a.C., que comandou uma sublevação de mais de 70 mil escravos. Também os piratas do Mediterrâneo, aproveitando a confusão, desorganizaram o comércio de Roma.

Esses acontecimentos proporcionaram um bom pretexto para que Pompeu aumentasse sua popularidade, esmagando o que restava da sublevação de escravos.

O primeiro triunvirato

Quando Pompeu anunciou que voltaria a Roma, o Senado promoveu uma campanha difamatória, procurando desmoralizá-lo. A essa altura dos acontecimentos, o tribuno Caio Júlio César voltara da Espanha, onde havia realizado um excelente governo. Pompeu aliou-se a Júlio César e a Crasso para derrotar o Senado, em 60 a.C. Eles juraram que apoiariam uns aos outros na repartição das magistraturas. Isso permitiu que governassem sem o Senado. O pacto entre os três foi chamado de triunvirato, o governo de três varões.

Esse pacto, entretanto, não durou muito tempo, pois, mais cedo ou mais tarde, o governo seria exercido por um só homem, o mais forte dos três.

Júlio César (100 a. C.-44 a. C.)

Júlio César sempre simpatizou com as causas populares, pois também era sobrinho adotivo de Mário. Ocupou todos os cargos públicos que um cidadão romano podia ocupar. Além disso, aprovou uma nova lei agrária e reformou as demais leis. Foi assim que conquistou a confiança dos mais pobres e o temor do Senado.

A segunda guerra civil

Após conquistar a Gália, César tornou-se o homem mais poderoso de Roma. Insatisfeito, Pompeu rompeu a aliança do triunvirato e juntou-se ao Partido Senatorial. Ele forçou o Senado a proclamá-lo ditador e exigiu que César voltasse para Roma sem os seus exércitos. Estimulado pelas tropas que liderava, César atravessou o rio Rubicão com seu exército, o que era

proibido pelas leis romanas. Começava a segunda guerra civil.

César, vitorioso, entrou em Roma, escolheu um novo Senado e anistiou, ou seja, perdoou, todos os seus opositores. Uma vez tomadas essas medidas, perseguiu Pompeu, que fugiu para o Egito. Lá foi assassinado, e César elegeu Cleópatra rainha do Egito.

Depois de derrotar os últimos aliados de Pompeu, César foi proclamado o pai da pátria e pôde, então, realizar várias reformas.

Detalhe de estátua de Júlio César.

9

A U L A A ditadura de César

César foi nomeado ditador perpétuo e imperator, que significava chefe absoluto das forças de mar e terra, além de pontífice máximo, ou seja, principal sacerdote romano.

A preocupação fundamental de César foi a reorganização da administração romana. Realizou várias reformas muito importantes.

Fez com que o Senado fosse internacionalizado, ou seja, seus 900 membros não seriam apenas cidadãos nascidos em Roma.

Decretoou o fim da escravidão por dívidas, repartiu terras e fundou colônias.

Moralizou a administração, realizou grandes obras públicas e reformou o calendário. (Atualmente, utilizamos o calendário juliano instituído por Júlio César.)

O fim de César

A aristocracia dos senadores não suportava a idéia de que César se tornasse rei. Para impedir que isso ocorresse, em 44 a.C., César foi assassinado com 28 punhaladas, uma delas dada pelo filho adotivo, Bruto. Quando o viu no meio dos assassinos César lhe disse: “Até tu, Bruto?”.

O segundo triunvirato

Após o assassinato, Marco Antônio, Otávio e Lépido formaram o segundo triunvirato. Iniciaram-se perseguições. Quase todos os membros do Senado foram aniquilados. Finalmente, decidiram dividir o governo em três partes. Lépido renunciou ao seu quinhão. Só restaram Otávio e Marco Antônio: um dos dois estava “sobrando”.

A pintura mostra o momento em que César é assassinado.

9

A terceira guerra civil A U L A

O governo de Otávio pôs fim às perseguições. Enquanto isso, Marco Antônio se instalou em Alexandria e casou-se com a rainha Cleópatra. Ele prometera a Cleópatra que a transformaria em rainha de Roma. Otávio usou isso como pretexto para livrar-se de Marco Antônio, declarando guerra ao Egito. Em 31 a.C., a frota egípcia foi derrotada, e Cleópatra e Marco Antônio se suicidaram. A partir daquele momento, o Egito passou a ser uma província romana.

Otávio era o único dono do poder em Roma. Ele inaugurou uma nova forma de governo, o império, que durou quinhentos anos.

O império cristão

Os romanos sempre foram tolerantes com outras crenças e religiões. Apesar disso, alguns imperadores rejeitaram o cristianismo e o consideraram um “perigo público”. Para eles, o cristianismo não era apenas uma nova crença, mas

um novo sistema de vida que se contrapunha ao romano. Cristo pregava o amor, a misericórdia e o perdão: o que importava era levar uma vida virtuosa.

Os cristãos rejeitavam os cultos pagãos e se recusavam a reverenciar o imperador como se fosse um deus.

As perseguições

O confronto entre os cristãos e as autoridades imperiais começou trinta anos após a morte de Jesus e se prolongou durante três séculos, com intervalos.

Em geral, a atitude do Estado romano diante do cristianismo era de indiferença.

Alguns imperadores perseguiam os cristãos porque eles se recusavam a pagar impostos e a adorar os deuses oficiais do Estado.

A falta de moral e a situação calamitosa do império no século III inverteram essa situação. A partir da conversão do imperador Constantino, o cristianismo se tornou a religião oficial do império.

Constantino e o triunfo cristão

Ao vencer uma batalha contra um aspirante a imperador, Constantino se converteu ao cristianismo e promulgou o Edito de Milão (ano 313), estabelecendo a liberdade de culto em todo o império.

A partir desse momento, e dada a crise generalizada, o cristianismo ganhou terreno. Ele prometia, a homens e mulheres, a salvação pessoal. Além disso, as comunidades cristãs ofereciam serviços, tais como cuidado de crianças e sustento dos desprotegidos. Começam a surgir os primeiros templos e escolas públicas cristãs.

Nessa época, a igreja cristã adotou o cerimonial imperial e se submeteu ao controle do Estado romano.

O desmoronamento do Império do Ocidente

Assim como o cristianismo conquistou o império por dentro, outros invasores quebraram o poder militar que mantinha as fronteiras.

O avanço dos hunos, vindos das estepes asiáticas, provocou o deslocamento dos povos germânicos próximos das fronteiras romanas. Em 378, 200 mil

9

A U L A visigodos invadiram o império e ocuparam a Trácia. Outros povos germânicos imitaram o exemplo dos visigodos e, em pouco tempo, a penetração de povos germânicos tornou-se violenta. Visigodos e vândalos saquearam Roma e o império

Os germanos que invadiram o Império do Ocidente não viviam em cidades.

As cidades se reduziram a fortificações: a decadência da vida urbana é uma das principais marcas do novo período histórico que se inicia. A economia tornou-se estritamente agrícola: a produção dos campos apenas dava para alimentar os trabalhadores rurais e sustentar os senhores das terras.

O Império do Oriente

A parte oriental do Império Romano sobreviveu durante mais mil anos.

A partir do século VI, o Oriente começava uma vida própria, e a Europa Ocidental iniciava um longo período de reconstrução.

A cultura romana e seu legado

Roma deixou para o mundo um legado construído ao longo de mil anos.

Povo de organizadores, deixou-nos um sistema de direito. O respeito que os romanos tinham pela cultura dos submetidos lhes deu uma civilização internacional. Mas eles também foram responsáveis pela romanização de vários povos. Seus valores eram assimilados pelos demais povos europeus e continuaram regendo a vida das pessoas durante o período que ficou conhecido como Idade Média.

Exercício 1

Quais foram as causas das lutas sociais durante a república?

Exercício 2

O que foi a “orientalização” do império?

Exercício 3

Por que o cristianismo ganhou terreno dentro do Império Romano?

Exercícios

10

A U L A

A desintegração do Império Romano do Ocidente

no final do século V da era cristã marca o fim da Idade Antiga.

A Antiguidade Tardia, ou o que chamamos de Alta Idade Média, é um período de instabilidade e insegurança generalizada. Saques, incêndios, raptos e roubos.

A população do que havia sido o Império Romano do Ocidente vivia aterrorizada.

Os mares, do norte e do sul, estavam infestados de piratas. O Mediterrâneo

deixou de ser romano para tornar-se árabe. Partindo da Escandinávia,

os normandos realizavam incursões de saque e pilhagem nas costas do mar do Norte, do Báltico e até do Mediterrâneo.

O império cristão deixou uma instituição que reinou durante uma boa parte

da Antiguidade Tardia e durante a Idade Média: a Igreja. Nesse quadro de

insegurança generalizada, a Igreja oferece uma certa paz. Homens e mulheres

10

A U L A

A Antiguidade tardia, o Império Carolíngio e a Idade Média

10

A U L A se refugiam em conventos e lá criam um mundo auto-suficiente ou tomam um senhor de guerra como protetor e se refugiam em seus castelos. O mundo feudal substitui o mundo romano. A Igreja feudal salva suas almas. Em pouco tempo, ficou reduzida à Igreja de Roma, rompendo com os patriarcas de Bizâncio, a antiga Constantinopla.

As guerras, a partir de um certo momento, tornam-se “guerras santas”, de fiéis contra infiéis, de cristãos contra hereges e pagãos. As cruzadas cristãs e o Jihad muçulmano lutam como haviam lutado gregos e persas. No Oriente, Bizâncio resiste ao assédio de árabes e turcos. No Ocidente, a Igreja de Roma realiza a passagem entre o mundo romano e o mundo das monarquias cristãs e nacionais que se consolida durante a Baixa Idade Média (1066-1453).

O Império do Oriente e o mundo eslavo

Enquanto o Império Romano do Ocidente caía sob domínio germânico,

o Império do Oriente serviu como escudo dos ataques de povos asiáticos contra

a Europa. Além de se tornar depositário da cultura greco-latina, o império bizantino projetou sua cultura nos países povoados pelos povos eslavos.

O mundo bizantino

Após a invasão do Império Romano do Ocidente pelos povos germânicos, Constantinopla continuou à frente do mundo romano. Constantinopla, ou Bizâncio, foi a capital do Império Romano do Oriente durante toda a Idade Média.

É importante recordar por que o império continuava sendo romano:

- a organização administrativa seguia os padrões criados por Roma;
- o Império do Oriente utilizava as leis romanas, criadas ao longo de mil anos;
- a cultura romana do período final, antes das invasões germânicas, foi preservada pelo Oriente.

A pesar disso, o Império Romano do Oriente, ou Império Bizantino, transformou-se num “império grego”: a língua falada era o grego.

Após a morte de Teodósio (395), o Império Romano do Oriente foi governado por imperadores que não conseguiram reagir às invasões dos povos germânicos. No século V, entretanto, o imperador Justiniano tenta, pela última vez, reconstruir o Império Romano, reconquistando os territórios do Ocidente.

Justiniano

Justiniano assumiu o trono do Império do Oriente em 527. Empenhou todas as suas forças na tentativa de ressuscitar o Império Romano:

- Invadiu o norte da África e expulsou os vândalos de lá em 533.
 - Suas tropas atravessaram o estreito de Gibraltar e atacaram os visigodos.
- As legiões romanas reconquistam o sul da península Ibérica.

• Depois, tenta reconquistar a Itália, dominada pelos ostrogodos. Em 553, a península era mais uma vez romana. Só lhe restava expulsar os invasores da Gália e das províncias do Danúbio. Seus planos foram interrompidos devido a uma rebelião que ocorreu no Oriente.

10

• Os persas se sublevaram e derrotaram o exército de Justiniano, compro- A U L A metendo-se a abandonar as armas, desde que o imperador lhes pagasse um custoso tributo anual, piorando a situação financeira do império.

• Na Macedônia, as legiões romanas tiveram de enfrentar uma nova invasão de povos asiáticos, os ávaros e os búlgaros, que em várias ocasiões chegaram até as muralhas de Constantinopla.

Justiniano não conseguiu restaurar o Império Romano. Apesar disso, sua grande conquista foi no campo do direito.

O “Código Justiniano”

Quando assumiu o trono, Justiniano encomendou uma revisão das leis romanas a partir do Edito Perpétuo, promulgado por Adriano em 121, procurando harmonizá-las com a doutrina cristã, religião oficial do império. Em 530, o “Código Justiniano” foi promulgado. Esse código transformou-se na base jurídica do Império do Oriente e de todo o Ocidente. Roma continuou regendo o mundo com suas leis.

Bizâncio

Após a morte de Justiniano, em 565, seguem-se dois séculos de decadência e violência.

- A Itália é invadida pelos lombardos.
- Os visigodos reconquistam o sul da península Ibérica.
- O norte da África cai nas mãos dos árabes.
- Os persas ameaçam constantemente.

Houve também uma ruptura com o Ocidente. A capital adota seu antigo

nome, Bizâncio. O grego substituiu o latim. A ruptura se deu até no campo da religião: em 850, o bispo Fócio, estimulado pelo imperador, proclamou a “superioridade” dos patriarcas de Bizâncio. O império não reconhecia mais a autoridade do papa romano.

A partir do ano 1000, o império bizantino experimenta um período de esplendor e torna-se o centro de irradiação da cultura helenística para os países eslavos, ou seja, para a Rússia, a região dos Bálcãs e a Europa central.

O escudo da Europa

A existência do Império Bizantino protegeu a Europa dos ataques dos persas, búlgaros, árabes e turcos. Essa proteção permitiu a formação de estados nacionais na Europa ocidental.

Bizâncio resistiu aos ataques dos povos asiáticos durante oito séculos.

Em 1400, os imperadores bizantinos tornam-se vassalos dos sultões turcos.

Em 1453, as tropas de Maomé II entram em Bizâncio: era o fim do Império Romano do Oriente.

10

A U L A A cultura bizantina

Durante a Idade Média, a cultura do Império Bizantino foi a mais brilhante de toda a Europa. Os bizantinos conservaram as obras clássicas da cultura grecoromana.

A produção dos padres da Igreja grega somou-se a um patrimônio cultural milenar.

! O Império Bizantino foi uma grande potência militar. Suas tropas, formadas por soldados estrangeiros, eram menos disciplinadas que as legiões romanas. Sua marinha foi invencível durante séculos. O “fogo grego”, flechas ardentes que eram utilizadas para incendiar as embarcações inimigas, foi invento bizantino.

! Economicamente, o Império Bizantino foi o centro do comércio mundial durante a Idade Média, pois realizava a ponte entre os povos do Extremo Oriente e do Oriente Médio e o Ocidente.

! A arte bizantina criou um estilo original, combinando harmoniosamente elementos gregos, romanos e orientais. Seus mosaicos são admirados ainda hoje.

O Império Carolíngio

Por volta do ano 800, Carlos Magno, o mais poderoso dos reis germânicos da época, foi proclamado imperador romano. Seu sonho era reconstruir a unidade do império. Pouco depois de sua morte, a Europa tornou-se um quebra-cabeça de Estados feudais. Carlos Magno anuncia, de certa forma, o fim da instabilidade dos reinos neolatinos. Mas a Europa ainda conheceria outra onda de invasões provenientes da Escandinávia e da Ásia.

O reino franco

O reino franco foi criado por descendentes do rei Meroveu, os merovíngios. Mas eles não governavam diretamente: os verdadeiros governantes eram os “mordomos reais” do palácio.

Um desses mordomos, Pepino, o Breve, se proclamou rei dos francos. Com ele, começou a dinastia dos carolíngios. Para fortalecer o reino, Pepino selou alianças com a Igreja, guardiã da ordem e da cultura nessa época.

Os Estados Pontifícios

Com o desmoronamento do Império Romano do Ocidente, a península Itálica tornou-se o campo de batalha entre os lombardos e os bizantinos. Roma havia sido praticamente abandonada e sua defesa era feita por poucos senhores e o bispo, chamado tradicionalmente de Papa.

Em 756, o Papa viu-se ameaçado pelos lombardos e pediu auxílio aos

cristãos. Pepino atendeu ao apelo, derrotou os lombardos e lhe ofereceu um território na província de Ravena: o Papa agora tinha seu domínio particular. Foi assim que surgiram os Estados Pontifícios, ou seja, os Estados da Igreja. Mosaico bizantino.

10

Carlos Magno (768-814) A U L A

Filho de Pepino, assumiu o trono do reino franco em 768. Imediatamente, Carlos Magno começou a executar a unificação de todo o Ocidente cristão. Lutou contra todos os seus vizinhos e empreendeu mais de 50 campanhas militares derrotando:

- os saxões – anexou a Saxônia, atualmente na Alemanha;
- os ávaros – formou a “Marca do Leste”, ou Áustria.
- os árabes na Espanha – criando a “Marca da Espanha”.

Também acudiu em defesa do Papa, ameaçado pelos lombardos. Proclamou-se rei dos lombardos e ocupou uma boa parte da península Itálica.

O novo império

No ano 800 o Papa Leão III o coroou imperador dos romanos. A partir desse momento, os cristãos da Europa ocidental estavam submetidos a dois poderes que se complementavam.

- O poder civil, na pessoa do imperador.
- O poder espiritual, na figura do Papa.

A sagração como imperador não aumentou o poder de Carlos Magno. Mas lhe deu prestígio perante os outros reis cristãos. Naquele momento, a Igreja procurava o apoio do imperador para continuar a cristianização da Europa.

O governo imperial

Carlos Magno dividiu o império em 300 províncias, que passaram a ser governadas por condes. As províncias de fronteira, as “marcas”, eram governadas por marqueses e duques. Para fiscalizar a administração destes, Carlos Magno criou os inspetores.

Uma Assembléia, da qual faziam parte colaboradores do imperador, reunia-se uma vez por ano para fixar as metas de governo. Essas reuniões, chamadas de campos de maio, pois ocorriam no mês de maio, originaram uma coleção de leis, as leis capitulares.

Para recompensar aqueles que o ajudavam, o imperador distribuía terras. Esses benefícios deram origem ao sistema feudal.

O renascimento carolíngio

A grande conquista de Carlos Magno foi no campo da cultura. Seu reinado assistiu ao renascimento das letras e das artes.

- Instituiu a escola obrigatória e gratuita nas aldeias, junto às igrejas.
- Também “importou” sábios de vários lugares: graças a eles e aos monges que copiaram manuscritos, obras da Antiguidade clássica chegaram até nós.

10

A U L A A divisão do império

Quando morreu, em 814, Carlos Magno foi sucedido pelo filho Luís, o Piedoso. Este dividiu o império entre seus filhos, que o destronaram e iniciaram uma guerra civil.

Aproveitando a confusão, condes, marqueses e outros senhores de terras começaram a discutir seus direitos com os reis. O resultado dessas disputas foi que a nobreza de terras deixou de obedecer aos reis e lhes tomou os poderes, tornando-se praticamente independente. Senhores fortes e reis fracos: foi o saldo

das guerras civis.

Após a morte de Luís, seus filhos entraram em acordo e assinaram um pacto. No Tratado de Verdun, assinado em 843, dividiram o império de Carlos Magno em três partes.

• Carlos, o Calvo, ficou com a França.

• Luís ficou com a Germânia.

• Lotário recebeu a Itália, a coroa imperial e uma faixa de terras entre a França e a Germânia.

O fim dos carolíngios

Desse processo, nasceram dois Estados: a França e a Alemanha. Apesar disso, seus reis foram incapazes de manter a unidade e tiveram de se submeter às vontades dos nobres.

O fracasso da unificação: as novas invasões

As monarquias, entretanto, ficariam numa situação muito mais debilitada.

A invasão de dois povos contribuiu para enfraquecer o poder dos reis e destruir a ordem que Carlos Magno havia criado.

• Os normandos, ou vikings, saquearam a Europa por duzentos anos, conseguindo tomar terras da Rússia, da França, do sul da Itália e toda a Inglaterra.

• Os húngaros, aproveitando a debilidade das monarquias, atacaram os reinos da Germânia, França e Itália.

O feudalismo

Com as invasões desses dois povos, a insegurança das populações européias aumentou. Os reis eram incapazes de defender as pessoas dos ataques normandos e húngaros. Cada vez mais, as populações buscam proteção na nobreza territorial. Em troca dessa proteção, juravam prestar fidelidade e ajuda mútua aos senhores. Foi assim que surgiu o feudalismo, o sistema que regeu a vida social em quase toda a Europa desde a morte de Carlos Magno até o final da Alta Idade Média, no começo do século XIII.

Exercício 1

Descreva como era o governo no Império Carolíngio.

Exercício 2

Que diferenças havia entre o Império Romano do Ocidente e o do Oriente?

Exercício 3

Quais os legados que o império bizantino nos deixou?

Exercícios

11

AULA

Enquanto o Império Romano do Oriente lutava

para manter vivas a cultura e as tradições helenísticas, um povo de pastores semitas mudava o curso da História. Mobilizados pelo profeta Maomé, entraram em choque com a civilização bizantina e com os novos reinos da Europa ocidental. Os muçulmanos construíram a civilização mais brilhante da Idade Média, assimilando o patrimônio cultural dos povos do Oriente Médio e do Extremo Oriente. Atualmente, o islamismo conta com milhões de seguidores em todo o mundo.

A península dos árabes

A Arábia é um imenso deserto de pedras e areia. Seus escassos habitantes se fixaram na costa do mar Vermelho e nos oásis do interior. A península Arábica era habitada por tribos de beduínos semitas, da mesma origem dos judeus, fenícios e assírios.

Os beduínos da Arábia eram pastores de rebanhos de cabras e camelos. Sua principal atividade era o comércio entre os oásis do interior e o litoral. Nas aldeias, tais como Meca e Latribe, cultivavam a terra.

A religião

Os árabes eram um povo muito religioso. Adoravam Alá, o deus supremo. Cada tribo adorava seus ídolos. Entre esses ídolos, o mais antigo era uma pedra preta guardada na Caaba, a casa quadrada de Meca. Segundo a tradição árabe, Alá teria depositado a pedra preta nas mãos de Abraão, pai de todos os semitas. O destino desse povo se transformou com a chegada de um líder que propunha o ideal da unidade árabe e da conquista da Terra pelo povo árabe.

Maomé

Maomé nasceu em Meca em 570. Era pastor e cuidava de caravanas de camelos. A tradição conta que Maomé recebeu uma revelação do arcanjo Gabriel, segundo a qual Alá o escolhera para pregar a mensagem de salvação entre seus irmãos árabes: o Islã, a submissão à vontade divina.

A civilização muçulmana

11

A U L A

11

A U L A Como não sabia escrever, Maomé ditou a revelação a amigos, que reuniram seus ensinamentos no Alcorão, o livro sagrado do Islã.

Esses são alguns deveres dos fiéis muçulmanos:

- rezar cinco vezes ao dia voltado na direção de Meca;
- ficar em jejum durante os quarenta dias do ramadã, o mês sagrado;
- praticar a caridade;
- visitar Meca pelo menos uma vez durante a vida.

Os ensinamentos de Maomé fortaleceram os laços familiares entre os árabes.

A mulher deixou de ser escrava para tornar-se companheira. A poligamia, o costume de manter muitas mulheres, teve seu limite fixado em quatro esposas.

O triunfo da nova crença

Perseguido pelos chefes de Meca, por causa dos ataques que fazia aos ídolos da Caaba, Maomé foi obrigado a fugir em 622, para Latribe. Os muçulmanos contam os anos a partir dessa fuga. Latribe ficou conhecida como Medina, a cidade do profeta.

A partir dessa fuga, Maomé começou a pregar a guerra santa contra todos os infiéis, aqueles que não acreditavam nas suas revelações. Segundo a crença, os muçulmanos que morrem lutando pela religião vão direto ao paraíso.

Os habitantes de Medina logo adotaram a nova religião. Em 630, Maomé e seus guerreiros muçulmanos atacaram Meca. Penetraram na Caaba e destruíram todos os ídolos, menos a pedra preta.

Após essa vitória, o islamismo se espalhou por toda a Arábia.

Antes de sua morte, em 632, Maomé havia conseguido unificar as tribos árabes.

O império muçulmano

Com a morte do profeta, seu sogro, Abu-Beker, se proclama califa, palavra que significa sucessor, e governa em nome do profeta. O califa era um misto de chefe político e religioso. Tinha como missão preparar os árabes para a conquista da Terra.

Abu-Beker foi sucedido pelo califa Omar. Durante seu governo de onze anos, deu-se o início da expansão muçulmana. Guerreiros do Islã atacaram a Pérsia e o Império Bizantino, ambos debilitados por lutas internas. Em pouco tempo, graças ao progresso militar atingido pelos muçulmanos, conseguiram dominar extensos territórios e controlar o comércio do Mediterrâneo.

A Pérsia se rendeu após dez anos de luta.

O Império Bizantino perdeu a Síria para os árabes.

No Egito, Alexandria resistiu ao cerco árabe durante dois anos. Depois, foi incendiada, junto com sua famosa biblioteca. Os muçulmanos construíram uma nova capital no Cairo.

Guerreiros muçulmanos conquistaram o norte da África, Líbia e Trípoli, chegando até o local da cidade de Cartago.

Maomé prega para seus seguidores.

11

Com a morte de Omar, o califa Ali continuou conquistando mais territórios. Mas, em pouco tempo, surgiram as primeiras disputas internas pelo poder, ocasionando uma guerra civil. A partir desse momento, duas dinastias governaram o império muçulmano:

• a dinastia dos Omeíadas, fundada pelo califa Muhawiya;

• a dinastia dos Abássidas, fundada pelos descendentes de Abas, tio de Maomé.

Os omeíadas: o império árabe

A dinastia dos Omeíadas governou o mundo árabe durante aproximadamente cem anos. Sob os omeíadas, deu-se a expansão territorial. Os califas abandonaram Meca e fixaram a capital do império em Damasco, na Síria, ocupando-se unicamente de questões políticas. Durante esse período, os exércitos muçulmanos conquistaram o Turquestão, o Cáucaso, a Armênia e chegaram até a Índia.

No norte da África, conquistaram Túnis, Argélia, Marrocos e chegaram até o oceano Atlântico. A partir daí, atravessaram o estreito de Gibraltar e tentaram tomar a península Ibérica e a França.

Em 711, iniciaram a conquista da Espanha visigoda. Atravessaram os Pireneus e começaram a conquista da França. Em 732, após terem conquistado um terço do território da França, Carlos Martel os deteve em Poitiers.

Os muçulmanos retrocederam até os Pirineus, mas permaneceram na Espanha até o século XV, quando foram expulsos pelos reis cristãos.

Os abássidas: esplendor e decadência

Em 750, uma revolta interna derrubou a dinastia dos Omeíadas. Os vencedores dessa revolta, descendentes de Abas, tio de Maomé, mudaram a capital do império para a Mesopotâmia, onde fundaram Bagdá.

11

Os novos califas continuaram a expansão territorial e incentivaram o desenvolvimento científico e artístico. O apogeu dessa dinastia ocorreu durante o reinado de Harun al-Rachid (780-810): o império muçulmano se estendeu

desde a Espanha até a China.

Durante esse período ocorreu a ruptura da unidade do mundo árabe sonhada por Maomé:

- em 760, os árabes da Espanha declaram independência;

- em 968, os árabes do Egito tornam-se independentes.

O império foi dividido em três califados. Em Bagdá, os califas se cercaram de guardas mongóis que, aos poucos, tornaram-se os verdadeiros governantes.

Os turcos

Os turcos eram tribos asiáticas que vieram da Mongólia, assim como os hunos, os búlgaros e os húngaros. Após séculos de luta contra o império chinês, dirigiram-se para a Europa e fixaram-se nas margens do mar Cáspio.

Lá, entraram em contato com os árabes da Pérsia e logo se converteram ao islamismo. A partir de então, tornaram-se guerreiros de Alá e cuidaram da guarda pessoal do califa.

Em 1055, uma das tribos turcas mais importantes, a dos seljúcidas, tomou Bagdá e substituiu o califa pelo seu sultão. Os turcos conseguiram submeter todos os povos árabes da Ásia e da África, tornando-se um perigo para os reinos cristãos da Europa.

A cultura muçulmana

Os muçulmanos não criaram uma cultura original, mas assimilaram aquilo que de melhor havia no imenso império que conquistaram em tão pouco tempo. Sua civilização deixou marcas de tolerância cultural e de uma fantasia sem limites.

A organização do império muçulmano

Os árabes foram muito tolerantes com os povos conquistados durante a Guerra Santa: permitiram que conservassem sua religião, seus costumes e a administração de seus territórios em troca de um tributo. Por outro lado, mostravam-se cruéis com aqueles que abusavam dessa benevolência.

O califa era o chefe supremo, civil, político e religioso. Os califas governavam a partir das capitais do mundo árabe: Bagdá, Cairo e Córdoba.

Nos territórios conquistados, o emir exercia o poder absoluto em nome do califa.

As principais tarefas de governo eram desempenhadas pelos vizires, ou ministros, e os xeques, os chefes das tribos.

Para Maomé, existiam sete céus.

11

A economia do mundo muçulmano A U L A

O contraste entre a Europa empobrecida do início da Idade Média e a prosperidade do mundo muçulmano era gritante. Os árabes dominaram as grandes rotas comerciais e tornaram-se os maiores intermediários entre o Oriente e o Ocidente.

As ciências e as letras

Os árabes difundiram na Europa inventos chineses, tais como o papel, a bússola, a pólvora e o cultivo do arroz e do algodão. Introduziram o cultivo da cana-de-açúcar nas ilhas de Chipre e na Sicília. Foram grandes fabricantes de tecidos, tapetes, jóias, cerâmicas e vidro. E também:

- dedicaram-se à química, fabricando remédios, drogas, perfumes e tinturas;

- desenvolveram a cartografia e a astronomia;

- no campo da matemática, desenvolveram a álgebra e a trigonometria.

Introduziram na Europa as obras de Arquimedes e Euclides, e os números arábicos que trouxeram da Índia;

a literatura dos árabes é uma das mais ricas e fascinantes da História. Suas lendas e contos são apreciados ainda hoje. Os mais populares são A lâmpada de Aladim, As mil e uma noites e Sinbad, o marujo;

no campo da filosofia, destacaram-se pela tradução das obras de Platão e Aristóteles, que chegaram à Europa medieval levadas por eles;

sua medicina foi a mais avançada da Idade

Média: criaram as primeiras clínicas e escolas médicas. Seus farmacêuticos e médicos desfrutavam fama mundial.

As artes

O Alcorão proibia a representação de figuras humanas. A civilização muçulmana produziu uma arquitetura admirável que introduziu novos elementos, tais como o uso do arco com ornamentos geométricos, o arabesco, presente em mesquitas e palácios.

Exercício 1

Como se deu a ruptura da unidade do mundo árabe?

Exercício 2

Quem eram os turcos e o que eles fizeram?

Exercício 3

Qual foi o legado cultural deixado pelos árabes?

Exercícios

Reis medievais com jogo de tabuleiro.

12

A U L A

12

A U L A

Com o fracasso da unificação tentada pela

Igreja e por Carlos Magno, o poder dos senhores de terras locais aumentou.

A isto soma-se o fato de as populações terem sido arruinadas e atemorizadas pelos ataques dos árabes, normandos e húngaros. A atividade econômica

limitou-se à exploração dos campos. Durante mais de trezentos anos, a Europa esteve fragmentada em centenas de pequenos Estados independentes, os feudos.

A comunicação era escassa e cada feudo sobrevivia a partir daquilo que seus habitantes produziam. Foi a “época dos mundos fechados”.

A escala feudal

Quando os germanos invadiram o Império Romano do Ocidente, distribuíram as terras entre seus guerreiros. Estes atuavam como donos absolutos de seus territórios.

Após a morte de Carlos Magno os reis se mostraram incapazes de defender seus súditos. Os senhores das terras organizaram a defesa de suas propriedades por conta própria, ou seja, com exércitos particulares que eles mantinham e organizavam.

A Europa conheceu um novo estilo de vida. As cidades foram abandonadas ou achavam-se decaídas: o único bem que interessava era a terra. A insegurança

generalizada levava seus donos a protegê-las dos invasores. Para tanto, procuravam a proteção dos senhores de terras mais fortes e poderosos.

Os habitantes mais pobres pediam proteção ao dono do castelo mais próximo.

Este, por sua vez, com medo de ser atacado por um inimigo mais forte, estabelecia vínculos com outros senhores, condes ou marqueses que reconheciam a superioridade de algum príncipe ou grão-duque. No alto dessa pirâmide, pelo menos em teoria, estava o rei. Na prática, o rei só exercia autoridade sobre seus domínios particulares.

Aos poucos, perdeu-se a noção de Estado. A autoridade era exercida pelos donos das propriedades.

Homenagem e benefício: senhores e vassalos

O vínculo entre aquele que pedia proteção e o que protegia ocorria numa cerimônia chamada de homenagem. Nessa cerimônia, aquele que pede proteção

O Sacro Império Romano - Germânico e o cristianismo feudal

12

ajoelha-se para o protetor e se declara seu vassalo. Isto significa que o reconhece A U L A como senhor, ao qual jura fidelidade e confia suas terras. O senhor aceita a vassalagem e lhe promete proteção, entregando-lhe um benefício, ou seja, lhe devolvia as terras ou lhe doava outros bens, tais como terras, moinhos e direitos sobre rios ou estradas.

A entrega do benefício se materializa na cerimônia de investidura, em que o senhor colocava nas mãos do vassalo um objeto simbólico. Os benefícios eram chamados de feudos, palavra derivada de “foedum”, em germânico antigo.

A cerimônia de investidura estabelecia deveres e direitos entre o senhor e o vassalo.

· O vassalo devia ao senhor assistência, fidelidade e conselho.

· O senhor obrigava-se a proteger e cuidar de seu vassalo.

O sistema se estendeu rapidamente: em meados do século IX, quase todos os europeus eram vassalos de algum senhor.

E todos os bens eram benefícios ou feudos de alguém.

O dono de um feudo exercia autoridade de soberano sobre seu território:

- cunhava moeda;
- tinha exército próprio;
- declarava a guerra;
- administrava a justiça;
- cobrava impostos.

A sociedade feudal

A sociedade feudal era dividida em duas castas: os senhores e os vassalos, geralmente camponeses ou artesãos.

Os senhores: a cavalaria

Os senhores constituíam a classe privilegiada. Eram os terratenentes, os donos de campos e castelos. Sua única limitação era serem vassalos de algum outro senhor. Por causa disso, havia uma divisão dentro de sua própria casta.

▮ A alta nobreza era formada por duques, marqueses e viscondes.

▮ A pequena nobreza era formada por simples senhores de terras, cavaleiros e barões.

Os senhores feudais tinham uma educação militar, pois viviam para a guerra e para os lucros que esta trouxesse. A carreira de cavaleiro iniciava-se cedo: o aspirante começava como pajem ou criado de algum cavaleiro. Aos 14 anos tornava-se escudeiro. Aos 20, era sagrado cavaleiro. Quando não estavam em guerra, os cavaleiros passavam o tempo disputando torneios, uma espécie de combates simulados.

Os camponeses: a servidão

A servidão era a outra face do feudalismo. Os servos da gleba eram quase escravos. Eles e suas famílias estavam presos à terra e só adquiriam a liberdade com a Invasão de castelo na Idade Média.

12

A U L A mediante um pagamento, o que era muito difícil. Sofriam a injustiça e a miséria.

A grande massa da população rural mantinha os privilégios dos senhores com seu trabalho no campo. As revoltas contra os senhores eram frequentes e terminavam após lutas sangrentas.

Além dos camponeses, presos à terra por laços de vassalagem, havia também os vilões que moravam nas vilas e aldeias. Estes trabalhavam para um senhor, mas conservavam a liberdade pessoal.

A sociedade feudal vivia um precário equilíbrio. Qualquer imprevisto, uma colheita insuficiente ou impostos excessivos, detonava reações violentas.

A Igreja feudal

Durante esse período, a Igreja também se feudalizou. Bispos e abades tornaram-se senhores de terras. A consequência disso foi que mosteiros e igrejas se transformaram em unidades de produção agrícola. Os mosteiros beneditinos de Cluny, na França, foram exemplo de organização. Seu modelo foi copiado por muitos mosteiros.

A Igreja feudal também adotou os defeitos do sistema: bispos e abades dependiam da nomeação do rei ou de algum grande senhor. Estes, muitas vezes, elegiam parentes e amigos. Durante esse período, a venda de cargos na Igreja, a simonia, era muito comum.

As novas heresias

As reações contra a situação da Igreja feudal não demoraram. Em vários lugares, surgem tentativas de reforma dos dogmas, os ensinamentos oficiais da Igreja.

▮ Cátaros e albigenses pregam a rejeição à Igreja a partir de Alby, no sul da atual França. O movimento se expande e assume proporções de uma revolução social. Protegidos pelo conde de Toulouse, bandos de fanáticos queimam aldeias e castelos e massacram os habitantes. Em 1208, após o assassinato do enviado papal, Inocêncio III convocou uma cruzada contra os albigenses. O movimento foi sufocado depois de vinte anos de lutas sangrentas.

▮ Até o século XII, a Igreja castigava os hereges com o desterro e a prisão.

Em 1231, o papa Gregório IX cria o Tribunal da Inquisição. A principal função desse tribunal era “inquirir” e punir as doutrinas contrárias aos dogmas da Igreja. O tribunal do Santo Ofício, como passou a ser chamado, se estabeleceu na França e na Alemanha. A ação do tribunal se estendeu rapidamente pelos reinos cristãos.

O cisma grego

Além dos problemas internos provocados pelos protestos que surgiam, a Igreja teve de enfrentar a divisão, resultado da crescente tensão entre a Igreja de Roma e a Igreja bizantina, que culmina, em 1054, com a separação das duas Igrejas.

12

Os Papas reformistas A U L A

Três Papas realizaram reformas para combater a desordem da Igreja de Roma:

· Nicolau II (1058-1061) regulamentou a eleição dos papas pelos cardeais. Até 1059, estes eram eleitos pelos senhores feudais mais poderosos.

· Gregório VII (1073-1085) submeteu o imperador do Sacro Império Romano-Germânico à autoridade papal e foi responsável pelo apogeu da Igreja de Roma. Proclamou o celibato dos padres, proibiu as simonias e deu ao papado o direito de nomear e demitir os bispos e até os reis.

· Inocêncio III (1198-1216) completou as reformas internas da Igreja iniciadas por Nicolau II e Gregório VII, visando afastá-la do poder secular. Com ele, o papa torna-se representante de Cristo na terra; por meio dele, os soberanos laicos recebem seus feudos e reinos.

A reforma dos mosteiros

O movimento renovador iniciado por estes papas se refletiu também na vida dos mosteiros. O movimento partiu de Cluny e se alastrou por toda a Europa. O mosteiro de Cister pregava uma volta aos ensinamentos de São Bento, fundador da Ordem Beneditina, com mais disciplina e severidade.

As ciências e as artes

Durante a maior parte da Idade Média, os mosteiros eram os únicos centros de cultura existentes na Europa. Manuscritos e obras da Antiguidade clássica eram preservados e copiados pelos monges, escribas de uma sociedade de analfabetos.

Com o crescimento das cidades, surgiu a necessidade de novos centros de cultura, já que os mosteiros ficavam muito longe.

As universidades

Inicialmente, as universidades surgiram perto das catedrais e estavam vinculadas à Igreja, detentora do saber durante toda a Idade Média. Além das matérias “clássicas” ensinadas nos mosteiros, como a matemática, a retórica, a dialética, a geometria, a astronomia, e a música, as universidades iniciam o ensino do direito e da medicina.

Estudantes e professores logo se organizaram em corporações e grêmios. Graças a essa organização, as universidades logo conquistaram o privilégio da autonomia perante os reis e o Papa.

A primeira universidade, fundada em Bolonha em 1158, por Federico Barbarossa, especializou-se no ensino do direito imperial romano.

Em pouco tempo, fundaram-se universidades em Salerno, Paris, Oxford, Cambridge, Coimbra e Salamanca.

A arquitetura dessa época mostra linhas simples.

12

A U L A A escolástica

Nesse momento, surgiram pensadores que procuravam harmonizar o pensamento de Aristóteles com os princípios cristãos. Destacam-se as obras de Santo

Alberto Magno, sábio alemão e professor de teologia em Paris, e Santo Tomás de Aquino, considerado a figura intelectual mais notável da Idade Média e autor da Suma teológica.

A arte românica

Com o fim das invasões e a estabilização da sociedade feudal, surge um estilo arquitetônico chamado de românico. O românico utiliza elementos criados pelos romanos, tais como o arco e a semicircunferência. Suas sólidas construções, castelos, pontes, igrejas e mosteiros, caracterizam o estilo da época feudal.

O Sacro Império Romano-Germânico

A criação do Sacro Império Romano-Germânico constituiu mais uma tentativa de unificar a Europa patrocinada pela Igreja. O entendimento entre o Papa e o imperador fracassou por causa da disputa de poder entre a Igreja e o Império. Nessa luta, nenhum dos dois lados levou vantagem. O resultado foi o enfraquecimento de ambos.

O reino germânico

Após a morte de Carlos Magno, o reino germânico foi dividido em muitos Estados independentes chamados ducados e marcas. Em 910, Conrado, duque da Francônia, foi eleito pelos senhores feudais para ocupar o trono da Germânia. Era o início do Sacro Império. Apesar disso, os reis alemães estiveram constantemente em conflito com os senhores feudais e com o maior poder organizado da Idade Média: a Igreja Católica.

Em pouco tempo, ficou claro que cada qual procurava intervir nos assuntos internos do outro. Igreja e Império lutaram durante 200 anos para ver qual dos dois era mais poderoso. A disputa terminou com a liquidação política de ambos.

A reforma da Igreja

A Igreja teve seus poderes comprometidos por causa da constante intervenção dos senhores feudais e do imperador. Era necessário tornar a Igreja independente e restaurar a disciplina interna, pois senhores e príncipes intervinham na distribuição de cargos eclesiásticos.

A reforma da Igreja começou com o papa Nicolau II. Ele regulamentou a eleição dos papas pelos cardeais. Ao retirar esse privilégio do imperador, a Igreja desafiou o poder imperial.

12

Igreja versus Império A U L A

Eleito pelo novo sistema, o papa Gregório VII pretendia restaurar a autoridade do papa sobre os reis e príncipes cristãos. Para tanto, convocou um concílio para proibir a intervenção de civis nos assuntos internos da Igreja, sob pena de excomunhão. Os clérigos que aceitassem cargos oferecidos por civis ou casassem também estavam sujeitos a essa punição.

Para verificar o cumprimento dessas normas, Gregório VII criou um corpo de fiscais, os Enviados Pontifícios. Nesse momento, Império e Igreja entram em conflito frontal.

O imperador Henrique IV desobedeceu ao Papa e continuou distribuindo cargos eclesiásticos. Gregório VII reagiu: pela primeira vez na História, o Papa excomungava um imperador, retirando-lhe o título que havia recebido de suas próprias mãos.

A solução dos conflitos entre Igreja e Império só viria com a Concordata de Worms. Segundo esse acordo, o Papa e o imperador reconheciam a independência mútua de cada um.

O apogeu cristão

Uma vez resolvidos os conflitos entre Igreja e Império, os Papas tornam-se chefes absolutos dos cristãos europeus e se voltam para assuntos internacionais: A Palestina, local do nascimento e morte de Cristo, estava em mãos dos turcos seljúcidas. O papado organizou uma campanha para libertar o Santo Sepulcro dos hereges.

As cruzadas

O Papa Urbano II organizou a primeira expedição à Terra Santa. Em pouco tempo, reuniu um exército de 500 mil guerreiros de todos os países da Europa.

▮ A primeira cruzada partiu rumo à Palestina em 1096. A cruzada popular, formada por camponeses armados de paus e facas, foi dizimada pelos turcos. A cruzada dos cavaleiros teve mais êxito. Em 1099, guerreiros cristãos tomam Jerusalém.

A vitória incentivou o surgimento de associações de religiosos e militares para defender os “santos lugares”. O Reino Cristão de Jerusalém foi dividido em vários principados feudais. Mas as lutas internas e as divisões entre os príncipes cristãos acabaram isolando os cruzados.

▮ Cinquenta anos depois, partiu a segunda cruzada rumo à Terra Santa. A expedição comandada por Conrado III e Luís VII da França foi derrotada em Damasco.

12

A U L A O apogeu do papado: Inocêncio III

Apesar do fracasso das cruzadas, o papado viveu dias de glória: os papas tornaram-se juizes dos reis e intervinham em assuntos políticos e religiosos. O Papa Inocêncio III interveio nos lugares em que a ordem cristã estava comprometida.

▮ Organizou uma cruzada para reprimir hereges no sul da França.

▮ Ajudou o rei de Castela a combater os muçulmanos na península Ibérica.

▮ Organizou a quarta cruzada. Partindo no ano 1200, os cruzados tomaram Bizâncio, destronaram o imperador bizantino e estabeleceram um reino latino.

▮ Organizou a quinta cruzada, em 1215, que fracassou.

O fim da luta: Frederico II

Na condição de imperador do Sacro Império Romano-Germânico e rei das Duas Sicílias, Frederico II pretendia unificar seus domínios. Para realizar esse desejo, teve de enfrentar o Papa, protetor da independência das cidades do norte da Itália.

Frederico se dispôs a organizar a sexta cruzada, sem jamais cumprir o prometido. O Papa o excomungou. Finalmente, Frederico partiu rumo à Síria, em 1230, onde assinou um tratado de paz com o sultão do Egito. Segundo esse tratado, os cristãos receberiam as cidades santas de Jerusalém, Belém e Nazaré. Em contrapartida, os cristãos reconheciam a liberdade de culto para os muçulmanos. Por causa disso, o Papa o excomunga mais uma vez.

A decadência do Império

A partir desse momento, a luta entre Frederico e o Papa pela posse das cidades do norte da Itália tornou-se feroz. Guelfos (como eram chamados os partidários da Papa) e gibelinos (os partidários do Imperador) se esfaqueavam

em todo o Império.

Em 1250, Frederico morre. Era o fim da intervenção do Império Germânico na península Itálica. O Império entrou em decadência. Durante trinta anos, os senhores feudais não permitiram a eleição de um novo imperador.

Exercício 1

Por que, durante o feudalismo, perdeu-se a noção de Estado?

Exercício 2

Destacar os poderes que eram exercidos pelos senhores feudais.

Exercício 3

O que foram as cruzadas?

Exercícios

13

AULA

O século XIV foi decisivo para o desenvolvimento

dos reinos cristãos da Europa.

Com o fim das cruzadas, a vida das populações europeias sofreu modificações profundas, que alteraram o equilíbrio do sistema feudal vigente na maior parte da Europa.

Surge uma nova classe social, a burguesia. Com auxílio da monarquia, ela ajudará a destruir a base do sistema feudal.

Um balanço das cruzadas

As cruzadas modificaram a Europa profundamente, trazendo novos elementos que mudaram a vida das populações europeias daquela época.

A economia modificou-se radicalmente. A Europa deixou de produzir apenas alimentos: conheceu novos produtos, aprendeu novos métodos de trabalho e enriqueceu com novas indústrias.

O arado de ferro puxado por animais substituiu o arado de madeira na agricultura. Surgiu o comércio entre a Europa e o Oriente, realizado pelos portos do Mediterrâneo. Nasceram as grandes companhias comerciais e os primeiros grandes banqueiros.

Politicamente, as cruzadas selaram a ruína do sistema feudal. Antes de partir, os senhores penhoravam suas terras aos camponeses. A libertação destes ficou mais fácil. Além disso, houve grande quantidade de gente que foi e não voltou.

As cruzadas mudaram as aspirações sociais de boa parte da população.

Antes delas, o ideal de vida era tornar-se santo ou herói. O contato com o luxo do Oriente despertou o desejo de enriquecimento.

Surgiu um novo estilo de vida. Os castelos viram palácios. Os torneios, as disputas militares e os duelos entre os cavaleiros viram tertúlias, ou seja, reuniões nas quais se ouvia música e se conversava sobre literatura.

Os trovadores e poetas aperfeiçoaram as línguas que nascem do latim – as línguas românicas. Surgiram o italiano, o francês, o castelhano (espanhol) e o português.

13

AULA

Rumo à modernidade: das cruzadas ao início dos Estados Nacionais

13

AULA A nova classe social: a burguesia

Com as cruzadas, muitos camponeses puderam deixar as terras dos senhores.

O campo perdeu população, e as velhas cidades receberam uma boa parte dos camponeses que deixaram os domínios senhoriais.

As cidades, ou burgos, não faziam parte do sistema feudal, pois dependiam do comércio e do contato com outras localidades. Os burgueses, habitantes das cidades, não queriam terras nem precisavam de senhor. Seu único interesse era enriquecer com a indústria e o comércio.

Durante o século XIV, os burgos tornaram-se muito ricos. Aos poucos, assumiram grande poder econômico e político. Em troca de privilégios, os foros, ou conselhos de burgueses que governavam as cidades, ajudavam as monarquias a lutar contra os senhores. Essa aliança teve como resultado o fim do feudalismo e o surgimento das monarquias absolutistas.

Em alguns lugares, as cidades eram potências. Na península Itálica, as cidades do norte – Florença, Milão, Gênova, Pisa e Veneza – eram cidadese estados independentes.

As corporações

A força dos burgos provinha de sua organização. Os comerciantes e artesãos formaram corporações (guildas) com estatutos, privilégios e uma legislação própria. Um artesão, por exemplo, tinha de passar pelas várias etapas de aprendizado para exercer seu ofício. Inicialmente era aprendiz, logo oficial e, finalmente, chegava ao grau de mestre.

As corporações eram associações fechadas: só podiam participar delas os trabalhadores do ramo. Elas realizavam assembleias para tomar decisões e freqüentemente controlavam a política das cidades.

A nova economia: o comércio e as ligas de comerciantes

O aumento das atividades comerciais valorizou os metais preciosos como o ouro e a prata e fortaleceu a circulação da moeda.

As cidades formaram ligas para defender seus privilégios e interesses.

A Liga Hanseática, fundada em Lübeck em 1230, congregava mais de oitenta cidades do norte da Alemanha. Era um verdadeiro império comercial, pois contava com frotas e exércitos próprios para defender suas rotas comerciais e seus produtos. Os senhores feudais nada podiam fazer contra essas ligas.

Ligas de comerciantes surgiram na França, em Flandres e no norte da Itália.

As cidades do norte da Itália foram particularmente poderosas: durante muito tempo monopolizaram o comércio com o Oriente.

A decadência do papado

As lutas travadas entre o papado e o império tiveram como resultado o desgaste do poder político dos papas. Essa perda de poder era mais um sinal dos novos tempos.

Em 1309, o imperador expulsou o papa legítimo de Roma e nomeou seu substituto. O papado refugiou-se na cidade francesa de Avignon durante

setenta anos.

13

Em 1377, os papas se instalaram novamente em Roma: o mundo cristão tinha A U L A dois Papas.

Novas heresias

O papado de Avignon sofreu duras críticas:

Em 1380, John Wycliff, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, propôs a reforma dos dogmas e dos sacramentos da Igreja e o fim do poder temporal dos papas.

A partir da Universidade de Praga, João Hus atacava o papado e os bispos estrangeiros. Seus ensinamentos provocaram tumultos populares. Em 1415, Hus apresentou-se no Concílio de Constanza, onde foi condenado a morrer na fogueira.

As ordens mendicantes

As ordens mendicantes, ou de pedintes, surgiram contra a decadência dos costumes e da moral da Igreja de Roma.

Em 1216 foi fundada a ordem dos dominicanos, pregadores que não moravam reclusos em mosteiros.

Na mesma época, Francisco de Assis começa a pregar o Evangelho pelo exemplo de uma vida pobre. Os franciscanos multiplicaram-se por toda a Europa cristã.

As ciências e as artes

O humanismo – que colocava o homem, e não Deus, no centro das preocupações dos pensadores – tornou-se a base da filosofia e do ensino universitário no final da Idade Média. Com o passar do tempo, iniciou-se a busca e recuperação de obras originais gregas e romanas e a difusão de mestres eruditos.

À esquerda, João Hus; à direita, representação de sua morte na fogueira.

13

A U L A Ao mesmo tempo, o estudo das ciências naturais ganha impulso na Europa cristã. Até aquele momento, esse patrimônio científico havia sido exclusividade dos árabes.

A nova cultura, que prenuncia o início da Idade Moderna, surge nas cidades do norte da Itália pelas mãos de vários autores. Os principais expoentes do humanismo na literatura foram Petrarca, Boccaccio (Decameron) e Dante Alighieri (Divina Comédia).

A arte gótica

A arte gótica surgiu na França por volta do ano 1200, em contraposição ao estilo românico. Suas construções decoradas com vitrais coloridos contrastavam com a arquitetura românica que dominou quase toda a Idade Média.

A questão dos Estados Nacionais

Com o fracasso das tentativas de unificação europeia empreendidas pela Igreja durante a Idade Média, os Estados europeus tenderam a se centralizar em torno do rei. Este, aos poucos, assume características de um monarca absolutista, originando os Estados modernos da Europa ocidental. Apenas o Sacro Império Germânico e a Itália não trilharam esse caminho, permanecendo fragmentados.

A França e a Inglaterra resolveram o conflito iniciado com a conquista

normanda. No Oriente, o fim do Império Bizantino marca o fim da Idade Média europeia e o início de uma nova época histórica.

França

A França esteve em guerra contra a Inglaterra desde 1066, quando Guilherme, o Conquistador, ocupou o trono inglês. Os normandos da Inglaterra interferiam constantemente na sucessão do trono francês.

A Guerra dos Cem Anos (1337-1453)

Essa guerra entre França e Inglaterra durou, com algumas interrupções, cem anos. No final, os dois países estavam exauridos. O grande vencedor do conflito foi o rei, que se impôs definitivamente sobre os senhores feudais arruinados pela guerra.

Em meados do século XIV, a peste negra matou mais de 30 milhões de pessoas na Europa. Na França, a falta de camponeses para cultivar as terras, o abandono dos campos e a fome somaram-se aos efeitos da longa guerra contra a Inglaterra.

Esse quadro foi agravado pelas sublevações de camponeses, as jacqueries. Os nobres franceses gastaram boa parte de suas energias e recursos na repressão às revoltas camponesas.

Uma vez suprimidas as jacqueries, a nobreza francesa se viu

Batalha da Guerra dos cem anos.

13

envolvida na disputa pela regência da França entre os duques de Borgonha e A U L A Orleans. Aproveitando a divisão interna, Henrique V da Inglaterra atacou.

A divisão entre os nobres franceses continuou até que Joana d'Arc, a guerreira-mártir, iniciou a libertação da França. Joana acabou sendo traída por príncipes invejosos e entregue aos ingleses. Foi queimada como bruxa e herege em 1431. Em 1453, acabava a guerra que arruinou o feudalismo na França e na Inglaterra.

A unificação

Com o fim da guerra contra a Inglaterra, o rei teve a oportunidade de firmar seu poder contra a nobreza. Nesse momento, Luís XI (1461-1483) estabeleceu o absolutismo real.

Inglaterra

A Inglaterra sofreu menos do que a França, pois não foi invadida durante a guerra. Apesar disso, logo após a guerra, enfrentou lutas internas entre duas famílias de príncipes que disputavam o trono: os Lancaster e os York.

A Guerra das Duas Rosas (1455-1485)

O conflito entre as duas famílias tomou esse nome porque ambas tinham uma rosa no brasão de armas. Em pouco tempo, toda a nobreza do reino tomou partido. Durante trinta anos, as facções se eliminaram nos campos de batalha. No final, as duas famílias chegaram a um acordo: Henrique Tudor, pretendente de Lancaster, casou com Isabel de York.

Espanha

As conquistas realizadas por Fernando III reduziram o domínio árabe na península Ibérica ao reino de Granada. No início do século XV, a península era ocupada por três reinos cristãos: Castela, Aragão e Portugal. Os foros, as câmaras municipais, concedidos pelos reis à nobreza como prêmio pelas conquistas realizadas, davam muita autonomia às diferentes regiões da península e às cidades. A nobreza era um obstáculo no caminho da unificação.

A unidade espanhola

Para realizar a unificação espanhola, os reis travaram uma luta de séculos contra a nobreza e os privilégios que eles próprios haviam cedido na reconquista. A unificação foi consumada com o casamento de Fernando de Aragão com Isabel de Castela em 1469.

Nessa ocasião, os reinos conservaram a independência. Mas o herdeiro de Fernando e Isabel seria rei dos dois Estados.

A integridade territorial da Espanha foi obtida com a expulsão dos mouros de Granada, em 1492.

13

AULA O fim do Império Bizantino

Durante a Idade Média européia, a China e a Índia estiveram em paz.

Por volta de 1200, os mongóis, pastores das estepes asiáticas, se unificaram sob a liderança de um chefe supremo – Gênghis Khan, “imperador de todos os homens”. Em menos de vinte anos conquistaram o centro da Ásia, a Pérsia e o Turquestão. Em 1222, penetraram na Rússia e se fixaram às margens do mar Negro.

O neto de Gênghis Khan, Mon Khan, conquistou a China, até então independente, e avançou em direção à Europa. Os mongóis se estabeleceram na Hungria e chegaram até o mar Adriático. Seus sucessores preferiram centrar o império na China e iniciaram uma política de abertura para a Europa: durante o reinado de Kublai Khan, Marco Polo realizou sua viagem à China.

Essa política de boas relações acabou em 1370. O guerreiro turco Tamerlão, que conseguiu apoderar-se do império mongol, decidiu empreender a conquista da Europa.

A queda de Bizâncio

Os otomanos, que haviam sido derrotados pelos mongóis durante sua primeira tentativa de tomar Bizâncio, conseguiram, em 1453, conquistar a cidade. Era o fim do Império Bizantino, o antigo Império Romano do Oriente. Bizâncio, desde então chamada Istambul, foi capital do Império Otomano durante muitos séculos.

Mas, derrotado por tropas cristãs de Espanha, Veneza e de Malta em 1571, o mundo muçulmano entra num período de lenta decadência.

Exercício 1

Que modificações as cruzadas provocaram na Europa?

Exercício 2

Qual o papel da burguesia nesse período?

Exercício 3

Que característica principal os Estados europeus ganharam no final da Idade Média?

Exercício 4

O que representou para a França e a Inglaterra a Guerra dos Cem Anos?

Exercícios

14

AULA

Nos dois últimos séculos da Idade Média,

começaram a despontar os sinais dos novos tempos que revolucionaram a vida da humanidade a partir do século XV. Nesse período, a Europa experimentou

uma série de mudanças: os reinos cristãos se consolidaram e expandiram suas fronteiras internas, o comércio de produtos de luxo e alimentos ganhou impulso.

A mudança das condições políticas, sociais, econômicas e culturais na Europa cristã do século XV definiu uma nova idade histórica: a Idade Moderna.

Vimos que vários fatores contribuíram para enfraquecer o poder dos senhores feudais a partir do século XIII. A centralização e o fortalecimento dos Estados nacionais tiraram uma boa parcela de seu poder.

Durante os últimos dois séculos da Idade Média, a Europa feudal se expandiu. Novas terras foram colonizadas; a população aumentou. Havia uma necessidade real de ampliar a produção de alimentos.

A expansão atlântica foi a segunda expansão européia, por assim dizer.

Do mesmo modo, a expansão comercial do final da Idade Média exigia metais preciosos, sobretudo ouro e prata.

Os “descobrimientos” do fim do século XV e início do século XVI ampliaram o espaço geográfico dos europeus. Povos que se desconheciam mutuamente entraram em contato. O capitalismo comercial aproveitou a expansão ultramarina e trouxe para a Europa novos produtos e oportunidades de investimento.

Os Estados nacionais se fortaleceram ainda mais com a formação de impé-

rios coloniais ultramarinos: o sistema colonial do início dos tempos modernos visava aumentar a arrecadação de impostos da Coroa e enriquecer as monarquias nacionais. A economia mundial capitalista estava prestes a nascer.

Ao mesmo tempo, surgiram uma nova mentalidade e uma nova ética.

A reforma religiosa do início do século XVI ajudou a fixar novos padrões de comportamento, mais afinados com os novos tempos. As cidades tornaram-se os centros da nova cultura que surgiu na Idade Moderna.

14

A U L A

Os tempos modernos e o Renascimento

14

A U L A As mudanças não se deram da noite para o dia. A modernidade não atingiu todos os países da Europa ao mesmo tempo. A maior parte da população dos reinos cristãos europeus ficou à margem das inovações. A Europa continuou sendo uma sociedade essencialmente agrária.

Os novos tempos trouxeram a intolerância e a perseguição dos defensores das novas doutrinas religiosas e filosóficas, e a degradação das populações submetidas pelo poder militar europeu, sobretudo as africanas e as

americanas.

Nossa história está intimamente vinculada aos acontecimentos que marcaram o início dos tempos modernos. Muitas contradições que vivemos atualmente são fruto desse momento histórico.

A nova cultura: o Renascimento

O Renascimento marcou o início de um processo de renovação cultural que se desenvolveu durante os séculos XV e XVI. Sábios e estudiosos procuravam reviver os valores da Antiguidade, somados a outros conhecimentos adquiridos durante a Idade Média. Como resultado desse processo, surgiu uma corrente científica e cultural que revolucionou a vida da humanidade.

A renovação cultural

As universidades, que nasceram durante a Idade Média, criaram o desejo de expandir os conhecimentos dos europeus. Os estudiosos do fim da Idade Média começaram a se mostrar insatisfeitos. Antes, a teologia – isto é, o estudo das coisas religiosas – era o ponto de partida de todo o conhecimento: estudava-se apenas a relação do homem com seu criador.

A partir do Renascimento, os pensadores começaram a estudar o próprio homem como um ser racional e superior às demais criaturas. Essa nova concepção do ser humano foi chamada de humanismo.

O humanismo

O humanismo voltou-se para o estudo da Antiguidade e das civilizações grega e romana, em busca do modelo de humanidade perfeita.

Os grandes mestres da Antiguidade eram conhecidos nas universidades medievais por meio de traduções imperfeitas e fragmentadas. Os humanistas procuraram estudar as obras clássicas utilizando seus manuscritos originais. A busca de cópias originais dos mestres foi uma das principais preocupações da época. Bibliotecas e arquivos foram transferidos do Império Bizantino para a Europa, para evitar que fossem destruídos pelos turcos otomanos. Formaram-se assim as bibliotecas modernas.

A nova cultura humanista foi patrocinada por príncipes e comerciantes enobrecidos que enriqueceram com a expansão comercial do final da Idade Média. Os ricos mecenas, como eram chamados os patrocinadores do novo conhecimento, contribuíam com seu dinheiro para o desenvolvimento e a difusão da arte renascentista. Eles financiavam e protegiam os sábios e artistas.

No Renascimento,
o corpo humano
voltou a ser
valorizado.

14

O humanismo italiano A U L A

A península Itálica foi o berço do humanismo. O contato mais direto com a Antiguidade romana e a chegada de sábios gregos, que fugiram da ocupação turca em Constantinopla, favoreceram o desenvolvimento da cultura humanista no final da Idade Média.

Os humanistas escreveram suas obras nas línguas nacionais, ou vulgares, aquelas faladas pelo povo.

Os principais representantes do humanismo italiano foram:

- Dante Alighieri, autor da Divina Comédia, escrita por volta de 1300;
- Petrarca, considerado o poeta “nacional” da Itália;
- Boccaccio, autor do Decameron, reunião de contos populares;
- Maquiavel, autor de O Príncipe, traçou um retrato da vida política do Renascimento.

A expansão do humanismo

O movimento humanista se expandiu por toda a Europa.

Tomás Morus (autor da Utopia) e o dramaturgo e poeta William Shakespeare foram os principais representantes do humanismo inglês.

Luís de Camões immortalizou a viagem de Vasco da Gama às Índias em Os Lusíadas, principal obra do humanismo português.

Erasmus de Roterdã, autor do Elogio da Loucura, realizou uma impiedosa sátira à sociedade e à Igreja da época, a partir da Holanda.

Rabelais, autor de Gargântua e Pantagruel, e Montaigne, com seus Ensaaios sobre educação, foram os principais autores do humanismo francês.

O agudo espírito crítico dos humanistas abalou a Igreja. A leitura de autores gregos e romanos e o espírito crítico dos humanistas contra a autoridade da Igreja semearam o descontentamento e a dúvida, preparando o terreno para a rebeldia religiosa do século XVI.

A renovação artística

Em pouco tempo, os ideais humanistas foram assimilados pelos artistas. A admiração do passado greco-romano criou uma arte diferente da medieval. Na Itália e, a seguir, no resto da Europa, apareceram artistas que se inspiraram nas obras gregas e romanas. Com eles, a arte perdeu o caráter piedoso: voltaram os temas da mitologia pagã.

O uso do nu, que está associado ao estudo científico do corpo humano, e o aperfeiçoamento da perspectiva, que permitia retratar a figura dando a impressão de profundidade, foram as principais inovações do movimento renascentista.

Reprodução da
capa de um livro de
Shakespeare.
Estudo do
corpo humano,
de autoria de
Leonardo da Vinci.

14

A U L A Itália: o berço do Renascimento

Na península Itálica, os mecenas deram impulso decisivo ao Renascimento.

Na cidade de Florença, a família Médici contribuiu para a construção de inúmeras obras renascentistas. Os papas Júlio II e Leão X transformaram Roma na capital da arte renascentista.

O florentino Leonardo da Vinci é considerado a máxima expressão do Renascimento. Mecânico notável, arquiteto, anatomista, escultor, escritor e pintor de obras clássicas, representou o ideal do homem renascentista: a livre busca do conhecimento.

Além de pintar, Leonardo projetou a praça de São Marcos para a cidade de Veneza. Estudou novas técnicas de combate e projetou a catedral e o sistema de esgotos da cidade de Milão. Como escultor, como geômetra e como projetista militar, elaborou muitas técnicas com base na perspectiva linear ou matemática, ou seja, utilizando a projeção dos objetos e do espaço em escala matemática.

“O homem é o modelo do mundo”, dizia Leonardo. Intelectual autônomo, Leonardo não limitou sua inteligência a uma só arte, nem muito menos a um único senhor: trabalhou em Veneza e na França. Segundo ele, “a experiência é a mestra das coisas”.

O Renascimento na Europa

O Renascimento se espalhou por outros países da Europa, assumindo características específicas.

A Espanha, dona de metade da península Itálica, assimilou rapidamente o movimento renascentista. Seus principais expoentes foram os pintores Velásquez e El Greco.

No Sacro Império Germânico, Dürer foi o pintor de Carlos V.

Nos Países Baixos, destacaram-se as pinturas dos irmãos Van Eyck e de Rembrandt, Van Dick e Rubens.

A renovação científica

A crítica às rígidas concepções de mundo baseadas na ordem religiosa e sobrenatural foi responsável pela renovação científica do Renascimento.

A moderna ciência da natureza, baseada na experiência, revolucionou o conhecimento científico humano.

Na física, os maiores avanços deram-se no campo da ótica, com o estudo das lentes. Os primeiros óculos, telescópio e microscópio surgiram durante o Renascimento. Copérnico formulou sua teoria sobre a esfericidade da Terra e várias leis sobre o Sistema Solar.

Galileu Galilei (1564-1642) definia o cientista como o homem que devia sempre comprovar na prática as suas idéias. Formulou a teoria da rotatividade da Terra e de sua órbita em volta do Sol. Por isso, foi perseguido pela Inquisição Católica.

Nessa época, três inventos revolucionaram a vida humana:

• a pólvora foi introduzida na Europa pelos árabes, no final da Idade Média, e aplicada na guerra, abalando o poder dos cavaleiros armados da Idade Média;

• A Mona Lisa,
pintura de
Leonardo da Vinci.

14

• a imprensa também era conhecida no Oriente. Em 1450, Gutenberg criou a U L A a imprensa de caracteres móveis de metal, barateando o custo das edições e popularizando a leitura;

• a bússola, já utilizada pelos árabes, foi essencial para a realização das grandes navegações dos tempos modernos.

A renovação econômica

Ao mesmo tempo em que acontecia o Renascimento artístico e cultural, a Europa presenciou um vertiginoso desenvolvimento econômico, impulsionado pela atividade artesanal e manufatureira têxtil. Esse desenvolvimento foi sentido de forma mais acentuada nos Países Baixos e na Inglaterra.

A mineração se beneficiou dos inventos mecânicos. Os primeiros altos-fornos foram instalados em diversos locais da Europa.

A expansão comercial beneficiou as cidades italianas e a Liga Hanseática. A descoberta de minas de ouro e de prata na Europa central e na América foi decisiva para o desenvolvimento comercial dos séculos seguintes.

A presença de mais moeda circulante e a acumulação dos lucros do grande comércio geraram o capitalismo comercial. Surgiram grandes bancos, que financiavam as monarquias absolutistas da Europa.

A renovação social

As mudanças do início da Idade Moderna geraram novas formas de vida e novas desigualdades na sociedade européia. A burguesia enriqueceu, mas a maior parte da população européia continuava morando no campo. A principal fonte de riqueza ainda eram os frutos da terra.

A principal consequência da expansão comercial foi a alta dos preços provocada pelo afluxo de metais preciosos, sobretudo do Novo Mundo. Essa alta dos preços prejudicou os mais pobres, que freqüentemente se rebelaram contra a miséria e a fome.

Exercício 1

Quais as principais características do início dos tempos modernos?

Exercício 2

O que era o humanismo?

Exercício 3

Em que pontos a arte renascentista se distinguiu da medieval?

Exercício 4

Que inventos trazidos do Oriente revolucionaram a vida dos europeus no início dos tempos modernos?

Exercícios

Gravura que mostra a primeira prensa manual para a publicação de livros.

15

A U L A

15

A U L A

No início dos tempos modernos, os europeus

se lançaram à exploração de terras e mares até então desconhecidos para eles. Nessa aventura, entraram em contato com outras culturas e civilizações. Tomaram suas terras pela força e realizaram a façanha, até então inédita, de conhecer nosso planeta, seus mares e continentes.

Aos poucos, a Europa tornou-se o centro da nascente economia mundial.

A expansão ultramarina européia do início do século XV marcou o início da dominação do mundo pelos europeus.

Os povos da África e da América foram os primeiros a ser submetidos pelos europeus e suas armas de fogo. Em nome do comércio e do lucro, populações de africanos foram escravizadas e milhões de habitantes americanos foram dizimados nas minas e plantações.

Isso está na origem da riqueza que podemos ver em diversos países e regiões, assim como na pobreza que atinge, até hoje, a grande maioria dos povos e países dominados.

Os descobrimentos geográficos

15

O descobrimento da Terra A U L A

Durante a Idade Média, acreditava-se que a Terra era plana e que existiam mares ferventes, habitados por serpentes e dragões gigantescos.

No início da Idade Moderna, os europeus começaram a procurar uma rota que os levasse diretamente ao Oriente. Dessa forma, seus comerciantes procuravam evitar os intermediários árabes e turcos que encareciam o preço dos produtos do Oriente.

Os portugueses foram os primeiros europeus a se aventurar rumo ao desconhecido em busca da rota que os levaria ao Oriente.

O caminho das Índias

Durante a Idade Média, circulavam na Europa os relatos que falavam das riquezas do Oriente. Lá havia ouro, prata e especiarias muito apreciadas na Europa (cravo, canela, noz-moscada, pimenta). Nessa época, os produtos do Oriente faziam uma longa viagem até chegar aos consumidores europeus.

Com a queda de Constantinopla em mãos dos turcos otomanos, os preços aumentaram, forçando os europeus a encontrar um caminho alternativo para o Oriente.

Os descobrimentos portugueses

A expansão marítima portuguesa começou com a conquista de Ceuta, no norte da África, em 1415. Quatro anos depois, em 1419, o infante d. Henrique de Avis fundou a Escola de Sagres, o primeiro centro de pesquisas marítimas e cartográficas do mundo. A expansão marítima portuguesa estimulou a expansão da oferta de alimentos e de moeda circulante na Europa.

Durante todo o século XV, os navegadores portugueses desvendaram a costa da África ocidental e dominaram a tecnologia da navegação oceânica, guiando-se pelas estrelas.

Na década de 1470, Portugal consolidou uma área econômica coesa, fora de seu domínio europeu. Importava marfim, pimenta-malagueta, ouro e escravos da costa africana. As ilhas atlânticas forneciam açúcar, cereais, vinhos e corantes para a indústria têxtil. Portugal reexportava os produtos africanos, por Flandres, para o resto da Europa.

Em 1487, Bartolomeu Dias contornou o cabo das Tormentas, rebatizado de cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente africano.

Mas, em 1492, os espanhóis surpreenderam a todos.

Os descobrimentos espanhóis

A Espanha tornou-se dona de um imenso império ultramarino graças à ousadia e à perseverança de Cristóvão Colombo.

Nascido em Gênova por volta de 1450, Colombo se estabeleceu em Portugal, onde entrou em contato com a cartografia e os navegadores portugueses. A partir de então, acreditou que seria possível chegar até as Índias navegando rumo ao poente.

Depois de apresentar seu plano a várias cortes, recebeu o apoio de Isabel de Castela, que o nomeou “vice-rei de todas as terras que descobrisse” – o que, obviamente, foi muito animador para Colombo.

O infante
d. Henrique.

15

A U L A Em agosto de 1492, o navegador zarpu do porto de Palos, no sul da Espanha, com três caravelas. Em 12 de outubro de 1492, depois de vários meses navegando rumo ao desconhecido, Colombo acreditou ter chegado às Índias.

Colombo realizou mais três viagens: em 1493, 1498 e 1502. Na última, atingiu as costas da Colômbia e da Venezuela. Morreu em Valladolid em 1506, crente que havia descoberto um novo caminho para o Oriente.

O Tratado de Tordesilhas

Depois da primeira viagem de Colombo, Portugal ameaçou enviar uma frota naval às terras alcançadas pelo genovês. A Espanha propôs então que os dois reinos discutissem um acordo sobre as terras a descobrir. O papa Alexandre I, árbitro dessa disputa, fixou o limite das conquistas de Portugal e Espanha nas novas terras no Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. Por esse tratado, Portugal obteve vantagens territoriais no continente americano.

O “descobrimento” do Brasil

O principal objetivo de Portugal, entretanto, era atingir a Índia contornando o continente africano.

Em 1498, Vasco da Gama chegou à Índia, inaugurando aquela que foi a rota mais lucrativa do comércio português do século XVI: a carreira das Índias.

No ano de 1500, a armada de Pedro Álvares Cabral, que partira de Portugal rumo à Índia, avistou a terra de Santa Cruz, o primeiro nome dado ao Brasil.

Quando avistaram nossas terras em 1500, os portugueses não confundiram o continente americano com as Índias, como fizera Colombo. Imaginavam tratar-se da ilha Brasil que figurava nos mapas herdados da Idade Média.

Há indícios de que os portugueses estiveram no Brasil em 1498, numa expedição da qual participou Duarte Pacheco Pereira, enviado à negociação de Tordesilhas e figura máxima do Renascimento português. A rígida política de sigilo da Coroa portuguesa quanto aos territórios alcançados dificulta, porém, a comprovação da existência dessa expedição.

América, um novo continente

Outras expedições deixaram claro que as terras alcançadas por Colombo formavam outro continente, até então desconhecido pelos europeus. Américo Vespúcio, navegador florentino que realizou várias viagens às terras descobertas por Colombo, foi o primeiro a concluir que se tratava de um “novo mundo”. A partir de então, os mapas das novas terras receberam o nome de Terra de América.

Em 1513, o explorador Balboa avistou o oceano Pacífico.

15

A rota das especiarias A U L A

Quando os espanhóis perceberam que as terras descobertas por Colombo não eram as Índias, começam a procurar a passagem entre os dois oceanos.

Em 1519, Fernão de Magalhães, navegador português a serviço da Espanha, inicia a circunavegação da Terra. Magalhães encontrou a passagem para o oceano Pacífico, mas, ao chegar ao arquipélago das Filipinas, foi morto pelos nativos. Sebastião El Cano prosseguiu a expedição, chegando à Espanha em 1522.

Os impérios coloniais

A Espanha iniciou a ocupação e colonização das novas terras imediatamente. Mandou para a América exércitos de “conquistadores” e colonos para garantir a posse dos novos territórios.

Os territórios americanos não eram desabitados: os espanhóis encontraram impérios populosos com alto grau de organização social, política, cultural e econômica.

Apesar disso, os impérios inca e asteca foram dominados rapidamente. Os espanhóis contavam com armas de fogo e espadas de ferro, ainda desconhecidas entre os nativos americanos.

A partir de então, formam-se os impérios coloniais da Espanha e de Portugal.

O império colonial português

Os portugueses concentraram seus esforços colonizadores no Oriente.

Em 1505, o primeiro vice-rei Francisco de Almeida chegou à Índia e impôs o domínio português em todo o oceano Índico, estabelecendo uma série de feitorias, ou entrepostos comerciais.

Afonso de Albuquerque, segundo vice-rei da Índia, organizou o império português no Oriente. Conquistou Goa, onde estabeleceu a capital, e estendeu o domínio português do golfo da Pérsia até a Malásia, e também no mar Vermelho.

15

A U L A Em 1520, navios portugueses chegaram à China. O imperador chinês cedeu a ilha de Macau como entreposto comercial.

O domínio português no Oriente durou aproximadamente um século.

Durante esse período, Lisboa tornou-se a cidade mais rica da Europa e o mercado de escravos mais ativo do mundo.

Na América, os portugueses tiveram de optar pela colonização. As novas terras “descobertas” eram ricas em pau-brasil, uma madeira da qual se tirava tinta para tingir tecidos. A extração do pau-brasil tornou-se a principal atividade econômica.

Para proteger esse patrimônio contra o assédio dos piratas franceses e ingleses, Portugal precisou organizar um sistema de defesa. As alianças com as tribos nativas tiveram um papel fundamental no estabelecimento de feitorias na costa brasileira. Foi a primeira intervenção européia nos assuntos dos nativos. Os europeus passaram então a participar das guerras tribais, muitas vezes aproveitando-se da situação em benefício próprio.

Em 1516 foi instituída uma armada para correr a costa e proteger as plantações, engenhos, vilas e portos de carregaç o do pau-brasil. Organizava-se o embrião do império português de ultramar.

O a u ar e a coloniza o do Brasil

A partir de 1530, para evitar que ingleses e franceses estabelecessem feitorias na costa, os portugueses optaram pela coloniza o. Além disso, a presença de estrangeiros no Brasil poderia, eventualmente, representar uma s ria ameaça   carreira das  ndias, visto que as rotas para o Oriente se tornariam extremamente vulneráveis.

Em 1534, a Coroa portuguesa instituiu o sistema de Capit nias Hereditárias para promover a coloniza o do Brasil.

A partir de meados do século XVI, iniciou-se no Brasil uma fase que muitos historiadores chamaram de ciclo do a u ar. Em realidade, o cultivo da cana-de-a u ar foi a principal base material que propiciou o estabelecimento do europeu nos trópicos.

A expansão da agroindústria do a u ar para o Brasil foi responsável pelo desenvolvimento do comércio de escravos africanos em grande escala. O tr fico de escravos africanos tornou-se um dos setores mais rentáveis do comércio colonial.

O império espanhol

Os espanhóis submeteram os habitantes americanos em aproximadamente cinquenta anos. A colonização espanhola significou o “cobrimento” das civilizações pré-colombianas existentes na América. A destruição dos impérios inca e asteca foi provocada pela primeira corrida aos metais preciosos da época moderna.

Em 1521, Hernán Cortés destruiu o império asteca.

Sobre as ruínas de Tenochtitlán, construiu a Cidade do México, capital do vice-reinado de Nova Espanha.

Em 1535, Francisco Pizarro submeteu o império inca e fundou a cidade de Lima, capital do vice-reinado do Peru.

Desenho sobre a conquista espanhola no México.

15

A U L A

Exercícios

Em pouco tempo, os espanhóis mandaram para a América funcionários administrativos e governadores. As cidades fundadas pelos espanhóis contavam com um cabildo, ou conselho de vizinhos, que as governava junto com as autoridades enviadas pela metrópole.

A Igreja teve um papel muito importante na colonização espanhola. Seus membros pretendiam cristianizar as populações americanas.

A América e a Europa

As conseqüências do contato entre europeus e americanos se fizeram sentir em pouco tempo, e afetaram todos os aspectos da vida dos habitantes dos dois continentes.

O espaço conhecido pela humanidade se expandiu com o conhecimento do mundo e de outras civilizações. Novos alimentos e produtos, tais como batata, milho, tomate, tabaco, cacau e outros foram incorporados à dieta dos europeus.

No plano político, o afluxo dos metais preciosos americanos fortaleceu a Espanha, que se tornou a mais poderosa nação européia. As monarquias absolutistas da Europa se fortaleceram com o comércio.

No plano econômico, o afluxo das riquezas americanas estimulou o comércio.

O eixo comercial da Europa se deslocou do Mediterrâneo para o Atlântico Norte. Veneza, Gênova, Constantinopla e Alexandria foram substituídas por Lisboa, Cádiz, Londres e Amsterdã.

No plano social, a nobreza européia entrou em processo de decadência.

Os comerciantes e industriais enriqueceram. Na América, os novos súditos espanhóis e portugueses foram dizimados pelo exaustivo trabalho nas minas e lavouras coloniais.

O afluxo da prata e do ouro americanos provocou a alta dos preços, prejudicando a maioria dos habitantes da Europa. Durante todo o século XVI, houve várias revoltas sociais, inspiradas em motivos religiosos, mas que tinham como principal causa as desigualdades promovidas pelo repentino afluxo das riquezas americanas.

Exercício 1

Quais as principais conseqüências da expansão ultramarina do século XV?

Exercício 2

Por que Portugal só "descobriu" o Brasil em 1500?

Exercício 3

Quais foram as conseqüências da colonização espanhola da América?

16

AULA

16

AULA

Durante a Idade Média, a maior parte da

Europa estava dividida em feudos, pequenos núcleos econômicos auto-suficientes governados pelos senhores feudais. Apesar disso, o cristianismo dava unidade à civilização feudal européia, pois, apesar das diferenças regionais, todos acreditavam nos mesmos princípios religiosos e reconheciam a autoridade divina do papa. Dessa forma, por meio de sua complexa hierarquia, a Igreja de Roma controlava o mundo cristão europeu.

No início da Idade Moderna, o vínculo religioso que unia toda a Europa se rompeu de forma violenta. A partir de então, católicos e protestantes lutaram durante vários séculos. As guerras de religião varreram toda a Europa, fazendo inúmeras vítimas e motivando perseguições de lado a lado. Mais uma vez, as monarquias nacionais se fortaleceram, pois a reforma religiosa permitiu, em muitos casos, a criação de Igrejas nacionais.

A inquietação das almas

Os novos valores cultivados pelo Renascimento não esconderam o profundo descontentamento com as desigualdades sociais. A Igreja de Roma vinha perdendo prestígio desde o final da Idade Média. O papado perdeu credibilidade

A revolução religiosa

16

com o cisma do Ocidente, a transferência para Avignon e a influência AULA da monarquia francesa. Nesse contexto, surgiram personagens que atacaram a autoridade religiosa. Eram os chamados hereges.

John Wycliff, da Universidade de Oxford, e João Hus, professor em Praga, lançaram seus ataques contra o governo da Igreja, o ensino eclesiástico e os dogmas.

O espírito crítico dos humanistas preparou as mentes para a rebelião.

A população, exposta ao materialismo e ao renascimento dos costumes pagãos, via com desprezo o enriquecimento da Igreja e ansiava por uma melhor distribuição da riqueza.

A disputa entre os príncipes absolutistas e o papado debilitou a Igreja.

A crise da Igreja

Nesse período, a Igreja de Roma vivia uma grave crise interna. Os papas se preocupavam mais com as questões administrativas do que com a fé. Eles eram acusados de nepotismo e corrupção, ou seja, de empregar parentes e de tirar dinheiro do povo para financiar obras de arte e campanhas militares. A vida mundana do alto clero em nada contribuía para modificar essa imagem.

O cisma protestante

O Sacro Império Romano-Germânico era o lugar onde mais se fazia sentir a

oposição à hierarquia da Igreja. Lá, o sentimento anti-romano tinha raízes profundas, devido às lutas entre o papado e o império. Esse quadro foi agravado pelos pesados impostos exigidos pelo papa e pela riqueza da Igreja – dizia-se que ela possuía um terço das terras do império.

O humanismo se espalhou rapidamente, formulando críticas à Igreja e exigindo reformas radicais. Esse estado de espírito preparou o terreno para as teses de Martinho Lutero.

Martinho Lutero

Lutero nasceu na Saxônia em 1483. Estudou teologia na Universidade de Frankfurt e tornou-se monge. Viajou para Roma e ficou mal-impressionado com a riqueza da Santa Sé. Retornou para a Alemanha e tornou-se professor, adquirindo fama como orador. Lá, expôs a tese de que a fé, baseada nas Sagradas Escrituras e sem intervenção da Igreja, é a única salvação. Sua teoria chocava-se frontalmente com a tradicional doutrina cristã.

A rebelião

Em 1517, o papa Leão X pediu um tributo extraordinário para auxiliar na construção da igreja de São Pedro. Nessa ocasião, ele propôs a troca das penitências dos pecados cometidos por pagamentos chamados indulgências.

Ficava claro, assim, o seu caráter comercial. Na Alemanha, o bancos podiam

Martinho Lutero

16

A U L A cobrar a esmola correspondente ao perdão pelos pecados. Vários clérigos criticaram a atitude do papado.

Entre eles estava Lutero, que divulgou 95 proposições que atacavam a Igreja e o seu direito de impor penas materiais para perdoar os pecados. Muitos intelectuais aderiram às proposições de Lutero. A nobreza e o povo também aderiram, seguindo-se desordens e discussões.

Em 1520, o papa pede que Lutero se retrate. Lutero queima o comunicado do papa em praça pública e proclama que a única autoridade são as Sagradas Escrituras. Sua separação da Igreja é definitiva.

Em 1521, condenado pela Igreja, Lutero escondeu-se no castelo do duque de Saxônia. Lá, traduziu a Bíblia para o alemão moderno.

A doutrina da Reforma

Os ensinamentos de Lutero se baseiam em dois grandes princípios: a Bíblia é a única fonte de verdade religiosa; só a fé salva o indivíduo.

Além disso, a reforma de Lutero reduziu os sacramentos: restaram apenas o batismo, a penitência sem confissão e a eucaristia. As missas passaram a ser rezadas na língua local e não mais em latim. Lutero também decretou o fim da veneração dos santos e da Virgem Maria. Em seu lugar, propôs a meditação e a leitura das Sagradas Escrituras, que podiam ser livremente interpretadas.

Com o fim da hierarquia eclesiástica, os sacerdotes tornam-se iguais aos demais fiéis, restando-lhes o papel de simples guias. Segundo Lutero, a Igreja devia renunciar a todos os bens materiais; os bens existentes seriam repartidos.

As “secularizações”: as guerras de camponeses

Na Alemanha, a reforma proposta por Lutero teve sucesso imediato.

A nobreza empobrecida aproveitou a oportunidade para se apossar dos bens da Igreja. Vários membros do alto clero ficaram com as propriedades das quais cuidavam em nome da Igreja. Em 1525, Alberto de Brandemburgo secularizou as terras de sua ordem e formou o ducado da Prússia.

O povo também se inspirou nessas idéias. Em 1525, eclodiu uma revolta de camponeses na Baviera contra o poder da Igreja e dos senhores feudais, liderada por Tomás Münzer, dissidente de Lutero. O movimento foi reprimido, contando

com a intervenção de Lutero contra os rebelados. Mais de 100 mil camponeses foram massacrados.

Em 1529, Carlos V proclamou leis tolerando a nova religião apenas nos Estados que já a haviam adotado. Os reformados protestaram. Daí serem conhecidos como protestantes.

A guerra civil

Em 1530, os protestantes foram convidados a expor suas idéias na Dieta de Augsburgo. Nessa ocasião, Carlos V resolveu sufocar a rebelião com a utilização de armas. A guerra civil entre protestantes e católicos se estendeu durante vinte anos.

Em 1555, na Paz de Augsburgo, os protestantes obtiveram a liberdade de culto. Cada príncipe passou a ter o direito de determinar a religião de seus súditos, rompendo definitivamente a unidade da Igreja de Roma.

Capa da primeira

Bíblia escrita em alemão.

16

A expansão protestante A U L A

A inquietação religiosa não se limitou exclusivamente ao Sacro Império.

Em pouco tempo, o movimento reformista alemão se estendeu por toda a Europa, menos na Espanha e na península Itálica. Quando Lutero morreu, em 1546, suas idéias haviam sido amplamente difundidas.

No início do século XVI, o reino da Dinamarca se desmembrou. Em pouco tempo, a reforma foi adotada na Suécia e na Noruega.

Na Suíça, a reforma foi comandada pelo clérigo Zuínglio, que conduziu o país à guerra civil. Ele morreu em 1531, mas seu movimento se alastrou pelo país.

França

A monarquia francesa procurou deter as idéias reformistas, mas um pregador alterou essa situação. João Calvino, estudante da Universidade de Paris, aderiu à Reforma. Perseguido, refugiou-se em Genebra. Lá, adaptou a Reforma de Lutero, dando especial importância à questão da predestinação, condicionada à vida virtuosa, ou seja, à pureza dos costumes e à conduta severa dos fiéis.

Suprimiu as imagens e aboliu a cruz.

Calvino governou a cidade de Genebra, impondo uma ditadura dos costumes: regulamentou as festas, as reuniões e a moda. Os castigos eram severos e os transgressores podiam ser punidos com a pena de morte. Do seminário calvinista partiram milhares de pregadores que levaram sua mensagem pela Europa.

Inglaterra

Na Inglaterra, o fator político foi determinante para a Reforma. O rei Henrique VIII havia se proclamado contra Lutero. Mas, em 1527, o rei solicitou um divórcio ao papa, que foi negado. Henrique se divorciou com a aprovação de juízes e o papa o excomungou. Em 1534, o Parlamento inglês aprovou o Ato da Supremacia: o rei tornava-se chefe da Igreja e dono de seus bens.

A partir desse momento, Henrique iniciou a perseguição a todos aqueles que não o reconheceram como chefe da Igreja. Mais de 10 mil vítimas, entre católicos e protestantes, morreram nessas perseguições. Quando Henrique VIII morreu, em 1547, o país aderiu à Reforma.

Durante o reinado de Eduardo VI, o calvinismo penetrou na Inglaterra. A partir de 1554, durante o reinado de

Maria Tudor, o catolicismo voltou a ser a religião oficial.

Em 1558, assumiu o trono Isabel I (ou Elizabeth I).

Ela organizou a Igreja Anglicana, combinando princípios

calvinistas com o cerimonial e a organização da Igreja Católica. Quando a rainha morreu, em 1603, a Reforma estava firmemente estabelecida na Inglaterra.

Conseqüências: a Europa reformada

Depois da Paz de Augsburg, a Europa assistiu a um século de guerras de religião. Essas guerras foram lutas políticas que tinham como base a questão religiosa.

Execução de católicos ingleses.

16

AULA A Reforma católica

Uma vez consumada a rebeldia protestante, a Igreja Católica encarou a tarefa de realizar a sua reforma, que muitos denominam Contra-Reforma.

Paulo III convocou, em 1545, o Concílio de Trento, que se estendeu por dezoito anos. O concílio condenou os princípios protestantes. A Bíblia, interpretada pela Igreja, continuava sendo a fonte da verdade cristã. O papa reorganizou o Colégio de Cardeais e a administração da Igreja, e estabeleceu o Tribunal do Santo Ofício para velar pela pureza da fé e perseguir os não-católicos.

A Inquisição romana, encarregada de julgar os hereges, instituiu os primeiros tribunais da Inquisição na América espanhola em 1570.

Paulo IV tomou medidas para velar pela disciplina do clero e dos fiéis.

Estendeu o poder e as atividades da Inquisição. Publicou, em 1559, o primeiro Índice, catálogo contendo as leituras proibidas aos católicos.

Pio IV regulamentou o cumprimento das disposições do Concílio de Trento e a organização de seminários, visando melhorar a formação do clero católico.

A reconquista católica

A Contra-Reforma católica se deu a partir das resoluções do Concílio de Trento. A vida dos católicos mudou devido à atuação das congregações religiosas. As que existiam foram reformadas. Ao mesmo tempo, apareceram novas ordens religiosas – entre elas, a Companhia de Jesus, principal agente da Igreja na luta contra as heresias.

Os jesuítas

Inácio de Loyola tomou parte no exército de Carlos V contra Francisco I, da França. Ferido em 1520, decidiu dedicar sua vida à “glória maior de Deus”.

Deixou o exército e se retirou para meditar num convento.

Em 1534 foi ordenado sacerdote em Paris e fundou a Sagrada Companhia de Jesus. Em 1540, o papa aprovou a formação da Companhia de Jesus.

Adotando a hierarquia militar, os jesuítas eram “soldados do catolicismo”.

Assumiram várias tarefas para divulgar a fé católica: dirigiram missões, fundaram colégios e paróquias.

Na América, os jesuítas organizam as reduções do Paraguai: eram 33 povoados com milhares de indígenas que trabalhavam em sistema de comunidade.

Os jesuítas foram responsáveis pela introdução da imprensa na América.

Eles realizaram a colonização de vastos territórios americanos sem a intervenção dos governos metropolitanos.

Exercício 1

Quais foram os antecedentes da Reforma religiosa?

Exercício 2

O que provocou o massacre de camponeses na Baviera em 1524?

Exercício 3

Quais foram os resultados da Contra-Reforma católica?

Exercícios

17

AULA

Portugal e Espanha foram os primeiros paí-

ses europeus a formar impérios coloniais ultramarinos. Por esse motivo, e por causa das riquezas que vinham de suas colônias, tornaram-se os países mais poderosos da Europa durante o século XVI.

Apesar disso, a Espanha gastou a maior parte dessas riquezas em guerras para consolidar a hegemonia de seus governantes na Europa e defender a fé católica. A intolerância religiosa trouxe prejuízos imensos para a economia ibérica: a expulsão dos mouros, judeus e protestantes, e a independência dos Países Baixos do Norte – a principal praça comercial da Europa – significaram a perda de capitais, trabalhadores e artesãos qualificados.

Em pouco tempo, Espanha e Portugal tornaram-se cada vez mais dependentes das nascentes potências industriais do norte da Europa.

A supremacia espanhola

Os reis católicos Fernando e Isabel fortaleceram a monarquia, realizaram a unidade e transformaram a Espanha em uma potência colonial. O império herdado por Carlos V de Habsburgo era aquele “onde o sol jamais se punha”. Em 1519, Carlos de Habsburgo herdou as posses de seu avô Maximiliano, tornando-se Carlos V, imperador do Sacro Império Germânico. Mas Carlos V não era espanhol e nem sequer falava a língua espanhola. Por causa disso, enfrentou a resistência de movimentos populares que se negavam a pagar os impostos instituídos pela sua corte. Além disso, os verdadeiros interesses de Carlos V estavam na Europa: o império colonial espanhol era apenas um meio que o ajudava a financiar sua política de guerras na Europa.

As guerras entre Espanha e França

Durante a maior parte do século XVI, a Espanha e a França estiveram em guerra por causa de pretensões em torno do ducado de Milão e do reino de Nápoles, na península Itálica, além de territórios na Borgonha. Carlos V empreendeu cinco guerras contra a França.

O predomínio ibérico

17

AULA

17

AULA

Além da França, Carlos V teve de enfrentar os protestantes e os turcos, que sitiaram a capital de seu império, Viena, duas vezes. Em 1555, entregou a coroa dos Países Baixos a seu filho, Filipe. Este, no ano seguinte, recebeu a coroa da Espanha e as posses italianas. A coroa do Sacro Império ficou com seu irmão, Fernando.

Filipe II

Para Filipe II, a unidade política de seu reino era uma extensão da unidade religiosa. Para garantir essa unidade, a Inquisição exerceu intensa atividade, fazendo cumprir os primeiros autos-de-fé, ou seja, atos públicos nos quais se

executavam as penas determinadas pelo tribunal. A intransigência religiosa ditou a política externa de Filipe II, que interveio em todos os lugares onde a fé católica se viu ameaçada.

Filipe II perseguiu protestantes e eliminou qualquer vestígio das idéias reformistas na península Ibérica. Reprimiu uma rebelião dos mouros, descendentes dos árabes que haviam sido batizados. Anos depois, estes foram expulsos da Espanha, prejudicando seriamente a economia espanhola, pois muitos deles eram ativos comerciantes e agricultores.

O reinado de Filipe II, de mais de quarenta anos, marcou o ápice do poder espanhol. Apesar disso, o monarca teve de enfrentar as nascentes potências marítimas do Atlântico Norte: a Holanda e a Inglaterra.

A independência dos Países Baixos do norte

No norte da Europa, a situação tomou um rumo diferente. Impelidas por diferenças religiosas, as prósperas cidades protestantes dos Países Baixos se rebelaram contra a Coroa espanhola em 1568. Em 1572, os Países Baixos decretaram total tolerância religiosa, atraindo hereges marginalizados de outros países.

17

Portugal foi a grande vítima: quando os holandeses iniciaram a Guerra dos Oitenta Anos pela independência contra a Espanha, seus ataques mais pesados e mais persistentes se dirigiram contra as possessões coloniais portuguesas, mais do que contra as espanholas.

A partir do início das guerras contra a Espanha, os Países Baixos do norte acolheram imigrantes que escapavam das perseguições religiosas nos Países Baixos do sul (Flandres) e em outros pontos da Europa, inclusive Espanha e Portugal. Eram judeus e protestantes, a maior parte deles artesãos, comerciantes e capitalistas.

Em pouco tempo, as ruas comerciais de Antuérpia, outrora as mais movimentadas da Europa, tornaram-se sombrias e silenciosas. A política brutal do duque de Alba, enviado por Filipe II para reprimir os rebeldes, permitiu que a Espanha preservasse uma parte de seus domínios flamengos, embora sem sua principal riqueza em recursos humanos e capital. As Províncias Unidas formavam uma associação de sete Estados minúsculos e densamente povoados. Viviam de uma agricultura altamente especializada e do acabamento de produtos manufaturados produzidos por outros países, como Inglaterra, França e Alemanha.

Esses produtos eram reexportados para o resto da Europa, principalmente para a Espanha e Portugal. Isso ajuda a explicar o sucesso da República das Províncias Unidas do Norte e seu domínio da economia mundial europeia durante um século.

Outros fatores, porém, transformaram os rebeldes numa potência marítima que desafiou os impérios de Espanha e Portugal.

O comércio com os países bálticos foi peça fundamental na consolidação do domínio holandês sobre a economia mundial europeia. Durante o século XV, navios holandeses carregados com conservas de peixe e sal competiam no Báltico com os comerciantes da Liga Hanseática.

Em 1554, Amsterdã tornou-se o principal porto de distribuição de grãos provenientes do mar Báltico. Alguns anos mais tarde, 70% do comércio báltico estava em mãos holandesas.

Essa era, por assim dizer, a fonte da riqueza dos Países Baixos. Os grãos do Báltico alimentavam, via Amsterdã, os países da península Ibérica.

O comércio báltico de madeiras e suprimentos para construção naval era importantíssimo: uma das chaves do sucesso holandês foi a sua florescente indústria naval, de alta tecnologia. Amsterdã logo tornou-se o maior centro de construção naval da Europa.

Em pouco tempo, Amsterdã dominou o transporte de mercadorias da Europa, penetrando inclusive no Mediterrâneo. Em 1550, suas embarcações dominavam as rotas entre os portos da península Ibérica e o norte da Europa. Sua frota era maior do que a de toda a Europa somada, e nenhum outro país europeu batia os custos dos fretes holandeses.

No final do século XVI, as Províncias Unidas não só despontavam como a nova potência marítima do Atlântico Norte, mas tornavam-se o entreposto por excelência de tudo quanto era produzido. A superioridade de Amsterdã se baseava na imensa capacidade de armazenamento, na disponibilidade de produtos e na grande massa de dinheiro circulante que movimentava seus negócios. Portanto, além de ser o entreposto da nascente economia mundial européia, Amsterdã era o seu centro financeiro.

Filipe II

17

A U L A A guerra pelos produtos coloniais

No final do século XVI, os holandeses controlavam cerca de 66% dos fretes entre o Brasil e Portugal. Além disso, uma boa parte do açúcar exportado pela colônia era pago por comerciantes holandeses. Amsterdã contava com aproximadamente 25 refinarias que utilizavam açúcar brasileiro.

Mas, para firmar seu domínio sobre a economia mundial européia, faltava aos holandeses capturar as rotas do comércio a longa distância de produtos asiáticos e americanos. Foi a conquista dessas rotas, sobretudo a asiática, que consolidou a liderança de Amsterdã na economia mundial européia, marcando o declínio dos portugueses no Oriente.

A guerra contra as possessões espanholas se travou em quatro continentes e nos sete mares. Essa longa guerra colonial assumiu a forma de uma luta pelo comércio das especiarias asiáticas, pelo comércio escravista da África ocidental e pelo comércio do açúcar brasileiro.

Durante a guerra, os holandeses ocuparam uma parte do nordeste do Brasil, entre 1630 e 1654.

A luta contra a Inglaterra

O reinado de Filipe II caracterizou-se pela disputa constante com a Inglaterra de Isabel (Elizabeth) I. Navios ingleses praticavam intenso contrabando. Corsários atacavam as frotas do tesouro que vinham do México e do Peru. Além disso, a Inglaterra havia aderido à religião reformada.

A empresa militar foi cuidadosamente preparada. Uma poderosa frota de 130 navios partiu rumo à Inglaterra em 1588. Uma tempestade ajudou a destruir grande parte da Armada Invencível espanhola. No final da expedição, apenas metade das embarcações retornou aos portos espanhóis. A derrota da armada marcou o início da decadência espanhola e o começo da expansão marítima inglesa.

A união ibérica

Em 1578, o rei de Portugal, d. Sebastião I, morreu na tentativa de ataque a Alcácer-Quibir, no Marrocos. Filipe II da Espanha, cuja mãe era princesa portuguesa, fez valer suas pretensões

e anexou o reino nesse mesmo ano.

Filipe II implementou uma política prudente em Portugal: respeitou os privilégios da nobreza e as instituições locais. Além disso, nomeou funcionários portugueses para ocupar os cargos administrativos. O império colonial português continuou sendo administrado por funcionários portugueses.

Resultados da política interna de Filipe II

Com a morte de Filipe II, em 1598, a Espanha perdeu o representante mais significativo da família Habsburgo, ou Casa de Áustria. Filipe II fixou o absolutismo real na Espanha, submetendo a nobreza e os privilégios das cidades.

A Armada de Filipe II.

17

Os resultados de sua política absolutista foram os seguintes: A U L A

- Filipe II colocou a Igreja sob sua tutela e utilizou a religião para reforçar sua autoridade;

- buscou apoio nas Juntas (conselhos) criadas para assessorá-lo, mas assumiu a responsabilidade por todas as decisões tomadas;

- criou uma monarquia absolutista que impôs a ordem interna sem concessões.

A maior parte das manufaturas consumidas no imenso império espanhol era produzida em outros lugares, principalmente nos Países Baixos e na Inglaterra. No final do reinado de Filipe II, a Espanha havia se tornado um Estado dependente. O ouro e a prata de suas colônias americanas eram sua única fonte de riqueza e poder.

A Europa de Filipe II

Durante o reinado de Filipe II, toda a política européia girou em torno dos Habsburgos. Carlos V procurara fortalecer seu império contra a França e sufocar a rebelião protestante. Filipe II viveu obcecado em impor o predomínio católico e espanhol em toda a Europa. Durante o século XVI, todos os países da Europa giravam em torno dos interesses da Espanha.

O Sacro Império

Carlos V foi considerado o construtor da grandeza da Espanha. O Sacro Império, entretanto, começou a desmoronar durante seu reinado. A rebelião protestante, liderada por Lutero com apoio dos príncipes alemães, introduziu a divisão, selada pela Paz de Augsburgo.

Os sucessores de Carlos V não conseguiram restabelecer a autoridade imperial. Além disso, a ameaça dos turcos, que compartilhavam fronteiras com o Império, introduziu outros fatores que complicaram o quadro interno.

O Império assimilou a Hungria e a Boêmia para enfrentar o inimigo turco.

Na Boêmia, logo surgiram tensões entre germanos e eslavos. A Hungria foi utilizada pelos turcos como base de suas operações contra o Império.

A França

A França empreendeu cinco guerras contra Carlos V. Após meio século, a Paz de Cateau-Cambresis, em 1559, encerrou os conflitos com o Sacro Império.

A partir de então, toda a política expansionista francesa se dirigiu para o leste, na tentativa de estabelecer fronteiras “naturais” com a Alemanha.

Internamente, as guerras de religião dividiram o país. Os calvinistas franceses, chamados de huguenotes, lutaram durante 35 anos contra os católicos.

O conflito começou em 1572, na Noite de São Bartolomeu, quando os huguenotes foram assassinados em massa.

A partir daí, os conflitos dominaram o reino. Nesse processo, a dinastia dos Valois foi aniquilada. Henrique de Bourbon assumiu o trono francês em 1594, mas teve de renegar o calvinismo.

A guerra civil terminou em 1598, com a promulgação do Edito de Nantes, que garantiu a liberdade de culto para católicos e calvinistas.

17

A U L A A Inglaterra

Na dinastia Tudor fez-se a grandeza da Inglaterra durante o século XVI.

Henrique VII (1485-1509) acentuou a centralização do poder real e pacificou o país após uma guerra civil, a chamada Guerra das Duas Rosas.

Henrique VIII (1509-1547) foi responsável pelo cisma religioso. Seus filhos Eduardo VI e Maria I reeditaram o clima de perseguições iniciado após a ruptura com a Igreja de Roma.

Isabel (Elizabeth) I assumiu o trono em 1558 e instituiu uma tirania civil e religiosa.

Inimiga irreconciliável de Filipe II por questões religiosas, ela patrocinou o corso contra as frotas e posses espanholas na América. Em 1570, iniciou a reforma anglicana.

A rainha dedicou toda sua energia à organização da Igreja Anglicana e ao triunfo da Reforma em todos os países nos quais eclodiram conflitos religiosos.

Interveio na França e nos Países Baixos, contra a Espanha.

Internamente, deu impulso decisivo à economia nacional, à agricultura e à pecuária, à produção de manufaturas e ao comércio, com a criação de companhias de comércio. No século seguinte, Londres tornou-se o principal porto da Europa.

Em 1588, uma companhia de comércio fundou a colônia da Virgínia na América do Norte. A fundação dessa colônia marcou o início da expansão colonial da Inglaterra na América.

A Escócia

Durante o século XVI, a Escócia era um reino independente governado pela dinastia Stuart. Em meados do século, a rainha Maria tentou restaurar o catolicismo, mas teve de enfrentar a resistência dos calvinistas. Fugiu para a Inglaterra, onde foi presa pela prima Isabel (Elizabeth) I e decapitada em 1587. Seu filho Jaime herdou o trono da Inglaterra após a morte de Isabel I, unindo os dois reinos.

Exercício 1

Por que a Espanha – depois de ter sido, juntamente com Portugal, um dos países mais poderosos da Europa – tornou-se dependente das nascentes potências industriais do norte da Europa?

Exercício 2

Por que Portugal foi vítima do expansionismo dos holandeses?

Exercício 3

O que foi a Noite de São Bartolomeu?

Exercícios

18

A U L A

No início do século XVII, a Europa ainda

estava convulsionada pelas lutas religiosas. A Espanha, esgotada pelas guerras

empreendidas por Filipe II, entrou em decadência no cenário europeu. A Inglaterra foi governada pelos impopulares Stuart, que provocaram uma guerra civil. A França enfrentou situações difíceis após as guerras de religião, mas contou com situações particulares que fizeram desse país a primeira potência entre as nações européias do século XVII.

A supremacia francesa

No final do século XVI, a situação da França era deplorável. As guerras de religião e as revoltas de camponeses esfomeados assolavam o país. A situação mudou com Henrique IV: a promulgação do Editto de Nantes pacificou o reino. A economia do reino recuperou-se devido às políticas de Henrique IV e de seu primeiro-ministro, o duque de Sully:

- construção de estradas, canais e pontes;
- incentivos à instalação de fábricas e manufaturas, sobretudo de tapeçarias e seda;
- criação de incentivos para os camponeses, com diminuição dos impostos.

Em 1610, Henrique IV foi assassinado. Maria de Médicis, a rainha-mãe, assumiu como regente. Em meio a uma grave crise financeira, ela convocou os Estados-Gerais, em 1614, nos quais se destacou um representante do clero, o bispo Richelieu. Essa foi a última convocação dos Estados-Gerais antes da eclosão da Revolução Francesa, em 1789.

Em 1617, Luís XIII assumiu o trono da França em meio à desordem generalizada.

O cardeal Richelieu

Richelieu conquistou a confiança de Maria de Médicis, que o indicou ministro em 1624. Em pouco tempo, o cardeal se transformou na mais importante figura do governo francês. Sua política restabeleceu o poder absoluto do

18

A U L A

O absolutismo na França e o século XVII

18

A U L A rei, enfrentando os nobres e os protestantes, e transformou a França na primeira potência da Europa, combatendo os Habsburgos que governavam a Espanha, os Países Baixos e a Áustria.

Fiel a esses princípios até sua morte, em 1642, Richelieu estabeleceu o absolutismo na França. Para isso:

- expulsou a rainha-mãe da França, junto com outros parentes do rei.
- A desobediência às leis tornou-se crime de Estado;
- criou um corpo de intendentess, os inspetores reais, para vigiar a nobreza;
- os protestantes perderam as praças-fortes, os privilégios políticos e a liberdade de culto;
- fundou a Academia Francesa, estabeleceu a Imprensa Real e criou o Jardim Botânico.
- reorganizou o exército e construiu duas frotas, a do Mediterrâneo e a do oceano Atlântico;

Buscou alianças com todos os rivais da França para derrotar os Habsburgos.

A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)

Um século depois da rebelião luterana, o Sacro Império foi o campo de batalha das lutas entre católicos e protestantes. Outros países europeus intervieram nessas lutas. Em 1618, começou a rebelião dos protestantes da Boêmia contra o imperador.

A França, Dinamarca e Suécia intervieram na luta contra o Império: após a derrota, o imperador pediu a paz.

A Paz de Westfália: paz religiosa e equilíbrio europeu

Os tratados assinados em 1648 acabaram com o poder dos Habsburgos.

A Alemanha foi dividida em mais de trezentos Estados independentes.

O imperador continuava sendo eleito, mas não tinha autoridade sobre eles.

Os súditos eram obrigados a adotar a religião de seus príncipes. As secularizações realizadas até 1624 foram consideradas legítimas.

A Espanha reconheceu a independência dos Países Baixos do norte.

A França obteve o domínio da Alsácia e Lorena, e a Suécia consolidou seu domínio no Báltico.

Mas o equilíbrio europeu pregado por Richelieu, princípio pelo qual nenhuma nação européia podia se expandir colocando em risco as demais, foi rompido pela própria França.

A França de Mazarino

A França saiu vitoriosa da guerra, porém arruinada. Após a morte de Luís XIII, a regente, Ana da Áustria, confiou o governo a um ex-colaborador de Richelieu, o cardeal Mazarino. Para solucionar a situação financeira, Mazarino aumentou os impostos sobre as fortunas e os nobres.

Essas medidas provocaram forte reação. Os nobres se negaram a pagar os impostos decretados, e o povo de Paris sitiou o Palácio Real do Louvre.

Esse movimento foi conhecido como as Frondas de Paris. A família real fugiu e os protestos continuaram durante quatro anos.

Em 1661, Luís XIV assumiu o trono francês e iniciou a reconstrução do reino.

18

A França de Luís XIV AULA

Durante o reinado de Luís XIV, o rei-sol, o absolutismo francês teve seu apogeu. Luís XIV estabeleceu a monarquia do direito divino, segundo a qual o rei era sagrado. Além disso, exerceu a autoridade absoluta: sua vontade se transformou em lei e justiça. Ele declarava a guerra e propunha a paz, administrava os bens do Estado como se fossem próprios. O rei também tinha deveres para com a religião e o povo: devia velar pelo bem-estar da população. Luís XIV governou com o auxílio dos Conselhos: aumentou o poder dos inspetores reais, que, com o passar do tempo, se tornaram governadores das províncias.

O mercantilismo

Colbert, ministro da Fazenda, foi o principal colaborador de Luís XIV. Instituiu o orçamento anual e aplicou as teorias mercantilistas, segundo as quais a riqueza de uma nação se obtém vendendo muito para as outras nações e comprando pouco. Dessa forma, a nação teria sempre uma balança comercial favorável.

Colbert estimulou a instalação de tecelagens, fábricas de cristais, cerâmicas e outras manufaturas para evitar que a França tivesse de

comprar esses produtos de outras nações.

Ao mesmo tempo, os produtos estrangeiros tinham de pagar impostos pesados para serem vendidos na França.

Para sustentar essa política exportadora, era necessário contar com uma poderosa marinha mercantil e de guerra. Assim, a França aumentou sua frota e iniciou a expansão colonial, visando obter mercados e matérias-primas para os produtos manufaturados franceses.

Na África, a França ocupou a ilha de Madagascar e o Senegal.

Na Ásia, ocupou pontos estratégicos na Índia.

Na América, iniciou a ocupação do Canadá e da Luisiana.

Ao mesmo tempo, o governo de Luís XIV realizou a ordenação das leis francesas:

- criou o código civil e penal que serviu de base para o Código Napoleônico, promulgado no início do século XIX;

- em 1685, ordenou o fechamento dos templos protestantes na França e expulsou os huguenotes do país. Mais de 500 mil huguenotes fugiram para a Inglaterra, os Países Baixos e a Prússia;

- transferiu a corte para o Palácio de Versalhes, em 1682.

A política europeia de Luís XIV

A política internacional de Luís XIV teve dois objetivos básicos: consolidar a hegemonia francesa na Europa e estender seus domínios até a fronteira.

Os cambistas,
símbolo das
operações
mercantis.

18

A U L A ra do Reno. Para isso, o rei manteve uma eficiente atividade diplomática e um poderoso exército, com o qual empreendeu várias guerras durante seu reinado:

- Guerra da Devolução (1667-1668): após a morte de Filipe IV, da Espanha, Luís XIV reclamou direitos sobre territórios nos Países Baixos. Derrotou o exército espanhol, mas teve de enfrentar uma coalizão formada pela Inglaterra, Holanda, Áustria e Suécia. Em 1668, assinou a Paz de Aquisgran, por meio da qual a França obteve algumas regiões nos Países Baixos.

- Guerra da Holanda (1672-1678): a Holanda, centro da economia mundial europeia, rivalizava com a França. Luís XIV invadiu-a sem fazer uma declaração de guerra. Para se defender, os holandeses quebraram os diques e inundaram toda a região. Uma coalizão se formou para defender a Holanda. No final do conflito, a França ocupou o Franco Condado, território que disputou com a Espanha durante um século.

- Guerra da Liga de Augsburgo (1688-1697): as pretensões de Luís XIV sobre o rico território do Palatinado, na Alemanha, provocou a formação da Liga de Augsburgo, composta por Espanha, Inglaterra, Suécia, Holanda e alguns principados alemães. Na Paz de Ryswick, em 1697, a França devolveu os territórios conquistados desde 1680 e reconheceu Guilherme de Orange como rei da Inglaterra.

- Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1713): ao morrer o último rei Habsburgo da Espanha, Carlos II, o trono ficou vago. Luís XIV desejava que a coroa fosse dada a seu neto, Filipe de Anjou. Após tratativas diplomáticas, Filipe assumiu o trono espanhol, provocando a reação da Áustria, que tinha seu próprio pretendente ao trono.

Uma coalizão liderada pela Inglaterra e pela Holanda derrotou as forças de Luís XIV. Na Paz de

Utrecht, em 1713, a Inglaterra foi a principal vencedora do conflito, obtendo vantagens comerciais e territoriais sobre a Espanha. A partir de então, a Inglaterra assumiu a condição de centro da economia mundial europeia.

As artes e a ciência no século XVII

No século XVII amadureceram as propostas culturais surgidas durante o Renascimento. A França de Luís XIV tornou-se o centro do desenvolvimento científico e cultural.

Durante esse período, o francês tornou-se o idioma da diplomacia e a língua da moda. Seus autores eram lidos em toda a Europa. Entre estes destacam-se os dramaturgos Corneille, Racine e Molière. As fábulas de La Fontaine são muito populares ainda hoje.

Por meio da aplicação do método experimental, os homens do século XVII conheceram cientificamente a organização e as leis do universo. Os filósofos rejeitaram a intervenção divina e anunciaram a preeminência da Razão.

O filósofo inglês Francis Bacon organizou o método experimental.

O francês René Descartes, criador da geometria analítica, foi o maior pensador do racionalismo, que acreditava que a razão humana era a verdadeira forma de conhecimento. “Penso, logo existo”, disse ele.

O holandês Spinoza aplicou o racionalismo à religião. A matemática e a astronomia aproveitaram o impulso dado pelos filósofos. O alemão Kepler

Gravura que mostra os rebeldes no período da Fronda.

18

reduziu as leis do Sistema Solar a fórmulas matemáticas. O inglês Newton formulou a lei da gravidade e a decomposição da luz.

A Europa de Luís XIV

A França conseguiu manter a hegemonia política na Europa durante o século XVII: tornou-se o Estado-chave do continente. A política das nações girou em torno da Guerra dos Trinta Anos e das campanhas imperialistas de Luís XIV.

O Sacro Império

Conforme já vimos anteriormente, o Sacro Império ficou praticamente destruído após a Guerra dos Trinta Anos. Luís XIV apoderou-se de várias cidades na fronteira com a França.

Ao mesmo tempo, a Prússia se fortaleceu. No século seguinte, tornou-se a principal rival da Áustria.

A Áustria

Os Habsburgos conservaram o título honorário de imperador, mas governaram apenas suas posses pessoais na Áustria e na Europa central. Bem administrada, a Áustria tornou-se uma potência. O imperador Leopoldo I enfrentou a ameaça turca e as ambições de Luís XIV.

A Inglaterra dos Stuart

O século XVII foi conturbado por causa da presença de reis impopulares no trono da Inglaterra. Os Stuart foram os principais responsáveis pela eclosão da guerra civil que modificou profundamente a face política da Inglaterra.

Jaime I assumiu o trono da Inglaterra em 1603. Procurou aprofundar o absolutismo, mas enfrentou a oposição da nobreza. Perseguiu os católicos e os puritanos. Estes últimos fugiram para a América do Norte, onde fundaram colônias de povoamento.

Carlos I, filho de Jaime, tentou fazer valer seu direito divino. Entrou em choque com o Parlamento, que apresentou uma Petição de Direitos, exigindo que o rei respeitasse as tradições e liberdades do povo inglês.

Carlos I dissolveu o Parlamento e decretou impostos abusivos. Em 1640, sem recursos, convocou-o novamente. Ao tentar prender alguns de seus membros, eclodiu a guerra civil entre absolutistas (cavaleiros) e parlamentaristas, sob o comando de Oliver Cromwell. Derrotado em 1645, o rei foi condenado. Morreu decapitado em 1649.

A República de Cromwell

Cromwell assumiu o governo da Inglaterra. Governou junto com a Câmara dos Comuns, mas estabeleceu uma ditadura militar. Submeteu a Escócia

18

A U L A

Exercícios

e a Irlanda violentamente. As principais medidas de seu governo visaram ao fortalecimento comercial da Inglaterra:

em 1651, promulgou os Atos de Navegação, que deram impulso decisivo à marinha mercante inglesa;

em 1655, empreendeu a primeira guerra naval contra a Holanda, até então senhora dos mares;

em 1655, tomou da Espanha a ilha da Jamaica, no Caribe.

Cromwell foi sucedido em 1659 pelo filho, Ricardo, que não conseguiu se manter no poder. Deu-se então a restauração da monarquia. Carlos II assumiu o trono, em 1660, prometendo respeitar o Parlamento. Católico e absolutista, em pouco tempo tornou-se impopular.

Em 1679, o Parlamento aprovou a Lei do Habeas-Corpus, garantindo a liberdade pessoal. Essa lei foi incorporada a muitas constituições em todo o mundo.

Em 1685, Jaime II assumiu o trono. Ao tentar promulgar a liberdade de culto para os católicos, foi destronado. O trono foi oferecido a Guilherme de Orange, príncipe holandês.

A Revolução Gloriosa

Em 1688, após uma revolução pacífica, Jaime II se refugiou na corte de Luís XIV e a Inglaterra adotou o regime político que mantém até hoje.

Ao assumir o trono da Inglaterra, Guilherme de Orange aprovou uma Declaração de Direitos elaborada pelo Parlamento, instituindo a monarquia parlamentarista.

Exercício 1

Por que ocorreram as Frondas de Paris?

Exercício 2

O que foi o mercantilismo?

Exercício 3

Descreva as medidas mercantilistas adotadas por Cromwell para fortalecer o poder da Inglaterra.

19

A U L A

O século XVIII prenuncia o fim da Idade

Moderna. Após a guerra com a Espanha, o sonho absolutista da hegemonia

franco-espanhola desmoronou, fortalecendo o sistema do equilíbrio europeu. A Inglaterra, principal vencedora dos conflitos do século anterior, zelou pelo sistema, apoiada num extenso império colonial e no domínio dos mares. A nova forma de governo surgida das lutas entre absolutistas e parlamentaristas, a monarquia constitucional, iniciou o ciclo de lutas que visavam ampliar a participação popular nos governos europeus. Mas foram as novas idéias de reforma e de revolução contra o Absolutismo as grandes responsáveis pela crise e queda do Antigo Regime absolutista.

O Antigo Regime

O Antigo Regime tinha como base o absolutismo real, que surgiu por causa da aliança da monarquia e da burguesia enriquecida das florescentes cidades contra as arbitrariedades dos senhores feudais.

As principais características do Antigo Regime foram:

Na política, o despotismo, ou seja, o autoritarismo, dos reis, baseado no direito divino.

Na economia, a intervenção do Estado nas atividades privadas - o mercantilismo.

Na sociedade, a divisão social em Ordens, ou Estados.

Na cultura, a intolerância religiosa.

A desigualdade social

O rei governava por direito divino, dividindo o poder em três Ordens ou Estados:

· O Primeiro Estado era formado pela nobreza. A nobreza estava dividida em dois grupos: a alta nobreza, os descendentes dos senhores feudais, e a nobreza de toga, formada por pessoas nobilitadas graças aos serviços prestados à monarquia. A nobreza possuía as melhores propriedades e gozava de privilégios, tais como a isenção de impostos, juízes especiais e direitos sobre os camponeses.

O século das luzes

19

AULA

19

AULA · O Segundo Estado era formado pelo clero. A Igreja possuía grandes extensões de terra e privilégios: recolhia o dízimo, isto é, a décima parte de tudo aquilo que era produzido no reino. O clero cuidava da instrução pública e de obras assistenciais. O alto clero era formado pela hierarquia superior da Igreja. O baixo clero era formado por padres paroquiais, que viviam como o povo.

· O Terceiro Estado era formado pelo resto da população: a burguesia, os artesãos, os operários e camponeses. Em países como a Rússia, a Áustria e os principados alemães, o Terceiro Estado incluía os servos. Na realidade, havia apenas dois grupos de pessoas no Antigo Regime: os privilegiados e o povo. O povo arcava com os impostos e outras obrigações para garantir os privilégios da nobreza e do clero.

As novas idéias

No século XVIII, as injustiças do Antigo Regime se aprofundaram por causa da crise econômica que atingiu vários

países da Europa. Desde meados do século, surgiu uma reação intelectual ao sistema. As novas idéias exigiam uma melhoria das condições de vida da humanidade, que seria guiada pela razão ilustrada e pelas práticas liberais.

As novas idéias pregavam a soberania popular, a igualdade social, a liberdade pessoal e a tolerância religiosa.

Origens das novas idéias

As novas idéias surgiram quando a burguesia começou a reagir contra os excessos do absolutismo. Sobre ela recaía a manutenção do Estado, já que a nobreza não pagava impostos e mantinha cargos no governo.

Os filósofos nasceram da luta entre os absolutistas e os defensores das liberdades pessoais. No final do século XVII, na Inglaterra, John Locke negou a origem divina do rei, afirmando que a autoridade deste se baseava no consentimento dos cidadãos. Sua obra abriu espaço para outras críticas ao Antigo Regime.

As teorias de Locke foram rapidamente assimiladas na França. A burguesia francesa cresceu durante o reinado de Luís XIV, financiando seus projetos imperialistas mas pagando sua imensa corte ociosa. Lá surgiram os três maiores representantes das novas idéias:

- O filósofo Montesquieu, em *O espírito das leis*, publicado em 1748, enunciou a teoria da divisão dos poderes. Segundo essa teoria, o governo deveria ser dividido entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário;
- Voltaire ridicularizou o absolutismo e tornou-se inimigo do cristianismo;
- Jean-Jacques Rousseau propunha uma reforma da sociedade. Em 1760, publicou sua principal obra, *O contrato social*. Segundo ele, a lei deve ser a expressão da vontade do povo. Por isso, a única forma de governo possível é a democracia absoluta.

Caricatura: a nobreza montada nas costas de uma mulher do povo.

19

A vitória das novas idéias A U L A

As teorias divulgadas pelos filósofos foram muito populares. A nobreza – que chegou a proteger alguns deles – e o clero pouco reagiram às críticas. Os ataques formulados contra a Igreja culminaram na expulsão dos jesuítas de vários países. O marquês de Pombal expulsou-os de Portugal e de suas colônias, do Brasil inclusive, em 1760.

As novas idéias eram difundidas de diferentes formas:

- nos cafés, locais de reuniões populares onde se discutia política (a nobreza se reunia nos chamados salões);
- na Enciclopédia, síntese de todo o conhecimento humano, elaborada por pensadores que abraçavam as novas idéias. A mais famosa foi a Enciclopédia francesa, editada por Diderot e d’Alembert;
- a Maçonaria, conjunto de sociedades secretas inimigas do Antigo Regime, tinha como ideal difundir as novas idéias por meio da luta contra o obscurantismo da Igreja e o absolutismo real.

A nova economia

A política econômica do absolutismo foi o mercantilismo, cujo maior expoente foi Colbert. Segundo ele, o governo deveria proteger as indústrias nacionais e taxar os produtos similares estrangeiros, tornando-os mais caros. Em oposição aos mercantilistas, surgiram os economistas. Estes afirmavam

que a riqueza dependia da liberdade econômica. Havia duas tendências entre os economistas:

Os fisiocratas afirmavam que a riqueza dependia da exploração da terra. Seu grande defensor foi François Quesnay. Segundo ele, a agricultura deveria ter total prioridade na economia de uma nação.

Os liberais afirmavam que o trabalho do homem é a principal fonte de riqueza. Quanto mais liberdade de ação houver, maior será a riqueza de um país. O escocês Adam Smith, autor do clássico *A riqueza das nações*, foi seu principal expoente. O liberalismo foi a base teórica do capitalismo que surgiu no século XIX.

A Ilustração

Os avanços nas ciências e nas artes foram tantos que o século XVIII é freqüentemente chamado de século das luzes. A renovação do pensamento científico no século anterior, realizada por pensadores como Newton, Descartes e outros, foi divulgada e difundida pelas escolas e pelas enciclopédias.

As ciências

Fundaram-se academias e associações de cientistas em várias cidades da Europa. Houve também uma especialização dos diversos ramos das ciências.

a biologia se dividiu no estudo da botânica e da zoologia;

na medicina, as vacinas foram descobertas;

na química destacou-se o francês Lavoisier, considerado “pai” da química moderna;

19

A U L A a física iniciou a conquista da eletricidade;

surgiu uma nova forma de energia: em 1770, o inglês James Watt inventou a máquina movida a vapor.

As artes

Durante esse período, a música experimentou um desenvolvimento excepcional. Surgiram a sinfonia e a ópera. Os concertos de câmara tornaram-se muito populares. Johann Sebastian Bach compôs suas obras na Alemanha e Wolfgang Amadeus Mozart, na Áustria.

O barroco, com seu excesso de detalhe e ornamentação, ainda se fazia sentir em muitas das produções artísticas do período. Mas afirmava-se cada vez mais um estilo afinado com a onda racionalista que tomava conta das mentes: o classicismo, mais sóbrio e realista.

A Revolução Industrial

O maquinismo decorrente da invenção da máquina a vapor revolucionou as condições de vida de muita gente. Durante o século XVIII, a população européia duplicou. A mortalidade infantil diminuiu graças aos avanços da medicina.

A nova maneira de fabricar produtos criou a oposição entre os grandes industriais, donos das fábricas, das máquinas e das matérias-primas utilizadas, e os operários, a nova classe que surgiu durante a Revolução Industrial.

De um lado, o capital. De outro, o trabalho.

O mundo das novas idéias: os .reis filósofos.

Sem renunciar ao absolutismo, mas com medo de que as novas idéias fossem longe demais, vários reis introduziram reformas liberais: assim, o rei tornava-se gerente e não dono do governo. Esses monarcas foram chamados de déspotas esclarecidos.

Apesar dessa abertura, os déspotas esclarecidos não resolveram a questão da representatividade e da participação popular no governo. Uma frase de Frederico II da Prússia resume bem a atitude desses reis: “Tudo para o povo, mas sem o povo”. Os povos continuaram insatisfeitos, ansiando por reformas políticas

que acabassem com o absolutismo.

Apesar disso, os “reis filósofos” favoreceram a adoção de algumas medidas liberais, como a tolerância religiosa e cultural, a limitação dos privilégios da nobreza, a diminuição das barreiras comerciais e a proteção aos camponeses. Essa última medida foi implementada na Espanha, na Prússia, na Rússia e na Áustria, ocasionando um aumento da prosperidade e relativa tranquilidade social.

A França deixou de realizar reformas para melhorar a situação do povo.

Lá, o Antigo Regime começou a desmoronar.

A Europa ilustrada

Os déspotas esclarecidos tentaram retardar os movimentos revolucionários com a adoção de medidas liberalizantes. Alguns reis conseguiram transformar seus reinos em verdadeiras potências. Foi o caso de:

Tear inventado por
Richard Arkwright,
na Inglaterra.

19

! Catarina II da Rússia: durante seu reinado, a cultura européia penetrou na A U L A corte russa. Mas o desenvolvimento intelectual fomentado pela rainha atingiu apenas uma pequena parcela dos habitantes da Rússia.

! Frederico II da Prússia: descendente da dinastia Hohenzollern e admirador da cultura francesa, o rei tentou transformar a Prússia numa potência da Europa central. Criou ministérios especiais para o comércio e o exército. Acabou com a servidão, fomentou a agricultura e introduziu colonos em regiões até então despovoadas. Durante seu reinado, o exército prussiano tornou-se um dos mais poderosos da Europa.

Portugal: o marquês de Pombal

Com o fim da unidade ibérica em 1640, Portugal aliou-se à Inglaterra. Esta tornou-se a principal parceira comercial do pequeno reino. Durante o reinado de João V, Portugal saldou suas dívidas comerciais com o ouro das minas do Brasil. Mas com o esgotamento das minas brasileiras, Portugal não tinha mais como pagar pelas importações inglesas.

Em 1750, João I assumiu o trono de Portugal. Seu ministro, o marquês de Pombal, foi um dos estadistas mais destacados da época. Homem da Ilustração, Pombal tentou libertar Portugal da tutela econômica inglesa e submeter a nobreza. Expulsou os jesuítas dos territórios portugueses. Procurou incentivar o desenvolvimento agrícola do Brasil, principal colônia portuguesa, e fomentar o desenvolvimento de indústrias em Portugal. Com a morte de seu protetor, em 1777, o país continuou dependente da Inglaterra.

Os Bourbon na Espanha

A chegada da dinastia dos Bourbon ao trono espanhol iniciou um período de renascimento. Os reis espanhóis tiveram a colaboração de funcionários eficazes, identificados com as novas idéias políticas e econômicas da época. Suas ações modificaram a estrutura do Estado, afetando inclusive os domínios espanhóis na América.

Carlos III, por exemplo, realizou uma profunda reforma do sistema colonial, introduziu novas indústrias e dividiu grandes extensões de terras improdutivas, dando-as aos lavradores. Criou vice-reinados na América e incentivou a produção de gêneros tropicais para o mercado europeu. Criou escolas técnicas para operários e artesãos.

Seus sucessores não souberam dar continuidade à sua obra, e a Espanha voltou a mergulhar na decadência.

A Inglaterra dos Hannover

Apesar de a dinastia Hannover ter assumido o trono inglês, os assuntos de Estado foram exercidos por líderes políticos que tinham o apoio da maioria do Parlamento.

As principais atribuições do governo estavam nas mãos de um primeiro-ministro. Marquês de Pombal

19

A U L A A Inglaterra adotou uma forma política na qual o gabinete, integrado por todos os ministros, tomava as decisões mais importantes. O rei reinava, mas não governava. Essa forma de governo foi chamada de parlamentarismo. As duas câmaras, dos Lordes e dos Comuns, reuniam a aristocracia e a alta burguesia inglesas.

O rei Jorge III tentou modificar essa situação, mas não conseguiu exercer um governo pessoal. Durante seu reinado, as colônias inglesas da América do Norte se declararam independentes. Apesar de perder as treze colônias americanas, a Inglaterra expandiu seu império colonial durante o século XVIII.

O aumento da produção industrial interna intensificou o desenvolvimento comercial. A poderosa frota inglesa garantia a distribuição dos produtos.

O monopólio do comércio de escravos na América representou uma fonte de lucros imensos para os capitalistas ingleses. Assim, a Inglaterra tornou-se a primeira potência mundial e centro absoluto da economia mundial européia.

As guerras do despotismo esclarecido

Os conflitos entre as nações européias assumiram novas características no século XVIII. As questões coloniais tinham um papel cada vez mais importante na política internacional das potências atlânticas.

A Inglaterra consolidou sua supremacia marítima e expandiu seu império colonial.

A luta pelo domínio comercial na América, África e Ásia consolidou a economia mundial européia.

As colônias eram os mercados que compravam as manufaturas excedentes produzidas pela Europa. Ao mesmo tempo, forneciam as matérias-primas utilizadas pelas fábricas européias. Por isso, as nações européias disputavam as colônias palmo a palmo.

Essa rivalidade foi o principal motivo dos constantes conflitos entre a França e a Inglaterra, que disputavam a preeminência na América do Norte e na Índia. A Guerra dos Sete Anos (1756-1763) foi expressão dessa disputa. Travada na América e na Europa, a guerra consolidou o domínio inglês sobre vastas áreas do mundo.

Na América, o contrabando inglês driblou o exclusivo comercial imposto pelas coroas de Espanha e Portugal a suas colônias. O exclusivo significava que as colônias só podiam vender seus produtos para a metrópole. Além disso, só podiam comprar produtos manufaturados provenientes da Espanha e Portugal.

Exercício 1

O que pregavam os filósofos da Ilustração? O que a obra de John Locke

provocou?

Exercício 2

O que foi o despotismo esclarecido?

Exercício 3

Qual a importância das colônias para a economia europeia do século XVIII?

Exercícios

20

AULA

A burguesia, que comandou a expansão

comercial da Idade Moderna, adotou as novas idéias dos filósofos racionalistas do século XVIII. Essas idéias forneceram os argumentos utilizados na luta contra o despotismo e a favor da igualdade de direitos – entre eles o anticlericalismo, a razão e a experimentação.

A Inglaterra foi a precursora. A Revolução Gloriosa de 1688 colocou um ponto final no absolutismo dos reis ingleses. No restante da Europa, o fim do Antigo Regime deu-se com o impacto violento da revolução:

em 1776, as colônias inglesas da América do Norte declararam-se independentes;

pouco depois, em 1789, a Revolução Francesa pôs fim ao Antigo Regime.

Os demais países da Europa atacaram a Revolução Francesa. Napoleão a defendeu e difundiu seus princípios em outros países. A derrota de Napoleão anunciava o triunfo da reação anti-revolucionária.

O século das revoluções

20

AULA

20

AULA Mas o absolutismo parecia ferido mortalmente. As revoluções na América Portuguesa e Espanhola contribuíram para enfraquecer ainda mais os impérios coloniais ibéricos. A Europa assistiu a um século de revoluções nacionais que eclodiram em vários países.

Ao mesmo tempo, ocorreram grandes transformações sociais por causa da difusão do maquinismo. A Revolução Industrial, fruto da renovação das ciências e das técnicas, inaugura a época em que vivemos. A qualidade de vida da maior parte da população europeia, entretanto, não sofreu melhora significativa com a adoção do liberalismo e dos valores burgueses.

Na realidade, o governo da minoria aristocrática do Antigo Regime foi substituído pelo governo da minoria burguesa. Os protestos de trabalhadores urbanos e camponeses tornaram-se cada vez mais frequentes durante o século.

A burguesia fez o que pôde para tentar controlar a situação, embora nunca estivesse predisposta a abrir mão de seus privilégios econômicos em troca de uma melhor distribuição da renda. A classe trabalhadora, principal aliada da burguesia contra o Antigo Regime, tornou-se, no transcorrer do século XIX,

sua principal inimiga.

O fim do absolutismo

No final do século XVIII, vários setores da sociedade começaram a se manifestar contra o absolutismo. As desigualdades, as injustiças e o empobrecimento generalizado provocaram um profundo mal-estar entre os habitantes que não gozavam dos privilégios concedidos pelo Antigo Regime à nobreza e ao clero.

O sistema político vigente continuava excluindo aqueles que arcavam com o peso dos impostos.

O movimento revolucionário

O desejo generalizado de reforma atingiu todas as camadas sociais da população europeia.

Os camponeses não agüentavam os impostos e as obrigações feudais.

A burguesia ansiava pelo fim dos privilégios da nobreza e do alto clero e desejava participar das decisões de governo.

A nobreza e o alto clero apoiavam a monarquia constitucional, na expectativa de desempenhar um papel mais importante no governo.

O resultado desse choque de interesses com a monarquia foi a revolução, que derrubou o Antigo Regime.

Antecedentes

Quase todos os países da Europa experimentaram revoltas e rebeliões contra os príncipes e reis absolutistas. O movimento mais importante ocorreu na Inglaterra, no século XVII, onde o rei Carlos I foi decapitado. O primeiro grande sucesso na luta contra o Antigo Regime foi a independência das colônias inglesas da América do Norte.

20

A Revolução Americana (1776-1783) A U L A

As prósperas colônias inglesas da América do Norte gozavam de certa autonomia. Em cada uma delas havia um governador, representante do poder metropolitano. Os assuntos internos eram resolvidos por uma assembléia de representantes. Todos os cidadãos tinham acesso a essas assembléias.

Após a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), a Inglaterra quis cobrar impostos para compensar os gastos. Instituiu o imposto do selo e várias tarifas alfandegárias, prejudicando os interesses dos colonos.

Em 1773, após a instituição de um imposto sobre o chá, os colonos se rebelam no porto de Boston. O rei Jorge III ordenou o fechamento do porto e enviou 10 mil soldados para submeter os rebeldes.

A partir desses incidentes, representantes das treze colônias se reuniram num congresso na cidade de Filadélfia, em 1774. Os colonos decidiram criar um exército nacional para enfrentar as forças enviadas pela Inglaterra. Era o início da luta entre os colonos norte-americanos e a metrópole.

Em 1776, as colônias se declaram independentes. Após sete anos de luta, auxiliados pela França e a Espanha, os colonos norte-americanos derrotaram as forças inglesas. Na Paz de Versalhes, em 1783, a Inglaterra reconheceu a independência das treze colônias e cedeu territórios para a França e a Espanha.

Os Estados Unidos da América

Em 1787, os Estados Unidos promulgaram uma Constituição, na qual se proclamaram uma República Federativa sob os seguintes princípios:

• a divisão dos poderes Executivo,

Legislativo e Judiciário;

a forma republicana de governo;

mantinha-se a escravidão.

O exemplo da bem-sucedida rebelião dos colonos ingleses se espalhou por todo o continente americano. Em Minas Gerais, os inconfidentes de 1789 se inspiraram nela para conspirar contra a dominação portuguesa.

A Revolução Americana abriu a primeira fissura no Antigo Regime. Poucos anos depois, os franceses se sublevaram contra o absolutismo.

A Revolução Francesa (1789-1799)

A França foi o país no qual os efeitos do absolutismo mais se fizeram sentir. As guerras imperialistas empobreceram o tesouro; os impostos sobre o campesinato e a burguesia tornaram-se cada vez mais pesados e insuportáveis.

A revolta não tardou a eclodir.

George Washington,
primeiro presidente
dos Estados Unidos.

20

A U L A O reinado de Luís XVI

Luís XVI assumiu o trono francês num momento calamitoso. As injustiças e os impostos abusivos que recaíam sobre a burguesia e o campesinato complicaram a situação ainda mais.

O ministro Turgot propôs reformas que foram rejeitadas pela nobreza.

O ministro Necker, banqueiro suíço a serviço de Luís XVI, conseguiu, por meio de empréstimos, evitar a falência do Estado. Ao publicar os gastos da corte, foi demitido do cargo que ocupava.

A nobreza boicotava todas as tentativas de reforma. Os custos da participação francesa na Revolução Americana foram fatais para a economia do país, que, além disso, sofria vários anos de más colheitas.

No verão de 1788, a França se declarou em bancarrota.

Os Estados-Gerais: a Assembléia Nacional

Para superar a crise, Luís XVI convocou uma reunião dos Estados-Gerais, nos quais estavam representadas as três ordens do reino. O Terceiro Estado representava a maioria e era contra o voto por ordem. O rei, pressionado pela nobreza, dissolveu os Estados-Gerais.

Os representantes do Terceiro Estado não acataram a ordem e se autoproclamaram uma Assembléia Nacional, dispostos a dar uma Constituição ao reino. O rei aceitou e pediu a incorporação das outras ordens à Assembléia. A formação da Assembléia Nacional marcou o início da derrubada do absolutismo na França.

A Assembléia Constituinte: o governo popular

O rei havia cedido apenas para ganhar tempo. Enquanto isso, concentrou tropas nos arredores de Paris, para prender os deputados. A atitude do rei provocou um motim popular: o povo de Paris tomou a Bastilha, presídio do Antigo Regime, no dia 14 de julho de 1789.

Era o início da revolução. Enquanto isso, os camponeses assaltavam os castelos da nobreza, queimando os documentos e as obrigações

feudais. Em Paris, formou-se a Comuna, ou governo popular.

Esta organizou uma guarda nacional e adotou a bandeira tricolor como estandarte.

Diversos segmentos da sociedade formaram clubes

políticos que atuaram na Assembléia Constituinte. O mais

importante foi o dos jacobinos, que incluía entre seus membros os revolucionários Robespierre, Danton e Marat.

A massa invadiu o palácio de Versalhes, obrigando a família real a voltar a Paris. Muitos nobres fugiram para o exterior, onde incitaram vários governos estrangeiros a intervir contra o novo regime.

A queda da Bastilha.

20

O fim do absolutismo A U L A

A Assembléia conseguiu restabelecer a ordem e implementou várias reformas:

- decretou o fim da servidão, dos privilégios, dos dízimos da Igreja, dos tribunais excepcionais e de títulos de nobreza;
- instituiu a igualdade no pagamento dos impostos;
- proclamou, em 26 de agosto de 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, inspirada nas idéias de liberdade, igualdade e fraternidade, colocando um fim à tortura e às perseguições religiosas.
- reformou o Exército, para permitir que a burguesia participasse dele, e reformou o Poder Judiciário;
- confiscou os bens do clero, da Coroa e dos nobres que haviam fugido para o exterior;
- reorganizou a Igreja: os bispos passaram a ser eleitos pelo povo e ficaram submetidos à autoridade do governo
- adotou o casamento civil e o divórcio e suprimiu ordens religiosas.

A fuga do rei

Em julho de 1791, Luís XVI tentou escapar com sua família para a Áustria.

Foi reconhecido em Varennes, perto da fronteira, e levado de volta para Paris.

A comuna o acusou de traição, mas manobras políticas fizeram uma conciliação.

Poucos dias depois, a Constituição foi promulgada. A partir de então, a França seria governada por uma monarquia constitucional.

O rei presidia o Poder Executivo, sancionava as leis ou podia vetá-las durante um prazo de dois anos. Sua pessoa era inviolável.

O Poder Legislativo era exercido pela Assembléia Legislativa, eleita pelos cidadãos proprietários. O Poder Judiciário também era exercido por cidadãos eleitos.

As comunas autônomas, governos locais, foram reconhecidas.

A monarquia constitucional (1791-1792)

Os clubes políticos se mobilizaram para eleger os deputados da Assembléia Legislativa. Os republicanos eleitos eram chamados de girondinos, pois a maioria deles vinha da região de Bordéus, também chamada de Gironda. Os girondinos representavam a rica burguesia moderada e eram antimonarquistas. Em pouco tempo, dominaram a

Assembléia.

Enquanto o rei se recusava a votar as leis contra a nobreza e o clero, os nobres emigrados conspiravam contra o novo regime no exterior. Em 1792, a Assembléia Legislativa declarou guerra à Áustria e à Prússia, que protegiam a maioria dos nobres emigrados. A Assembléia recorreu ao recrutamento em massa para formar um exército e deter os inimigos. O rei foi preso, acusado de tramar contra o regime. A Assembléia então convocou a Convenção Nacional para escrever uma nova Constituição. O jornal de Marat incitava o povo a eliminar os traidores dentro da França. O povo tomou as prisões e matou membros da nobreza e do clero.

Caricatura sobre a decapitação de Luís XVI.

20

A U L A Enquanto isso, o exército revolucionário derrotava os prussianos em Valmy. Desde então, a Marselhesa tornou-se o canto do exército revolucionário. Exércitos franceses tomaram a Bélgica, a Holanda e o norte da Itália. Esses países se proclamaram repúblicas aliadas e adotaram os princípios revolucionários da igualdade e da liberdade.

A Convenção: a República jacobina (1792-1795)

Nas eleições para a Convenção, os deputados jacobinos (nome derivado do convento em que se reuniam) assumiram a liderança do processo, propondo a abolição da monarquia e a adoção da República. Em meio a isso, Luís XVI foi condenado à morte. Perdeu a cabeça na guilhotina em janeiro de 1793. No interior, monarquistas contrários à revolução se sublevaram, iniciando a guerra civil. Com a morte do rei, a situação piorou: a Áustria liderou uma coalizão européia contra a França.

Em pouco tempo, os girondinos, acusados de não defender a fundo os interesses da Revolução, também foram considerados “inimigos do povo” e enviados para a guilhotina. Os jacobinos tomaram o poder e instituíram o Comitê de Salvação Pública, formado por nove membros eleitos pela Assembléia.

O comitê, presidido por Robespierre, instituiu o terror jacobino: perseguiu nobres, girondinos e todos aqueles que contrariavam suas decisões. Milhares de vítimas morreram na guilhotina. Apesar disso, os exércitos revolucionários organizados pelo Comitê conseguiram destruir a coalizão européia em poucas semanas.

Com o fim da ameaça externa, o terror jacobino não se justificava mais.

A reação termidoriana

No dia 28 de julho de 1794, um golpe liderado por um grupo de convencionais destituiu o Comitê de Salvação Pública. Robespierre e seus companheiros foram enviados para a guilhotina. Era o fim do terror jacobino.

Em outubro de 1795 foi proclamada a segunda Constituição, que garantiu:

- a liberdade de ensino; a instrução primária tornou-se obrigatória e gratuita;
- o sufrágio universal;
- a adoção do sistema métrico decimal;
- a reforma agrária com as terras do Estado;

a execução de obras públicas para criar empregos;
leis contra os atravessadores e especuladores.

Durante esse período, os princípios revolucionários de liberdade e igualdade foram amplamente difundidos em toda a Europa.

Danton
Robespierre

20

O Diretório (1795-1799) A U L A

Para evitar uma nova ditadura, o governo ficou nas mãos de um Diretório, formado por cinco membros eleitos pelo Poder Legislativo. Mas o Diretório não conseguiu manter a ordem interna nem conter as disputas entre os diversos partidos políticos. A corrupção existente desmoralizou os governantes.

Foi quando surgiu um jovem general vitorioso, comandante do exército do interior. Com um golpe de Estado no dia 9 de novembro de 1799 – ou 18 Brumário, segundo o calendário adotado pelos revolucionários –, Napoleão Bonaparte iniciou uma nova fase no processo revolucionário.

Continuação ou fim da Revolução Francesa?

Exercício 1

O que derrubou o Antigo Regime?

Exercício 2

Aponte os motivos que provocaram o movimento de independência das colônias inglesas da América do Norte?

Exercício 3

Enumere as medidas tomadas pela Assembléia no ano de 1789. Quais foram as conseqüências dessas medidas?

Exercícios

21

A U L A

21

A U L A

O período da Restauração na Europa

foi interrompido por sucessivos movimentos revolucionários que expressaram o descontentamento de setores populares diante das tentativas de restauração do Antigo Regime.

Após o Congresso de Viena, a Europa assistiu à batalha definitiva entre o liberalismo e o absolutismo. A febre revolucionária multiplicou as revoltas e as guerras civis, que culminaram nas revoluções de 1830 e 1848.

Esse surto revolucionário deu o golpe de misericórdia no absolutismo.

O avanço da industrialização foi responsável pela formação do proletariado urbano. Os trabalhadores se organizaram para lutar por melhores condições de vida e melhores salários. Em 1848, lançaram seu primeiro grito de guerra:

“Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!”

A Revolução Industrial

No início do século XIX, a maioria da população européia vivia no campo.

A terra ainda era a principal fonte de riqueza. Na França, por exemplo, 60%

da riqueza nacional vinha dos campos. Apesar disso, a indústria já havia iniciado seu desenvolvimento.

Vários fatores contribuíram para revolucionar a forma de produzir manufaturas:

- utilização da energia do vapor e inovações técnicas que originaram o maquinismo;
- ampliação das vias de comunicações, com a construção de canais e novos sistemas de pavimentação;
- ampliação dos mercados consumidores por causa do aumento da população e do colonialismo europeu;
- existência de capitais provenientes do comércio colonial, dos bancos e da agricultura;
- aumento da produção de matérias-primas, estimulado por novos sistemas de cultivo e mineração.

Até o século XVIII, a produção de tecidos era essencialmente artesanal.

Existiam poucas fábricas. A utilização de máquinas na grande indústria exigiu

A Revolução Industrial e as revoluções europeias

21

a aplicação de grandes capitais na produção industrial. Assim nasceu o capitalismo industrial, que concentrou a produção em grandes estabelecimentos, em detrimento dos artesãos que produziam manufaturas em casa.

A concentração da mão-de-obra em torno dos centros industriais originou uma imensa massa de proletários, que vendiam a força de trabalho em troca de um salário.

A Inglaterra: primeira potência industrial

A Inglaterra estava especialmente dotada para empreender o desenvolvimento industrial:

- possuía ricos depósitos de minérios e carvão;
- a burguesia inglesa era dona de grandes capitais, fruto da extraordinária expansão comercial da Inglaterra durante os séculos XVII e XVIII;
- o liberalismo econômico, muito difundido no país, facilitou o desenvolvimento da indústria e do comércio;
- a Marinha da Inglaterra garantiu, especialmente depois de Trafalgar, o domínio do mar e o acesso aos mercados mundiais.
- a Inglaterra gozou de paz interna desde 1688, quando adotou o sistema parlamentarista.

O crescimento das cidades

A maioria das fábricas se instalou perto das regiões mineiras, dos rios e dos portos. O rápido crescimento das cidades industriais alterou a paisagem urbana com as chaminés de suas fábricas.

Por outro lado, o cercamento das terras comuns, a aplicação de novas técnicas no campo, novos sistemas de irrigação e a utilização de máquinas expulsaram grande parte da população rural. O êxodo rural contribuiu para o rápido crescimento das cidades. Os camponeses expulsos do campo tornaram-se proletários.

Oficina nas proximidades de Birmingham, na Inglaterra.

21

A U L A Conseqüências da Revolução Industrial

A intensa urbanização e o crescimento econômico acelerado criaram uma nova sociedade, a sociedade contemporânea. Durante a primeira metade do século XIX, os resultados desse processo foram os seguintes:

- a expansão do capitalismo industrial fortaleceu a burguesia capitalista;
- iniciou-se o processo de concentração urbana da população. O êxodo rural e a concentração industrial originaram o proletariado industrial. Em consequência, surgiram agudos problemas sociais, frutos da desigualdade social;
- o aumento da produção de manufaturas detonou a luta pelos mercados;
- a civilização européia, criadora das novas técnicas, aumentou seu domínio sobre outros povos. Os impérios coloniais europeus se expandiram e se ampliaram durante o século XIX;
- a Inglaterra tornou-se a potência hegemônica. Dominou o comércio mundial e ampliou seu império colonial formal (na África e na Ásia) e informal (nas Américas).

As revoluções européias

O Congresso de Viena e a Santa Aliança não conseguiram impor a restauração integral do Antigo Regime. Apesar da perseguição a revolucionários e bonapartistas, o pensamento liberal se difundiu, impulsionado pelas novas relações de produção surgidas durante a Revolução Industrial.

A burguesia e o proletariado tornaram-se as principais forças sociais da sociedade contemporânea. Além do liberalismo burguês, o socialismo exigia reformas sociais urgentes. Vários fatores se conjugaram contra as monarquias restauradas e originaram os movimentos revolucionários do século XIX:

- a ampla difusão dos princípios liberais desde 1789;
- o profundo descontentamento dos povos que ficaram submetidos a potências estrangeiras pelo Tratado de Viena;
- o despotismo dos monarcas e da aristocracia;
- a força da burguesia e das classes populares.

Em 1820 e 1821, eclodiram revoluções liberais na Espanha, em Portugal e na Itália. Os movimentos liberais da Espanha e da Itália foram submetidos com auxílio da Santa Aliança.

A Revolução de 1830: o triunfo liberal

Após seis anos de governo absolutista, Carlos X tornou-se muito impopular na França. Em 1830, tomou medidas que provocaram o levantamento popular: dissolveu o Parlamento, censurou a imprensa e fechou jornais de oposição.

A polícia não conseguiu dominar o levante. Carlos X abdicou e se refugiou na Inglaterra. O movimento, liderado pelos monarquistas liberais, proclamou Luís Filipe, duque de Orleans, como rei da França.

Luí Filipe I, anunciado como “rei burguês”, assumiu o trono “pela graça de Deus e a vontade do povo”. O novo rei prometeu respeitar a carta constitucional revisada pelo Parlamento. O controle político ficou nas mãos da alta burguesia e da nobreza até 1848. O voto continuou sendo limitado.

21

A independência da Bélgica A U L A

A união com a Holanda, acertada no Congresso de Viena, desagradava os

habitantes dessa região. Guilherme I de Orange impôs o holandês como língua oficial. Aproveitando o triunfo liberal francês, a Bélgica declarou sua independência. A Holanda pediu ajuda à Santa Aliança para reprimir os rebeldes, mas a França e a Inglaterra não permitiram a intervenção. O novo reino foi reconhecido pelos outros Estados.

A revolução polonesa

Após o Congresso de Viena, a Polônia havia ficado subordinada à Rússia. Com auxílio de franceses, Varsóvia se rebelou contra a dominação russa. Em pouco tempo, o movimento liberal e nacionalista atingiu todo o país. Tropas do czar da Rússia sufocaram o movimento violentamente.

A Itália e a Alemanha

Nesses países, o ideal de união nacional motivou rebeliões armadas. Apesar disso, forças austríacas reprimiram os rebeldes italianos. A pressão conjunta da Prússia e da Áustria pôs fim à agitação na Alemanha.

A Revolução de 1848

A partir de 1830, com o fortalecimento das tendências republicanas, a opinião pública européia se radicalizou. O desenvolvimento industrial e a formação de um proletariado urbano originaram novos problemas sociais. A situação dos operários era desesperadora e a reivindicação de uma distribuição de riquezas mais justa surgiu de forma cada vez mais organizada, por meio do socialismo.

Em 1832 e 1834, Luís Filipe reprimiu greves de operários que lutavam por melhores condições de vida. O rei francês governava exclusivamente para a burguesia. Seus ministros eram contrários a qualquer tipo de reforma social.

Em 1848, durante a repressão a manifestações populares, começaram os confrontos armados que terminaram na revolução popular.

Luís Filipe fugiu. Um governo revolucionário, que reuniu liberais, republicanos e socialistas, assumiu o poder. O novo governo proclamou a Segunda República e instaurou o sufrágio universal.

A “Primavera dos Povos”

Os liberais italianos se sublevaram poucas semanas antes da eclosão do movimento francês. Os príncipes italianos e o papa foram obrigados a outorgar constituições. A revolução eclodiu na Áustria e na Alemanha ao mesmo tempo. Esses movimentos, vitoriosos no início, foram esmagados, exceto na França.

A tentativa de unificação nacional alemã foi mais uma vez frustrada. Na Itália,

Rebelião em
Varsóvia.

21

A U L A apenas a casa de Sabóia, no reino do Piemonte, se manteve uma monarquia constitucional, tornando-se o ponto de encontro dos liberais italianos. O absolutismo sobreviveu na Rússia, na Áustria e no leste europeu. Os liberais venceram na França e na Inglaterra.

As idéias socialistas ganharam espaço durante os movimentos de 1848, abrindo uma brecha entre a burguesia e o proletariado. Até então, esses grupos sociais haviam atuado conjuntamente contra a aristocracia.

Da Inglaterra, Karl Marx e Friedrich Engels conclamaram o proletariado, no Manifesto Comunista: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”. Estava lançada uma das ideologias mais marcantes da história contemporânea, o comunismo.

Engels explicou o alcance do Manifesto, do qual foi co-autor:

(...) A história do “Manifesto” reflete até certo ponto a história do movimento operário moderno desde 1848. Hoje é incontestavelmente a obra mais espalhada, mais internacional de toda a literatura socialista, o programa comum de milhões de operários de todos os países, da Sibéria à Califórnia. Entretanto, quando apareceu, não podíamos intitulá-lo um manifesto socialista. Em 1847, essa palavra servia para designar dois gêneros de indivíduos. De um lado, os partidários dos diferentes sistemas utópicos, especialmente os owenistas na Inglaterra e os fourieristas na França, ambos já reduzidos a simples seitas agonizantes. De outro lado, os numerosos curandeiros sociais que queriam, com suas panacéias variadas e com toda espécie de cataplasmas, suprimir as misérias sociais, sem tocar no capital e no lucro. Nos dois casos, eram tipos que viviam fora do movimento operário e cujo objetivo era antes procurar o apoio das classes “cultas”. Em contraposição, a parte dos operários que, convencida da insuficiência das reviravoltas simplesmente políticas, queria uma transformação fundamental da sociedade, chamava-se então “comunista”.

(...) O socialismo significava em 1847 um movimento burguês e o comunismo, um movimento operário. O socialismo era admitido nos salões da alta sociedade, no continente pelo menos; o comunismo era exatamente o contrário. E como achávamos já nesse momento, sem a menor dúvida, que “a emancipação dos operários deve ser obra da própria classe operária”, não podíamos hesitar um só instante sobre a denominação a escolher. Posteriormente, nunca pensamos em modificá-la.

Friedrich Engels, prefácio da edição alemã do Manifesto do Partido Comunista, publicada em Londres, em 1890.

Exercício 1

Cite os principais fatores que provocaram a Revolução Industrial.

Exercício 2

Quais foram as conseqüências da Revolução Industrial?

Exercício 3

O que as idéias socialistas provocaram?

Exercícios

22

A U L A

A difusão dos princípios de igualdade e liberdade

na maior parte dos países da Europa foi obra de Napoleão Bonaparte.

A ele também se deve a consolidação dos princípios revolucionários na França, com o Código Napoleônico.

Napoleão governou a França de forma despótica, mas foi responsável pela consolidação das instituições revolucionárias que se incorporaram definitivamente

à vida dos franceses. As conquistas

de 1789, firmadas definitivamente

por Napoleão, significaram

a queda definitiva do Antigo Regime.

Com as vitórias dos exércitos franceses,

a Revolução Francesa tornou-se uma revolução européia.

Napoleão Bonaparte

No início da revolução, Napoleão Bonaparte era um jovem tenente de artilharia.

Nascido na Córsega em 1769,

Napoleão frequentou o Colégio Militar em Paris. Sua ascensão na carreira militar foi rápida e brilhante:

em 1793, apresentou um plano para libertar a cidade de Toulon dos ingleses.

O plano foi bem-sucedido e

Napoleão foi promovido a general com apenas 24 anos de idade;

em 1795, foi nomeado comandante do exército do interior, salvando a República do Diretório da ameaça de um golpe dos realistas.

Duas outras campanhas militares trouxeram-lhe fama e glória.

Napoleão e a expansão da revolução

22

A U L A

Napoleão
Bonaparte

22

A U L A A campanha da Itália

O sucesso seguinte de Napoleão foi a campanha contra a Áustria, em 1796.

A bem-sucedida repressão ao golpe realista lhe valeu o comando do exército que deveria combater os austríacos na Itália.

Napoleão realizou uma campanha fulminante na Itália. Em 1797, a Áustria se retirou do norte da Itália. Os territórios italianos se converteram em repúblicas democráticas. Além dos territórios na península Itálica, a Áustria cedeu a Bélgica e reconheceu o rio Reno como fronteira.

A campanha no Egito

Ao voltar da Itália, Napoleão recebeu a missão de combater a Inglaterra.

Procurou cortar as comunicações inglesas com a Índia atacando o Egito, caminho obrigatório dos ingleses para o Oriente. Em 1798, Napoleão partiu da França levando um exército de 30 mil homens e uma comissão de sábios e cientistas.

Desembarcou em Alexandria e teve sucesso imediato. Mas o almirante inglês Nelson destruiu sua frota em Abukir, no delta do Nilo. Napoleão e suas tropas foram obrigados a ficar no Egito durante mais de um ano. Nesse tempo, o general percorreu a região junto com os sábios franceses. Um destes, Champollion, decifrou os hieróglifos egípcios em 1822.

Enquanto Napoleão percorria o Egito, a Inglaterra formou uma segunda coalizão contra a França revolucionária e tropas austríacas reocuparam o

norte da Itália. Em 1799, Napoleão abandonou suas tropas e voltou em segredo para a França, às vésperas do golpe. Em 1801, as tropas francesas no Egito se renderam.

O fim do Diretório

Ao chegar, Napoleão foi aclamado pelo povo francês. A situação na França não era muito tranqüila: o Estado estava à beira da falência e a reocupação da Itália pelos austríacos causou um profundo mal-estar entre a população, que deu a vitória aos jacobinos nas eleições. Estes se opunham ao Diretório.

A burguesia francesa aspirava a uma paz mais duradoura que lhe permitisse desenvolver seus negócios. Napoleão Bonaparte parecia o homem indicado para alcançar essa paz. O avanço dos jacobinos inquietava os setores conservadores, liderados pelo astuto abade Sieyès.

Nos dias 9 e 10 de novembro de 1799 (18 e 19 Brumário, segundo o calendário revolucionário), com apoio do exército, Napoleão e Sieyès dissolveram a Assembléia e instituíram uma nova Constituição, aprovada pela população.

O governo estava nas mãos de um triunvirato: três cônsules presididos por Napoleão.

O Consulado (1799-1804)

A queda do Diretório marcou o fim do ciclo revolucionário e o início da consolidação dos princípios da revolução nas instituições francesas. Napoleão, o primeiro cônsul, iniciou uma intensa atividade para firmar seu poder pessoal,

22

internamente, e para alcançar a paz no plano internacional. A Constituição do A U L A ano VIII foi centralista: dava plenos poderes ao primeiro cônsul. O sistema de eleição indireta garantiu o predomínio da burguesia. Os poderes dados a Napoleão encobriam uma monarquia de fato.

A segunda coalizão

Após assumir o Consulado, Napoleão realizou uma segunda campanha na Itália e expulsou os austríacos. A segunda coalizão chegou ao fim em 1801.

No ano seguinte, um plebiscito outorgou a Napoleão o título de cônsul vitalício.

As reformas consulares

Durante o Consulado, Napoleão reorganizou a França e reformou a máquina administrativa:

- obteve a reconciliação dos partidos políticos, decretando uma anistia e o retorno dos emigrados;

- a Igreja perdeu definitivamente os bens que haviam sido expropriados durante a revolução e ficou subordinada ao Estado;

- reconstruiu povoados que foram destruídos durante a revolução; construiu estradas e pontes; melhorou os serviços de correio e instalou o telégrafo em várias cidades;

- reorganizou o sistema educacional francês. Em 1808, criou a Universidade da França;

- recuperou as finanças do país, reordenou os impostos e criou o Banco da França; em 1804, criou uma comissão para elaborar o Código Civil.

De acordo com o Código Napoleônico, todos os franceses estavam sujeitos às mesmas leis: os princípios de igualdade e liberdade foram consagrados.

Por outro lado, as greves foram consideradas ilegais. Instituiu o casamento civil e o divórcio.

A burguesia foi a grande beneficiada, pois consolidou vantagens obtidas durante o processo revolucionário:

- os bens feudais adquiridos pela burguesia durante a revolução e a igualdade jurídica foram garantidos;

Napoleão protegeu a burguesia do perigo de restauração da monarquia e da ameaça dos extremistas jacobinos;
a expansão econômica e a reorganização administrativa favoreceram os negócios da burguesia francesa.

O Império (1804-1814)

Em maio de 1804, Napoleão recebeu o título de imperador, outorgado pelo Senado, e foi coroado pelo papa em Paris. Com a criação do Império, Napoleão centralizou todos os poderes do Estado. Criou uma nobreza fundada no mérito e no talento.

Napoleão montado no mundo.

22

A U L A A terceira coalizão: o duelo entre França e Inglaterra

A paz com os estrangeiros não durou muito tempo. Em 1803, recomeçou a guerra contra a Inglaterra. Dessa vez, o conflito durou mais de uma década.

A Inglaterra organizou sucessivas coalizões para conseguir a derrota definitiva de Napoleão. Durante esses anos, as idéias revolucionárias se propagaram em toda a Europa. As causas do conflito foram as seguintes:

a burguesia inglesa sentia-se ameaçada pela expansão do comércio e da indústria francesa;

a política imperialista de Napoleão na Europa e nas colônias rompeu, em favor da França, a política do equilíbrio europeu.

A Inglaterra contava com importantes recursos para enfrentar o poder francês:

a indústria inglesa era mais desenvolvida do que a francesa;

sua posição insular a protegia contra os exércitos franceses;

sua marinha de guerra lhe garantia o controle dos mares;

os grandes recursos econômicos da Inglaterra lhe permitiram reunir os exércitos de outras potências europeias.

Durante a terceira coalizão, a Inglaterra destruiu a frota franco-espanhola na batalha de Trafalgar, em 1805. Essa batalha acabou com as esperanças napoleônicas de invadir as ilhas britânicas e garantiu aos ingleses o domínio do mar durante mais de um século.

No mesmo ano, a França obteve vitórias significativas no continente, redesenhando o mapa da Europa. Após a derrota da Prússia, Napoleão acabou com o Sacro Império. Em seu lugar, criou a Confederação do Reno. Na Itália, criou dois reinos: o da Itália e o de Nápoles.

A quarta coalizão: o Bloqueio Continental

Em 1806, a Inglaterra, a Prússia e a Rússia formaram a quarta coalizão contra Napoleão. Os exércitos franceses derrotaram os prussianos e ocuparam a capital, Berlim. No mesmo ano, Napoleão proclamou o Bloqueio Continental contra a Inglaterra.

De acordo com esse ato, nenhum navio inglês podia entrar nos portos da França e de seus aliados. A Inglaterra respondeu proclamando o bloqueio marítimo da Europa: os contatos com o mundo colonial cessaram.

A Inglaterra tomou as seguintes medidas:

procurou novos mercados nas colônias;

intensificou o contrabando com as colônias ibéricas na América do Sul, para compensar a perda dos mercados europeus.

Toda a Europa aderiu ao bloqueio continental – menos Portugal, aliado da Inglaterra, e o papado. Em 1807, tropas francesas atravessaram a Espanha e tomaram Portugal. A família real portuguesa fugiu para o Brasil, amparada

pela esquadra inglesa. Em 1808, tropas francesas tomaram Roma e prenderam o papa.

22

Napoleão e a Espanha: o começo do fim A U L A

A Espanha participou da primeira coalizão contra a França. Depois disso, tornou-se sua aliada constante. A perda da frota em Trafalgar motivou sentimentos antifranceses na população espanhola. Com o pretexto de enviar reforços para Portugal, Napoleão invadiu a Espanha. Em 1808, tropas francesas ocuparam Madri.

Aproveitando a disputa pelo trono entre o rei Carlos IV e seu filho, Fernando VII, Napoleão os prendeu. José, irmão de Napoleão, assumiu o trono da Espanha. A partir de então, vários movimentos populares se opuseram à ocupação francesa. Na América Espanhola, a prisão do rei da Espanha desencadeou os movimentos de independência.

A guerra pela independência da Espanha

As cidades espanholas resistiram à dominação francesa. A guerra de guerrilhas causou muitas baixas ao exército francês. Em 1812, José Bonaparte teve de abandonar Madri em virtude das vitórias do general inglês Wellington na Espanha. Em 1812, foi promulgada a primeira Constituição da Espanha.

A quinta coalizão: o apogeu de Napoleão

Por causa da formação de uma nova coalizão entre Inglaterra e Áustria contra a França, Napoleão foi obrigado a deixar a Espanha. Após derrotar os austríacos, introduziu os princípios revolucionários e estabeleceu medidas contra o Antigo Regime nos territórios recém-conquistados:

- aboluiu a servidão;
- instituiu os princípios de igualdade perante as leis e os impostos;
- adotou um novo código legislativo, baseado no código francês;
- nacionalizou os bens da Igreja;
- reformou a administração do Estado segundo o modelo francês.

Mas o imenso império conquistado por Napoleão tinha dois pontos frágeis: a Espanha e a Rússia.

A campanha da Rússia (1812)

No final de 1810, a Rússia decidiu furar o Bloqueio Continental. Napoleão reuniu um exército de 600 mil soldados aliados. Em junho de 1812, o exército multinacional de Napoleão entrou na Rússia.

Em vez de enfrentar o invasor, os russos abandonavam suas terras e queimavam tudo. Em setembro de 1812, o exército de Napoleão chegou até Moscou exausto, mas venceu a batalha. Moscou foi incendiada e o exército vencedor ficou sem provisões.

No início do inverno, começou a retirada do exército napoleônico. O frio e os ataques da cavalaria de cossacos praticamente dizimaram as tropas de Napoleão. Apenas 50 mil soldados voltaram da campanha contra a Rússia.

22

A U L A

Exercícios

A sexta coalizão (1813)

A derrota de Napoleão na Rússia precipitou uma sublevação na Prússia e na Áustria, que formaram uma nova aliança com a Inglaterra. Napoleão derrotou os exércitos da Rússia e da Prússia. Enquanto isso, os exércitos franceses estavam

sendo derrotados na península Ibérica por forças espanholas e inglesas.

Após a batalha de Leipzig, em 1813, os exércitos de Napoleão abandonaram os principados alemães. A rebelião contra o Império se estendeu à Itália, à Bélgica e à Holanda. No início de 1814, os exércitos da sexta coalizão invadiram a França a partir da Espanha e do Reno.

Em março de 1814, os aliados da Inglaterra tomaram Paris. Napoleão foi destituído pelo Senado francês, abdicando em favor de seu filho, Napoleão II.

Os aliados não aceitaram isso e Luís XVIII assumiu o trono da França, restaurando a dinastia Bourbon.

Napoleão foi enviado para a ilha de Elba, onde permaneceu exilado.

Exercício 1

Quais foram as reformas adotadas por Napoleão durante o Consulado?

Que grupo social se beneficiou com essas reformas?

Exercício 2

Por que a Inglaterra esteve em guerra contra a França durante tantos anos?

Exercício 3

O que foi o Bloqueio Continental?

Derrotadas tropas
de Napoleão na
Rússia.

23

AULA

A independência das colônias ibéricas da

América do Sul ocorreu no início do século XIX. Ela foi parte das imensas transformações inauguradas com a independência das colônias inglesas da América do Norte, em 1776, e a revolução de 1789 na França.

O ciclo revolucionário francês detonou uma série de conflitos que colocaram em evidência a degradação do poder espanhol. A guerra contra a Inglaterra, que dominava o Atlântico, afastou a Espanha de suas Índias. Era cada vez mais difícil enviar soldados e administradores e manter o exclusivo colonial, minado pelo contrabando ostensivo.

As idéias revolucionárias do livre comércio e da república atravessaram o Atlântico rapidamente, pondo abaixo a ordem colonial ibérica.

A independência das colônias espanholas

Em 1810, aproveitando a ocupação da Espanha pelas tropas de Napoleão e a prisão do rei espanhol, os cabildos, conselhos de moradores de várias regiões administrativas do império espanhol, convocaram juntas para assumir o governo em nome do rei cativo.

No México, o padre Hidalgo se declarou contra as autoridades espanholas.

Em 1811, suas forças foram derrotadas.

O movimento foi reassumido em 1813 pelo padre Morelos, que declarou a independência do México. O movimento foi sufocado dois anos depois pelos realistas.

Em 1821, Agostinho Itúrbide conseguiu reafirmar a independência, tornando-se imperador até 1823, quando

foi proclamada a República.

Na Colômbia, uma junta de governo assumiu em julho de 1810.

As revoluções americanas

23

AULA

23

AULA Na Venezuela, Francisco de Miranda realizou sucessivas tentativas de rebelião desde 1770. Em 1810, uma junta patriótica assumiu o governo. Em 1811, um Congresso Nacional declarou a independência. Em 1814, o movimento libertador liderado por Simón Bolívar foi derrotado pelos realistas. Mas, em 1821, Bolívar consolidou a independência da Venezuela, que, com a Colômbia e o Equador, passou a constituir a Grande Colômbia.

Na Argentina, o cabildo formou uma junta de governo em 1810. A Junta de Buenos Aires empreendeu campanhas militares para conquistar a adesão de outras regiões do vice-reinado do Prata.

Esses episódios trouxeram à superfície uma antiga rivalidade de interesses que resultou dos longos séculos de colonização: a oposição entre peninsulares, espanhóis que tinham preferência na ocupação de cargos públicos e privilégios comerciais, e criollos, filhos de espanhóis nascidos na colônia, sempre preteridos pela administração colonial.

A guerra da independência foi o resultado dessa rivalidade. Nela, surgiram duas facções cujos interesses eram opostos: os realistas, a favor da manutenção dos laços coloniais e da posição privilegiada dos peninsulares, e os patriotas, favoráveis à ruptura do vínculo com a Espanha. A intransigência de Fernando VII precipitou a luta aberta entre as duas facções.

As guerras de independência

As guerras de independência ocorreram em três frentes de batalha:

- o vice-reinado de Nova Granada e a capitania-geral da Venezuela, no norte da América do Sul;
- o vice-reinado do Rio da Prata, no sul do continente;
- o vice-reinado de Nova Espanha, na América do Norte.

O vice-reinado do Peru permaneceu fiel à causa do rei desde o início até a derrota final das forças realistas, em 1824. Com o final da guerra, surgiram várias repúblicas independentes.

No Rio da Prata e na Venezuela, principais focos revolucionários, as guerras trouxeram uma mobilização popular em larga escala. Essa mobilização foi capaz de romper as distinções sociais estabelecidas durante os séculos de colonização. Em certos momentos, ela correu o risco de se transformar numa guerra de pobres contra ricos.

Mas o fato era que tanto os patriotas como os realistas tiveram de formar exércitos cada vez mais numerosos, nos quais as classes dominantes ocuparam as posições de comando. Muitos chefes criollos assumiram posições de comando, mesmo do lado realista.

Os soldados eram, na maior parte, das camadas inferiores da população. A participação de escravos libertos nas fileiras patriotas teve um papel muito importante. Apesar disso, o fantasma da Revolução Haitiana, na qual os negros tomaram o poder, no fim do século XVIII, rondava qualquer tentativa de dar mais participação às camadas inferiores da população.

Do ponto de vista econômico, as guerras significaram uma enorme destruição de riquezas na América. Além de consumir os frutos da terra e o metal guardado pelas elites, pelas igrejas, pelas associações de comércio, a guerra trouxe os duvidosos benefícios da liberdade de comércio.

23

A Inglaterra, privada do mercado europeu por causa do Bloqueio Continental imposto pela França, despejou todo tipo de produto, útil e inútil, nos mercados americanos. Em muitos casos, isso significou a ruína do artesanato local, sobretudo no caso dos tecidos e dos comerciantes da carreira de Cádiz.

A organização americana

Após a derrota dos realistas, as novas nações americanas enfrentaram a disputa interna entre os liberais, partidários de reformas mais profundas, e os tradicionalistas, que pretendiam manter a sociedade americana tal como havia sido durante a colonização espanhola.

Em todo o século XIX, essas duas facções, pela força, se alternaram no poder. O regionalismo fez surgir a figura do caudilho, chefe local que impunha a ordem pelas armas.

O pan-americanismo

Simón Bolívar, um dos principais libertadores da América Espanhola, pretendia unificar toda a América em um único país. Suas idéias de unidade continental foram amplamente difundidas.

Em 1830, reuniu-se um congresso no Panamá, para levar adiante o projeto da unidade americana. O congresso fracassou por causa da ausência de participação da Argentina, do Brasil e do Chile. Além disso, a Inglaterra não aceitava a possibilidade de uma América unida, pois isso contrariava seus interesses comerciais.

A independência da América Portuguesa

A fuga da família real portuguesa em 1807 selou o destino da colônia lusobrasileira. O Brasil havia sido, desde o século XVIII, importante base para o contrabando inglês na América do Sul. A abertura dos portos, decretada em 1808, deu à Inglaterra total acesso ao mercado da colônia americana de Portugal. Os mercados coloniais foram a retaguarda da Inglaterra durante o período das grandes guerras contra a França revolucionária e napoleônica, iniciado em 1793. O Bloqueio Continental imposto por Napoleão não conseguiu deter a ousadia da marinha de guerra inglesa, a mais poderosa do mundo. No entanto, ela não conseguiu evitar que as idéias revolucionárias atravessassem o Atlântico. Em 1817, eclodiu a primeira grande insurreição republicana no Nordeste brasileiro: a chamada Revolução Pernambucana.

Em 1820, uma revolução no Porto obrigou d. João VI, rei de Portugal, a voltar para a metrópole. Seu filho, Pedro, ficou no Brasil como regente.

A Revolução de 1820, no Porto, foi liberal e recolonizadora. As cortes portuguesas pretendiam que o Brasil reassumisse sua condição de colônia.

Os interesses contra o fechamento do mercado brasileiro provocaram a ruptura

23

A U L A entre Portugal e sua colônia americana. Orientado por José Bonifácio de Andrada e Silva, o regente d. Pedro proclamou a independência do Brasil em 7 de setembro de 1822.

D. Pedro I foi sagrado imperador do Brasil em outubro do mesmo ano.

O imperador do Brasil pretendia favorecer a futura reunião do império lusitano. Isso porque d. Pedro, absolutista, deveria retornar a Portugal como sucessor de d. João VI.

Em 1823 os liberais instalaram uma Assembléia Legislativa. A Assembléia foi fechada por d. Pedro I. No ano seguinte, uma constituição outorgada instituiu uma monarquia liberal e parlamentar.

Em 1824, houve uma nova revolução republicana no Nordeste brasileiro.

A Confederação do Equador contou com a participação de frei Caneca, fuzilado juntamente com outros revolucionários por ordem da Coroa.

Ao contrário do que ocorreu nas ex-colônias espanholas da América, a independência do Brasil consolidou um regime monarquista de base escravista.

Os Estados Unidos reconheceram a independência do Brasil em 1824, aplicando a doutrina Monroe (1823), que pregava a “América para os americanos”. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos entravam na disputa imperialista no Caribe e na América do Sul.

A Inglaterra reconheceu a independência do Brasil em 1825, e consolidou seus privilégios de nação mais favorecida no comércio com o Brasil. Além disso, renovou a jurisdição extraterritorial da Inglaterra no Brasil: os súditos ingleses não podiam ser julgados pelas leis locais.

Os privilégios concedidos à Inglaterra contrariaram os patriotas brasileiros, que retiraram o apoio dado a d. Pedro I. Cada vez mais isolado, d. Pedro abdicou em 1831. O período regencial, de 1831 a 1840, foi turbulento, registrando-se vários movimentos separatistas e revoltas populares em diversos pontos do país. Mas o Estado centralizador os reprimiu, em nome da “unidade nacional”.

A independência do Haiti

Em 1789, Santo Domingo era uma rica colônia francesa no Caribe. Oitenta por cento de seus 60 mil habitantes eram escravos negros. Em 1791, parte da população branca foi massacrada num levante de escravos. O escravo liberto Toussaint-Louverture liderou o movimento pela emancipação. Enfrentou tropas inglesas que vieram socorrer os brancos. Vitorioso, Toussaint-Louverture aboliu a escravidão e deu uma Constituição à ex-colônia.

Em 1802, Napoleão enviou um exército para derrotar Louverture. As tropas napoleônicas foram derrotadas pelos rebeldes. Um tratado de paz acabou com as hostilidades entre franceses e ex-escravos, mas Louverture foi traído: preso na França, acabou morrendo no cárcere.

O movimento de libertação foi retomado por Jean-Jacques Dessalines, Henri Cristophe e Jean Boyer, este unificador da ilha em 1822. A França só reconheceu a independência do Haiti em 1825. Em 1845, a região oriental da ilha tornou-se independente do Haiti, constituindo a República Dominicana.

O “perigo do haitianismo”, ou seja, de uma revolução negra, esteve presente na consciência das elites dominantes das regiões escravistas da América ao longo de todo o século XIX.

23

Os Estados Unidos da América A U L A

A guerra de independência contra a Inglaterra mostrou a fragilidade da Confederação. Em 1787, a Constituição Federal foi promulgada pelos treze Estados, entrando em vigência em 1789.

A Constituição preservou a autonomia local, mas criou um exército nacional. Impôs a separação dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. O governo federal cuidava da segurança coletiva, das relações exteriores e cobrava impostos.

A expansão territorial

Após a independência, os Estados Unidos iniciaram a expansão territorial rumo ao oeste:

- em 1803, compraram, da França, o território da Luisiana;
- na retificação das fronteiras com o Canadá, em 1846, incorporaram os Estados do Maine e Oregon;
- na guerra brutal contra o México (1845-1847), incorporaram o território do Texas;
- em 1867, compraram, da Rússia, o território do Alasca;
- em 1898, a Espanha cedeu-lhes as Filipinas e Porto Rico.

A marcha para o oeste

A expansão territorial significou a colonização de extensos territórios que pertenciam aos índios americanos. Na guerra contra os habitantes originais, os norte-americanos praticamente exterminaram povos indígenas, destruíram suas culturas e tomaram suas terras, enquanto a população branca dos Estados Unidos praticamente dobrou entre 1840 e 1860.

23

A U L A A prosperidade americana

Em meados do século XIX, os Estados Unidos eram uma das nações mais prósperas do mundo. Os estados do Sul se dedicavam à plantação de produtos tropicais para exportação. Nos estados do Norte, predominava a indústria.

Lá, o desenvolvimento de técnicas se deu ao mesmo tempo que na Inglaterra, país mais industrializado do mundo no século XIX.

Em 1793, Whitney inventou a máquina descaroçadora de algodão. Em 1803, Fulton aplicou a energia do vapor à navegação. Esses inventos revolucionaram as técnicas aplicadas aos transportes e à indústria têxtil. Estradas de ferro começaram a ser instaladas em 1823. As fábricas de metalurgia e de construção naval se multiplicaram. As ferrovias, o telégrafo e a navegação fluvial garantiam as comunicações no extenso território norte-americano.

A Guerra de Secessão (1861-1865)

Em 1860, a União contava com 33 estados federados. Apesar disso, a escravidão praticada nos estados do Sul colocava em risco a unidade da federação. Na realidade, o Norte e o Sul eram duas regiões de culturas diversas. Os estados do Norte não queriam que outros estados escravistas entrassem na União. Os estados do Sul, por outro lado, queriam manter o equilíbrio entre estados escravistas e estados abolicionistas no Congresso.

Em 1860, Abraão Lincoln foi eleito presidente da União pelo Partido Republicano, abertamente abolicionista.

Em 1861, a Carolina do Sul e dez outros estados escravistas decidiram deixar a União e criaram a Confederação de Estados da América. Lincoln pronunciouse a favor da manutenção da União, mas a tomada do forte Sumter pelos exércitos

confederados, em 1861, iniciou a Guerra Civil. Após a morte de mais de 2 milhões de norte-americanos nos campos de batalha, a Confederação se rendeu, em 1865.

A Guerra de Secessão foi a primeira guerra moderna: as estradas de ferro foram utilizadas para transportar tropas, mantimentos e munições. Submarinos e encouraçados estrearam na guerra naval.

O efeito imediato da Guerra de Secessão foi o fim da escravidão, possibilitando o desenvolvimento do capitalismo industrial. A vitória do Norte fortaleceu e estabilizou a União e criou a moderna nação americana.

Exercício 1

De que forma a Inglaterra interveio nos movimentos de independência da América Espanhola?

Exercício 2

Por que, em certos momentos, as guerras de independência no Rio da Prata e na Venezuela, principais focos revolucionários, correram o risco de se transformar em uma guerra de pobres contra ricos?

Exercício 3

Quais foram os motivos que desencadearam a Guerra de Secessão?

Exercícios

24

AULA

A derrota de Napoleão encerrou um longo

período de guerras que afetou toda a Europa e o mundo colonial. Após a queda de Napoleão, os defensores do absolutismo estavam determinados a erradicar os princípios revolucionários de 1789, uma ameaça para os partidários do Antigo Regime.

O absolutismo voltou com força total, disposto a reconquistar o espaço perdido e restaurar o Antigo Regime. A Santa Aliança, criada para reprimir qualquer tentativa revolucionária, teve vida breve. A Inglaterra, que emergiu das guerras como a potência dominante, nutria interesses diversos.

A Restauração na França: Luís XVIII

Após a derrota de Napoleão, as potências vencedoras impuseram a restauração da dinastia Bourbon na França. Luís XVIII assumiu o trono, concedeu uma carta constitucional e governou junto com o Parlamento. A França se tornou uma monarquia constitucional, ou seja, uma monarquia temperada.

Mas apenas 100 mil franceses, os mais ricos, tinham direito ao voto.

A maioria dos 28 milhões de cidadãos não podia participar na escolha de seus representantes no Parlamento.

A monarquia constitucional francesa preservou várias conquistas da revolução, tais como:

- a liberdade de imprensa e de culto;
- a organização administrativa;
- a igualdade perante a lei;
- as liberdades individuais.

Apesar disso, o governo de Luís XVIII adotou muitas medidas impopulares, pressionado pelos nobres emigrados que retornaram e pelo clero.

Os nobres emigrados receberam muitas de suas terras de volta. Receberam também cargos militares e substituíram os oficiais da revolução ou do Império.

A bandeira tricolor foi trocada pela bandeira branca dos Bourbon.

A vitória da reação

24

AULA

24

AULA O Congresso de Viena

Em novembro de 1814, reis e enviados reais se reuniram no Congresso de Viena para redesenhar o mapa da Europa pós-napoleônica. O Congresso foi presidido pelo chanceler austríaco Metternich, defensor do absolutismo.

Dois princípios básicos orientaram as resoluções do Congresso:

- a restauração das dinastias destituídas pela revolução e consideradas “legítimas”;
- a restauração do equilíbrio entre as grandes potências, evitando a hegemonia de alguma delas.

A divisão territorial decidida em Viena não satisfaz a nenhuma das potências participantes: os vencedores cuidaram de seus interesses políticos mais imediatos e trocaram territórios entre si para alcançar o “equilíbrio” europeu.

- a Inglaterra obteve as melhores bases navais e ampliou seu império colonial;
- a Rússia anexou a Finlândia e a Polônia;
- a Áustria anexou a região dos Bálcãs;
- os principados alemães formaram a Confederação Alemã, com 38 Estados. A Prússia e a Áustria participavam dessa confederação;
- a península Itálica continuou abrigando vários principados e repúblicas aristocráticas. A Áustria ocupou o norte;
- a Bélgica uniu-se à Holanda e formou o Reino dos Países Baixos;
- a Suécia e a Noruega se uniram;
- a Turquia manteve o controle dos povos cristãos do sudeste da Europa.

24

As fronteiras dos países foram alteradas de acordo com os interesses de seus AULA “legítimos soberanos”, ou seja, dos monarcas absolutistas. O problema das nacionalidades e da unidade da Alemanha e da Itália se aprofundou durante todo o século XIX, ocasionando conflitos violentos.

Os cem dias de Napoleão

Tendo em vista os rumos tomados pelo Congresso de Viena, Napoleão decidiu abandonar seu exílio na ilha de Elba. Em 1815, desembarcou no porto francês de Cannes e se dirigiu a Paris.

O rei enviou uma guarnição de soldados para prendê-lo, mas estes aderiram a Napoleão. Luís XVIII fugiu para a Bélgica.

A sétima coalizão: a batalha de Waterloo (1815)

Novamente no poder, Napoleão comunicou ao Congresso de Viena que desejava governar em paz, respeitando as fronteiras traçadas. As potências que haviam derrotado Napoleão anteriormente não aceitaram essa proposta e formaram uma nova coalizão.

A sétima coalizão foi formada pela Inglaterra, Áustria, Prússia e Rússia.

Napoleão foi derrotado na batalha de Waterloo. Desta vez, foi mantido prisioneiro na ilha de Santa Helena, no oceano Atlântico, onde morreu em 1821.

A Santa Aliança

Antes do final do Congresso de Viena, o czar Alexandre I da Rússia propôs a formação da Santa Aliança, um pacto de ajuda mútua entre as monarquias absolutistas. Todos os participantes do Congresso aderiram à idéia. A Santa Aliança ficou encarregada de perseguir os seguidores das idéias revolucionárias de 1789 e de sufocar as rebeliões contra o absolutismo em todo o mundo. A Santa Aliança permitiu a intervenção de governos estrangeiros em assuntos internos de outros Estados. A primeira intervenção aconteceu em 1817. Tropas da Santa Aliança foram chamadas para sufocar um movimento de estudantes alemães que exigiam liberdades políticas e direitos civis. O imperador da Áustria interveio.

A Santa Aliança também participou na repressão ao movimento nacionalista dos carbonários na Itália. Na Espanha, ajudou Fernando VII a governar sem a Constituição que havia sido promulgada em 1812.

A Santa Aliança foi o antídoto idealizado pelos participantes do Congresso de Viena contra os movimentos revolucionários da Europa. A Espanha procurou o apoio da Aliança para sufocar os movimentos de independência da América, mas fracassou: a Inglaterra não aceitou participar, pois a iniciativa era contrária a seus interesses.

As sociedades secretas

Enquanto as potências vencedoras se reuniam em Viena, surgiram organizações populares que visavam preservar os princípios revolucionários. Os patriotas liberais lutavam contra o absolutismo e não aceitaram passivamente o retorno do Antigo Regime. Opunham-se à ocupação estrangeira de suas pátrias.

24

A U L A

Na Itália, surgiu a sociedade secreta dos carbonários.

Na Polônia, o movimento Jovem Polônia lutava contra a ocupação da Rússia e da Prússia.

Na Irlanda, o Sinn Fein lutava contra a dominação inglesa.

A segunda Restauração (1815-1830)

Após os cem dias de Napoleão, Luís XVIII reassumiu o trono francês. Dessa vez, os aliados que derrotaram Napoleão fizeram exigências duras:

• a França voltou às fronteiras que tinha em 1789;

• pagou uma indenização em ouro;

• os aliados ocuparam o território francês durante cinco anos.

Luís XVIII governou com moderação, mas seu irmão, o conde d'Artois, desencadeou o terror branco contra os liberais e os republicanos.

Os ultra-realistas, na maioria nobres emigrados, queriam a volta do Antigo Regime e perseguiram os liberais, partidários dos princípios revolucionários e bonapartistas.

O terror branco atingiu seu ponto mais alto durante o reinado de Carlos X, o próprio conde d'Artois. Ele aprovou leis impopulares que devolveram privilégios à nobreza.

A Restauração na Espanha

Durante a ocupação francesa, os espanhóis organizaram movimentos de resistência. Em 1812, promulgaram uma Constituição. Quando Fernando VII assumiu o trono, em 1814, as cortes obrigaram-no a jurar a Constituição.

Fernando VII prendeu os deputados liberais, dissolveu as cortes e aboliu a Constituição de 1812. Nessa ocasião, utilizou a Inquisição para perseguir seus adversários liberais. Durante seis anos, enfrentou levantes populares.

Absolutismo contra liberalismo

A luta entre absolutistas e liberais continuou por vários anos. Em 1820, um regimento que se preparava para partir rumo à América, com a missão de sufocar os movimentos de independência das colônias espanholas, se rebelou contra o rei.

Graças a esse movimento, Fernando VII foi obrigado a aceitar a Constituição de 1812. Mas, em 1822, o rei solicitou auxílio à Santa Aliança: tropas francesas esmagaram o movimento liberal espanhol, reforçando o absolutismo de Fernando VII e de seu sucessor.

24

AULA

Exercícios

A Restauração na Itália

Durante a ocupação napoleônica, a Itália foi dividida em dois reinos: o de Nápoles e o da Itália. Após o Congresso de Viena, houve uma nova divisão da península:

- o reino de Piemonte foi governado pela Casa de Sabóia;
- o papa assumiu o governo dos Estados Pontifícios;
- o reino lombardo-vêneto foi ocupado pela Áustria;
- os grandes ducados de Toscana, Parma e Módena foram governados por príncipes austríacos.

Surgiram movimentos contra a ocupação estrangeira e o absolutismo: os carbonários e o movimento Jovem Itália, fundado por José Mazzini em 1831, lutavam pela independência e pela unidade italianas.

Os liberais e nacionalistas italianos foram reprimidos pela Santa Aliança e por tropas austríacas que ocupavam o norte da península.

Exercício 1

O que era a Santa Aliança e quais eram suas funções?

Exercício 2

Enumere os princípios da Revolução de 1789 que foram preservados pela monarquia constitucional.

Exercício 3

Quais foram os movimentos que surgiram contra o absolutismo na Europa?

Quais eram seus objetivos?

Caricatura da divisão da Europa pelo Congresso de Viena.

25

AULA

25

AULA

A hegemonia da Inglaterra durante a segunda

metade do século XIX correspondeu ao reinado da rainha Vitória I – daí esse período ser conhecido como época vitoriana.

Nesse período, o colonialismo europeu chegou ao seu ponto mais alto.

O desenvolvimento econômico, a superpopulação e a curiosidade científica

motivaram a exploração e colonização de regiões remotas do globo. A superioridade técnica e bélica permitiu a dominação política, econômica e cultural da civilização europeia sobre a maior parte da humanidade.

O imperialismo francês no México teve, porém, uma violenta resposta: em 1867, o imperador Maximiliano foi fuzilado, e o México entrou num processo revolucionário que desembocou na grande Revolução de 1911.

A Inglaterra: primeira potência mundial

Durante o século XIX, a Inglaterra experimentou um acelerado desenvolvimento econômico e consolidou o sistema de governo parlamentarista. No plano externo, conquistou o maior império colonial de todas as épocas, transformando-se na primeira potência do mundo e em centro da economia mundial.

O desenvolvimento interno

Durante o século XVIII, a Inglaterra ainda era um país essencialmente rural.

A Revolução Industrial alterou esse quadro. Em 1811, um censo provou que, pela primeira vez, o número de pessoas que trabalhavam na navegação, na indústria e no comércio era superior ao das pessoas que trabalhavam no campo.

Após a batalha de Trafalgar (1805), a Inglaterra tornou-se senhora absoluta das rotas oceânicas, garantindo o acesso aos mercados coloniais, fonte de matérias-primas e de consumidores de produtos manufaturados.

O grande desenvolvimento interno estimulou o governo britânico a conquistar novas colônias. Até então, o comércio havia sido a principal atividade econômica. Agora, o investimento de capitais no exterior – para financiar a construção e instalação de estradas de ferro, telégrafos, portos, iluminação e transportes públicos – tornou-se a principal atividade dos capitalistas ingleses.

A Europa burguesa e a unificação da Itália e da Alemanha

A rainha Vitória I,
na Inglaterra.

25

Em 1846, as leis contra a importação de trigo estrangeiro A U L A foram abolidas. Esse foi o passo inicial para a introdução do livre comércio, que favoreceu industriais e comerciantes ingleses.

A crise social

Apesar do grande desenvolvimento econômico, a maior parte da população inglesa vivia na mais absoluta miséria. Nos centros urbanos, homens, mulheres e crianças enfrentavam jornadas de trabalho de até quinze horas diárias. No campo, as terras estavam concentradas nas mãos de poucos proprietários.

Essa situação obrigou os trabalhadores a se organizar em sindicatos que buscavam defender seus direitos. As idéias socialistas dominaram as associações de trabalhadores.

O industrial Robert Owen criou cooperativas de operários.

O movimento cartista lutou pela mudança da legislação social.

O Partido Trabalhista foi criado em 1890.

A democratização do sistema parlamentarista

Desde finais do século XVII, a Inglaterra era governada por uma monarquia parlamentar: o rei reinava, mas não governava. Com o passar do tempo, o governo começou a ser exercido pelo chefe do partido mais poderoso da Câmara dos Comuns. Esse cargo era disputado por dois partidos:

- o Tory, conservador;
- o Whig, liberal.

Mas as leis eleitorais eram antigas e beneficiavam a aristocracia: em 1815, de um total de 20 milhões de habitantes, apenas 400 mil votavam. Os novos centros urbanos industriais não podiam eleger representantes. A aristocracia inglesa, formada por cerca de 2 mil proprietários, controlava o Parlamento.

A oposição surgiu nas novas cidades industriais: a pressão da burguesia industrial e do proletariado resultou na adoção de reformas. A reforma eleitoral de 1832 foi o primeiro passo nesse sentido, aumentando o número de eleitores. Mas o sufrágio universal masculino só foi adotado em 1918. O voto feminino, em 1928.

O nacionalismo irlandês

Durante séculos, a Irlanda foi a colônia inglesa que mais contribuiu para a grandeza da metrópole. Os irlandeses, junto com os negros que eram vendidos como escravos, foram vítimas do sistema que levou a Grã-Bretanha à hegemonia mundial.

Os ciclos econômicos da Irlanda variavam segundo as necessidades dos colonizadores ingleses. A maior contradição estava no fato de que, apesar de a Irlanda ser uma exportadora de alimentos, uma grande parcela de sua população morria de fome. A opressão do povo irlandês motivou a organização de movimentos populares nacionalistas durante o século XIX.

Trabalho em casa.

25

A U L A A organização secreta Sinn Fein lutou pela independência. Em 1921, a Irlanda declarou sua separação, só reconhecida em 1937. Mas a Inglaterra conservou um pequeno território no norte da Irlanda, onde estavam concentradas todas as indústrias.

Ainda hoje, o IRA, Exército Republicano Irlandês, luta para expulsar os ingleses do norte da Irlanda.

O Segundo Império na França

A Revolução de 1848 acabou com a monarquia burguesa de Luís Filipe I.

A Segunda República, entretanto, não conseguiu resolver os graves conflitos sociais existentes na França. O governo provisório era formado por duas tendências:

- os socialistas, que reivindicavam profundas reformas sociais;
- os liberais moderados, que procuravam consolidar as conquistas da burguesia.

Os socialistas obtiveram várias conquistas: adoção do sufrágio universal e secreto, criação das Oficinas Nacionais, para dar trabalho aos desempregados, e jornada de trabalho de dez horas. Apesar disso, aspiravam a outras reformas mais profundas, que colocavam em risco o direito de propriedade.

Com o triunfo eleitoral dos liberais moderados, o confronto entre as duas facções tornou-se inevitável. O fechamento das Oficinas Nacionais provocou a luta armada entre os socialistas e os liberais. Após sangrentos combates, os socialistas foram derrotados e o movimento operário, desarticulado.

Muitas conquistas sociais acabaram anuladas.

Luís Napoleão, presidente da França

Sufocado o movimento socialista, a Assembléia aprovou uma nova Constituição, estabelecendo o regime presidencialista. Luís Napoleão Bonaparte,

sobrinho do imperador, foi eleito presidente em dezembro de 1848. Sua política oscilou entre a burguesia liberal e o proletariado socialista.

Em maio de 1850, a Assembléia quis restringir o voto. Luís Napoleão foi contra. Em 1851, os bonapartistas deram um golpe de Estado: a Assembléia foi dissolvida e os opositores foram submetidos pelas armas. Após um plebiscito, Luís Napoleão recebeu plenos poderes para reformar a Constituição.

O Segundo Império (1852-1871)

Em 1852, uma nova eleição concedeu o título de imperador a Luís Napoleão, que assumiu o trono como Napoleão III. Nos primeiros anos de seu governo, as liberdades políticas foram limitadas pela censura e o imperador buscou apoio entre os setores mais conservadores da sociedade francesa.

Na década de 1860, o imperador selou um acordo com os liberais e iniciou uma nova etapa, conhecida como o Império Liberal. Nesse período, diminuíram as ações repressivas contra os opositores. Seu reinado realizou obras públicas e construiu estradas de ferro. Introduziu o ensino laico e democrático. Reconheceu o direito de greve.

No plano externo, Napoleão III interveio na Turquia e na Itália, e obteve os territórios de Nice e Sabóia.

25

A expedição ao México A U L A

Em 1861, o presidente da República mexicana, Benito Juárez, suspendeu temporariamente o pagamento das dívidas do Estado aos credores europeus.

A Inglaterra, a Espanha e a França decidiram intervir militarmente.

Napoleão III aproveitou a oportunidade para expandir o imperialismo francês. Apoiado por setores conservadores e reacionários da sociedade mexicana, os franceses tomaram o país.

Após derrotar as forças de Benito Juárez, os conservadores mexicanos proclamaram a monarquia. O arquiduque Maximiliano, irmão do imperador da Áustria, foi coroado imperador do México. Napoleão III tentou estabelecer um Estado dependente da França. Em 1866, as tropas de Maximiliano dominaram praticamente todo o México.

Mas surgiram outros problemas para Napoleão III: com o fim da Guerra de Secessão, os Estados Unidos exigiram o fim da intervenção francesa no México, invocando, mais uma vez, a doutrina Monroe. Na Europa, o crescente poderio prussiano ameaçava o equilíbrio europeu. Em 1867, o imperador retirou suas tropas do México. Maximiliano rendeu-se aos republicanos. E foi fuzilado.

O México possui uma história bastante especial. Que país latino-americano era esse que rechaçava o imperialismo europeu?

No longo processo de formação do Estado burguês mexicano – que só se consolidaria no século XX –, a independência, em 1810, tentou a destruição da sociedade de castas fechadas e de grandes latifúndios.

Em 1858 houve a Revolução da Reforma, contra a Igreja, detentora de propriedades rurais, urbanas e de muito capital financeiro. A Igreja reagiu, unindo-se aos movimentos reacionários e intervencionistas que aplaudiam a dependência externa europeia. Contra eles, os grandes proprietários liberais lutam para acabar inclusive com as comunidades indígenas fechadas, acelerar o capitalismo e fortalecer os latifúndios.

Surge então o movimento popular, nacional, antioligárquico, que deu força à reforma agrária e à nacionalização de empresas estrangeiras. Camponeses, índios e peões sem terra, liderados pelos famosos revolucionários Emiliano Zapata e Pancho Villa, derrubaram o regime de Porfirio Díaz (1876-1911), que beneficiou os interesses estrangeiros e depois reprimiu levantes e guerrilhas.

A Revolução Mexicana de 1911 foi, portanto, um amplo movimento popular de base agrária, composto por grupos de variada composição social. Suas principais bandeiras foram a reforma agrária, a luta pela nacionalização, pela democracia política e pelo ensino público para todos.

Revolucionários
mexicanos.

25

A U L A A Terceira República: a Comuna de Paris

A Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) precipitou o fim do Segundo Império. Em pouco tempo, a Prússia e a Confederação Alemã derrotaram o exército francês. Paris foi sitiada e Napoleão III foi aprisionado pelos prussianos.

A França se rendeu em 1871.

Com o colapso do Império, formou-se um governo de defesa nacional que proclamou a Terceira República em 1870. A derrota agravou os problemas sociais internos. A insurreição popular eclodiu em março de 1871.

Aproveitando a confusão do pós-guerra, socialistas e anarquistas tomaram Paris e organizaram a Comuna. Passaram dois meses lutando contra o exército. A repressão foi violenta. Durante a semana sangrenta, mais de 20 mil revoltosos morreram fuzilados e milhares de socialistas e anarquistas foram exilados.

A unificação da Itália e da Alemanha

Entre 1848 e 1871 nasceram o Império Alemão e o Reino da Itália.

A unificação desses dois países significou a decadência do império dos Habsburgo, que controlava os principados alemães e o norte da Itália, e o fim da ordem internacional criada pelo Congresso de Viena em 1815.

A unidade italiana

A luta pela unidade significou a luta contra dois grandes poderes da época: a Igreja romana, dona do centro da península Itálica, e o império austríaco, que ocupava o norte. O reino de Nápoles, no sul, era governado pela dinastia dos Bourbon, ligada aos antigos reis da França.

Os patriotas revolucionários formaram sociedades secretas como a Jovem Itália, pregando o uso da violência para expulsar os estrangeiros. Os patriotas reformistas acreditavam na unificação progressiva do território italiano por meio da formação de uma federação de monarquias liberais presidida pelo papa ou pelo rei do Piemonte.

Após o fracasso do movimento de 1848, o único apoio dos patriotas na península era o reino do Piemonte, governado por um monarca liberal, Vítor Emanuel II. O conde de Cavour, ministro desde 1852, foi o principal promotor da unidade peninsular.

Cavour fortaleceu a economia e o exército do reino piemontês para transformá-lo no centro do processo de unificação. Logo depois, em 1859, provocou um conflito com a Áustria. Obteve o apoio da França e da Inglaterra contra a Áustria e o papado. Aproximou-se da Prússia com a mesma finalidade.

A partir desse conflito, a situação se modificou. Derrotada a Áustria, os ducados do norte da península aderiram ao reino do Piemonte. No sul, José Garibaldi libertou o reino das Duas Sicílias dos Bourbon. As tropas piemontesas tomaram os demais territórios pertencentes ao papado.

Em 1861, Vítor Emanuel II tornou-se rei da Itália. Em 1866, Veneza foi incorporada ao reino e depois, em 1870, foi a vez de Roma. O papado só retomou sua autonomia com a criação do Estado do Vaticano, em 1929.

25

A unidade alemã A U L A

Os principados alemães haviam sido vítimas do Congresso de Viena.

A criação da Confederação Germânica, formada por 38 Estados desiguais e presidida pela Áustria, não satisfez os nacionalistas alemães.

A Prússia foi o eixo da unificação alemã porque:

· seu desenvolvimento econômico e industrial e seu exército colocavam-na entre as nações mais poderosas da Europa;

· os laços criados com os demais principados alemães pela união alfandegária de 1819 excluíram a Áustria do processo.

Em 1861, assumiu o trono da Prússia o rei Guilherme I. Militarista e autoritário, dissolveu o Parlamento e designou Otto von Bismarck para presidir seu gabinete. O chanceler Bismarck dirigiu a política alemã durante quase trinta anos e realizou a unidade alemã em benefício da Prússia. A Prússia empreendeu três guerras até alcançar a unidade alemã:

· em 1864 lutou contra a Dinamarca, que havia absorvido dois ducados alemães. A Prússia e a Áustria derrotaram a Dinamarca;

· alegando má administração dos ducados, a Prússia declarou guerra à Áustria em 1866. Vencedora, exigiu a dissolução da Confederação Germânica.

Em seu lugar, formaram-se a Confederação do Norte, liderada pela Prússia, e a Confederação do Sul, independente da Áustria.

· Em 1870, a Guerra Franco-Prussiana unificou as confederações alemãs, sob o comando da Prússia.

A paz de 1871 consolidou a unidade política alemã. O Império Alemão de Guilherme I tornou-se uma das potências militares mais poderosas da Europa.

Exercício 1

Por que os trabalhadores ingleses se organizaram em sindicatos?

Exercício 2

O que foi a Comuna de Paris?

Exercício 3

O que significou para a Europa a unidade italiana e a alemã?

Exercícios

26

A U L A

26

A U L A

A derrota francesa na Guerra Franco-

Prussiana, em 1871, iniciou o período da Paz Armada, que chegou ao fim com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

Essa etapa coincidiu com o apogeu da civilização européia. Os europeus se preocuparam em conquistar colônias e mercados para vender as riquezas excedentes que suas fábricas produziam.

O mundo mudou: a superioridade militar e econômica da Europa provocou uma corrida imperialista. A África e a Ásia foram dominadas pela força das armas.

Apesar disso, durante esse período surgiram duas novas potências econômicas na América e na Ásia: os Estados Unidos e o Japão.

As novas necessidades da Europa

A partir da metade do século XIX, a Europa foi o continente mais poderoso do mundo. Apesar disso, precisava obter matérias-primas para alimentar suas indústrias e mercados para escoar seus produtos. Em poucos anos, as potências europeias dominaram mais da metade da Terra.

Por outro lado, a utilização de máquinas causava desemprego e instabilidade social nos países industrializados. As potências europeias ocuparam novas terras para resolver o problema do excedente de mão-de-obra. Entre 1835 e 1914, mais de 60 milhões de europeus emigraram para outros territórios, inclusive para as Américas.

Os grandes impérios coloniais

Os europeus colonizaram a África, a Ásia e a Oceania. A Conferência Internacional de Bruxelas, em 1876, deu a largada para a partilha da África entre as potências colonialistas. Em pouco tempo, os europeus se instalaram em lugares estratégicos e dominaram as populações locais.

Na Ásia, os ingleses agiram a partir da Índia. Os russos colonizaram a Sibéria. A China e o Japão, países fechados aos europeus, abriram as portas de seu comércio em 1840. Na Oceania, a colonização começou com as expedições científicas do final do século XVIII.

O imperialismo moderno

26

O império britânico A U L A

Durante o reinado de Vitória I, a Grã-Bretanha se transformou na maior potência colonial de todos os tempos. O governo inglês estimulou a expansão colonial. O domínio do mar foi decisivo nesse processo. A Inglaterra consolidou seu domínio dos mares e dos continentes por meio de uma série de conflitos:

em 1857, submeteu uma rebelião de cipayos (soldados mercenários indianos)

na Índia e consolidou seu domínio na região, suprimindo os privilégios

da Companhia das Índias Orientais. A rainha Vitória foi proclamada imperatriz da Índia, e um vice-rei foi indicado;

entre 1840 e 1842, empreendeu a Guerra do Ópio. O governo chinês havia proibido os comerciantes ingleses de introduzir ópio na China. A intervenção militar inglesa foi bem-sucedida: os ingleses se apoderaram de Hong Kong, obtendo grandes vantagens comerciais;

em 1882, ocuparam o Egito;

partindo do Cabo, no sul do continente africano, os ingleses se expandiram para o norte, a partir de 1890. Entre 1899 e 1902, a Guerra dos Bôeres

liquidou as pretensões dos bôeres, descendentes de holandeses na região;

os ingleses criaram várias colônias de povoamento na Oceania e no Pacífico.

Além desses territórios, os ingleses contavam com várias ilhas e bases navais que garantiam o domínio dos mares.

O império colonial alemão

Após a unificação, a Alemanha empreendeu uma agressiva política colonial. A indústria alemã se desenvolveu rapidamente: em algumas áreas, como a eletricidade

e a química, superou a Inglaterra, transformando-se na sua principal rival. Participou da partilha da África, onde obteve vários territórios. Na Oceania, garantiu

várias posses. Na China, obteve vantagens comerciais. Na Europa, a política colonialista alemã se concentrou na região dos Bálcãs. Os capitais alemães tiveram papel fundamental na construção de estradas de ferro e na venda de armas ao exército turco.

O império colonial francês

Durante o século XIX, a França participou da corrida colonial. Ocupou a Argélia desde 1830. A partir dessa base, ocupou outros territórios no norte da África. Na Ásia, ocupou a Indochina e diversas ilhas do Pacífico. Na América, a França já ocupava a Guiana Francesa e várias ilhas do Caribe.

Outros impérios coloniais

A Rússia se expandiu em direção ao Oriente. No Oriente Médio, chocou-se com os interesses da Inglaterra; no norte da China e na Coreia, com o Japão.

Otto von Bismarck

26

A U L A A rivalidade com o Japão no Extremo Oriente resultou na Guerra Russo-Japonesa. Em 1902, a Rússia inaugurou a estrada de ferro transiberiana, decisiva para a colonização da Ásia.

A Itália obteve colônias no norte da África, na Líbia, na Eritreia e na Somália. Adquiriu a ilha de Rodas em 1912.

A Holanda conservou, de séculos anteriores, a Guiana Holandesa, na América, e a Indonésia, na Oceania. A Bélgica adquiriu um vasto território no Congo, na África central.

A Espanha reteve parte do Marrocos e parte da Guiné, na África. Na guerra de 1898, contra os Estados Unidos, perdeu Cuba, Porto Rico e as Filipinas.

Portugal conservou Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, na África, e algumas posses isoladas na Ásia, como Goa e Macau.

O imperialismo europeu nos Bálcãs

O decadente império turco foi vítima do expansionismo das potências europeias. A Guerra da Criméia (1854-1855) demonstrou o interesse das potências na região:

• a Rússia desejava controlar os estreitos que comunicam o mar Negro com o Mediterrâneo e estender seu protetorado sobre os povos eslavos que habitavam essas regiões;

• a Áustria procurava expandir-se à custa dos otomanos;

• a Alemanha havia feito grandes investimentos de capitais na Turquia e via a região com especial interesse;

• a Inglaterra procurava fortalecer sua posição no Mediterrâneo oriental.

O nacionalismo eslavo

A decadência turca estimulou o nacionalismo dos povos eslavos do sudeste europeu. A Sérvia havia obtido certa autonomia em 1817. A Grécia tornou-se independente em 1830. Os demais povos da região estavam submetidos ao domínio turco.

No final do século XIX, houve várias sublevações contra a dominação turca. A intervenção russa motivou a realização do Congresso de Berlim, em 1878, para discutir a questão balcânica. As resoluções do Congresso foram as seguintes:

• Sérvia, Montenegro e Romênia tornaram-se independentes;

• Bósnia, Bulgária e Herzegovina tornaram-se protetorados russo e austríaco, mas continuavam fazendo parte do império turco;

a Macedônia e a Albânia continuavam sob domínio turco.

O acordo de Berlim agravou a tensão nos Bálcãs, pois a semi-autonomia proposta pelas potências não satisfaz o nacionalismo dos povos da região. A tensão

Ilustração de Pedro, da Sérvia.

26

aumentou ainda mais quando a Sérvia se tornou porta-voz dos povos dos Bálcãs, abrigo para sociedades secretas, terroristas e ativistas que lutavam pela independência total da região. O objetivo era formar a Grande Sérvia.

As guerras balcânicas

Em 1908, eclodiu uma sublevação contra a dominação turca na Bósnia e na Herzegovina, protetorados da Áustria. A Áustria enviou tropas para a região e anexou os dois territórios. Os nacionalistas eslavos passaram a lutar contra a Áustria e a Turquia. Em pouco tempo, toda a região estava em guerra.

Em 1912, a Turquia foi expulsa da região, mantendo apenas Constantinopla e o território circundante. Em 1913, a Bulgária se sublevou contra a Sérvia. Uma coalizão sérvia esmagou os búlgaros.

A Áustria interveio para ajudar a Bulgária, mas foi dissuadida pela Alemanha. Um novo tratado estendeu as fronteiras da Sérvia, que se tornou o Estado mais poderoso da região.

Japão: a nova potência asiática

No início do século XIX, o Japão era um país feudal, dividido em principados governados por daimios. Em 1853, os Estados Unidos forçaram o Japão a abrir seus portos para o comércio internacional. Pouco tempo depois, a Rússia, a Inglaterra e a Holanda também tiveram acesso ao mercado japonês.

Durante a segunda metade do século XIX, a monarquia japonesa impôs a autoridade do imperador sobre os senhores feudais. Um governo constitucional foi estabelecido em 1889. Apesar disso, o governo continuou centralizado nas mãos da monarquia.

Ao mesmo tempo, o novo governo imperial investiu maciçamente no ensino primário e na formação de um poderoso exército.

Novas técnicas ocidentais, como as estradas de ferro e o telégrafo, penetraram no Japão. A modernização atingiu também a indústria e as Forças Armadas. No final do século, o Japão contava com uma marinha de guerra moderna, segundo o modelo inglês, e equipou seus exércitos com armas eficazes.

A partir de então, o Japão assumiu uma política imperialista, tendo a China como principal alvo. Os dois países queriam dominar a Coreia e também disputavam a posse da ilha de Formosa, perto da costa chinesa.

Os motivos que levaram o Japão a adotar uma política imperialista foram os mesmos que levaram as potências européias à corrida colonial: excesso de população e necessidade de matérias-primas e mercados para os produtos de suas indústrias.

Em 1895, após uma guerra fulminante, o Japão ocupou a Coreia e a ilha de Formosa.

A Guerra Russo-Japonesa (1904-1905)

Após a guerra contra a China, japoneses e russos tornaram-se rivais na

Coréia e na Manchúria. Em 1904, a guerra entre a Rússia e o Japão eclodiu. Os japoneses arrasaram os exércitos e as frotas russas.
Modernização
do Japão.

26

A U L A Em 1905, após a rendição russa, o Japão obteve a posse da Manchúria e um protetorado sobre a Coréia. Pouco tempo depois, entrou em choque com os Estados Unidos.

Os Estados Unidos: consolidação e expansão

Entre o final da Guerra de Secessão e o início da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos consolidaram sua unidade política e experimentaram um desenvolvimento econômico sem igual. Em pouco tempo, o país ocupou um lugar de destaque entre as potências mundiais. Os motivos desse sucesso foram vários:

- a expansão territorial e a conquista do oeste;
- a expansão interna e externa do capitalismo industrial e financeiro;
- aumento da população devido à imigração de europeus e chineses;
- aproveitamento dos recursos naturais existentes e aproveitamento das técnicas introduzidas durante a Revolução Industrial (estradas de ferro e telégrafo).

O imperialismo norte-americano

Após a Guerra de Secessão, os Estados Unidos não competiram com as demais potências européias: sua expansão territorial se deu na própria América do Norte. Apesar disso, na última década do século XIX, a força econômica e militar da nova potência começou a estender sua esfera de ação.

Cuidados médicos com crianças (em cima), e a “febre do ouro” no oeste são duas amostras da expansão americana.

26

Em 1898, os Estados Unidos ajudaram os rebeldes cubanos a expulsar os A U L A espanhóis. Graças a essa guerra, Cuba obteve a independência dos espanhóis, mas se tornou dependente dos Estados Unidos, que também tomaram posse de Porto Rico e das Filipinas, no Pacífico.

Em 1903, a intervenção no istmo do Panamá deu aos Estados Unidos o controle sobre a zona do Canal, rota aberta à navegação em 1914. Outras intervenções garantiram seu predomínio no Caribe.

O presidente Theodore Roosevelt, que governou os Estados Unidos entre 1901 e 1909, foi o principal defensor da política expansionista norte-americana. Esta era conhecida como a política do porrete.

A Paz Armada (1871-1914)

Entre o final da Guerra Franco-Prussiana, em 1871, e o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, a Europa viveu um período de paz. Apesar disso, fortes tensões entre as potências européias detonaram uma corrida armamentista. Daí o nome dado a esse período: houve paz, mas as potências européias se preparavam para a guerra. As principais causas da Paz Armada foram:

- a rivalidade colonialista entre as grandes potências européias;
- o desenvolvimento da indústria armamentista;

os conflitos pela dominação nos Bálcãs e no Mediterrâneo oriental;
a disputa de mercados;
tensões locais por causa de problemas de fronteiras.

Exercício 1

Cite alguns motivos que intensificaram o colonialismo europeu.

Exercício 2

Que motivos levaram os Estados Unidos a ocupar um lugar de destaque entre as potências mundiais?

Exercício 3

Em que medida a decadência do império turco provocou conflitos entre as potências colonialistas européias? Que países surgiram desses conflitos?

Exercícios

27

AULA

27

AULA

O século XIX foi o século da supremacia

européia sobre o resto do mundo. Foi também o século no qual a burguesia da Europa consolidou seus valores e seu modo de vida. O individualismo burguês e seus ativos homens de negócios tornaram-se o padrão de respeitabilidade, de civilização – termo cunhado no final do século XIX para distinguir o mundo europeu burguês do mundo colonial e proletário.

A ciência e o progresso tornaram-se os valores máximos de uma época que revolucionou o mundo com suas estradas de ferro e telégrafos. Entre 1890 e 1914, a belle époque, o estilo de vida da burguesia francesa, tornou-se o padrão cultural dominante, imitado pelas burguesias de outros lugares do mundo.

As idéias e os conhecimentos adquiridos ao longo do século foram responsáveis pela supremacia européia. Parecia que a hegemonia burguesa e a paz estavam garantidas – uma ilusão que a Primeira Guerra iria desfazer. Por outro lado, no final do século, o marxismo estava às vésperas de deixar de ser apenas uma teoria para se tornar a forma de organização social do imenso império russo. O socialismo se transformou no último baluarte do humanismo renascentista. A civilização do homem branco tudo podia contra os povos coloniais e os proletários.

O mundo do trabalho

Durante todo o século XIX, os trabalhadores lutaram contra as condições de vida resultantes da Revolução Industrial. No fim do século, havia diferenças de pensamento dentro dos movimentos de trabalhadores: várias correntes ideológicas estavam bem definidas. Os trabalhadores fundaram partidos operários

que tiveram um papel decisivo na vida dos povos.

A cultura do fim do século e o mundo contemporâneo

A ilustração mostra senhoras da sociedade no final do século XIX.

27

Os movimentos socialistas pretendiam transformar o regime social nascido A U L A do capitalismo liberal. Seus membros se esforçaram para reformar a legislação trabalhista e o regime de propriedade vigente na sociedade europeia. No final do século, duas correntes socialistas, com táticas de luta diversas, dividiam o movimento dos trabalhadores:

o socialismo revolucionário era defendido pelos marxistas, que pregavam a luta de classes para estabelecer a ditadura do proletariado.

Os marxistas, também chamados de comunistas, tomaram o poder na Rússia em 1917;

o socialismo democrático, ou social-democracia, também defendia a propriedade coletiva dos meios de produção. No entanto, rejeitava a ação revolucionária e defendia a tomada do poder pelo voto, pelas reformas. Os socialistas democráticos estiveram no poder na Alemanha (após a Primeira Guerra Mundial), na França (na Terceira República), na Inglaterra, na Itália e na Espanha.

As Internacionais socialistas

A idéia de realizar reuniões internacionais de socialistas foi proposta por Karl Marx em 1848. A I Internacional operária se reuniu em Londres em 1864. Congregou sindicalistas, líderes operários e intelectuais dos principais centros europeus. Karl Marx participou dela. Em 1876 a Internacional se dissolveu, por causa da ruptura entre socialistas e anarquistas, que pregavam a ausência de governo e a luta contra qualquer tipo de organização estatal.

A II Internacional se reuniu em 1889 na França. A maioria de seus membros eram socialistas democráticos. Com a eclosão da guerra mundial em 1914, os socialistas abandonaram o internacionalismo e se empenharam na defesa de seus países. Os comunistas criticaram essa atitude, chamando os socialistas democráticos de traidores do movimento trabalhista.

A III Internacional se reuniu em 1919, após o triunfo do Partido Comunista na Rússia. A partir de então, a União Soviética tornou-se o centro irradiador do comunismo no mundo.

A IV Internacional se reuniu no México, em 1938, sob a inspiração de Leon Trotski, dissidente da Revolução Russa que pregava a revolução permanente.

A IV Internacional criticou o burocratismo soviético. A eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, e o assassinato de Trotski, em 1940, interromperam o movimento.

A legislação social

Os protestos dos trabalhadores modificaram a legislação social vigente em muitos países da Europa. Em 1819, a Inglaterra promulgou as primeiras leis protegendo os menores.

Apenas os maiores de 9 anos podiam trabalhar. A jornada de trabalho dos menores não podia ser superior a doze horas.

Em 1873, apenas os maiores de 13 anos podiam trabalhar na França. Em 1892, foi regulamentado o trabalho de mulheres

Em cima, pintura retratando imigrantes indo para os Estados Unidos. Embaixo, trabalhadores infantis americanos.

27

A U L A e crianças. A jornada de trabalho de até onze horas foi adotada em 1900.

A legislação francesa também previa seguros contra acidentes e direitos sociais.

A adoção dessas garantias amenizou os protestos sociais.

A Segunda Revolução Industrial

O desenvolvimento técnico europeu teve seu momento maior durante as décadas da Paz Armada. Os avanços técnicos foram tantos que esse período mereceu ser chamado de Segunda Revolução Industrial.

Nesse período, surgiram novas potências fora da Europa. O Japão e os Estados Unidos tornaram-se rivais da hegemonia européia. Assumiriam posições de destaque na ordem internacional após a Primeira Guerra Mundial.

As novas fontes de energia

A primeira Revolução Industrial utilizou a energia do vapor de água e do carvão. Em pouco tempo, essas fontes de energia foram substituídas por outras:

- o petróleo substituiu o carvão como fonte de energia.

Os motores de explosão e os motores a gasolina revolucionaram os meios de transporte até então conhecidos;

- a eletricidade começou a ser utilizada a partir da invenção do dínamo, em 1870. A potência elétrica provém da água, do vento, das marés e do petróleo;

- o aço, combinação de ferro e carbono, substituiu o ferro;

Várias indústrias se modificaram radicalmente nesse período. As comunicações tornaram-se mais rápidas. A agricultura foi mecanizada. Os encouraçados a vapor começaram a substituir os veleiros na navegação marítima.

A aviação se desenvolveu a partir das experiências dos irmãos americanos Wright e do brasileiro Santos Dumont.

Em 1876, Graham Bell inventou o telefone.

O rádio surgiu a partir de experiências realizadas pelo italiano Marconi com o telégrafo sem fio, em 1899.

A fotografia e o cinema se desenvolveram a partir das descobertas do francês Daguerre. Em 1830, ele descobriu como imprimir luz em placas sensíveis.

Os avanços científicos

A descoberta de novas técnicas foi possível graças aos avanços científicos.

Em 1905, Albert Einstein formulou a teoria da relatividade, na qual apresentou uma nova explicação do Universo.

Os estudos de ótica e a termodinâmica revolucionaram a física. Os estudos da radioatividade lançaram as bases para o conhecimento da energia atômica.

Os raios-X foram utilizados pela primeira vez em 1895.

Em 1870, o russo Mendeleiev divulgou a tabela periódica de química,

classificando todos os corpos, inclusive os elementos desconhecidos pelo homem. Em 1866, o sueco Nobel inventou a dinamite. Operários trabalhando nas novas indústrias.

27

Na biologia, o francês Louis Pasteur realizou avanços notáveis no campo da A U L A bacteriologia. A pasteurização dos alimentos, eliminando bactérias prejudiciais, foi uma de suas grandes descobertas. As vacinas contra doenças e a anestesia foram descobertas do fim do século. No campo da psicologia, o austríaco Sigmund Freud foi o criador da psicanálise, a disciplina que estuda o inconsciente.

As artes e a crença no progresso

Durante o século XIX, os artistas europeus procuraram criar estéticas. O realismo, o naturalismo e, sobretudo, o impressionismo do final do século deixaram marcas profundas na arte que predominou no início do século XX. O mundo burguês do final do século XIX valorizou como nenhum outro a idéia de inovação e as modas de toda espécie, pois sua crença mais viva era a certeza de que o progresso era contínuo e seu mundo perduraria. Leia a explicação do historiador Eric Hobsbawm sobre essa mentalidade: Poucas sociedades valorizaram tanto as obras dos gênios criadores [...] [quanto] a burguesa do século XIX. Poucas estavam prontas a gastar dinheiro tão livremente com as artes e, em termos puramente quantitativos, nenhuma sociedade precedente comprou tanto como a quantidade de livros velhos e novos, objetos materiais, quadros, esculturas, estruturas decoradas de madeiras e bilhetes para representações teatrais ou musicais. Sobretudo, e paradoxalmente, poucas sociedades tinham estado tão convencidas de que viviam numa era dourada das artes criadoras. O gosto desse período não era nada se não fosse contemporâneo, como era de fato natural para uma geração que acreditava no progresso universal e constante.

Eric J. Hobsbawm, *A era do capital (1848-1875)*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 290

Hábitos e higiene

Por outro lado, toda essa sede de progresso demorou a atingir as pessoas em seu trato consigo mesmas e com seu corpo. A preocupação com a moda e com o progresso técnico não incluía, a princípio, novos hábitos higiênicos. Nem os pobres, que estavam condenados a um trabalho diário desumano, nem a burguesia, que só se preocupava com as aparências e os símbolos de progresso. Veja o que nos diz o historiador Eugen Weber sobre o período: Raramente se escovavam os dentes, e na maioria das vezes, muito mal. Na década de 1890, só poucas pessoas usavam pó dentifrício, e escovas de dentes eram mais raras que relógios. Havia também poucos dentistas: constituíam, em grande parte, importação americana, uma das poucas inovações americanas de que os franceses nunca reclamaram. Como os dentistas eram poucos e caros, as cáries proliferavam, com as conseqüentes infecções e problemas estomacais. Entre dentes ruins e estômagos sobrecarregados, é provável que a maioria dos heróis e heroínas da ficção do século XIX tivesse mau hálito, como seus modelos da vida real. O mau cheiro, na verdade, não se limitava ao hálito, porque os pesados trajes e vestidos não podiam ser lavados a seco, e a roupa de baixo (se usada) era raramente trocada.

Eugen Weber, *França Fin-de-siècle*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 80-81.

27

AULA Em direção ao mundo contemporâneo

Os historiadores geralmente consideram que a Idade Contemporânea começa com a eclosão da Revolução Francesa em 1789. A Revolução Francesa criou as fórmulas políticas que adotamos no mundo atual. Apesar disso, nossa maneira de viver o dia-a-dia está mais próxima do tipo de vida que surgiu no final do século XIX e no início do século XX do que da vida dos homens e mulheres que presenciaram as revoluções do século XIX.

O mundo contemporâneo contém elementos que não existiam no final do século XVIII. O automóvel, o rádio, a eletricidade, entre outras, são algumas inovações surgidas no final do século XIX e que fazem parte da nossa vida atual.

Várias dessas invenções surgiram por causa da pesquisa motivada pelas guerras empreendidas pelas grandes potências industriais. A corrida armamentista iniciada durante a Paz Armada só parece estar terminando agora, com o final da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a ex-União Soviética.

Durante esse período, o mundo viveu sua primeira revolução comunista, duas guerras mundiais e várias ameaças de destruição total. Atualmente, outros problemas, como a questão da sobrevivência do planeta, ganham importância em face da devastação e degradação do meio ambiente.

O mundo contemporâneo está interligado por sofisticados meios de comunicação. Hoje em dia, aquilo que acontece a milhares de quilômetros de distância chega até nossas casas pela televisão e pelos satélites que retransmitem imagens. De certa forma, as comunicações diminuíram o tamanho do nosso mundo.

Os valores burgueses e comunistas receberam duros golpes neste final de século XX. Apesar disso, as potências industriais e colonialistas do fim do século XIX continuam concentrando a maior parte da riqueza mundial.

O padrão de vida dessas sociedades industrializadas se distancia cada vez mais dos níveis de vida do chamado Terceiro Mundo, o ex-mundo colonial.

Atualmente, a maioria da população mundial vive na mais absoluta miséria.

Nos países capitalistas, a cultura burguesa do século passado tornou-se a cultura da sociedade de massas e dos consumidores.

Exercício 1

O que foram as Internacionais socialistas e quais seus resultados?

Exercício 2

Quais foram as inovações técnicas introduzidas pela Segunda Revolução Industrial?

Exercício 3

O que foi a belle époque?

Exercícios

28

AULA

A Paz Armada chegou ao fim com a eclosão

da Grande Guerra de 1914. A corrida armamentista, o jogo de alianças e as tensões resultantes das disputas imperialistas entre as potências européias tiveram como resultado o maior conflito armado de todos os tempos.

Participaram da guerra as potências européias e suas colônias, outros Estados menores, os Estados Unidos e o Japão. A guerra começou por causa de um atentado terrorista na conturbada região dos Bálcãs.

A Grande Guerra

A Grande Guerra foi um conflito entre as potências industriais pela hegemonia na Europa e no mundo. Durante a Paz Armada, as potências européias investiram maciçamente na produção de armas cada vez mais destrutivas. Além disso, mantinham exércitos em estado de prontidão. O custo de manutenção dos exércitos era muito alto: em algum momento, teriam de justificar a sua existência.

A Primeira Guerra Mundial

28

AULA

28

AULA A política de alianças: rumo à guerra mundial

A política de alianças das potências européias durante a Paz Armada transformou a guerra num conflito generalizado.

A Tríplice Aliança reunia os impérios militaristas da Alemanha e da Áustria e o reino da Itália.

▮ A Alemanha mantinha um exército permanente de mais de 1 milhão de soldados. Uma das principais potências econômicas da Europa, com 60 milhões de habitantes, a Alemanha alegava precisar de espaço para se expandir.

▮ Apesar de suas dimensões colossais, o Império Austro-Húngaro apresentava uma situação interna extremamente frágil, pois abrigava várias nacionalidades. As tensões entre germanos e eslavos provocavam insurreições e levantes populares. O nacionalismo eslavo e a disputa entre a Rússia e a Áustria pelo domínio da região agravaram a situação.

▮ A Itália se aliou à Alemanha e à Áustria procurando expandir seus domínios coloniais. Além disso, tinha pretensões na região dos Balcãs. Durante a Paz Armada, manteve um exército permanente e construiu uma frota de guerra considerável.

Para contrabalançar a Tríplice Aliança, a França, a Rússia e a Inglaterra formaram a Tríplice Entente.

▮ A França ainda se recuperava da derrota de 1871 diante da Alemanha, quando perdeu os ricos territórios da Alsácia e da Lorena. Internamente, as lutas entre os trabalhadores e a burguesia e os escândalos financeiros e políticos debilitavam a Terceira República. Apesar disso, a França havia reunido um considerável império colonial, tornando-se a segunda potência colonial européia, logo atrás da Inglaterra. Isso levou a uma maior aproximação entre os dois países. Em 1904, eles assinaram um pacto de amizade.

▮ A Rússia aderiu à aliança entre a França e a Inglaterra em 1908. Internamente, o império russo continuava absolutista e semifeudal. Apesar disso, empreendeu uma bem-sucedida política imperialista na Ásia e conseguiu manter sob sua dominação os povos eslavos do Báltico, aguçando as tensões na região. Disputava com a Alemanha a supremacia na Polônia e na Europa central.

▮ A Inglaterra foi a maior potência econômica do século XIX. A estabilidade

interna, somada ao grande desenvolvimento de sua indústria, fez dela uma potência de primeira ordem no cenário mundial. Seu império colonial reunia uma população de mais de 450 milhões de habitantes. No início do século XX, optou por uma política de aproximação com a França, que resultou na formação da Tríplice Entente. A Primeira Guerra Mundial marcou o início do desmoronamento do poder britânico no mundo.

O atentado em Sarajevo

No dia 28 de junho de 1914, o príncipe herdeiro da coroa austríaca, arquiduque Francisco Ferdinando, foi assassinado na cidade de Sarajevo, na Bósnia. A visita do herdeiro a essa região tinha um nítido conteúdo político: pretendia demonstrar o domínio austríaco na região. O atentado, cometido por um estudante

28

ligado a uma organização secreta sérvia, desafiou a autoridade austríaca na A U L A região. A resposta foi imediata: a Áustria interveio na Sérvia.

A Rússia também mobilizou seus exércitos na região. Em pouco tempo, toda a Europa estava em guerra. Os motivos que desencadearam o conflito foram:

- a rivalidade entre as grandes potências pelo domínio dos mercados coloniais;
- a corrida armamentista, geradora de novas tensões, e o estado de prontidão dos exércitos dos países europeus;
- a política de alianças entre as potências, que transformou o conflito num enfrentamento generalizado;
- as tensões geradas pelo imperialismo europeu na região dos Balcãs e os conflitos de fronteiras entre os principais Estados europeus.

As frentes da guerra

A Primeira Guerra Mundial durou mais de quatro anos. Mas, apesar da participação dos Estados Unidos e do Japão e dos enfrentamentos nas colônias, foi um conflito essencialmente europeu.

As principais “frentes” de batalha foram as seguintes:

- a frente ocidental se desenvolveu nas fronteiras entre a Bélgica, a França e a Alemanha;
- na frente dos Balcãs, a Sérvia, a Romênia e a Grécia, com apoio da Tríplice Entente, lutaram contra a Áustria, a Turquia e a Bulgária;
- no Oriente Médio, turcos e ingleses lutaram na Síria, Arábia e Palestina;
- a frente oriental se desenvolveu nas fronteiras da Rússia com a Alemanha e a Áustria;
- a frente alpina se desenvolveu na fronteira austro-italiana;
- as colônias alemãs na África e no Pacífico foram invadidas por ingleses, japoneses e seus aliados;
- a guerra marítima se desenvolveu principalmente no Atlântico e no Mediterrâneo.

A técnica a serviço da destruição

O grande desenvolvimento técnico e industrial alcançado pelas potências europeias durante a Paz Armada resultou na criação de armas de guerra extremamente poderosas.

Cena da Primeira Guerra Mundial, mostrando a devastação de um bosque.

28

A U L A Os exércitos terrestres utilizaram a artilharia pesada, armas de repetição e

metralhadoras. Durante a guerra, surgiram armas novas e ainda mais terríveis: os lança-chamas, os gases tóxicos e o tanque.

No mar, as esquadras utilizaram enormes navios encouraçados que carregavam peças de artilharia pesada. Os submarinos, armados de torpedos e minas explosivas, ameaçaram a navegação comercial inimiga.

No início, a aviação foi usada apenas para vigiar os movimentos do inimigo.

No transcorrer do conflito, os aviões foram armados com bombas e metralhadoras, convertendo-se em armas.

No início da guerra, os dois lados confiavam numa vitória rápida e decisiva.

Esse clima de otimismo se fez presente nas manifestações organizadas para apoiar a guerra. O pacifismo de alguns dirigentes socialistas foi abafado, muitas vezes com violência. No 31 de julho de 1914, quando a catástrofe era iminente, o dirigente socialista francês Jean Jaurés, partidário da paz, foi assassinado por um fanático nacionalista.

A batalha do Marne: o fracasso alemão no Ocidente

Os exércitos alemães ocuparam parte da Bélgica, invadiram a França e ameaçaram avançar sobre Paris. Foram detidos na gigantesca batalha do Marne: numa frente de 280 quilômetros, cerca de 2 milhões de soldados alemães e franceses disputaram uma das maiores batalhas da História.

Os franceses conseguiram deter o avanço alemão. A partir de então, desenvolveu-se a guerra de posições, um longo e sangrento desgaste ao longo de uma frente estabilizada. A tentativa alemã de definir rapidamente as ações na frente ocidental havia fracassado.

Após o fracasso alemão no oeste, a frente ocidental se transformou numa linha estática. Soldados alemães e franceses lutavam dentro de trincheiras protegidas com arame farpado e metralhadoras.

A derrota russa na frente oriental

Na segunda metade de agosto, os despreparados exércitos russos invadiram a Prússia oriental. A luta na frente oriental continuou, com resultados variáveis, até a rendição da Rússia, em 1918.

Soldados alemães
embarcaram em
trem, dirigindo-se
para a frente de
batalha.

28

A guerra nas outras frentes A U L A

Nos Bálcãs, após duras lutas, tropas austríacas, búlgaras e alemãs ocuparam a Romênia e a Sérvia.

A Itália entrou na guerra do lado da Entente em maio de 1915, abrindo a frente alpina. Lá, desenvolveu-se também a guerra de trincheiras. Em outubro de 1917, os italianos foram derrotados por tropas austríacas e alemãs.

No Oriente Médio, a Inglaterra incitou a sublevação de tribos árabes contra os otomanos.

Entre 1915 e 1917, as colônias alemãs na África foram ocupadas por tropas francesas, belgas e britânicas.

No Pacífico, o Japão entrou na guerra contra a Alemanha para tomar suas colônias.

A guerra no mar

A superioridade naval da Tríplice Entente decidiu a luta no mar. Após uma série de batalhas navais no Atlântico e no Báltico, a Inglaterra conseguiu derrotar a frota alemã e continuou dominando os mares do mundo.

Os alemães utilizaram submarinos para cortar os suprimentos coloniais da

Entente. A ação dos submarinos atingiu a navegação comercial britânica e de outros países neutros. Em fevereiro de 1917, o governo alemão declarou a guerra submarina a todos os navios que carregassem suprimentos para o inimigo, ou seja, a Inglaterra. A maior vítima dos ataques alemães foram os Estados Unidos.

Os Estados Unidos entram na guerra

O ataque aos navios norte-americanos provocou enormes perdas materiais e humanas, afetando profundamente os interesses comerciais dos Estados Unidos. Em abril de 1917, os Estados Unidos entraram na guerra contra a Alemanha. Vários países latino-americanos, entre eles Cuba, Panamá e o Brasil, adotaram a mesma atitude.

A intervenção norte-americana na guerra foi decisiva para a vitória da Entente.

As sociedades em guerra

A Grande Guerra afetou a vida das populações civis dos países envolvidos.

A economia dos países em guerra se transformou profundamente durante o conflito. Entre 20% e 40% da população masculina adulta foi recrutada para

Grupo de
soldados
aliados
comemora
a vitória.

28

A U L A servir nas Forças Armadas. Mulheres e crianças compensaram a falta de mão-deobra nas fábricas e no campo.

As fábricas se dedicaram quase que exclusivamente à produção de armas e equipamentos militares. As vias de comunicação – estradas e ferrovias – serviam prioritariamente aos exércitos locais ou inimigos. Em alguns lugares, foi adotado o trabalho obrigatório nas indústrias de material bélico.

O entusiasmo inicial, devido em grande parte à propaganda, transformouse em desencanto e desespero. Deserções, motins, greves e protestos tornaram-se rotina. A frase do escritor alemão Erich Maria Remarque exprime bem o momento: “Se não chega a paz, chegará a revolução”.

Em 1918, o exército alemão assinou a rendição na cidade francesa de Compiègne. Saldo da Primeira Guerra Mundial: 8 milhões de mortos e 20 milhões de feridos.

A Conferência de Paz

Em janeiro de 1919, realizou-se uma reunião para discutir as condições da paz. Os vencedores da guerra não entraram em acordo quanto ao tratamento a ser dado à Alemanha, principal potência derrotada.

A França queria aniquilar completamente o poderio alemão. A Inglaterra pretendia manter o “equilíbrio europeu”: pregava a existência de uma Alemanha unida e desarmada. A Itália se fixou na discussão sobre as fronteiras a serem estabelecidas no norte.

As condições impostas à Alemanha no pós-guerra foram duras: o país ficou desarmado e a região do Sarre foi ocupada militarmente. Além disso, teve de pagar uma pesada indenização pelos custos da guerra e perdeu todas as colônias. Cedeu a Alsácia e Lorena para a França.

Depois da guerra,
a sociedade alemã passou
por um longo período de
privações e miséria.

28

Outros desdobramentos dos tratados de paz de foram os seguintes: A U L A
a Polônia voltou a ser um Estado livre, e o porto de Gdansk foi declarado cidade livre;
a Áustria foi dividida. A Hungria tornou-se independente;
os eslavos do sul criaram a Iugoslávia. Os eslavos do norte se agruparam na Tchecoslováquia;
a Turquia perdeu a maior parte de seus territórios para a França e a Inglaterra, restando-lhe apenas o domínio sobre a Ásia Menor;
a Rússia perdeu os países do Báltico – Estônia, Letônia, Lituânia e a Finlândia – , que se tornaram independentes;
em 1919, criou-se a Sociedade das Nações, organismo internacional encarregado de resolver as disputas internacionais e de manter a paz mundial.
Apesar de ser um dos grandes vencedores da guerra, os Estados Unidos optaram por uma política isolacionista no plano internacional. A Sociedade das Nações, idealizada pelo presidente norte-americano Woodrow Wilson, não contou com a participação dos Estados Unidos.

Exercício 1

Aponte os principais motivos que levaram à Primeira Guerra Mundial.

Exercício 2

Em que medida o expansionismo e o militarismo da Alemanha, Áustria e Itália provocaram a Primeira Guerra Mundial?

Exercício 3

Em que medida a vida da população civil foi afetada pela guerra?

Exercícios

29

A U L A

29

A U L A

A Revolução Russa de 1917 ocorreu durante

a Primeira Guerra Mundial. O imenso e arcaico império russo não suportou o peso de uma guerra moderna. Em 1917, a burguesia russa tomou o poder durante alguns meses. No mesmo ano, o movimento da burguesia cedeu terreno para a primeira revolução socialista da história contemporânea.

A Revolução Russa foi a primeira vitória do socialismo revolucionário.

A partir de então, a possibilidade de ruptura dos padrões da sociedade burguesa e liberal tornou-se uma realidade no mundo em que vivemos.

O império dos czares

No final do século XIX, a Rússia era o Estado mais extenso da Europa. Mas o império russo abrigava povos e culturas diversas, com graves desequilíbrios sociais, econômicos e políticos. Um dos principais problemas era a concentração de terras nas mãos de poucos proprietários.

A reforma de 1861 libertou os servos e distribuiu terras, mas não atingiu os resultados esperados. Poucos camponeses receberam terras em quantidade suficiente. Apenas uma minoria de pequenos e médios proprietários, os kulaks, se beneficiaram. O resto da população do campo era formada por um miserável proletariado rural.

A Revolução Russa

À esquerda
membros da elite
abastada. À direita,
mulheres rumo ao
trabalho.

29

O tardio desenvolvimento industrial russo se deu graças à participação de A U L A capitais estrangeiros, principalmente ingleses e franceses. Mesmo assim, foi inferior ao das demais potências européias. Em 1877, dos 100 milhões de habitantes russos, apenas 1 milhão eram operários.

Os czares russos governavam o império com mão de ferro. A monarquia russa nunca perdeu seu caráter autocrático e despótico. Os opositores do regime eram perseguidos por um eficiente aparelho de repressão policial. Nesse clima, surgiram vários grupos de oposição.

No final do século XIX, as idéias socialistas chegaram até a Rússia.

O Partido Social-Democrata abrigava os socialistas russos – entre eles Vladimir Ilich Ulianov, popularmente conhecido como Lenin.

1905: preâmbulo da Revolução

As duras condições de vida e a derrota perante os japoneses, em 1905, refletiram a incapacidade e a corrupção que reinavam na corte do império. A insatisfação popular se manifestou por meio de greves e motins nas principais cidades. Uma poderosa unidade da frota do mar Negro, o encouraçado Potemkin, se juntou aos rebeldes. As autoridades do czar reprimiram violentamente as manifestações populares, e o movimento de 1905 foi abafado.

Guerra e revolução

A eclosão da Primeira Guerra Mundial demonstrou a incompetência da corte e da aristocracia russa. Durante a guerra, a economia russa desmoronou. Especuladores obtinham grandes lucros, enquanto a maioria da população passava por necessidades. Os soldados russos, mal armados e mal preparados, morriam aos milhares nas frentes de combate. Os operários organizaram greves e muitos soldados começaram a desertar.

Os social-democratas participaram ativamente do movimento contra a guerra e o regime. Já naquela altura, o partido estava dividido em duas tendências:

- os bolcheviques (palavra que significa “maioria”), dirigidos por Lenin;
- os mencheviques, a “minoria”.

Nas primeiras semanas de março de 1917, eclodiu um movimento revolucionário na cidade de Petrogrado (atualmente São Petersburgo). As tropas do exército aderiram à revolução, e até os setores mais moderados da sociedade russa abandonaram o czar.

Nessa ocasião, reorganizaram-se os soviets, conselhos de operários e soldados, surgidos no movimento de 1905.

O jovem Lenin.
Estátua de Nicolau II
destruída pelos
revolucionários.

29

A U L A Nicolau II abdicou. Os revolucionários formaram um governo republicano provisório que continha um amplo espectro de tendências políticas, dirigido por Alexandre Kerenski, um dos líderes de um partido chamado Socialista Revolucionário, e ligado ideologicamente aos mencheviques.

A burguesia liberal e vários setores da aristocracia apoiaram o novo governo, que iniciou uma série de reformas. Entre elas, destacamos a adoção do sufrágio universal e a convocação de uma Assembléia Constituinte.

Enquanto isso, a guerra contra a Alemanha continuava. A crise criada pela guerra e a variada composição do governo revolucionário não permitiram que os grandes problemas econômicos que afetavam a população russa fossem solucionados.

O governo soviético

Embora os soviets continuassem a funcionar, o governo provisório tornou-se cada vez mais impopular. Nesse quadro, Lenin ganhou expressão. Pregava a paz com a Alemanha e a saída da Rússia da guerra, a distribuição de terras aos camponeses e o fortalecimento dos soviets.

Os bolcheviques tornaram-se mais numerosos, chegando a 80 mil militantes. Ganharam mais expressão nos soviets, nas fábricas e na marinha. Lenin pregava: "Todo o poder aos soviets". Sua meta era a adoção da ditadura do proletariado para realizar a revolução socialista na Rússia e alcançar a paz.

A timidez da política social do novo governo propiciou o avanço dos bolcheviques. Em julho, várias sublevações e protestos atingiram as principais cidades russas.

Os contra-revolucionários monarquistas tentaram derrubar o governo provisório, mas foram bloqueados pelo movimento popular. Kerenski estava isolado entre a direita contra-revolucionária e a esquerda bolchevista.

A Revolução de Outubro de 1917

A partir da Finlândia, onde se havia exilado, Lenin coordenou os preparativos para aprofundar a revolução. A Guarda Vermelha, uma milícia popular, foi criada para ser o braço armado dos bolcheviques.

No dia 25 de outubro, a insurreição popular eclodiu em Petrogrado. Parte da guarnição militar e dos marinheiros da frota do Báltico se juntou aos guardas vermelhos, milícia revolucionária organizada nas fábricas. O movimento dirigido por Lenin contou com a participação de Leon Trotski e Josef Stalin.

A Revolução de Outubro triunfou: os bolcheviques derrubaram o governo de Kerenski e efetivaram o poder dos soviets dirigidos pelo partido bolchevista, desde então chamado de comunista. O novo governo, presidido por Lenin, adotou uma série de reformas radicais, baseadas no marxismo e executadas por meio da ditadura dos soviets.

Os objetivos dos comunistas não eram apenas derrubar o governo provisório: eles criaram uma nova sociedade, baseada no socialismo. As terras da aristocracia e da Igreja foram confiscadas. A propriedade privada dos meios de produção (terras, minas, fábricas) foi abolida. O comércio exterior e o sistema financeiro ficaram sob o controle do Estado.

29

Em março de 1918, o governo soviético assinou a Paz de Brest-Litovsk com a U L A a Alemanha. Por causa da inferioridade militar russa e do surgimento de movimentos nacionalistas em diversos territórios, a Rússia perdeu a Polônia, a Finlândia, os países bálticos e a Ucrânia.

Conseqüências da Revolução Russa

Ao tomar o poder, os bolcheviques assinaram a paz com a Alemanha.

A nacionalização de terras e fábricas administradas pelos operários constituiu a grande novidade introduzida pela revolução. Inicialmente, entretanto, o sistema adotado pela revolução não apresentou bons resultados. A fome e a miséria continuavam atormentando a população russa. As potências estrangeiras tentavam desestabilizar o regime soviético, considerando seu exemplo uma ameaça para a sociedade capitalista.

As conseqüências da revolução foram:

- a criação do primeiro Estado socialista, baseado nas doutrinas de Marx e Lenin;
- a independência da Polônia, da Finlândia e dos países bálticos;
- a Rússia se afastou das potências européias, permitindo que a Alemanha concentrasse seus esforços bélicos na frente ocidental;
- a revolução repercutiu profundamente no plano internacional: a União Soviética se tornou o foco dos movimentos revolucionários comunistas na Europa;
- a partir de então, ficou nítida a diferença entre os socialistas e os comunistas.

Stalin e Lenin
em foto de 1918.
Cena de rua
durante a
Revolução Russa,
na qual aparecem
pessoas mortas
ou feridas.

29

A U L A A guerra civil

A guerra civil entre os bolcheviques e os brancos – antigos monarquistas e outros setores que haviam sido derrotados na Revolução de Outubro – aprofundou ainda mais a revolução.

Os kulaks, médios proprietários, foram acusados de trair a revolução.

O governo central de Moscou enviou brigadas de operários ao campo para apoiar o movimento camponês contra os kulaks. A execução de kulaks e a morte de militantes bolcheviques nos conflitos com os exércitos de russos brancos caracterizaram a guerra civil.

As potências vencedoras da Primeira Guerra Mundial, alarmadas pelas medidas tomadas pelo governo soviético, prestaram auxílio militar aos brancos.

Forças japonesas, francesas e inglesas ajudaram os contra-revolucionários.

Apesar do auxílio estrangeiro, o governo de Lenin triunfou sobre seus inimigos internos e consolidou a revolução comunista no antigo império dos czares. Politicamente, o novo regime proclamou a nova ordem social na Constituição de 1918. A Constituição soviética contém uma declaração de direitos do “povo explorado e trabalhador”.

Cronologia

1861 – Reforma liberta os servos e distribui terras.

1877 – Dos 100 milhões de habitantes russos, apenas 1 milhão eram operários.

1905 – Derrota russa perante os japoneses, greves e motins nas principais cidades. Uma poderosa unidade da frota do mar Negro, o encouraçado

Potemkin, se junta aos rebeldes. As autoridades do czar reprimem violentamente as manifestações populares.

Março de 1917 – Eclode um movimento revolucionário na cidade de Petrogrado (atual São Petersburgo).

Julho de 1917 – Várias sublevações e protestos atingem as principais cidades russas.

25 de outubro de 1917 – A insurreição popular eclode em Petrogrado.

Março de 1918 – O governo soviético assina a Paz de Brest-Litovsk com a Alemanha.

1918 – O novo regime proclama a nova ordem social em uma Constituição.

Exercício 1

Descreva a situação do império russo no final do século XIX.

Exercício 2

Quais foram as principais reformas adotadas pelo governo de Kerenski?

Exercício 3

Quais foram as principais medidas adotadas pelos comunistas que tomaram o poder em outubro de 1917?

Exercícios

30

A U L A

Após a Primeira Guerra Mundial, a Europa

e os países que participaram do conflito queriam a paz. Apesar disso, o pós-guerra foi apenas o prelúdio de uma guerra maior ainda. Ao longo de duas décadas, surgiram motivos suficientes para desencadear um novo e gigantesco choque armado.

Os anos do pós-guerra constituíram um período de crise econômica, política e social. O capitalismo liberal viveu sua primeira grande crise. Na Europa, a crise econômica preparou o terreno para o surgimento de regimes totalitários.

A nova Paz Armada

Após a guerra, a decadência da Europa tornou-se evidente: todos os países que participaram do conflito, inclusive os vencedores, estavam arruinados.

Os Estados Unidos se tornaram os grandes credores do mundo do pós-guerra: o centro da economia mundial se transferiu para o continente americano.

30

A U L A

O período entreguerras: o novo capitalismo

30

A U L A Apesar de se tornarem o novo centro da economia mundial, os Estados

Unidos não aderiram à Sociedade das Nações, preferindo manter uma atitude isolacionista. Esse foi um dos principais motivos pelos quais fracassou a ação pacificadora da Sociedade.

Os demais vencedores da guerra utilizaram a Sociedade para promover seus interesses. Além disso, a Sociedade teve de enfrentar o boicote das potências europeias, que anulavam suas disposições. As principais características do período entreguerras foram as seguintes:

- o fracasso da ação pacificadora da Sociedade das Nações;
- os Estados Unidos mantiveram uma atitude isolacionista face aos problemas europeus;
- surgiu uma nova ideologia política, o nazifascismo, que tomou o poder na Itália e na Alemanha;
- o Japão consolidou sua posição na Ásia e tentou anexar novos territórios;
- o regime soviético nascido da Revolução de 1917 na Rússia se consolidou;
- a economia capitalista entrou em crise a partir de 1929, criando graves problemas políticos e sociais;
- o confronto ideológico entre os princípios da democracia liberal, o fascismo e o marxismo adquiriu importância nas relações internacionais.

Os Estados Unidos e a crise de 1929

Terminada a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos entraram na era dos grandes negócios. Por causa disso, o crescimento industrial da década de 1920 foi desordenado. A febre dos negócios, baseada na especulação, provocou a crise de 1929.

Os principais fatos que detonaram a crise de 1929 foram:

- a superprodução de mercadorias;
- a saturação e a limitação dos mercados consumidores;
- a expansão desmedida do crédito;
- o descompasso entre a agricultura e a indústria.

No dia 29 de outubro de 1929, a Terça-Feira Negra, a Bolsa de Nova York, centro do capitalismo, quebrou. A crise de 1929 resultou de um desequilíbrio entre o baixo poder aquisitivo dos consumidores e a superprodução descontrolada.

O capitalismo liberal enfrentou sua primeira grande crise e estava com

Durante a crise, a população sofrida expressava sua angústia e desespero com a situação.

30

os dias contados. Fortunas se desfizeram do dia para a noite. De 1929 a 1932, a produção industrial caiu 54%. O resultado mais imediato da crise foi a elevação do número de desempregados: milhões de norte-americanos perderam seus postos de trabalho.

A crise de 1929 e o mundo

A crise que afetou a economia norte-americana logo repercutiu em outros países. Quase toda a Europa e a América Latina foram afetadas pela quebra da Bolsa de Nova York. Em 1930, a crise atingiu, direta ou indiretamente, todo o mundo capitalista. As conseqüências foram a inflação, o desemprego, a superprodução e a falência de centenas de empresas.

Com a crise, os Estados Unidos cortaram os créditos a outros países.

Na Europa, a retração do mercado consumidor estimulou a exportação de produtos manufaturados que não tinham saída no mercado interno. Nos países não-industrializados, como o Brasil, a crise provocou a queda no preço das matérias-primas, gerando desemprego, greves e insatisfação social.

O New Deal: uma saída para a crise

A superação da crise veio com reformas políticas que reformularam o papel do Estado nas economias capitalistas. O New Deal, novo plano idealizado pelo presidente norte-americano Franklin Roosevelt, acabou com o liberalismo econômico. A partir de então, o Estado teve um papel fundamental na organização da economia e da sociedade.

Roosevelt ocupou a presidência dos Estados Unidos de 1933 a 1945. Foi eleito quatro vezes pelo Partido Democrata. No início de seu mandato, tentou superar a crise reativando a vida econômica do país. No período conhecido como os Cem Dias, o presidente adotou medidas de urgência:

- fechou os bancos que estavam em crise;
- proibiu a exportação e o entesouramento de ouro;
- realizou uma profunda reforma no sistema bancário.

Em maio de 1933, decretou a reforma agrária, por meio do Ato de Ajustamento Agrícola. A finalidade do ato era reduzir a produção de excedentes agrícolas visando à manutenção do nível de preços: a partir de então, o Estado passou a comprar os excedentes agrícolas.

Nesse mesmo mês, Roosevelt criou um núcleo de planejamento regional no vale do rio Tennessee, integrando indústrias, hidrelétricas, reflorestamento e irrigação. A construção de obras públicas estimulou a recuperação da economia. Um acordo com os empresários fixou preços e estabeleceu limites de produção. Os trabalhadores foram beneficiados com a regulamentação da jornada de trabalho e do salário mínimo.

As democracias liberais no pós-guerra

A França e a Inglaterra ficaram arruinadas após a Primeira Guerra Mundial. Perderam a condição de potências de primeira ordem. Enfrentaram graves problemas internos devido aos reflexos da crise de 29 em suas economias.

30

A U L A A Inglaterra manteve a preeminência colonial durante o período entreguerras, mas tornava-se evidente que o império britânico começara a ruir. Para evitar a perda total de seu império colonial, criou a Commonwealth, a Comunidade Britânica de Nações. Os países integrantes da comunidade mantiveram vínculos econômicos e culturais com a metrópole.

Internamente, os liberais perderam terreno para os trabalhistas. A Inglaterra permaneceu relativamente isolada dos problemas europeus até a escalada do poder totalitário na Alemanha.

A França saiu da guerra vitoriosa, mas arruinada. No pós-guerra, optou por uma política defensiva. Para evitar uma nova invasão da Alemanha, construiu uma linha de fortificações, a linha Maginot, e selou pactos e alianças com outros países da Europa, entre eles a Bélgica, a Polônia e a Tchecoslováquia. Em 1934, selou uma aliança com a União Soviética.

Internamente, a França viveu momentos de instabilidade política em razão da luta entre a direita e a esquerda. Seus campos e indústrias foram devastados com a guerra. A crise econômica foi permanente no período entreguerras.

O mundo comunista

Com o triunfo comunista, as esquerdas do mundo se voltaram para a Rússia em busca de apoio. Após a guerra civil contra os russos brancos, como eram chamados aqueles que se opunham à revolução socialista, a situação interna se estabilizou.

- Em 1922 foi criada a União Soviética, uma federação de repúblicas socialistas.
- Em 1923 foi promulgada a Constituição soviética, que instituiu o regime do partido único.

Lenin suavizou o marxismo puro dos primeiros anos da revolução com a adoção da Nova Política Econômica, conhecida pela sigla NEP, que permitia a existência de propriedade mista (coletiva e privada). A União Soviética alcançou a prosperidade em pouco tempo.

A ditadura de Stalin

Com a morte de Lenin, em 1924, o poder foi disputado entre os partidários de duas tendências:

Na foto da esquerda, Stalin em seu gabinete de trabalho. À direita, a reprodução da primeira página do Jornal Daily News fala do assassinato de Trotski.

30

Leon Trotski acreditava que a revolução deveria ser permanente. A U L A Josef Stalin pregava a consolidação da revolução na União Soviética. Josef Stalin venceu a disputa. Trotski fugiu para o México, onde foi assassinado em 1940. Durante o governo de Stalin, a União Soviética se transformou na segunda potência do mundo.

Stalin desenvolveu a indústria pesada, que produzia máquinas para outras indústrias. Realizou a coletivização da agricultura. Perseguiu os kulaks e tomou-lhe as terras. Os camponeses formaram cooperativas para facilitar o trabalho agrícola.

Stalin cuidou da educação e deu assistência aos trabalhadores, melhorando o nível de vida da população soviética. Ao mesmo tempo, realizou reformas políticas que transformaram seu governo numa verdadeira ditadura. Em 1936, reformou a Constituição, suprimindo aspectos democráticos como a separação dos poderes e o sufrágio universal. Toda forma de oposição foi eliminada durante os expurgos realizados entre 1936 e 1938.

A expansão comunista

Com a consolidação da revolução, a União Soviética se transformou no centro da expansão do marxismo para o resto do mundo. Partidos de esquerda receberam apoio e sustentação soviética. O comunismo quase triunfou na Itália, na Alemanha, na Hungria e na Espanha. Nesses países deu-se a vitória dos partidos totalitários de direita.

Exercício 1

Quais foram as principais medidas tomadas pelo presidente Roosevelt para superar a crise? Como foi chamado o seu plano?

Exercício 2

O que aconteceu com a Inglaterra e a França no período entreguerras?

Exercício 3

Descreva a situação da União Soviética durante o governo de Josef Stalin.

Exercícios

31

A U L A

184

31

AULA

As ambições imperialistas da Alemanha,

da Itália e do Japão resultaram na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A situação criada pelo pós-guerra nos países vencidos favoreceu a escalada de regimes militaristas expansionistas que lutaram contra o capitalismo e contra o comunismo.

Na Itália surgiu o fascismo, liderado por Benito Mussolini. Na Alemanha surgiu o nazismo, liderado por Adolf Hitler. O nazifascismo surgiu como resposta ao “perigo vermelho” comunista, estimulado pela União Soviética, e também à instabilidade do capitalismo liberal.

Aproveitando a fragilidade da Sociedade das Nações, o governo militarista do Japão iniciou a conquista da China e a expansão na Ásia.

O militarismo japonês na Ásia

A partir de 1931, um partido militarista, decidido a impor a hegemonia do Japão na Ásia, assumiu o governo do império japonês. Sob a direção do imperador Hiroito, o Japão empreendeu a expansão colonialista na Ásia.

Aproveitando a fragilidade da China, que enfrentava uma guerra civil entre comunistas e nacionalistas, as tropas japonesas ocuparam a Manchúria e criaram

O período entreguerras: os nacionalismos totalitários

Soldados a serviço
do fascismo italiano.

31

AULA

185

o Estado fantoche do Manchukuo. A Sociedade das Nações condenou a ação japonesa. O governo de Tóquio saiu da Sociedade em 1933. Esta não teve meios para resolver a situação.

A partir desse momento, o Japão desenvolveu uma importante indústria de armas. Em 1935, tomou uma parte da Mongólia e iniciou uma política de aproximação com a Alemanha e a Itália. Assinou com a Alemanha um pacto anticomunista em 1936. Em 1937, empreendeu abertamente a conquista da China, por meio de uma longa guerra que só terminou em 1945.

O fascismo italiano

A Itália ficou insatisfeita com os resultados da Primeira Guerra Mundial, pois não recebeu as colônias que esperava. Esse sentimento, somado ao empobrecimento do pós-guerra, criou um profundo mal-estar social. As idéias marxistas encontraram ampla difusão. Ao mesmo tempo, surgiu um movimento nacionalista, liderado por Benito Mussolini, fundador do Partido Fascista em 1919.

Mussolini formulou a teoria do Estado totalitário, senhor de todos os direitos. O totalitarismo fascista era

antiliberal e antidemocrático. Segundo a teoria fascista, tudo deveria estar submetido à autoridade do Estado. A ditadura do Estado era exercida pela burguesia, reunida em corporações.

A Marcha sobre Roma

O movimento fascista se espalhou pela Itália, provocando revoltas e conflitos armados entre fascistas e seus opositores, chamados de “comunistas”. Em 1922, disposto a tomar o governo pela força, Mussolini empreendeu a famosa Marcha sobre Roma. Junto com seus partidários – os camisas negras, tropas de choque organizadas militarmente – , tomou o poder do rei Vítor Emanuel III. A partir desse momento, estabeleceu a ditadura fascista.

Todo o poder estava nas mãos do chefe de governo.

Este era assessorado pelo Grande Conselho Fascista, composto pelos trinta membros mais antigos do partido.

A Câmara das Corporações elaborava as leis e cuidava da polícia secreta, encarregada de perseguir os opositores.

Os fascistas se opunham ao conceito marxista de luta de classes: pregavam a união dos trabalhadores com os capitalistas sob a direção do Estado.

O governo fascista pretendia que a Itália se transformasse numa potência industrial e militar. Para realizar esse projeto, o governo:

- desenvolveu a indústria pesada;
- introduziu a mecanização no campo e ganhou novas terras aráveis por meio da drenagem de pântanos;

Benito Mussolini

31

A U L A

186

- construiu estradas, usinas, ferrovias;
- apoiou uma educação que deveria servir à formação da juventude segundo os critérios fascistas;
- criou a Carta do Trabalho, que regulamentou a legislação trabalhista;
- criou um exército e uma marinha de guerra poderosos.

Em pouco tempo, a Itália fascista retomou sua expansão imperialista.

Em 1934, tropas italianas invadiram a Abissínia. A Sociedade das Nações protestou, mas nada aconteceu. Como resposta, Mussolini abandonou a Sociedade e se aproximou de Hitler. Ambos formalizaram uma aliança – o eixo Roma-Berlim.

A ascensão do nazismo na Alemanha

Meses depois do fim da Primeira Guerra Mundial, os social-democratas alemães assumiram o governo e proclamaram a República de Weimar.

As condições impostas pelos vencedores da guerra sobre a Alemanha eram muito duras. A Alemanha pagava uma pesada dívida de guerra aos países vencedores. Além disso, havia perdido muitos homens no conflito e se ressentia da falta de mão-de-obra.

A miséria provocou o descontentamento generalizado. A crise de 1929 agravou a situação, pois a Alemanha dependia de créditos norte-americanos para saldar seus compromissos internacionais.

Desempregados, ex-combatentes e milhares de pessoas arruinadas pela crise

econômica foram atraídos pelo Partido Nacional Socialista, cuja principal figura era Adolf Hitler.

O nazismo era muito semelhante ao fascismo italiano. Os nazistas acreditavam num Estado autoritário dirigido por um chefe, predestinado para guiar a nação. Hitler incorporou ao nazismo um elemento novo: a idéia de raça. Para ele, a raça germânica era superior às demais, predestinada a dominar o mundo. Além disso, os nazistas desenvolveram a idéia do espaço vital: acreditavam que as nações que não se expandiam eram decadentes. Os nazistas desejavam recuperar os territórios perdidos em 1919 e ocupar as planícies russas. Os russos, eslavos, eram considerados inferiores. A eliminação ou até o extermínio de populações consideradas de “raças inferiores” eram plenamente justificados pelos nazistas.

Em 1932, o marechal Hindenburg foi eleito presidente da República. Naquela eleição, nenhum partido obteve maioria no Parlamento. Em 1933, após sucessivas negociações, Hitler foi indicado chanceler.

Apesar disso, a República de Weimar possibilitou o desenvolvimento de uma cultura própria, cuja expressão máxima foi a Bauhaus, escola idealizada pelo arquiteto Walter Gropius. Os ideais da Bauhaus ainda estão presentes em muitos artefatos que utilizamos no nosso cotidiano. De certa forma, a Bauhaus procurava reproduzir, de outra forma e com outros elementos, os princípios de experimentação artística do Renascimento. A arte era uma totalidade, inseparável da vida cotidiana.

Manifestações grandiosas eram programadas pela alta cúpula do nazismo, comandada por Adolf Hitler.

31

A U L A

187

A escalada do líder nazista foi fulminante:

- em fevereiro de 1933, usando como pretexto o incêndio do edifício do Reichstag (o Parlamento), desatou uma feroz perseguição aos esquerdistas;
- em março de 1933, após a suspensão dos deputados da oposição, o Reichstag deu plenos poderes a Hitler. Aos poucos, ele suprimiu todos os partidos políticos;
- em 1934, Hindenburg morreu. Hitler assumiu poderes ilimitados, junto com o título de Führer, palavra que significa “líder”. As tropas juraram obediência e adesão incondicional à sua pessoa.

A propaganda maciça, coordenada por Paul Josef Goebbels, e a polícia secreta, a Gestapo, controlavam todos os aspectos da vida alemã. Os professores judeus ou opositores ao regime foram perseguidos, e os livros de autores considerados “perigosos” foram queimados em praça pública. Os nazistas criaram campos de concentração para prender os inimigos do regime.

Os sindicatos foram suprimidos. Em seu lugar criou-se a Frente do Trabalho, que reunia patrões e trabalhadores. A economia nazista era dirigida e planificada pelo Estado, inclusive a indústria e o comércio. A construção de obras públicas ajudou a diminuir o desemprego.

A educação popular foi assumida pelo Estado. As crianças eram criadas fora de casa e aprendiam as teorias nazistas da superioridade racial germânica. O cristianismo foi substituído pelo culto da raça.

Em 1935, Hitler restabeleceu o serviço militar obrigatório. A Alemanha reiniciava sua escalada armamentista. A militarização e o rearmamento criaram um dos exércitos mais potentes do mundo. Em pouco tempo, a marinha e a aviação alemãs contavam com equipamentos superiores aos dos países capitalistas.

A intervenção na Guerra Civil Espanhola serviu para testar os equipamentos bélicos do eixo Roma-Berlim contra os exércitos democráticos.

A Guerra Civil Espanhola

A Espanha havia sido mais uma vítima da crise internacional do período entreguerras. Em 1923, o general Primo de Rivera tomou o poder com um golpe militar, animado pelo triunfo fascista de Mussolini, e iniciou a expansão espanhola no norte da África. Fundou a Falange Espanhola, partido de tendência similar ao fascismo italiano.

Apesar disso, faltou-lhe apoio popular. Em 1931, as eleições deram o poder aos socialistas republicanos, que inauguraram a Segunda República espanhola. A vitória dos republicanos não pacificou o país. Continuaram as disputas entre os socialistas e a Falange, os nacionalistas de direita.

Os socialistas criaram a Frente Popular, agrupando os democratas de todas as tendências contra a Falange. A situação era caótica: fábricas eram ocupadas, igrejas queimadas e políticos eram assassinados.

As eleições de 1936 deram o triunfo à Frente Popular.

Imediatamente, as tropas espanholas do Marrocos, sob o comando

Cenas de rua
durante ataques
aéreos na Guerra
Civil Espanhola.

31

A U L A

188

do general Francisco Franco, se sublevaram contra a República. Começava a Guerra Civil Espanhola, prenúncio da Segunda Guerra Mundial.

O governo republicano contou com o apoio dos partidos liberais e de esquerda, dos sindicatos e de algumas forças militares. Organizou milícias populares, carentes de disciplina e de armas adequadas. Também contou com apoio da esquerda internacional. A União Soviética mandou armas e assessores técnicos. Milhares de voluntários de vários países – França, Inglaterra, Estados Unidos, até mesmo alguns brasileiros – participaram do conflito.

Os nacionalistas de Franco receberam apoio da maioria do exército e das milícias organizadas pelos partidos monarquistas e pela Falange. A alta hierarquia da Igreja aderiu abertamente aos rebeldes nacionalistas da direita. Franco recebeu apoio militar da Alemanha e da Itália.

Mussolini entregou à Falange grande quantidade de armas modernas e enviou cerca de 60 mil soldados italianos. Os alemães enviaram a Legião Condor, formada por uma esquadra aérea e tanques. A Guerra Civil Espanhola foi o laboratório de ensaio das armas que foram utilizadas, depois, na Segunda Guerra Mundial.

A superioridade bélica da Falange garantiu a derrota dos republicanos.

Em 1939, os exércitos nacionalistas tomaram o poder. Francisco Franco, o generalíssimo, assumiu o governo e instalou uma ditadura que durou mais

de trinta anos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Espanha manteve a neutralidade, embora apoiasse o eixo Roma-Berlim. Mais de 700 mil espanhóis morreram durante a guerra civil. Outros 500 mil emigraram, após a vitória de Franco, para escapar da perseguição dos vencedores.

O expansionismo alemão

O governo de Hitler incitou o expansionismo e a anulação do Tratado de Versalhes, a devolução de suas colônias e a restituição dos territórios perdidos, especialmente aqueles que eram habitados por germanos. Em 1936, selou uma aliança com Mussolini, criando o eixo Roma-Berlim. No mesmo ano, ocupou a Renânia militarmente, contrariando as disposições do Tratado de Versalhes. Em 1938, invadiu a Áustria, iniciando o projeto de formação da Grande Alemanha. No mesmo ano, Hitler exigiu que a Tchecoslováquia entregasse a região dos Sudetos, ocupada por alemães. As potências européias cederam aos anseios de Hitler e sacrificaram os tchecos.

Em 1939 foi a vez da Polônia. Hitler invadiu seu território, exigindo a devolução do Corredor de Gdansk. A França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. Era o início da Segunda Guerra Mundial.

O painel

Guernica,
de Picasso,
mostra os
horrores da
Guerra Civil
Espanhola.
À esquerda,
um detalhe
dessa obra.

31

A U L A

189

O legado fascista

O fascismo não foi um fenômeno político e social exclusivamente italiano. Possui uma dimensão mundial mais ampla, não podendo ser dissociado do capitalismo e de certas formas de comportamento autoritário que ocorreram em outras circunstâncias históricas.

Nos Estados Unidos, nos anos 50, a tendência direitista era chamada de macarthismo – levava o nome do deputado Joseph McCarthy. No Brasil, durante o Estado Novo (1937-1945),

o integralismo foi uma espécie de fascismo que explorou o sentimento nacional e defendeu uma rígida e vertical organização corporativista e autoritária contra o “perigo vermelho”.

Em Portugal, sob a ditadura de Salazar, o fascismo manteve-se como forma de organização político-social durante mais de quarenta anos. Defendia inclusive um arcaico sistema colonial, submetendo os povos de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Exercício 1

Qual a teoria do Estado formulada por Mussolini? Em que se baseava?

Exercício 2

Em que medida a situação do pós-guerra propiciou o avanço do nazismo na Alemanha?

Exercício 3

Apesar de o nazismo ser muito semelhante ao fascismo italiano, que novos

elementos os nazistas incorporaram ao ideário totalitário?

Exercício 4

Por que ocorreu a Guerra Civil Espanhola?

Exercícios

O mundo todo foi abalado pela declaração de guerra.

32

AULA

32

AULA

A Segunda Guerra Mundial eclodiu com

a invasão da Polônia pela Alemanha, em setembro de 1939. A Europa já estava preparada para o pior. O medo do comunismo fez com que as potências capitalistas permitissem o fortalecimento da Alemanha para bloquear o avanço da revolução comunista.

Logo no início da guerra, o alinhamento dos grandes blocos ficou claro.

Em 1940, o Japão se juntou à Alemanha e à Itália para formar o eixo Roma-Berlim-Tóquio.

A guerra na Europa

Incentivado pelos seus êxitos e pela passividade de seus adversários, Hitler atacou a Polônia no dia 1.º de setembro de 1939. A assinatura do pacto de nãoagressão com a União Soviética de Stalin deu-lhe ainda mais tranquilidade.

A França e a Inglaterra imediatamente declararam guerra à Alemanha. A Itália permaneceu fora do conflito. Mussolini anunciou ao Führer que suas forças ainda não estavam preparadas para uma guerra.

A superioridade numérica e técnica dos exércitos alemães desencadeou uma guerra-relâmpago contra a Polônia, que foi derrotada rapidamente. O Terceiro Reich anexou parte dos territórios poloneses e instalou um governo geral que submeteu a população a uma política de germanização.

Durante a invasão da Polônia, a União Soviética aproveitou a oportunidade para recuperar os territórios perdidos durante a Primeira Guerra Mundial: ocupou os países bálticos e avançou sobre a Finlândia em 1940.

A vitória alemã na frente ocidental

O exército alemão era nitidamente superior ao francês, sobretudo na aviação, mas sua marinha era inferior à dos adversários. A Alemanha dependia do aço sueco, transportado pelos portos noruegueses. Em abril de 1940, Hitler invadiu a Dinamarca e a Noruega.

Em maio de 1940, os alemães iniciaram a ofensiva na frente ocidental, violando a neutralidade da Holanda, da Bélgica e de Luxemburgo. Tropas inglesas e francesas participaram da grande ofensiva das Ardenas. Derrotados, os exércitos aliados escaparam pelo porto de Dunquerque.

A Segunda

Guerra Mundial

32

A França foi invadida logo depois. Em junho, Mussolini entrou na guerra A U L A contra a França e a Inglaterra. O governo do marechal Pétain se rendeu aos alemães.

A Alemanha ocupou toda a costa atlântica e o norte da França. No sul, território considerado “livre”, os franceses estabeleceram um governo colaboracionista presidido pelo marechal Pétain, com capital em Vichy. De Londres, o general Charles de Gaulle comandou o movimento França Livre, de resistência à ocupação alemã.

A batalha da Inglaterra

Hitler esperava chegar a um acordo com a Inglaterra. O gabinete inglês, presidido por Winston Churchill, pretendia resistir ao expansionismo alemão. Protegida pelo mar do Norte e pelo canal da Mancha, confiando na sua poderosa frota e com o auxílio dos Estados Unidos, a Inglaterra se preparou para resistir ao ataque inimigo.

A invasão da Inglaterra dependia do domínio do espaço aéreo. Durante a batalha da Inglaterra, as forças aéreas dos dois países se enfrentaram duramente. Os ataques ocorreram entre julho e setembro de 1940, com intensos bombardeios. Apesar das baixas, os ingleses venceram. O comando alemão desistiu de invadir as ilhas britânicas. Foi a primeira derrota sofrida pelos nazi-fascistas.

A guerra nas outras frentes

Nos Bálcãs, durante a ocupação da França, em 1940, os italianos invadiram a Grécia, com auxílio alemão. A Iugoslávia, a Bulgária e a Romênia foram ocupadas por tropas do Eixo.

No Oriente Médio, a Inglaterra sufocou uma rebelião antibritânica no Iraque. Em julho de 1941, tropas inglesas e da França Livre ocuparam a Síria, até então sob o domínio de Vichy.

Na África, a luta se desenvolveu na Líbia (posse italiana), no Egito (protetorado inglês), na Somália e na Abissínia, onde os italianos foram derrotados.

Eles tentaram invadir o Egito, mas acabaram rechaçados pelos ingleses.

Os alemães enviaram reforços. Comandados pelo general Rommel, evitaram que os italianos fossem totalmente derrotados na África.

Bombardeio aéreo

(à esquerda)

e livreria

bombardeada

(à direita).

32

A U L A A batalha do Atlântico

Hitler não tinha condições de enfrentar a poderosa frota inglesa em pé de igualdade. As ofensivas alemãs se concentraram no ataque ao comércio dos inimigos ou a navios de guerra isolados, utilizando submarinos.

A guerra dependia da batalha do Atlântico. Nessa batalha, houve poucos combates navais de superfície. Surgiram novas armas contra os submarinos: radares, sonares e bombas de profundidade.

1941: o mundo em guerra

Até meados de 1941, a Inglaterra e seu império enfrentaram a Alemanha e a Itália,

que haviam ocupado a maior parte da Europa ocidental e a região dos Bálcãs. Em 1941, o conflito que até então era limitado se transformou numa verdadeira guerra mundial.

A invasão da União Soviética

Para Hitler, o acordo de não-agressão com os soviéticos era um pacto temporário. No final de 1940, as duas potências começaram a se distanciar.

O Führer preparou, em segredo, um ataque à União Soviética. Stalin, do seu lado, procurou ganhar tempo para reforçar seus exércitos.

Os motivos que desencadearam a invasão da União Soviética foram os seguintes:

- a Alemanha ambicionava vastos territórios soviéticos, ricos em petróleo, cereais e outras matérias-primas;

- após o fracasso alemão na Inglaterra, Hitler procurou garantir a hegemonia do Terceiro Reich no continente europeu.

Hitler e seus chefes militares subestimaram a capacidade defensiva da União Soviética. Os alemães enviaram cerca de 3 milhões de soldados contra as fronteiras soviéticas em junho de 1941. As maiores batalhas terrestres da guerra foram travadas na União Soviética: os alemães avançaram rumo a Leningrado e a Moscou, no norte, e em direção à Ucrânia e ao mar Negro, no sul.

Os soviéticos resistiram heroicamente. Para evitar que suprimentos caíssem nas mãos dos inimigos alemães, queimavam tudo aquilo que lhes poderia ser útil - o mesmo recurso adotado durante a invasão de Napoleão, mais de um século antes.

Apesar disso, em 1942 os alemães haviam cercado Leningrado, estavam perto de Moscou e avançavam em direção ao Cáucaso, no sul.

Muitos navios comerciais foram à pique durante a guerra.

A população atingida pela guerra teve de se adaptar a uma vida cheia de perigos e privações.

32

Pearl Harbor: a guerra no Pacífico A U L A

Durante os primeiros anos da guerra, os Estados Unidos mantiveram uma política isolacionista.

Apesar disso, forneciam armas à Inglaterra e à União Soviética.

Por outro lado, o Japão continuava empreendendo a conquista da China. Em julho de 1941, com apoio da Alemanha, conseguiu que o governo de Vichy permitisse a presença de tropas japonesas na Indochina. Seu objetivo era formar um grande império asiático, conquistando regiões ricas em matérias-primas - sobretudo petróleo e borracha - necessárias para manter sua máquina de guerra.

Os Estados Unidos pressionaram o governo japonês a retirar suas tropas da China e da Indochina. As negociações diplomáticas fracassaram, e o governo norte-americano proibiu a venda de matérias-primas para o Japão. Em Tóquio, o partido militarista, incentivado pelas vitórias do Eixo, decidiu entrar na guerra. Em 7 de dezembro de 1941, a aviação japonesa atacou a frota norteamericana

do Pacífico, ancorada em Pearl Harbor, no Havaí. Ao mesmo tempo, os japoneses iniciaram uma ofensiva contra as colônias holandesas e inglesas na Oceania e no sudeste asiático, e atacaram as Filipinas.

A Grande Aliança

O Japão havia desencadeado a guerra contra os Estados Unidos e a Inglaterra. Logo após o ataque japonês a Pearl Harbor, a Alemanha e a Itália se declararam em guerra contra os Estados Unidos. Constituiu-se então a Grande Aliança, formada pelos Estados Unidos, pela Inglaterra e pela União Soviética (embora esta só acabasse entrando na guerra contra o Japão em 1945). A estratégia adotada pelos aliados foi estabelecida em uma série de encontros e reuniões entre os três principais líderes dessas potências: Roosevelt, Churchill e Stalin.

Em agosto de 1941, Roosevelt e Churchill assinaram a Carta do Atlântico, visando à manutenção da democracia após a derrota dos nazi-fascistas.

Em dezembro de 1943 e em fevereiro de 1945, os três líderes reuniram-se para estabelecer as bases da reorganização mundial no pós-guerra.

Nas ruas, as
pessoas que não
conseguiram chegar
aos abrigos
assistiam
imponentes aos
ataques aéreos.
Pearl Harbor viu
a destruição
do ataque da
aviação japonesa.

32

A U L A O início da contra-ofensiva aliada

Em 1942 e 1943, os aliados começaram a vencer uma série de batalhas, detendo o avanço do Eixo:

os Estados Unidos detiveram o avanço japonês no Pacífico. Em agosto de 1942, os norte-americanos iniciaram a conquista de Guadalcanal, finalizada no início de 1943;

em outubro e novembro de 1942, o general Rommel foi derrotado pelo exército britânico comandado pelo general Montgomery em El Alamein. Uma expedição anglo-americana desembarcou na Argélia e no Marrocos, obtendo o apoio das colônias francesas. Presos entre dois exércitos aliados, 250 mil soldados alemães se renderam em Túnis, em maio de 1943. A guerra na África chegava ao fim;

a gigantesca batalha de Stalingrado, na União Soviética, em fevereiro de 1943, terminou com a derrota total dos alemães. Em julho de 1943, tropas anglo-americanas iniciaram a conquista da Sicília.

A derrota final do Eixo (1943-1945)

Pouco tempo depois do início da invasão da Itália, o governo italiano capitulou. Os alemães se voltaram contra seus antigos aliados, libertaram Mussolini e tomaram Roma. Apesar disso, os exércitos aliados entraram em Roma em junho de 1944. A luta continuou até abril do ano seguinte no norte da Itália. Vendo-se derrotado, Mussolini tentou fugir para a Suíça, mas foi capturado e executado por guerrilheiros italianos que lutavam contra o fascismo.

O fim do Terceiro Reich

Durante 1943, os soviéticos realizaram várias ofensivas na frente oriental.

Em 1944, expulsaram os alemães da União Soviética e penetraram nos países bálticos e na Polônia. As forças soviéticas avançaram na Romênia e na Bulgária

e entraram em contato com as guerrilhas do marechal Tito, que haviam libertado grande parte da Iugoslávia.

Os ingleses e norte-americanos iniciaram uma ofensiva na frente ocidental, forçando o retrocesso das tropas alemãs. Em junho de 1944, os exércitos aliados, comandados pelo general norte-americano Dwight Eisenhower, iniciaram a libertação da França. No final de agosto, forças da Resistência libertaram Paris. O general De Gaulle instalou um governo provisório na França.

Os aliados avançavam em direção a Berlim, que foi sitiada pelos soviéticos. No dia 30 de abril de 1945, quando as tropas aliadas estavam a poucos metros da sede da Chancelaria, Hitler suicidou-se. A Alemanha apresentou sua rendição incondicional aos aliados.

Tropas soviéticas tomam Berlim.

32

A rendição do Japão A U L A

Entre 1943 e 1944, após uma série de batalhas navais e terrestres, os norte-americanos conseguiram impor sua superioridade naval no Pacífico. Comandados pelo general Douglas MacArthur, conquistaram muitas ilhas e recuperaram as Filipinas. Apesar disso, os japoneses continuavam resistindo: utilizavam pilotos suicidas, kamikazes, que atiravam seus aviões carregados de explosivos contra navios inimigos.

Para acabar com a resistência japonesa, o presidente dos Estados Unidos decidiu usar uma arma nova: a bomba atômica.

Nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, dois aviões norte-americanos lançaram bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, causando milhares de mortos e feridos. No dia 2 de setembro, o governo japonês capitulou. A Segunda Guerra Mundial chegava ao fim.

Conseqüências da Segunda Guerra Mundial

Durante a Segunda Guerra Mundial, morreram mais de 50 milhões de pessoas, ou seja, quatro vezes mais gente do que na Primeira Guerra Mundial. Hitler e Mussolini morreram; o Japão sofreu os horrores da mais potente arma de destruição criada até então pelo homem.

Vastas regiões da Europa, da África e da Ásia foram arrasadas pela ação militar. Populações foram sistematicamente assassinadas. O Julgamento de Nuremberg, realizado em 1945 e 1946, revelou todos os detalhes dos procedimentos terríveis utilizados pelos nazistas nos campos de concentração: o assassinato de judeus, principalmente, e de ciganos, comunistas e opositores.

As grandes potências vencedoras reorganizaram o mapa político conforme seus interesses e os resultados da guerra:

a Alemanha abandonou suas conquistas e foi dividida em quatro zonas de ocupação. A União Soviética ocupou a parte oriental do país; os Estados Unidos, a Inglaterra e a França ocuparam a parte ocidental. Berlim, incluída

na zona soviética, foi dividida entre os quatro aliados;
a Itália abandonou suas colônias e cedeu algumas regiões para a Iugoslávia.
A monarquia italiana foi substituída por um regime republicano;
o Japão abandonou suas conquistas e permaneceu temporariamente sob ocupação militar aliada. O regime imperial de Hiroito subsistiu.

Exercício 1

Por que as potências capitalistas permitiram o fortalecimento da Alemanha?

Exercício 2

Como teve início a Segunda Guerra Mundial?

Exercício 3

Quais foram as consequências imediatas da Segunda Guerra Mundial?

Exercícios

Explosão
da bomba atômica
em Hiroshima.

33

A U L A

33

A U L A

Depois da Segunda Guerra Mundial, a Europa

perdeu a hegemonia mundial. Duas novas potências passaram a disputar a supremacia econômica e militar mundial, iniciando o confronto entre duas formas de vida radicalmente opostas: os Estados Unidos e a União Soviética. A disputa entre as duas superpotências resultou na formação de dois blocos. A guerra fria entre o mundo capitalista e o mundo comunista dominou o cenário internacional do pós-guerra. A corrida armamentista desencadeada pelas tensões da guerra fria colocou o mundo no limiar da destruição total.

A nova ordem mundial do pós-guerra: a ONU

O saldo da Segunda Guerra Mundial foi devastador: 55 milhões de mortos, 35 milhões de feridos e 3 milhões de desaparecidos. A utilização da energia nuclear na fabricação de bombas mudou completamente o equilíbrio político do pós-guerra. A existência de bombas nucleares colocava em risco o planeta. Inicialmente, apenas os Estados Unidos controlavam esse tipo de arma. A União Soviética fabricou sua primeira bomba nuclear em 1949; a Inglaterra, em 1952, e a China, em 1964.

Logo após a guerra, as principais potências vencedoras se reuniram na Conferência de São Francisco para criar uma organização que evitasse um novo conflito mundial. No dia 24 de outubro de 1945 foi criada a Organização das Nações Unidas. Os principais objetivos da ONU eram:

- a manutenção da paz mundial;
- a defesa dos direitos do homem;
- a igualdade de direitos para todos os povos;
- a solução dos problemas que afligem a humanidade.

A ONU desempenhou um papel importante na

descolonização dos países da África e da Ásia. A extinção gradativa dos impérios coloniais europeus resultou na formação de novos Estados, que passaram a integrar a ONU.

O mundo do pós-guerra

Confraternização
entre soldados
aliados.

33

A rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética colocou a ação da A U L A ONU num plano secundário. A maior parte dos conflitos surgidos no pós-guerra foram resolvidos por enfrentamentos armados.

O avanço do socialismo: a Revolução na China

No final da Segunda Guerra Mundial, os chineses estavam divididos em dois grupos, que eram rivais desde antes da guerra com o Japão.

Os nacionalistas, liderados por Chiang Kai-shek, recebiam apoio da burguesia chinesa e contavam com auxílio dos Estados Unidos.

Os comunistas, liderados por Mao Tse-tung e Chu En-lai, defendiam a reforma agrária e o socialismo, apoiados pela União Soviética.

Em 1947 eclodiu a guerra entre nacionalistas e comunistas chineses. Os comunistas obtiveram o apoio maciço dos camponeses.

Muitos nacionalistas aderiram ao exército vermelho de Mao Tse-tung.

Apesar do apoio norte-americano, Chiang Kai-shek perdeu terreno rapidamente.

No dia 1º de outubro de 1949, Mao proclamou a República Popular da China em Pequim. Chiang Kai-shek, protegido pela frota norte-americana, se refugiou na ilha de Formosa. A partir de então, a China Popular rompeu relações com os Estados Unidos e alinhou-se à União Soviética.

Até a década de 1970, a cadeira de representação da China na ONU coube ao governo de Formosa. Em 1972, o governo norte-americano reatou relações com a China Popular. A República Popular substituiu a China Nacionalista na ONU.

O Japão e vários outros aliados dos Estados Unidos também reataram relações com a China continental.

A guerra fria

Logo após a guerra, iniciou-se uma nova disputa imperialista entre as superpotências vencedoras. Os dois blocos rivais nunca se enfrentaram diretamente, mas a tensão provocada no final da guerra por causa do problema das fronteiras da Polônia e a crise em torno do bloqueio do lado capitalista da cidade de Berlim, em 1948, iniciou a guerra fria. Nessa guerra, ambas as superpotências adotaram uma postura intransigente.

A União Soviética impôs sua hegemonia sobre os países do Leste europeu, que havia libertado da dominação nazista. Governos pró-soviéticos foram estabelecidos na Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Bulgária, Albânia e Alemanha Oriental. A economia socialista e o regime de partido único predominaram nos países sob hegemonia soviética.

Os Estados Unidos assumiram a liderança do mundo capitalista e impuseram sua hegemonia sobre a América Latina, a Europa capitalista e o Japão.

A economia capitalista e o liberalismo político eram suas principais características. Apesar disso, muitos países integrantes do bloco capitalista eram dirigidos por ditaduras (América Latina, Espanha e Portugal) e outros ainda apresentavam

fortes matizes socialistas em suas economias (Suécia, Noruega).
Mao Tse-Tung discursa.

33

A U L A Esses dois blocos formaram alianças militares:

▮ A OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) reuniu os aliados dos Estados Unidos.

▮ O Pacto de Varsóvia reuniu os países sob influência soviética.

As potências procuraram manter a hegemonia sobre suas áreas de influência a qualquer custo. Isso motivou a intervenção de tropas soviéticas na Hungria, em 1956, e na Tchecoslováquia, em 1968, quando esses países tentaram se afastar da tutela soviética. O governo norte-americano interveio na China, na Coreia e no Vietnã, procurando manter sua hegemonia.

Os não-alinhados

Muitos países adotaram uma posição de neutralidade guerra fria entre as duas superpotências. Na Conferência de Bandung, em 1955, um grupo de países afro-asiáticos, liderados pela Índia, formaram o bloco dos países não-alinhados, também conhecido como Terceiro Mundo. Os países não-alinhados pretendiam manter uma postura política e econômica independente dos blocos das superpotências.

A expressão Terceiro Mundo foi adotada para designar os países pobres, ou subdesenvolvidos, da Ásia, África e América Latina, que lutavam para se libertar da dominação colonial européia. Na ONU, o bloco do Terceiro Mundo foi formado por países coloniais ou de passado colonial. O principal objetivo dos países do Terceiro Mundo foi a emancipação econômica, política, social e cultural.

Os principais conflitos do pós-guerra

A guerra fria desencadeou uma nova e custosa corrida armamentista entre as superpotências. O poder destrutivo das armas nucleares, químicas e biológicas, capazes de destruir a humanidade, impediu um confronto direto. Apesar disso, soviéticos e norte-americanos se enfrentaram indiretamente por intermédio de seus aliados em várias regiões.

A Guerra da Coreia (1950-1953)

Até 1945, a península da Coreia esteve sob ocupação japonesa. Após a derrota japonesa, a União Soviética ocupou militarmente o norte da península. Enquanto isso, tropas norte-americanas ocuparam o sul. Os governos das superpotências não permitiram a reunificação da península.

Em junho de 1950, eclodiu a guerra entre as duas repúblicas coreanas.

Os Estados Unidos enviaram tropas para apoiar o sul, e a China Popular, para auxiliar a Coreia do Norte. Após três anos de sangrentos combates, foi assinada uma trégua em Panmunjon, em julho de 1953. O paralelo 38 continua sendo o limite entre os dois Estados coreanos.

33

A Guerra do Vietnã (1962-1972) A U L A

Durante a segunda metade do século XIX, a França dominou toda a região do sudeste asiático, a Indochina. Em 1941, o Japão obrigou o governo de Vichy a aceitar a ocupação japonesa da Indochina. Nessa ocasião, começou a se organizar um movimento emancipador nativo, que visava libertar a Indochina da dominação japonesa e francesa.

Após a guerra, a França concedeu à Indochina uma certa autonomia. O Vietnã,

uma das regiões da Indochina, não aceitou a tutela francesa. Por intermédio do movimento Viet-Minh, liderado por Ho Chi Minh, desencadeou-se uma guerra de guerrilhas contra os franceses. Em 1954, os franceses foram obrigados a abandonar a Indochina. Uma conferência realizada em Genebra dividiu o Vietnã em duas áreas, separadas pelo paralelo 19.

Em 1956, como conseqüência do fracasso da tentativa de reunificação do país, recomeçou a luta no Vietnã. Os guerrilheiros vietcongues, braço armado da Frente de Libertação Nacional (FLN), receberam ajuda do Vietnã do Norte. A partir de 1962, o governo norte-americano apoiou militarmente o governo do Sul. O governo do Norte recebeu material bélico da China Popular e da União Soviética.

Procurando defender seu predomínio no sudeste asiático, os Estados Unidos começaram a enviar tropas para o Vietnã. Em 1963, havia pouco mais de 15 mil soldados norte-americanos na região; em 1967, eram mais de meio milhão. A intervenção militar norte-americana no Vietnã causou uma das guerras mais desumanas e caras do nosso tempo.

Em 1972, após sofrer duras perdas humanas e materiais, e enfrentando a crescente reação da população norte-americana contra a participação no conflito, os Estados Unidos começaram a retirar suas tropas do Vietnã. Em 1975, tropas do Vietnã do Norte tomaram a capital, Saigon, e reunificaram o país.

A tensão no Oriente Médio

Após a Segunda Guerra Mundial, a ONU patrocinou a criação do Estado de Israel na Palestina, em maio de 1948. Imediatamente, os Estados da Liga Árabe, formada pelo Egito, Líbano, Arábia Saudita, Jordânia e Iraque, se negaram a reconhecer a existência do Estado de Israel: eclodiu a guerra entre árabes e israelitas.

O exército de Israel conseguiu resistir aos ataques da Liga Árabe.

Em fevereiro de 1949, a ONU impôs um armistício. Centenas de milhares de judeus de todo o mundo emigraram para o novo Estado de Israel.

No final de 1956, numerosos incidentes entre israelitas e árabes resultaram numa nova guerra. Em 1967, após um violento ataque a seus vizinhos árabes,

Milhares de guerrilheiros e de soldados morreram na Guerra do Vietnã.

33

A U L A Israel ocupou a península do Sinai, a faixa de Gaza e a Cisjordânia. A ONU conseguiu impor um cessar-fogo.

A região nunca alcançou uma paz duradoura. Os israelitas tiveram de enfrentar o problema dos árabes palestinos, que haviam sido expulsos de suas terras e viviam como refugiados nos países vizinhos.

Os refugiados palestinos mantêm, com apoio dos países árabes, uma contínua guerra de guerrilhas e terrorismo contra Israel e seus aliados. A Organização pela Libertação da Palestina (OLP), liderada por Yasser Arafat, constitui um dos principais grupos organizados contra a presença de Israel na região. Vários grupos árabes utilizam o terrorismo, até mesmo em outras partes do mundo,

como forma de protesto contra a presença israelense na região.

A Revolução Cubana

A Revolução Cubana constituiu a primeira revolução socialista na América Latina. Em janeiro de 1959, o governo pró-norte-americano de Fulgêncio Batista foi deposto pela guerrilha liderada por Fidel Castro. O movimento revolucionário cubano pretendia acabar com a dominação neocolonialista dos Estados Unidos em Cuba, introduzindo, simultaneamente, mudanças na sociedade.

Em 1960, o governo norte-americano retirou seu apoio ao movimento revolucionário cubano. Nesse mesmo ano, Castro introduziu o regime socialista, afastando-se dos Estados Unidos e aproximando-se da União Soviética, que forneceu apoio militar à revolução.

Nacionalizou as empresas e os bancos, realizou a reforma agrária e instituiu o regime de partido único.

A partir de então, a América Latina ingressou na guerra fria.

Em 1962, Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos, e a maioria dos países da América Latina foi obrigada a integrar o bloqueio econômico contra Cuba. A União Soviética tornou-se a principal parceira econômica de Cuba. Apesar do isolamento da ilha, o novo regime cubano se consolidou:

- aprofundou a reforma agrária;
- combateu o analfabetismo;
- melhorou as condições de saúde e higiene da população;
- aumentou a produção.

Cuba passou a defender o internacionalismo socialista, enviando tropas a outras regiões, como Angola, Etiópia e Nicarágua. Nessa última, a revolução socialista triunfou em 1979.

A economia cubana subsistiu graças ao auxílio soviético. O fim da guerra fria e a desintegração da União Soviética alteraram profundamente o quadro cubano.

O fim do colonialismo português na África

A independência das colônias portuguesas na África coincidiu com o fim da ditadura de Antonio Salazar (1932-1968), prolongada por Marcelo Caetano até 1974, em Portugal. A Revolução dos Cravos garantiu a vitória dos movimentos

Fidel Castro

Ernesto "Che" Guevara

33

pela libertação nacional, presentes nas colônias portuguesas na África desde a década de 1950.

▫ Na Guiné-Bissau, o movimento pela independência começou em 1956.

A independência só foi reconhecida por Portugal em 1974.

▫ A luta pela emancipação em Moçambique teve início em 1960. Portugal reconheceu a independência em 1975.

▫ O movimento pela independência de Angola teve início em 1961. Somente em 1975, Portugal reconheceu a independência angolana.

Tanto em Angola como em Moçambique, a independência trouxe o socialismo e o alinhamento com a União Soviética. Apesar disso, a proximidade com o regime racista da África do Sul e o auxílio norte-americano aos guerrilheiros contra-revolucionários desestabilizaram a região. A maior parte das energias dos governos revolucionários de Angola e Moçambique foram gastas contra grupos terroristas financiados pelos Estados Unidos e pela África do Sul.

Exercício 1

O que foi a guerra fria?

Exercício 2

O que é a ONU e quais são seus objetivos?

Exercício 3

Descrever as principais medidas adotadas pelo regime de Fidel Castro em Cuba.

Exercícios

34

AULA

34

AULA

Em 1990, a reunificação alemã fechou um

longo ciclo que durou 45 anos. O muro de Berlim, símbolo da guerra fria e da intransigência entre as superpotências do pós-guerra, caiu em fins de 1989.

A cortina de ferro, expressão cunhada por Winston Churchill para descrever a situação dos países do Leste europeu, sob tutela da União Soviética, ruiu. Até a própria União Soviética, baluarte do comunismo, se desintegrou.

As mudanças atingiram outras partes do mundo. Na África, a perspectiva de colocar um ponto final no regime de apartheid sul-africano tornou-se realidade em 1994. No mesmo continente, as guerras em Angola, Moçambique e na Somália continuam vitimando milhares de pessoas a cada ano.

Na Ásia, a China adota, com sucesso, a economia de mercado, combinada com aspectos do regime comunista.

Enquanto isso, os “tigres asiáticos” figuram entre os países que mais crescem.

O Japão é uma das potências econômicas do fim do século. Na América, Canadá, Estados Unidos e México assinaram um tratado de livre comércio, criando um dos maiores mercados do mundo. Na América Latina, as reformas neoliberais mudam a face de vários países, embora a um custo social extremamente alto. A fome, a miséria e o desemprego continuam sendo a principal característica do continente. A Europa chega ao fim do século formando um dos maiores blocos econômicos do planeta.

Da guerra fria à coexistência pacífica

Com a morte de Josef Stalin, em 1953, a política soviética adquiriu novas características. Nikita Krushev, primeiro-ministro soviético de 1958 a 1964, preparou o terreno para a “coexistência pacífica” entre as duas superpotências. Washington e Moscou estabeleceram novos contatos. A aproximação entre as duas nações foi interrompida por causa da crise cubana de 1962. A instalação de bases para o lançamento de mísseis atômi-

As origens

do mundo atual

Jovens europeus em passeata por mudanças na sociedade e na economia.

34

cos em Cuba criou uma nova situação de tensão A U L A entre os Estados Unidos e a União Soviética.

O desentendimento entre a China e a União Soviética, motivado por questões de fronteiras e por causa da adoção da política de coexistência pacífica, representou a primeira ruptura no bloco soviético. Vários países da Europa capitalista reataram relações com países socialistas, tentando amenizar os efeitos da guerra fria.

Apesar disso, a corrida armamentista entre as duas superpotências continuou, chegando ao auge durante meados da década de 1980. Internamente, a União Soviética começava a enfrentar graves problemas econômicos.

A corrupção da burocracia estatal e os gastos com a corrida armamentista comprometeram o nível de vida da população soviética. A manutenção de regimes simpáticos à União Soviética e de movimentos revolucionários no exterior pesou no orçamento soviético. O socialismo real, expressão corrente durante a década de 1950, parecia cada vez mais distante.

A glasnost e a perestroika

Em 1985, Mikhail Gorbachev assumiu o governo da União Soviética e iniciou uma série de reformas visando à transformação da estrutura econômica soviética. A perestroika, a reestruturação das instituições e da economia, e a glasnost, a abertura política, mudaram a face da União Soviética.

Chegava ao fim o reinado da privilegiada burocracia estatal soviética.

O regime de partido único foi eliminado.

A propriedade privada foi restabelecida.

A liberdade de imprensa divulgou os horrores da ditadura estalinista e a corrupção da burocracia.

Ao mesmo tempo, surgiram movimentos nacionalistas em diversas repúblicas soviéticas. Em 1992, após uma tentativa de golpe da linha dura comunista contra a política reformista de Gorbachev, a União Soviética desintegrou-se.

Em seu lugar, surgiu a Comunidade de Estados Independentes (CEI).

O primeiro-ministro soviético Kruschchev e o presidente

Kennedy, no início da década de 1960.

Gorbachev (discursando) foi o responsável pela abertura soviética.

34

A U L A O presidente eleito, Bóris Ieltsin, procurou implementar reformas econômicas para a introdução da economia de mercado na Federação Russa, um dos principais Estados da CEI. Para isso, pretendeu:

- abolir os monopólios do comércio, antes exercidos pelo governo;
- privatizar as empresas pertencentes ao Estado;
- realizar uma reforma agrária que aumentasse a produtividade no campo;
- manter a emissão de moeda e o crédito sob controle.

Em janeiro de 1992, os preços dos produtos foram liberados. Antes, o governo estabelecia os preços de todos os produtos e serviços. O resultado dessa política de controle teve como resultado o desabastecimento crônico e o surgimento de um mercado negro, no qual os produtos eram comprados e vendidos a preços superiores aos que eram ditados pelo governo. O resultado da liberação dos preços foi a inflação, pois alguns gêneros tiveram aumento de até trinta vezes. Apesar disso, o desabastecimento continua, e a população mostra sinais de impaciência.

O fim da guerra fria

Imediatamente após assumir o governo soviético, Gorbachev iniciou uma política de aproximação com os países da Europa capitalista e com os Estados Unidos. O resultado dessa política foi a assinatura de uma série de tratados que garantiram o desarmamento mútuo das superpotências.

Em 1993, o governo norte-americano assinou tratados de desarmamento nuclear com países da CEI.

Em janeiro de 1994, um acordo tripartite entre a Ucrânia, a Rússia e os Estados Unidos determinou a destruição do arsenal atômico da Ucrânia, o terceiro maior do mundo, no prazo de dois anos.

A desativação dos arsenais nucleares da CEI põe fim à era de terror atômico e inicia um período em que a ameaça da destruição do planeta pelas armas nucleares se torna cada vez mais remota.

Queda do muro
de Berlim.

34

O novo Leste europeu A U L A

Nos países do Leste europeu, eclodiram movimentos populares contra os governos comunistas. A derrocada do regime de partido único e a redemocratização da região foram frutos da perestroika e da glasnost soviéticas.

O Leste europeu retomou sua autonomia. Os exércitos soviéticos se retiraram. As tropas e os tanques do Pacto de Varsóvia voltaram para casa. Os tratados assinados em 1990 resolveram questões de fronteiras que estavam pendentes desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

A reunificação da Alemanha e a retirada das forças de ocupação militar encerraram o longo ciclo de hostilidades inaugurado após o fim da Segunda Guerra Mundial. A queda do muro de Berlim, em outubro de 1989, marcou o fim da guerra fria.

Atualmente, os países do Leste europeu trilham o mesmo caminho empreendido pela Rússia, embora com mais sucesso: a substituição das economias comunistas pelo capitalismo ocorre em quase todos os países do antigo bloco socialista.

Na Polônia, Lech Walesa, um dos principais líderes do sindicato Solidariedade (principal símbolo da luta dos trabalhadores poloneses contra o regime pró-soviético, o sindicato foi legalizado em 1989), assume a presidência em 1990. A crise econômica e política dificulta a introdução de reformas econômicas. O governo enfrenta ondas de greves e protestos contra o baixo poder de compra dos salários. Apesar disso, a Polônia consegue auxílio financeiro da Comunidade Econômica Europeia, dos Estados Unidos e da Rússia.

Em 1991, a Tchecoslováquia, a Hungria e a Polônia assinam um tratado de

associação com a Comunidade Econômica Européia. Também em 1991, a República da Tchecoslováquia se divide em dois Estados independentes: a República Tcheca e a Eslováquia.

Em 1992, a Iugoslávia deixou de existir. Em seu lugar surgiram cinco nações independentes: a Eslovênia, a Macedônia, a Croácia, a Bósnia-Herzegovina e a Nova Federação Iugoslava, que reúne a Sérvia e Montenegro.

Na Bósnia-Herzegovina, uma guerra civil entre sérvios, croatas e muçulmanos eclodiu em 1989. O conflito provocou a mais grave crise humanitária vivenciada por populações européias desde a Segunda Guerra Mundial. Cerca de 4,5 milhões de refugiados perderam suas casas e foram deslocados para outros territórios, na tentativa de se criar Estados “eticamente puros” a pretexto de reconstruir a “Grande Sérvia”.

As guerras do mundo atual

Apesar de vivermos num quadro de relativa distensão, ainda existem vários conflitos armados no mundo atual. A maioria desses conflitos executa milhares de vidas a cada ano.

Em 1991, a Guerra do Golfo entre o Iraque e uma coalizão de países liderados pelos Estados Unidos teve um saldo de 150 mil mortos em apenas dois meses de conflitos. Destes, pelo menos 7 mil eram civis.

Na Bósnia-Herzegovina, as guerras étnicas entre sérvios, croatas e muçulmanos já vitimaram milhares de civis. A perspectiva de um acordo de paz e do fim das hostilidades ainda é remota.

34

A U L A Em Angola, a guerra civil entre o MPLA e a Unita (financiada pelo antigo governo da África do Sul) arruinou o país e continua sem perspectiva de uma solução que leve à paz. O resultado das primeiras eleições livres realizadas em Angola, em 1992, não foi reconhecido pela Unita: após uma breve trégua, a luta entre as duas facções foi reassumida com sua habitual violência. A brutalidade da guerra se alia a uma extrema miséria, herdada dos anos de escravismo e colonização que marcaram, de maneiras diferentes, todo o continente africano.

Leia a descrição dessa guerra por uma jornalista:

Angola é a pior guerra do mundo já há mais de um ano. Pelo menos mil pessoas morrem por dia, de acordo com a ONU. Os angolanos que trabalham fora da capital acreditam que esse número é bem maior e atingiu tal nível há muito mais tempo, mas nenhum poderoso quis saber disso em 1992, quando a promessa de democracia e paz por meio de eleições depois de quase trinta anos de guerra, feita pela comunidade internacional, acabou em desastre.

A enormidade da catástrofe desencadeada pela declaração de guerra de Jonas Savimbi, feita em 3 de outubro de 1992, depois que sua facção perdeu a eleição, foi subestimada pelos americanos que apoiaram a Unita durante vinte anos. [...]

Funcionários do Unicef calculam que mais da metade dos trabalhadores angolanos está desempregada. A inflação é de cerca de 2.500% ao ano.

O salário mínimo nacional é de 130 mil kwanzas novos por mês, com o que se pode comprar oito bananas ou um quilo de açúcar.

Em Luanda, uma pequena elite envolvida com o comércio e com acesso a moeda estrangeira está fazendo fortunas com as distorções da economia e com o mercado negro do dólar. Sua corrupção conspícua e privilégios, como os de um governador de província que passou

o Natal e o ano-novo na Europa com a família, fornecem um alibi para aqueles que frearam o auxílio ao governo angolano. Nas áreas controladas pela Unita, apesar das grandes distribuições de alimento feitas pela ONU, os funcionários das agências contam que pessoas adultas morrem de fome nas margens das estradas, e não existe infra-estrutura de saúde.

A clínica de emergência do hospital Josina Machel, no centro de Luanda, recebe e alimenta trezentas crianças por dia, vindas de todas as regiões da capital, onde os hospitais locais não funcionam.

Victoria Brittain, "Guerra mais sangrenta do mundo arrasa infância"
O Estado de S. Paulo, 23/1/94

Na África do Sul, os conflitos entre as diversas facções dos movimentos negros, e entre estes e as forças repressivas do regime branco, têm sido os principais responsáveis pelo estado de guerra civil que diariamente vitima cidadãos sul-africanos. Há, entretanto, perspectivas de mudanças. O governo de Frederik de Klerk empreendeu uma série de reformas que resultaram nas primeiras eleições gerais da história do país, realizadas em abril de 1994. Nelson

34

A U L A

Exercícios

Mandela, principal líder da maioria negra, foi eleito presidente da África do Sul, iniciando uma nova era na qual a igualdade de direitos, independente da raça, parece possível.

Mas se o apartheid oficial caiu, ele ainda continua na cabeça de muitos racistas que não admitem a verdadeira democracia e a igualdade de direitos. Também existe um apartheid social em muitos países do mundo, como no Brasil, onde grandes massas de favelados, miseráveis, famintos, não têm voz política nem direitos concretos.

Na Somália, tropas norte-americanas do exército de paz da ONU lutam contra guerrilheiros rebeldes comandados por Aideed.

Perspectivas de paz no Oriente Médio

Em setembro de 1993, israelenses e palestinos assinaram um acordo de paz, na tentativa de colocar um ponto final no conflito entre árabes e judeus que vem se alastrando desde a fundação do Estado de Israel, em 1948.

A solução do conflito entre palestinos e israelenses aumenta a chance de consolidação da paz no Líbano, assolado pela guerra civil desde meados da década de 1970.

Exercício 1

Após a morte de Stalin, em 1953, que novas características adquiriu a política soviética?

Exercício 2

O que levou Mikhail Gorbachev a realizar a glasnost e a perestroika?

Exercício 3

Que fatos importantes marcaram o fim da guerra fria?

População rebelada
em Soweto,
África do Sul.

35

A U L A

35

AULA

Outra característica do mundo atual é a forma

ção de blocos econômicos, ou comunidades econômicas, visando à integração de mercados. A União Européia (UE), cujo mercado único entrou em vigência em 1992, constitui um desafio para a hegemonia econômica norte-americana. Por outro lado, os Estados Unidos procuram incentivar a formação do mercado americano. México, Canadá e Estados Unidos assinaram tratados de integração econômica para contrabalançar os efeitos da unificação européia. O Nafta, tratado de livre comércio entre os Estados Unidos, Canadá e México, entrou em vigor em janeiro de 1994.

Os Estados Unidos enfrentam a concorrência dos mercados europeu e do Japão, que é um de seus maiores parceiros econômicos e principal rival.

O neoliberalismo latino-americano

Desde meados da década de 1980, alguns países latino-americanos vêm experimentando mudanças em suas economias: o neoliberalismo, que conta com o patrocínio do Fundo Monetário Internacional (FMI), foi o grande responsável pelo “sucesso” de planos econômicos destinados a estabilizar as economias latino-americanas. A “receita” do sucesso incluiu:

- a renegociação da dívida externa;
- a privatização de empresas estatais;
- a reforma administrativa do Estado e a redução do quadro de funcionários públicos;
- a abertura da economia ao capital estrangeiro.

Em alguns países, como a Venezuela, o México e o Brasil, o anticomunismo do período da guerra fria foi substituído pela luta contra a corrupção. Em 1992, o presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, teve seu mandato cassado pelo Poder Legislativo depois de comprovada sua participação em quadrilhas e negócios escusos.

No ano seguinte, o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, também sofreu processo de impedimento pelo Poder Legislativo de seu país, e foi afastado do cargo devido a denúncias de irregularidades e corrupção.

Blocos econômicos e a .nova ordem mundial.

Collor de Mello e uma jovem “cara-pintada”, em 1992.

A questão da dívida externa, um dos principais entraves ao crescimento A U L A econômico na América Latina, aos poucos foi sendo solucionada. Vários países do continente conseguiram romper um círculo vicioso, controlaram a inflação e voltaram a crescer. O custo social das reformas econômicas atingiu as camadas menos favorecidas da população: o desemprego ainda é um dos grandes desafios enfrentados pelos governos latino-americanos.

Na maioria dos países, as reformas vieram junto com governos democráticos. A exceção foi o Peru, onde o presidente Fujimori impôs uma nova Constituição e encaminhou reformas após um golpe de Estado apoiado pelos militares. Na Argentina, no Uruguai e no Chile, governos democráticos administram as mudanças na economia de seus países.

Apesar do sucesso das reformas econômicas empreendidas pelo presidente Carlos Salinas de Gortari no México, e da entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio, guerrilheiros tomaram de assalto a província de Chiapas, no sul do México, em janeiro de 1994. Os guerrilheiros do Exército Zapatista de Libertação Nacional exigiam a revogação do tratado. No sul do continente americano, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai procuram estimular a formação de um mercado regional, o Mercosul.

Mas a estabilidade democrática da América Latina ainda não parece plenamente consolidada. Heranças históricas coloniais autoritárias, aliadas à dependência econômica dos blocos mais fortes do capitalismo internacional, parecem, para muitos analistas, ainda hoje presentes. Leia um balanço escrito em 1994 tratando dessas questões:

Desde os dias dos conquistadores do século XVI até os caudilhos feudais do século XIX, chegando aos generais e suas juntas neste século, a América Latina tem uma longa tradição de homens fortes governando as massas. Agora que todos os países da região, exceto Cuba, anunciaram suas reformas democráticas, o homem forte da América Latina não desapareceu, evoluiu.

Um caso clássico pode ser encontrado no México, onde o presidente Carlos Salinas de Gortari, um modernizador político e econômico, apesar de tudo recorreu a medidas severas para reprimir um levante ocorrido em Chiapas, antes de declarar um cessar-fogo unilateral.

Autoritarismo consentido – Também no Peru e na Argentina, líderes políticos e seus partidos exercem vasto poder, centralizado no Executivo – às vezes, de maneira ríspida, como o exemplo do Peru ilustra. O novo tipo de democracia autoritária parece ser aceitável para os povos que eles governam, até o ponto em que fomenta o progresso econômico e assegura a lei e a ordem.

No México, antes da rebelião de Chiapas, o talismã de Salinas era o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), o sonho, para muitos mexicanos, de ter o mesmo tipo de prosperidade dos vizinhos do norte.

Agora, o desafio de Salinas é preservar a estabilidade e a promessa do Nafta, equilibrando-se entre a firmeza necessária para manter a ordem social e o compromisso com as reformas, de modo a não afugentar investidores estrangeiros.

Salinas parecia procurar isso quando, na semana passada, encerrou a perseguição que o exército mexicano movia aos rebeldes das montanhas de Chiapas e demitiu seu poderoso ministro do Interior (que fora governador de Chiapas).

continua

A U L A O presidente Carlos Saul Menem também teve de ter firmeza ao governar a Argentina à base de decretos nos últimos quatro anos, evitando o Congresso, e ao dominar a Corte Suprema.

Mas Menem deu a seus oponentes pouca munição para usar contra si. Sob seu governo, a inflação caiu a seu nível mais baixo em quase trinta anos, e a economia cresceu mais de 7% ao ano desde 1991.

Previsivelmente, ele é muito popular.

De modo semelhante, o presidente Alberto Fujimori, do Peru, suspendeu o governo constitucional em abril de 1992 para realizar uma dura campanha contra os guerrilheiros do Sendero Luminoso. Os eleitores responderam a isso elegendo um novo Congresso cheio de partidários de Fujimori. Além disso, o investimento estrangeiro está inundando o país. [...]

Continuidade – A durabilidade dessa tradição é pouco surpreendente.

Com os pobres privados de direitos civis básicos e uma classe média pequena nesses países, a aristocracia e a classe empresarial muitas vezes se voltaram para os militares para enfrentar levantes guerrilheiros ou outras formas de desordem. Em outras ocasiões, populistas como o general Juan Domingo Perón, na Argentina, encontraram grande apelo entre as massas.

Agora, com os maiores desafios sendo econômicos, os novos homens fortes estão procurando – freqüentemente com apoio militar crucial – perpetuar-se no poder. E muitos cidadãos estão inclinados a permitir que eles, no interesse de um trabalho sustentado que refreie a inflação, vendam empresas estatais e atraiam investimento estrangeiro.

Menem e Fujimori manobram para derrubar a proibição constitucional de sua reeleição para um segundo mandato consecutivo. [...]

Nathaniel C. Nash, “Figura do homem forte latino ainda sobrevive”.

O Estado de S. Paulo, 11/1/94

Cuba: baluarte do socialismo

O regime cubano de Fidel Castro perdeu sua base de sustentação financeira com as reformas ocorridas na Rússia e no Leste europeu. Por causa do fim do auxílio externo, a população cubana enfrenta graves problemas de desabastecimento de alimentos e de energia. Apesar disso, o governo reluta em adotar mudanças em sua economia e no sistema de governo de partido único.

A China, os “tigres asiáticos” e o Japão: novas potências econômicas

Na China Popular, um dos países mais populosos do mundo (1 bilhão e 170 milhões de habitantes), o governo vem realizando reformas econômicas para a adoção da economia de mercado em vários pontos do país. Apesar disso, a população luta para restabelecer a democracia.

A desaceleração das reformas econômicas no final da década de 1980 provocou a reação da população. Em junho de 1989, a sociedade exigiu mudanças políticas: o governo reprimiu os manifestantes com violência. A chamada “primavera de Pequim” terminou com o massacre da praça da Paz Celestial, onde milhares de manifestantes foram mortos e presos pelas tropas do Exército Vermelho.

continuação

35

A U L A

Atualmente, a economia da China Popular conta com a participação de investimentos estrangeiros. Em 1991 e 1992, a economia chinesa cresceu 7%, uma das taxas mais altas do mundo. Esse crescimento vertiginoso colocou um

fim ao isolamento diplomático da China Popular. Embora exigindo reformas políticas, as potências ocidentais estão negociando e realizando investimentos de vulto na China.

No sudeste asiático, a Coreia do Sul, Hong Kong, Formosa e Cingapura formam o grupo dos chamados “tigres asiáticos”. Esses países crescem em ritmo acelerado e inundam o Ocidente com seus produtos eletrônicos, automóveis e tecidos.

Depois da derrota na Segunda Guerra Mundial, o Japão se recuperou e atualmente é a principal potência econômica da Ásia. Contando com aproximadamente 125 milhões de habitantes, o Japão se tornou um dos países mais desenvolvidos do mundo. O sistema de governo adotado, o parlamentarismo monárquico, preservou a figura do imperador.

O governo democrático do Japão é uma exceção no sudeste asiático. A maioria dos “tigres” e a própria China são conduzidos por governos totalitários. Na Coreia do Sul, a democracia começa a dar seus primeiros passos.

Exercício 1

Por que o regime cubano ficou ameaçado?

Exercício 2

Explique a formação dos blocos econômicos do mundo atual.

Exercício 3

O que é o neoliberalismo latino-americano?

Exercícios

As fotos mostram os incidentes na praça da Paz Celestial, na China, em 1989, quando morreram vários jovens que se manifestavam a favor da modernização do país.

36

A U L A

36

A U L A

A partir da Segunda Guerra Mundial,

as comunicações assistiram a um avanço sem precedentes. No início do século, o telégrafo e, posteriormente, o rádio, eram os principais meios de comunicação de massa. As guerras mundiais contribuíram para o desenvolvimento de novos meios de comunicação.

Na década de 1950, surgiu a televisão. A corrida espacial entre a União Soviética e os Estados Unidos estimulou o desenvolvimento de uma sofisticada tecnologia de comunicações via satélite. Atualmente, podemos receber imagens geradas em outros países, e as comunicações via satélite fazem parte de nosso dia-a-dia: transmissões de imagens televisivas, de informações, de dados informatizados e de telefonemas são utilizadas por milhões de brasileiros.

A Guerra do Vietnã foi a primeira guerra que entrou nos lares norte-americanos,

diariamente, por meio dos noticiários. Por causa dessas transmissões, uma grande parcela de norte-americanos se mobilizou contra a intervenção dos Estados Unidos na Indochina. Recentemente, a Guerra do Golfo, no Oriente Médio, entrou nos lares de milhões de habitantes do planeta.

O mundo atual: a História não acabou

A sonda espacial Voyager 1, lançada em setembro de 1977 em missão de exploração de Júpiter, levou ao espaço uma "saudação interplanetária", gravada em 55 línguas, em nome de todos os povos do planeta.

36

Outra revolução técnica que nos afeta diretamente é a revolução da A U L A informática. Os computadores, desenvolvidos desde a década de 1950, ganharam espaço e tornaram-se o principal meio de armazenamento e processamento de dados – de contas bancárias a documentos de identidade ou declarações de imposto de renda.

Atualmente, grande parcela de serviços está sendo informatizada. O projeto de um edifício pode ser feito por computador, a contabilidade de uma empresa e o orçamento doméstico podem ser controlados por ele. O computador está em toda parte. Até nos videogames.

A questão ecológica

Com o fim da ameaça nuclear, os movimentos pacifistas internacionais se voltam para a questão da preservação do nosso planeta. O objetivo é controlar e amenizar os efeitos da devastação do meio ambiente gerados pela expansão descontrolada da industrialização. O desmatamento de florestas tropicais, importantes para o estudo e a preservação da fauna e da flora, coloca em risco o equilíbrio ecológico da Terra.

Energia atômica: uma ameaça ao meio ambiente?

A utilização da energia atômica para finalidades pacíficas também vem sendo discutida por organizações ambientalistas e governos. O vazamento de radioatividade ocorrido em usinas atômicas coloca em risco o nosso planeta: as áreas atingidas pelo vazamento de materiais radioativos tornam-se impróprias para serem habitadas por qualquer espécie viva.

Os maiores acidentes ocorridos em usinas nucleares foram:

- o acidente de Three Mile Island, nos Estados Unidos, em 1979;
- o acidente de Chernobyl, na União Soviética, em 1986.

A Eco-92

Patrocinada pela ONU, a Cúpula da Terra reuniu 114 chefes de Estado e mais de 40 mil militantes de 3.200 organizações não-governamentais (ONGs) no Rio de Janeiro para discutir o futuro do planeta. As reuniões tiveram como resultado a elaboração de cinco documentos e convenções sobre mudanças climáticas, biodiversidade, florestas, direitos e responsabilidades dos Estados e um programa

de ação para o próximo século, a Agenda 21.

Graças à conferência realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992, a questão da preservação do meio ambiente foi discutida por amplas camadas da população mundial. Pobreza, taxas de crescimento populacional e taxas de consumo também foram discutidas pelos participantes da conferência.

Um mundo dividido pela miséria

A questão ecológica não pode ser discutida sem levar em conta a miséria dos países em desenvolvimento, ou Terceiro Mundo. A maior parte dos problemas ambientais nesses países, inclusive no Brasil, deriva da quase absoluta miséria

36

A U L A em que vivem grandes setores de sua população. Falta de saneamento básico, água, esgoto tratado e alimentação adequada favorecem a propagação de doenças endêmicas. A degradação das condições ambientais, por causa do crescimento desordenado e indisciplinado, piora a situação nas grandes metrópoles do Terceiro Mundo.

O caso brasileiro ilustra bem esse impasse econômico e político que assinalará a virada do século. Em muitos países como o Brasil, a extrema riqueza e a extrema miséria convivem em níveis alarmantes, gerando conflitos e violência que atingem índices altíssimos. A violência é fruto da miséria, do desemprego, da corrupção de certas elites que usam a máquina do Estado para seus interesses imediatos. Contra essa situação, surgiram nos últimos anos novas formas de solidariedade, novas respostas a velhos problemas. É o caso, no Brasil, de duas iniciativas de sucesso, desligadas de partidos ou grupos. São organizações não-governamentais que têm atuado de modo eficiente.

Uma delas fica na Bahia, uma região onde a qualidade de vida se deteriorou terrivelmente nos últimos anos. Lá, o advogado e educador Cesare de la Rocca, nascido em Florença mas morando no Brasil há cerca de trinta anos, cuida de cerca de 3 mil crianças de rua de Salvador. É o Projeto Axé, apontado pela ONU como um bom exemplo para o Terceiro Mundo.

Outra iniciativa é a do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que em 1993 lançou um movimento de solidariedade e de combate à fome e à miséria. Cansado das disputas partidárias, das promessas não cumpridas, das iniciativas de pequenos grupos isolados, Betinho conseguiu comover a opinião nacional a olhar de frente a miséria do país. A fome é o problema número um, e Betinho mobilizou a sociedade para atacá-la. Primeiro, organizando grupos e iniciativas variadas para um mesmo objetivo. Segundo – é nesse ponto que o problema se torna mais complicado –, começando a discutir as origens da miséria, para combatê-la no seu nascedouro. Afinal, num país cheio de riquezas e potencialidades como o nosso, onde estão as origens da miséria? Após essa batalha contra a fome, que está longe de acabar ou de ser bem-sucedida,

Betinho deu início, em 1994, à luta contra o desemprego.

O ressurgimento da intolerância: os conflitos étnicos e o neonazismo

O aprofundamento do abismo entre os países ricos e os países pobres é responsável pelos movimentos migratórios que caracterizam o mundo atual:
Favela brasileira

36

os países que formam a União Européia se vêem obrigados a assimilar A U L A números crescentes de trabalhadores vindos do Leste europeu e de suas ex-colônias africanas e asiáticas;

os Estados Unidos recebem anualmente milhares de imigrantes ilegais que fogem da pobreza do subcontinente americano;

descendentes de japoneses migram a cada ano de volta para o Japão, saindo especialmente do Brasil, em busca de melhores condições de vida e empregos mais bem remunerados.

As conseqüências mais visíveis desses movimentos migratórios são a crescente intolerância e o surgimento de grupos neonazistas, que são também alimentados pelas altas taxas de desemprego que a nova ordem mundial parece ser incapaz de resolver.

Os neonazistas, em sua maioria jovens e desempregados, querem expulsar os trabalhadores estrangeiros e agem com violência. Na Alemanha, as tensões geradas pela reunificação e a presença de imigrantes provenientes da Turquia criaram um campo fértil para a ação de grupos paramilitares. Eles incendiam habitações de imigrantes, espancam deficientes físicos e depredam cemitérios judeus.

Na França, o partido de ultradireita liderado por Jean-Marie Le Pen prega a expulsão dos imigrantes árabes e africanos provenientes das ex-colônias francesas. Recentemente, o governo francês criou uma polícia de imigração para combater a imigração irregular e o trabalho clandestino de estrangeiros no país. No Brasil, grupos neonazistas – os chamados “carecas” – cultivam o preconceito e agem com violência contra negros e imigrantes nordestinos.

A Aids: o .mal. do fim do século

A Aids é a principal doença contagiosa dos nossos dias e atinge parcelas cada vez maiores da população. Até o momento, os cientistas não encontraram cura para a doença nem vacina contra o vírus. O contágio se dá pelo contato sexual ou pelo sangue, seja por meio de transfusões contaminadas ou pela utilização de material não-esterilizado, como as seringas compartilhadas por viciados em drogas injetáveis.

Várias campanhas de conscientização e prevenção contra o vírus da Aids procuram alertar a população. Apesar disso, o preconceito e a desinformação fazem crer que a Aids é uma doença que se restringe aos homossexuais, considerados, até recentemente, o principal “grupo de risco”. Estudos recentes demonstram que o contágio entre as mulheres e os viciados em drogas injetáveis aumenta incessantemente, o que desmente a versão de que apenas os homossexuais seriam responsáveis pela transmissão do vírus.

Na cidade de São Paulo, a maior do Brasil, a Aids mata mais do que os acidentes de trânsito. Os dados e as estatísticas sobre a Aids ainda são pouco

confiáveis, pois existe muito preconceito: as famílias alteram a causa da morte nos atestados de óbito por causa disso.

Cartaz da Liga Antinazista da Inglaterra, com o rosto do nazista Goebbels, denuncia a Frente Nacional, partido britânico de extrema direita.

36

A U L A A História não acabou

Essas são apenas algumas das perspectivas, não muito animadoras, do nosso mundo, no qual a História continua e exige de nós consciência e atuação.

Os problemas são muitos e o “progresso” técnico não parece capaz de resolvê-los.

Qual a solução?

Uma delas, ou pelo menos o início dela, pode ser informar-se, para tornar esse mundo o nosso mundo. Como cantou Gilberto Gil numa de suas músicas: “se oriente, rapaz”.

Sobre nossa difícil condição contemporânea, leia essas idéias de um jovem pensador de nosso tempo, que nos propõe lutar para tornar este mundo o nosso mundo, e reflita:

A economia moderna provavelmente continuará em expansão, embora talvez em novas direções, adaptando-se às crises crônicas de energia e do meio ambiente que seu sucesso criou. As adaptações futuras exigirão grandes turbulências sociais e políticas; mas a modernização sempre sobreviveu em meio a problemas, em uma atmosfera de “incerteza e agitação constantes” em que, como diz o Manifesto Comunista, “todas as relações fixas e congeladas serão suprimidas”. Em tal ambiente, a cultura do modernismo continuará a desenvolver novas visões e expressões de vida, pois as mesmas tendências econômicas e sociais que incessantemente transformam o mundo que nos rodeia, tanto para o bem como para o mal, também transformam as vidas interiores dos homens e das mulheres que ocupam esse mundo e o fazem caminhar. O processo de modernização, ao mesmo tempo que nos explora e nos atormenta, nos impele a apreender e a enfrentar o mundo que a modernização constrói e a lutar por torná-lo o nosso mundo. Creio que nós e aqueles que virão depois de nós continuarão lutando para fazer com que nos sintamos em casa neste mundo, mesmo que os lares que construímos, a rua moderna, o espírito moderno continuem a se desmanchar no ar.

Marshall Berman, Tudo que é sólido desmancha no ar, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 330

Exercício 1

Quais as duas grandes revoluções tecnológicas dos últimos anos?

Exercício 2

Por que os movimentos pacifistas internacionais se voltam para a questão ecológica?

Exercício 3

O que os acidentes nucleares das usinas de Three Mile Island, nos Estados Unidos, em 1979, e de Chernobyl, na União Soviética, em 1986, provocaram?

Exercício 4

O que é a Aids?

Exercícios

Foguete com ônibus acoplado, lançado nos Estados Unidos. A conquista do espaço abre novas perspectivas para a História da humanidade.

Aula 1 - A longa viagem pelo tempo

1. Descubrem a agricultura, tornam-se sedentários, domesticam animais, tecem fibras vegetais e animais, fabricam cerâmica e enterram seus mortos.

2. Sociedade: É a organização de um grupo maior de pessoas. Depois que o homem domesticou animais, ele começou a viver em grupos. Assim surgiram as primeiras tribos. O homem do Neolítico, além de se tornar sedentário, começou a viver em sociedade, junto com outros homens.

Linguagem: Quando o homem conseguiu se comunicar com os outros homens, ele desenvolveu uma linguagem. Muito tempo depois, essa linguagem se transformou em escrita. A escrita é formada por símbolos ou desenhos que todas as pessoas que vivem juntas numa sociedade ou num povo entendem.

Cultura: é o modo de vida das sociedades, ou seja, o que comem, como construía suas casas, quais deuses adoravam e assim por diante.

Civilização: é como se entende aquelas culturas cujos valores e criações permanecem vivos durante muitos anos.

Divisão de trabalho: com a descoberta do ciclo das colheitas, as pessoas perceberam que não era preciso que todo o grupo trabalhasse na terra. Aos poucos, cada membro do grupo começou a se especializar naquilo que fazia melhor. O mais hábil e forte era o chefe.

Aula 2 - As civilizações do Extremo Oriente: China e Japão

1. Seda, porcelana.

2. É uma sociedade na qual não existe mobilidade entre as classes sociais, pois os indivíduos têm seu lugar determinado por seu nascimento.

3. A China, que influenciou os japoneses na religião e na estrutura social.

Aula 3 - O Egito antigo

1. O faraó tinha poderes absolutos, era a encarnação de Deus na terra. Governava por meio de funcionários nobres. No Brasil atual, os governantes são eleitos pela população, e os funcionários públicos são concursados ou indicados.

2.

3. Os escribas cobravam os impostos e supervisionavam as construções e as obras públicas. Após cada colheita, eles calculavam os impostos a serem pagos pelos lavradores. Junto com os sacerdotes, foram responsáveis pelo desenvolvimento das ciências e da literatura.

Egito

Gabaritos das aulas 1 a 36

Aula 4 - Na Mesopotâmia: nossas raízes

1. Escrita, forma de governo, organização social, soberano absoluto, politeísmo.

2. Politeísta; acreditavam nos astros, desenvolveram a astronomia. Seus templos eram observatórios. Essa religião ainda existe atualmente, em parte. Basta ver os horóscopos que são publicados em jornais e revistas.

Aula 5 - As civilizações da Palestina: fenícios e hebreus

1. Na forma de governo, escrita, organização social, atividades econômicas.

2. Eram grupos de cidades que se ajudavam mutuamente, mas eram independentes umas das outras.

3. Os hebreus eram monoteístas; seu Deus se comunicava por mensagens e revelações.

4. Patriarcal. O governo era exercido por um conselho de anciãos.

Aula 6 - O mundo grego: de Creta à Grécia heróica

1. As mulheres tinham um papel de destaque na sociedade cretense. Participavam em pé de igualdade do governo e da vida social e religiosa. Nas demais sociedades, quase todas patriarcais, a mulher estava submetida à autoridade masculina.

2. Forma de governo, militarismo, sociedade patriarcal.

3. Os gregos se uniram contra o domínio comercial dos troianos. A guerra foi a primeira entre a Ásia e a Europa. Os gregos deram um golpe (o cavalo de Tróia) para invadir a cidade e dominá-la.

4. As colônias gregas eram autônomas. Falavam a mesma língua, praticavam os mesmos costumes, religião e ideais dos gregos que habitavam a Grécia Continental.

5. São dois grandes poemas gregos que contam lendas e mitos envolvendo deuses e heróis na Guerra de Tróia e seu retorno ao lar.

Aula 7 - O mundo grego: a Grécia antiga, clássica e a helenística

1. Esparta: Estado militarista/ Atenas: democracia. Educação. Instituições.

2. Repartiu terras, suavizou as leis dracônicas, incentivou a educação popular.

3. Decadência do mundo grego.

4. Fusão da cultura grega com a cultura oriental do império persa.

5. Foi o mais bem-sucedido guerreiro da Antiguidade. Conquistou um império de proporções até então inusitadas.

Aula 8 - O mundo romano: da monarquia à república

1. Dividia-se em três grupos: 1) os patrícios formavam a aristocracia e ocupavam os cargos públicos; 2) os plebeus eram os

estrangeiros ou os romanos sem antepassados importantes: eles não tinham direitos políticos e, muitas vezes, eram obrigados a se tornar clientes protegidos de famílias patrícias; 3) os escravos não tinham nenhum direito e constituíam um grupo formado por plebeus endividados ou por prisioneiros de guerras.

2. As lutas ocorreram por causa das desigualdades sociais impostas pelos patrícios. Por meio de lutas, os plebeus foram conseguindo representação no governo, como os tribunais da plebe.

3. Foram os comícios por tribos ou plebiscitos. Nessas assembleias, os plebeus eram maioria, e elas forçaram os patrícios a aceitar suas decisões.

Aula 9 - Da crise da república ao fim do império romano

1. A conquista de novos territórios enriqueceu um pequeno grupo de famílias que acabou se tornando praticamente dono da república. As terras conquistadas foram alugadas, pelo Senado, a minorias privilegiadas, que acabaram por formar latifúndios. Os prisioneiros de guerra tornaram-se escravos e mão-de-obra gratuita para os latifundiários, levando os pequenos proprietários à ruína, aumentando a diferença entre ricos e miseráveis. Isso se refletiu na política, com a formação de partidos que defendiam interesses distintos.

2. Ocorreu no governo de Diocleciano. Ele acreditava que o império só poderia sobreviver com um governo absolutista. O Senado perdeu o poder e os cidadãos perderam seus direitos. Suas reformas mostraram que o peso administrativo se deslocara para o Oriente. Apoiando-se numa burocracia imperial e no exército, Diocleciano aumentou os impostos.

3. Porque a guerra civil entre os exércitos teve efeitos devastadores sobre a agricultura e o comércio. A guerra pelo domínio do império e a fome trouxeram epidemias que dizimaram a população. O avanço dos persas no Oriente e dos germanos no Ocidente provocou insegurança generalizada. Esse contexto era propício para a disseminação dos cultos salvacionistas, que prometiam vida melhor depois da morte.

Aula 10 - A Antiguidade tardia, o Império Carolíngio e a Idade Média

1. Carlos Magno dividiu o império em 300 províncias governadas por condes. As províncias de fronteira, as “marcas”, eram governadas por marqueses e duques. Para fiscalizar a administração deles, Carlos Magno criou os inspetores. Uma Assembleia, da qual faziam parte colaboradores do imperador, reunia-se uma vez por ano para fixar as metas de governo. Essas reuniões, chamadas de campos de maio, pois ocorriam no mês de maio, originaram uma coleção de leis, as leis capitulares. Para recompensar aqueles que o ajudavam, o imperador distribuía terras. Esses benefícios deram origem ao sistema feudal.

2. O Ocidente não resistiu ao avanço dos povos germânicos. A atividade comercial desapareceu, as cidades entraram em decadência. O Oriente sobrevive durante mais mil anos, com uma atividade comercial intensa, irradiando sua cultura no mundo eslavo e russo. O “centro” do mundo, naquela época, foi o império bizantino.

3. O império foi uma grande potência militar; sua marinha foi invencível durante séculos. Economicamente, Bizâncio foi o centro do comércio mundial na Idade Média, fazendo a ponte entre o Extremo Oriente, o Oriente Médio e o Ocidente. A arte bizantina criou um estilo original, combinando harmoniosamente elementos gregos, romanos e orientais. Seus mosaicos ficaram famosos.

Aula 11 - A civilização muçulmana

1. A ruptura teve início em 760, quando os árabes da Espanha declararam independência. Em 968 foi a vez dos árabes do Egito se tornarem independentes. Dessa forma, o império ficou dividido em três califados, o de Córdoba, o do Cairo e o de Bagdá.

2. Eram tribos asiáticas que vieram da Mongólia, fixando-se nas margens do mar Cáspio. Converteram-se ao islamismo, tornando-se guerreiros de Alá. Em 1055 os turcos tomaram Bagdá e substituíram o califa pelo sultão. Os turcos submeteram todos os povos árabes da Ásia e da África, tornando-se um perigo para os reinos cristãos da Europa.

3. Os árabes deixaram um legado cultural importantíssimo no campo científico (matemática, astronomia, arquitetura), artístico (construções de mesquitas e palácios), comercial e agrícola. Além disso, os árabes preservaram obras da cultura greco-latina durante a Idade Média.

Aula 12 - O Sacro Império Romano-Germânico e o cristianismo feudal

1. Porque, embora no alto da pirâmide formada pelos governos locais, condes, marqueses ou duques que muitas vezes reconheciam a superioridade de algum príncipe ou grão-duque, estivesse o rei, este, na prática, só exercia autoridade sobre seus próprios domínios particulares. A autoridade, de fato, era exercida pelos donos das propriedades.

2. Os senhores feudais cunhavam moeda, mantinham um exército próprio, podiam declarar a guerra, administravam a justiça e cobravam impostos sobre seus vassalos e servos.

3. As cruzadas foram expedições militares organizadas pelo Papa e por senhores feudais para tomar territórios considerados santos na Palestina. A quarta cruzada, a mais bem-sucedida, conseguiu estabelecer em Bizâncio um reino latino.

Aula 13 - Rumo à modernidade: das Cruzadas ao início dos Estados Nacionais

1. Ressurgiu o comércio com o Oriente, surgiram novas técnicas, novos métodos de trabalho, novas indústrias; apareceram grandes companhias de comércio, e as cidades comerciais se fortaleceram diante dos senhores feudais. Assim, o sistema feudal entrou em decadência.

2. A burguesia, a nova classe social, não queria terra nem precisava de senhor. Seu único interesse era enriquecer com o comércio e a indústria. Em troca de privilégios, ajudaram a monarquia a lutar contra o poder dos senhores feudais.

3. Com o fracasso das tentativas de unificação europeia, os Estados europeus tenderam a se centralizar em torno do rei. Este, aos poucos, assumiu características de um monarca absolutista, originando as nações modernas da Europa ocidental.

4. Os dois países saíram exauridos da guerra. Depois dela, o feudalismo estava destruído nessas regiões e o rei pôde se impor aos senhores feudais.

Aula 14 - Os tempos modernos e o Renascimento

1. Os reinos cristãos se consolidaram e expandiram suas fronteiras. O feudalismo deu lugar ao capitalismo comercial. As

monarquias absolutas fortaleceram os Estados Nacionais. Formaram-se os grandes impérios ultramarinos. A Reforma religiosa criticou o poder absoluto do papado. O Renascimento e o Humanismo trouxeram uma nova visão de mundo, nas artes e na ciência.

2. A partir dos últimos séculos da Idade Média, os estudiosos das universidades começaram a fixar seus estudos no homem e na Terra. Antes, estudava-se apenas a relação do homem com seu criador. A partir de então, começaram a estudar o próprio homem, um ser racional e superior às demais criaturas. Essa nova concepção do ser humano foi chamada de humanismo.

3. A arte perdeu o caráter piedoso, retomando os temas pagãos (festas, retratos da vida cotidiana). O uso do nu e da perspectiva, associados à revolução científica, foram as principais inovações.

4. A pólvora, introduzida na Europa no final da Idade Média pelos árabes, foi aplicada na guerra, nas armas de fogo. Com ela, o poder dos cavaleiros armados da Idade Média chegou ao fim. A imprensa também era conhecida no Oriente. Em 1450, Gutenberg criou a imprensa de caracteres móveis de metal, barateando o custo das edições e popularizando a leitura. A bússola, já utilizada pelos árabes, foi essencial para a realização das grandes navegações dos tempos modernos.

Aula 15 - Os descobrimentos geográficos

1. O planeta passou a ser conhecido. Novas culturas e civilizações foram contatadas. A Europa tornou-se o centro da nascente economia mundial e, em nome do comércio e do lucro, populações africanas foram escravizadas e milhões de habitantes americanos foram dizimados.

2. Porque os objetivos das viagens portuguesas era atingir a Índia contornando o continente africano. Entretanto, há indícios de outras expedições que procuravam verificar as condições de navegação no Atlântico Sul na época do Tratado de Tordesilhas.

3. Os espanhóis submeteram os habitantes americanos em aproximadamente cinquenta anos. A colonização espanhola significou o “cobrimento” das civilizações pré-colombianas existentes na América. A desorganização dos impérios inca e asteca, provocada pela primeira corrida aos metais preciosos da época moderna, provocou uma verdadeira destruição de seu povo e cultura.

Aula 16 - A revolução religiosa

1. A Igreja vinha perdendo prestígio desde o fim da Idade Média. Os Papas eram acusados de corrupção e nepotismo. O espírito crítico dos humanistas preparou as mentes para a rebelião. Os hereges passaram a atacar o governo da Igreja, o ensino eclesiástico e os dogmas. O profundo descontentamento com as desigualdades sociais levou a população a se insurgir contra o enriquecimento da Igreja e a ansiar por uma melhor distribuição da riqueza.

2. A luta pela secularização das terras da Igreja. Segundo a proposta de Lutero, os bens materiais da Igreja deveriam ser repartidos. A nobreza empobrecida e vários membros do alto clero da Alemanha passaram a se apossar das propriedades da Igreja. Os camponeses empobrecidos tentaram fazer o mesmo e se revoltaram contra os senhores feudais.

Lutero manifestou-se contra os camponeses e o movimento foi derrotado depois que mais de 100 mil camponeses foram massacrados.

3. A Contra-Reforma católica se deu a partir das resoluções do Concílio de Trento. A vida dos católicos mudou por causa da atuação das Congregações Religiosas, dos seminários (que tentavam dar uma melhor formação aos católicos) e dos tribunais do Santo Ofício, que perseguiram todos que criticavam a Igreja. Ao mesmo tempo, apareceram novas ordens religiosas, entre elas a Companhia de Jesus, baluarte da Igreja na luta contra as heresias.

Aula 17 - O predomínio ibérico

1. Porque ela gastou a maior parte de suas riquezas em guerras para consolidar a hegemonia de seus governantes na Europa e no Novo Mundo, defender a fé católica. Economicamente, tornou-se dependente dos países que estavam mais adiantados nos processos de manufaturas, como a Holanda.

2. Porque, para afirmar seu domínio sobre a economia europeia, os holandeses buscaram capturar as rotas de comércio de longa distância de produtos asiáticos e americanos e, para isso, dirigiram seus ataques contra as colônias portuguesas.

3. A Noite de São Bartolomeu, em 1572, marcou o início dos conflitos violentos entre católicos e protestantes franceses. Naquela noite, os católicos realizaram o assassinato em massa de huguenotes. A partir daí os conflitos no reino se acirraram.

Aula 18 - O absolutismo na França e o século XVII

1. Porque a França, apesar de ter saído vitoriosa da Guerra dos Trinta Anos, ficou arruinada. O cardeal Mazarin, para resolver a situação financeira do reino, aumentou os impostos sobre a fortuna e os nobres, que se rebelaram. O povo de Paris sitiou o Palácio Real de Louvre e a família real fugiu. A revolta continuou por quatro anos.

2. O mercantilismo foi a política econômica adotada pelos governantes europeus durante a Idade Moderna. Segundo as teorias mercantilistas, a riqueza de uma nação se obtém vendendo muito para as outras nações e comprando pouco. Dessa forma, a nação teria sempre uma balança comercial favorável. Os produtos estrangeiros tinham de pagar impostos pesados para serem vendidos. Para sustentar essa política exportadora, era necessário contar com uma poderosa marinha mercantil e de guerra.

3. As principais medidas do governo de Cromwell visaram ao fortalecimento comercial da Inglaterra. Em 1651, promulgou os Atos de Navegação, que deram impulso decisivo à marinha mercante inglesa. Em 1655, empreendeu a primeira guerra naval contra a Holanda, até então senhora dos mares. Em 1655, tomou a ilha da Jamaica, no Caribe, da Espanha.

Aula 19 - O século das luzes

1. Eles pregavam a soberania popular, a igualdade social, a liberdade pessoal e a tolerância religiosa. Ao negar a origem divina do rei, afirmando que a autoridade se baseava no consentimento dos cidadãos, Locke abriu espaço para as críticas à legitimidade do Antigo Regime.

2. Foi a ideologia dos reis absolutistas que tentavam se proteger dos ideais revolucionários liberal-democráticos. Para evitar

a difusão dessas idéias, adotaram reformas administrativas que transformaram, até certo ponto, as bases do Estado.

3. As colônias ultramarinas eram os mercados que compravam as manufaturas excedentes produzidas pela Europa. Ao mesmo tempo, forneciam as matérias-primas utilizadas pelas fábricas européias.

Aula 20 - O século das revoluções

1. O desejo generalizado de reforma, que atingiu todas as camadas sociais da população européia. Os camponeses não suportavam mais o peso dos impostos e das obrigações feudais ainda vigentes em muitos países europeus. A burguesia ansiava pelo fim dos privilégios da nobreza e do alto clero e desejava participar das decisões do governo. A nobreza e o alto clero apoiavam a monarquia constitucional, na expectativa de desempenhar um papel mais importante no governo.

2. Os motivos que levaram à emancipação das treze colônias inglesas da América do Norte foram a cobrança de impostos e a falta de representação dos colonos norte-americanos no Parlamento inglês.

3. A Assembléia de 1789 decretou o fim da servidão e dos privilégios: instituiu a igualdade no pagamento dos impostos, o fim dos dízimos da Igreja, aboliu os tribunais excepcionais e suprimiu títulos de nobreza. Proclamou a Declaração dos Direitos do Homem, colocando um fim à tortura e às perseguições religiosas. O país foi reorganizado em departamentos e províncias. O exército foi reformado para permitir que a burguesia participasse dele. O Poder Judiciário foi reformado. No final de 1789, a Assembléia Constituinte confiscou os bens do clero. Pouco tempo depois, confiscou os bens da coroa e dos nobres que haviam fugido para o exterior. Reorganizou a Igreja: os bispos passaram a ser eleitos pelo povo e ficaram submetidos à autoridade do governo. Adotou-se o casamento civil e o divórcio. Suprimiram-se ordens religiosas.

Aula 21 - A Revolução Industrial e as revoluções européias

1. Os principais fatores foram: as inovações técnicas que originaram o maquinismo e utilização da energia do vapor; a ampliação das vias de comunicação: a construção de canais e novos sistemas de pavimentação; a ampliação dos mercados consumidores por causa do aumento da população e do colonialismo europeu; a existência de capitais provenientes do comércio colonial, dos bancos e da agricultura; e o aumento da produção de matérias-primas, estimulado por novos sistemas de cultivo e mineração e a disponibilidade de exploração da mão-de-obra dos proletários.

2. A expansão do capitalismo industrial fortaleceu a burguesia capitalista. Iniciou-se o processo de concentração urbana da população. O êxodo rural e a concentração industrial originaram o proletariado industrial. Em consequência, surgiram agudos problemas sociais, frutos da desigualdade social. O aumento da produção de manufaturas detonou a luta pelos mercados. A civilização européia, criadora das novas técnicas, aumentou seu domínio sobre outros povos. Os impérios coloniais europeus se expandiram e ampliaram durante o século XIX. A Inglaterra tornou-se a potência hegemônica. Dominou o comércio mundial e ampliou seu império colonial formal, na África e na Ásia, e informal, nas Américas.

3. As idéias socialistas ganharam espaço durante os movimentos de 1848, abrindo uma brecha entre a burguesia e o proletariado, que, até então, atuavam juntos contra a aristocracia. Surgiu o comunismo. Da Inglaterra, Karl Marx e Friedrich Engels conclamaram o proletariado, no Manifesto Comunista: "Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!".

Aula 22 - Napoleão e a expansão da revolução

1. Napoleão obteve a reconciliação dos partidos políticos decretando uma anistia e o retorno dos emigrados. A Igreja perdeu definitivamente os bens e ficou subordinada ao Estado. Reconstruiu povoados que foram destruídos durante a revolução: construiu estradas e pontes; melhorou os serviços de correio e instalou o telégrafo em várias cidades. Reorganizou o sistema educacional francês. Em 1808 criou a Universidade da França. Reordenou os impostos e criou o Banco da França. Criou o Código Napoleônico, no qual todos os franceses estavam sujeitos às mesmas leis. As greves foram consideradas ilegais. A burguesia foi a grande beneficiada, pois consolidou vantagens obtidas durante o processo revolucionário.

2. A burguesia inglesa sentia-se ameaçada pela expansão do comércio e da indústria francesa. A política imperialista de Napoleão na Europa e nas colônias rompeu a política do equilíbrio europeu, em favor da França. Por outro lado, a Inglaterra contava com importantes recursos para enfrentar o poder francês: a indústria inglesa era mais desenvolvida do que a francesa. Sua posição insular a protegia contra os exércitos franceses. Sua marinha de guerra lhe garantia o controle dos mares. Os grandes recursos econômicos permitiram reunir os exércitos de outras potências européias.

3. Foi a tentativa de sufocar a Inglaterra economicamente, pois ela ficaria isolada comercialmente de seus mercados.

Aula 23 - As revoluções americanas

1. A Inglaterra, em guerra contra a França e aliada da Espanha – ocupada por Napoleão –, não podia apoiar abertamente os movimentos de independência da América Espanhola. Por outro lado, o Bloqueio Continental a obrigou a forçar as colônias espanholas a adotarem a liberdade de comércio, pois precisava desesperadamente dos mercados coloniais para substituir os mercados europeus. A fraqueza espanhola e o controle dos mares exercido pela Inglaterra não deixaram outra opção para os colonos americanos: a Inglaterra forçou a abertura dos mercados coloniais.

2. Porque as guerras trouxeram uma mobilização em larga escala que foi capaz de romper situações sociais estabelecidas durante os séculos de colonização. Tanto patriotas como realistas tiveram de formar exércitos cada vez mais numerosos nos quais as classes dominantes ocuparam as posições de comando. Muitos chefes "criollos" assumiram posições de comando mesmo do lado realista. Os soldados eram, na maior parte, das camadas mais pobres da população.

3. Em 1860 a União contava com 33 estados federados. Apesar disso, a escravidão praticada nos estados do Sul colocava em risco a unidade da federação. Na realidade, o Norte e o Sul eram duas regiões de culturas diversas.

Os estados do Norte não queriam que outros estados escravistas entrassem na União. Os estados do Sul, por outro lado, queriam manter o equilíbrio entre estados escravistas e estados abolicionistas no Congresso.

Aula 24 - A vitória da Reação

1. A Santa Aliança era um pacto de ajuda mútua entre as monarquias absolutistas que se reuniram no Congresso de Viena para redistribuir o poder e a ordem internacional após a derrota de Napoleão. A Santa Aliança encarregou-se de perseguir

os seguidores das idéias revolucionárias de 1789 e sufocar as rebeliões contra o absolutismo em todo o mundo, além de permitir a intervenção de governos estrangeiros em assuntos internos de outros Estados.

2. Liberdade de imprensa e culto; a organização administrativa; a igualdade perante a lei; as liberdades individuais.

3. Enquanto as potências vencedoras se reuniam em Viena, surgiram organizações populares que visavam preservar os princípios revolucionários. Os patriotas liberais lutavam contra o absolutismo e não aceitaram passivamente o retorno do Antigo Regime. Opunham-se à ocupação estrangeira de suas pátrias. Na Itália, surgiu a sociedade secreta dos carbonários. Na Polônia, o movimento Jovem Polônia lutava contra a ocupação da Rússia e da Prússia. Na Irlanda, o Sinn Fein lutava contra a dominação inglesa.

Aula 25 - A Europa burguesa e a unificação da Itália e da Alemanha

1. Por causa da crise econômica e da injustiça social, pois apesar do desenvolvimento econômico após a Revolução Industrial, a maior parte da população vivia na mais absoluta miséria.

2. A Comuna de Paris foi um movimento popular e socialista que eclodiu após a derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana em 1871. Aproveitando a confusão do pós-guerra, socialistas e anarquistas tomaram a cidade de Paris e organizaram a Comuna. Durante dois meses, lutaram contra o exército. A repressão à Comuna foi violenta. Durante a “semana sangrenta”, mais de 20 mil revoltosos foram fuzilados e milhares de socialistas e anarquistas foram exilados.

3. Representou a decadência do império dos Habsburgo, que controlava os principados alemães e o norte da Itália. Significou, também, o fim da ordem internacional criada pelo Congresso de Viena em 1815.

Aula 26 - O imperialismo moderno

1. A partir da metade do século XIX, a Europa precisava obter matérias-primas para alimentar suas indústrias e mercados para escoar seus produtos. Em poucos anos, as potências europeias dominaram mais da metade da terra. Por outro lado, a utilização de máquinas causava desemprego e instabilidade social nos países industrializados. As potências europeias ocuparam novas terras para resolver o problema do excedente de mão-de-obra. Entre 1835 e 1914, mais de 60 milhões de europeus emigraram para outros territórios, inclusive para as Américas e para o Brasil.

2. A expansão territorial e a conquista do Oeste; a expansão interna e externa do capitalismo industrial e financeiro; o aumento da população por causa da emigração de europeus e chineses; o aproveitamento de recursos naturais existentes; o aproveitamento das técnicas introduzidas durante a Revolução Industrial; o domínio imperialista de regiões da América.

3. O decadente império turco foi vítima do expansionismo das potências europeias. A Guerra da Criméia (1854-1855) demonstrou o interesse das potências na região. A Rússia desejava controlar os estreitos que comunicam o mar Negro com o Mediterrâneo e estender seu protetorado sobre os povos eslavos que habitavam nessas regiões. A Áustria procurava expandir-se à custa dos otomanos. A Alemanha havia feito grandes investimentos de capitais na Turquia, e via a região com especial interesse. A Inglaterra procurava fortalecer sua posição no Mediterrâneo Oriental. Os países que surgiram desse conflito de interesses foram a Grécia, a Bulgária, a Albânia, Montenegro, Bósnia-Herzegovina, a Sérvia e a Romênia.

Aula 27 - A cultura do fim do século e o mundo contemporâneo

1. A I Internacional operária se reuniu em Londres em 1864. Congregou sindicalistas, líderes operários e intelectuais dos principais centros europeus. Karl Marx participou. Em 1876 a Internacional se dissolveu, por causa da ruptura entre socialistas e anarquistas, que pregavam a ausência de governo e a luta contra qualquer tipo de organização estatal. A II Internacional se reuniu em 1889 na França. A maioria de seus membros eram socialistas democráticos. Com a eclosão da guerra mundial em 1914, os socialistas abandonaram o internacionalismo e a idéia de revolução social e se empenharam na defesa de seus países. Os comunistas criticaram essa atitude, chamando os socialistas democráticos de traidores do movimento trabalhista. A III Internacional se reuniu em 1919, após o triunfo do Partido Comunista na Rússia. A partir de então, a União Soviética tornou-se o centro irradiador do comunismo no mundo. A IV Internacional se reuniu no México, em 1938, sob a inspiração de Leon Trotski, dissidente da Revolução Russa que pregava a revolução permanente. A IV Internacional criticou o burocratismo soviético.

2. O petróleo substituiu o carvão como fonte de energia. Os motores de explosão e os motores a gasolina revolucionaram os meios de transporte até então conhecidos. A eletricidade começou a ser utilizada a partir da invenção do dínamo, em 1870. A potência elétrica provém da água, do vento, das marés e do petróleo. O aço, combinação de ferro e carbono, substituiu o ferro.

3. Entre 1890 e 1914, a belle époque, o estilo de vida da burguesia francesa, tornou-se o padrão cultural dominante, imitado pelas burguesias de outros lugares do mundo.

Aula 28 - A Primeira Guerra Mundial

1. Rivalidade entre as potências pelo domínio dos mercados coloniais; corrida armamentista; política de alianças; imperialismo europeu nos Bálcãs e conflitos de fronteira entre os principais Estados europeus.

2. A Alemanha mantinha um exército permanente de mais de 1 milhão de soldados. Além disso, havia se tornado uma das principais potências econômicas da Europa e queria espaço para se expandir. Apesar de suas dimensões colossais, o Império Austro-Húngaro apresentava uma situação interna extremamente frágil, pois abrigava várias nacionalidades. O nacionalismo eslavo e a disputa entre a Rússia e a Áustria pelo domínio da região agravaram a situação. A Itália se aliou à Alemanha e à Áustria procurando expandir seus domínios coloniais. Além disso, tinha pretensões na região dos Bálcãs. Durante a Paz Armada, a Itália manteve um exército permanente e construiu uma frota de guerra considerável.

3. A economia dos países em guerra se transformou profundamente. Entre 20% e 40% da população masculina adulta foi recrutada para servir nas Forças Armadas. Mulheres e crianças compensaram a falta de mão-de-obra nas fábricas e no campo. As fábricas se dedicaram quase que exclusivamente à produção de armas e equipamentos militares.

As vias de comunicação, estradas e ferrovias serviam prioritariamente aos exércitos locais ou inimigos. Em alguns lugares, foi adotado o trabalho obrigatório nas indústrias de material bélico. O entusiasmo inicial, devido em grande parte à propaganda, se transformou em desencanto e desespero. Deserções, motins, greves e protestos tornaram-se rotina.

Aula 29 - A Revolução Russa

1. No final do século XIX, a Rússia era o Estado mais extenso da Europa. Apesar disso, o império russo abrigava povos e culturas diversas, com graves desequilíbrios sociais, econômicos e políticos. Um dos principais problemas era a concentração de terras nas mãos de poucos proprietários. A reforma de 1861, libertou os servos e distribuiu terras, mas não atingiu os resultados esperados. Poucos camponeses receberam terras em quantidades suficientes. Apenas uma minoria de pequenos e médios proprietários, os kulaks, se beneficiaram. O resto da população do campo era formada por um miserável proletariado rural. O tardio desenvolvimento industrial russo se deu graças à participação de capitais estrangeiros, principalmente ingleses e franceses. Mesmo assim, o desenvolvimento industrial russo foi inferior ao das demais potências européias. Em 1877, dos 100 milhões de habitantes russos, apenas 1 milhão eram operários. Os czares russos governavam o império com mão de ferro. A monarquia russa nunca perdeu seu caráter autocrático e despótico. Os opositores do regime eram perseguidos por um eficiente aparelho de repressão policial.

2. A adoção do sufrágio universal e a convocação de uma Assembléia Constituinte.

3. As terras da aristocracia e da Igreja foram confiscadas. A propriedade privada dos meios de produção foi abolida (terras, minas, fábricas). O comércio exterior e o sistema financeiro ficaram sob o controle do Estado.

Aula 30 - O período entreguerras: o novo capitalismo

1. A superação da crise de 1929 veio por meio de reformas políticas que reformularam o papel do Estado nas economias capitalistas. O New Deal, novo pacto, acabou com o liberalismo econômico. A partir de então, o Estado teve um papel fundamental na organização da economia e da sociedade.

2. A Inglaterra perdeu sua condição de primeira potência industrial. Para evitar a perda total de seu império colonial, criou a Commonwealth, a Comunidade Britânica das Nações. Internamente, os liberais perderam terreno para os trabalhistas. E, até a escalada do poder totalitário da Alemanha, permaneceu relativamente isolado dos problemas europeus. A França saiu da guerra vitoriosa mas arruinada, optando por uma política defensiva. Construiu a linha Maginot e selou pactos e alianças com outros países para evitar uma nova invasão da Alemanha. Internamente, viveu momentos de instabilidade política, em razão da luta entre direita e esquerda.

3. Durante o governo de Stalin, a União Soviética se transformou na segunda potência do mundo. Desenvolveu a indústria pesada, que produzia máquinas para outras indústrias. Realizou a coletivização da agricultura. Perseguiu os kulaks e tomou-lhe as terras. Os camponeses formaram cooperativas para facilitar o trabalho agrícola. Cuidou da educação e deu assistência aos trabalhadores, melhorando o nível de vida da população soviética. Ao mesmo tempo, realizou reformas políticas que transformaram seu governo numa verdadeira ditadura. Em 1936, reformou a Constituição, suprimindo aspectos democráticos como a separação dos poderes e o sufrágio universal. Toda forma de oposição foi eliminada durante os expurgos, perseguições políticas foram realizadas entre 1936 e 1938.

Aula 31 - O período entreguerras: os nacionalismos totalitários

1. A teoria do Estado totalitário, senhor de todos os direitos. O totalitarismo fascista era antiliberal e antidemocrático. Segundo a teoria fascista, tudo deveria estar submetido à autoridade do Estado. A ditadura do Estado era exercida pela burguesia, reunida em corporações.

2. As condições impostas pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial sobre a Alemanha foram muito duras. A Alemanha pagava uma pesada dívida de guerra aos países vencedores. Além disso, havia perdido muitos homens no conflito e se ressentia da falta de mão-de-obra. A miséria e o desemprego ocasionados pela crise de 1929 provocaram o descontentamento generalizado. A crise de 1929 agravou a situação, pois a Alemanha dependia de créditos norte-americanos para saldar seus compromissos internacionais.

3. A idéia de raça. Para eles, a raça germânica era superior às demais, predestinada a dominar o mundo. Além disso, desenvolveu a idéia de espaço vital: acreditava que as nações que não se expandiam eram decadentes.

4. Porque, nas eleições de 1936, a Frente Popular, que agrupava os democratas de todas as tendências contra a Falange, o grupo totalitário, saiu vitorioso e, imediatamente, as tropas espanholas do Marrocos, sob o comando do general Francisco Franco, se sublevaram contra a república.

Aula 32 - A Segunda Guerra Mundial

1. Para bloquear o avanço da revolução comunista soviética.

2. Incentivado pela passividade dos adversários, Hitler atacou a Polônia. A assinatura do tratado de não-agressão com a União Soviética lhe dava maior tranquilidade. Os poloneses foram derrotados e a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. A Polônia foi anexada à Alemanha, que submeteu a população a um processo perseguições políticas e raciais.

3. A Alemanha abandonou suas conquistas e foi dividida em quatro zonas de ocupação: a União Soviética ocupou a parte oriental do país; os Estados Unidos, a Inglaterra e a França ocuparam a parte ocidental. Berlim, incluída na zona soviética, foi dividida entre os quatro aliados. A Itália abandonou suas colônias e cedeu algumas regiões para a Jugoslávia. A monarquia italiana foi substituída por um regime republicano. O Japão abandonou suas conquistas e permaneceu temporariamente sob ocupação militar aliada. O regime imperial de Hiroito subsistiu.

Aula 33 - O mundo do pós-guerra

1. Foi a disputa entre União Soviética e Estados Unidos pelo domínio do mundo após a Segunda Guerra Mundial. A guerra fria opôs o mundo socialista e o capitalista e provocou uma corrida armamentista entre as duas superpotências.

2. Logo após a guerra, as principais potências vencedoras se reuniram na Conferência de São Francisco para criar uma organização que evitasse um novo conflito mundial. No 24 de outubro de 1945, foi criada a Organização das Nações

Unidas. Os principais objetivos da ONU eram: a manutenção da paz mundial, a defesa dos direitos do homem, a igualdade de direitos para todos os povos e a solução dos problemas que afligem a humanidade. A ONU desempenhou um papel importante na descolonização dos países da África e da Ásia.

3. O regime socialista cubano aprofundou a reforma agrária, combateu o analfabetismo, melhorou as condições de saúde e higiene da população, aumentou a produção.

Aula 34 - As origens do mundo atual

1. Kruschev preparou o caminho para a coexistência pacífica entre as duas potências. Moscou e Washington estabeleceram novos contatos, mas a aproximação foi interrompida por causa da crise provocada pela instalação, por parte da União Soviética, de bases para o lançamento de mísseis atômicos em Cuba.

2. A partir da coexistência pacífica entre os Estados Unidos e a União Soviética, vários países da Europa capitalista reataram relações com países socialistas, tentando amenizar os efeitos da guerra fria. Apesar disso, a corrida armamentista entre as duas superpotências continuou, chegando ao auge em 1980. Internamente, a União Soviética enfrentava graves problemas econômicos. A corrupção da burocracia estatal, os gastos com a corrida armamentista e a manutenção dos regimes aliados e de movimentos revolucionários no exterior pesaram no orçamento soviético e comprometeram o nível de vida da população. Em 1985, Gorbachev iniciou uma série de reformas visando à transformação da estrutura econômica soviética: a perestroika, a reestruturação das instituições e da economia, e a glasnost, a abertura política.

3. Em outubro de 1989, caiu o muro de Berlim. As forças de ocupação foram retiradas da Alemanha e ela foi reunificada. Tratados assinados em 1990 buscaram resolver questões de fronteira pendentes desde a Segunda Guerra Mundial.

A partir de 1992, após uma tentativa de golpe da linha dura comunista à política de Gorbachev, a União Soviética se desintegrou. Em seu lugar surgiu a Comunidade de Estados Independentes (CEI).

Aula 35 - Blocos econômicos e a “nova ordem mundial”

1. Porque Cuba deixou de receber auxílio econômico da União Soviética e passou a sofrer bloqueios econômicos cada vez maiores dos Estados Unidos.

2. Uma das características mais importantes do mundo atual é a formação de blocos econômicos ou comunidades econômicas, visando à integração de mercados. A Comunidade Econômica Européia (CEE), cujo mercado único entrou em vigência em 1992, constitui um desafio para a hegemonia norte-americana. Os Estados Unidos procuram incentivar a formação do mercado americano. México, Canadá e Estados Unidos assinaram tratados de integração econômica, para contrabalançar os efeitos da unificação européia. Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai estimulam a formação de um mercado regional, o Mercosul.

3. Desde meados da década de 1980, alguns países latino-americanos vêm experimentando mudanças em suas economias: o neoliberalismo, que conta com o patrocínio do Fundo Monetário Internacional (FMI), foi o grande responsável pelo “sucesso” de planos econômicos destinados a estabilizar as economias latino-americanas. Sua “receita” inclui:

- | a renegociação da dívida externa;
- | a privatização de empresas estatais;
- | a reforma administrativa do Estado e a redução do quadro de funcionários públicos;
- | a abertura da economia ao capital estrangeiro.

A consequência mais imediata dessa nova agenda econômica é a queda da inflação, e a mais drástica é o grande desemprego e o aumento do abismo que separa ricos e pobres em todos os países do continente.

Aula 36 - O mundo atual: a História não acabou

1. A revolução nos meios de comunicação e a revolução da informática.

2. Porque a devastação do meio ambiente, gerada pela expansão descontrolada da industrialização, coloca em risco o equilíbrio da Terra e a vida no planeta.

3. Provocaram a discussão, por parte de organizações ambientalistas e de governos, sobre a utilização da energia atômica para finalidades pacíficas.

4. É a principal doença contagiosa que atinge parcelas cada vez maiores da população humana. Até o momento, os cientistas não encontraram uma cura nem uma vacina contra o vírus. O contágio se dá pelo contato sexual ou pelo sangue, seja por meio de transfusões contaminadas ou pela utilização de material não-esterilizado, como as seringas compartilhadas por viciados em drogas injetáveis.